

Retratos da  
**Leitura no  
Brasil**

Zoara Failla ORGANIZADORA

5

👉 Promover a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, a cada quatro anos, desde 2007, é o principal compromisso assumido pelo Instituto Pró-Livro, para oferecer um amplo diagnóstico da realidade da leitura no Brasil e possibilitar a avaliação das políticas públicas e orientar ações e investimentos voltados ao fomento à leitura e ao acesso ao livro.

👉 Chegar à 5ª edição com amplo reconhecimento da importância da pesquisa, é colher os resultados desse compromisso e do investimento nesse importante projeto. Nesta edição, contamos com a parceria do Itaú Cultural, que possibilitou ampliar a amostra de 5 mil para 8 mil entrevistas em todas as capitais do Brasil. Também ampliamos o escopo do estudo para aprofundar o conhecimento sobre o leitor de livros de literatura em outros meios ou plataformas.

👉 Convidamos importantes especialistas da área para nos ajudarem a analisar e explicar os resultados e para apontarem possíveis caminhos para melhorar esse “retrato”. Vale destacar, a partir dessas análises, que os principais desafios apontam para a formação do leitor na escola: falta de investimento em profissionais de ensino; ausência de bibliotecas em cerca de 60% das escolas brasileiras; o analfabetismo funcional de quase 40% dos brasileiros maiores de 15 anos.

👉 Conhecer quem são os leitores, o que leem, seus hábitos e motivações, como acessam os livros, é fundamental para orientar políticas, programas e ações de governos e da sociedade civil. Temos certeza de que esses desafios dependem de políticas públicas orientadas para reduzir exclusões e garantir direitos à educação de qualidade, ao pleno letramento e ao acesso ao livro e aos bens culturais.

👉 Convidamos todos e todas que acreditam no poder transformador da leitura a ampliarem a análise e as reflexões que iniciamos com esta publicação e a se juntarem a essa busca de caminhos para melhorarmos esse “retrato”.

*“Um público comprometido com a leitura é crítico, rebelde, inquieto, pouco manipulável e não crê em lemas que alguns fazem passar por ideias.”*

— MARIO VARGAS LLOSA

*A principal motivação de diferentes agentes públicos, da sociedade civil e da academia para realizarem estudos ou ações voltadas à melhoria dos indicadores de leitura no Brasil é a certeza de que ela é a principal ferramenta para a aprendizagem, para uma educação de qualidade e para a plena cidadania, além de condição essencial para o desenvolvimento social e humano de uma nação.*

☞ *A leitura é libertadora e promove o protagonismo no acesso ao conhecimento e à cultura. Ela transforma, informa, emociona e humaniza. Ela nos aproxima do que é humano em diferentes tempos, lugares, sentidos, culturas e sentimentos.*

☞ *Essa certeza e a motivação para transformar este país em um país de leitores certamente definem a direção de todos os autores que aceitaram estar aqui para nos oferecer um pouco do seu conhecimento e sua reflexão sobre o que a Retratos da Leitura revela da realidade leitora no Brasil e nos alertar para os desafios e os caminhos mais efetivos para melhorarmos esse “retrato”.*



SEXTANTE



Itaú Cultural



INSTITUTO  
PRÓ-LIVRO

ISBN 978-65-5564-177-6



9 786555 641776

Retratos da  
**Leitura no Brasil**

Zoara Failla / ORGANIZADORA

5



SEXTANTE

IC ItaúCultural



INSTITUTO  
PRO-LIVRO

Retratos da  
**Leitura no Brasil**

Zoara Failla / ORGANIZADORA

5



Copyright © 2021 por Instituto Pró-Livro  
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro  
pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios  
existentes sem autorização por escrito dos editores.

CAPA, PROJETO GRÁFICO: Victor Burton  
DIAGRAMAÇÃO: Adriana Moreno  
TABELAS E GRÁFICOS DE MIOLO: Tebhata Spekman

PREPARO DE ORIGINALS: Ana Grillo  
REVISÃO: Luís Américo Costa  
IMAGEM DE CAPA: arte em cerâmica de Sil Capela  
IMAGENS DO MIOLO: Shutterstock  
IMAGEM DA PÁGINA AO LADO:  
Francesc Domingo Segura  
*Rapaz lendo*, óleo sobre tela, 1893

Todos os direitos reservados, no Brasil, por  
GMT Editores Ltda.  
Rua Voluntários da Pátria, 45 – Gr. 1.404 – Botafogo  
22270-000 – Rio de Janeiro – RJ  
Tel.: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244  
E-mail: atendimento@sextante.com.br  
www.sextante.com.br

Instituto Pró-Livro  
Rua Funchal, 263, cj. 61-62, Vila Olímpia  
04551-060 São Paulo – SP  
www.prolivro.org.br  
Tel.: (11) 3846-6475







## PREFÁCIO

José Ângelo Xavier PRESIDENTE DO INSTITUTO PRÓ-LIVRO

**“É urgente melhorar esse ‘retrato’** – *transformar o Brasil em um país de leitores é desafio de toda a sociedade brasileira.*”

A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelo Instituto Pró-Livro (IPL) a partir de 2007, ganhou legitimidade nesses treze anos e hoje é reconhecida como o principal diagnóstico sobre a realidade leitora e o comportamento leitor do brasileiro.

Com imensa satisfação pelo cumprimento de um compromisso com aqueles que aguardam esse estudo para subsidiar suas reflexões, pesquisas, ações e, principalmente, avaliar políticas públicas, lançamos a 5ª edição, mantendo a periodicidade de quatro anos. Desta vez, graças à parceria com o Itaú Cultural, ampliamos a amostra de 5 mil para 8 mil entrevistas, o que possibilitou conhecer os hábitos de leitura em todas as capitais brasileiras. Outra importante novidade, fruto dessa parceria, foi ampliar o escopo da pesquisa para conhecer o comportamento dos leitores de literatura em livros e em outras plataformas. A aplicação da pesquisa, desde 2007, tem sido confiada ao Ibope Inteligência, que emprega sua expertise na coleta e análise dos dados.

A ampla divulgação dos resultados desta edição da pesquisa e as análises confiadas a reconhecidos especialistas da área, que trazemos neste *Retratos da Leitura no Brasil 5*, nos convidam à reflexão sobre os avanços e os desafios que nosso país enfrenta para a criação de uma sociedade efetivamente leitora. Levar essas análises até você somente foi possível com a parceria da Editora Sextante.

O IPL, que tenho a honra de dirigir, assumiu a missão de contribuir para transformar o Brasil em um país de leitores e, desde que foi criado, orienta suas ações acreditando na importância da educação e da leitura na transformação de vidas e na construção de sociedades mais justas, democráticas e desenvolvidas socialmente. Defende a valorização do livro como importante suporte do conhecimento humano e da ficção, tão fundamentais para a construção do saber, da formação humana e de cidadãos críticos e empáticos.

Infelizmente, a 5ª edição nos revelou uma redução no percentual de leitores entre 2015 e 2019, ampliando nosso desafio para melhorar o “retrato” que vem sendo desenhado pela série histórica da pesquisa desde 2007. Continuamos com um patamar de quase 50% de *não leitores*, o que pode explicar por que, no ranking do IDH (84º lugar), estamos atrás de vários países da América Latina e caímos cinco posições entre 2018 e 2019.

Transformar esse “retrato” e ampliar o número de leitores é condição para melhorar a qualidade da educação, o acesso ao conhecimento e nosso desenvolvimento humano. É um desafio que deve ser assumido por toda a sociedade. Mas entendemos que cabe ao Estado assumir a responsabilidade e criar as condições e os investimentos a longo prazo para oferecer uma educação de qualidade e garantir a alfabetização funcional, o letramento

e o livro para todos. Dependemos da continuidade e da implementação de políticas do livro e da leitura, da universalização das bibliotecas escolares, dos programas de formação de mediadores de leitura e da formação continuada de professores leitores, entre outros programas voltados à formação de leitores.

Somente a união entre o Estado e forças da sociedade civil, sustentadas e orientadas por políticas públicas efetivas, poderá transformar este país em um país de leitores.

O IPL, criado e mantido pelas entidades do livro, assume sua responsabilidade social ao promover, além de outras iniciativas e pesquisas, este estudo, que tem como principais objetivos possibilitar a avaliação e a orientação de políticas públicas e de ações voltadas ao fomento à leitura, à formação de leitores e ao acesso ao livro por todos os cidadãos.

Finalmente, não poderíamos deixar de registrar que também acreditamos na potência transformadora da literatura e defendemos políticas públicas e programas que garantam a formação e a promoção da literatura para todos os brasileiros, pois a ficção nos permite vivenciar outras vidas, nos prepara para lidar com emoções que não vivemos, nos faz conhecer outras culturas, despertando a empatia com o outro e com o diferente, tão fundamentais hoje. Nos faz mais humanos e nos ensina a sonhar, preenchendo vazios.







Eduardo Saron DIRETOR DO ITAÚ CULTURAL \*

# Leitura: uma questão de política pública

Para debater e criar políticas públicas – em especial na educação e na cultura –, é decisivo o bom conhecimento das problemáticas, é necessária a produção de métricas que capturem as variadas facetas de cada assunto, além da análise e da divulgação desses panoramas. A pesquisa Retratos da Leitura é um instrumento que cumpre esses papéis: provê os brasileiros – gestores públicos, editores, escritores, livreiros e outros cidadãos interessados – de meios de entender o que o Brasil lê, quem são seus leitores – e, a partir daí, projetar o que é preciso para ampliar a leitura no país.

O panorama apresentado pela Retratos indica que, de 2015 a 2019, sofremos uma perda: passamos de 104,7 milhões de leitores para 100,1 milhões – uma queda de 4,6 milhões, mais acentuada nas classes A (de 76% de leitores para 67%) e B (de 70% para 63%) e entre os que cursaram o Ensino Superior (de 82% para 68%). Essas e outras informações recolhidas pela pesquisa têm um tom de alerta: é necessário reforçar o Plano Nacional do Livro e da Leitura, entender e superar as dificuldades que há no atingimento de suas metas de fomento do ato de ler e de solidificação da sua economia. Essas questões devem ser assumidas pela sociedade civil, pela iniciativa privada e pelo poder público.

Com efeito, o livro é a ponta de lança de uma luta por equidade. O desenvolvimento social e econômico do Brasil depende de combatermos o analfabetismo funcional – segundo o Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF) de 2018, três em cada dez brasileiros entre 15 e 64 anos têm esse déficit. Devemos insistir que o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) leve em conta as marcas da leitura e estimular a paixão por ler nas famílias – afinal, exibe a Retratos, são elas que criam o gosto pela leitura: mães, pais e parentes são os mais influentes nesse contexto.

Essa tarefa – a ampliação da leitura – é uma das urgências deste século em que o Brasil passará por grandes mudanças na sua base social. Até 2030, nossa população será, em sua maioria, idosa – os brasileiros com 60 anos ou mais serão numericamente superiores àqueles abaixo dos 14 anos, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Essa tendência, que deve se intensificar nas décadas posteriores, expõe necessidades não só de seguridade e saúde, mas também de aprendizado e formação cultural, que possibilitam bem-estar e emprego.

Vale notar outro dado da Retratos: decrescem os leitores conforme avança a faixa etária. De 50 a 69 anos, são 38%; acima de 70, 26% – marcas também menores que as de 2015.

Tendo tudo isso em vista, o Itaú Cultural segue engajado em oferecer subsídios para os sujeitos envolvidos na temática. A organização realiza, com a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ) e a consultoria JCastilho, a O Brasil que Lê, pesquisa em fase inicial que mapeia iniciativas de formação de leitores e mediação da leitura no país. É significativo identificar quem faz esses trabalhos, na medida em que a Retratos indica a falta de equipamentos nesse sentido: 45% dos entrevistados afirmam que suas cidades não têm bibliotecas públicas, e 77%, que não têm bibliotecas comunitárias.

Ademais, aprofundamos esse tema no nº 17 da *Revista do Observatório Itaú Cultural*, que trouxe o dossiê “Livro e Leitura: das Políticas Públicas ao Mercado Editorial”. Também vale lembrar duas pesquisas, extensões da Retratos, que foram aplicadas na Bienal do Livro do Rio de Janeiro e na Festa Literária das Periferias (FLUP), também realizada no Rio. Esses levantamentos possibilitam outra ótica sobre as relações sociais em torno do livro, exibindo tipos de público distintos.

No nosso site, discutimos esses dados e trouxemos falas dos responsáveis pelo estudo e dos gestores desses dois eventos (acesse: [bit.ly/brasilmaisleitor](http://bit.ly/brasilmaisleitor)). Também em [itaucultural.org.br](http://itaucultural.org.br) estão disponíveis conteúdos sobre política da cultura e sobre vertentes criativas. Em sua atuação, o Itaú Cultural se propõe a potencializar experiências e saber aprofundado.

*(\*) O Itaú Cultural firmou parceria com o Instituto Pró-Livro, em 2019, para a realização da 5ª edição da Retratos da Leitura no Brasil, que foi encomendada e aplicada pelo IBOPE Inteligência*







José Ângelo Xavier PRESIDENTE DA ABRELIVROS

Vitor Tavares PRESIDENTE DA CBL

Marcos da Veiga Pereira PRESIDENTE DO SNEL

# Um livro não existe em uma estante. Sua existência depende do leitor.

*Para as entidades do livro não basta investir na cadeia produtiva do livro. O leitor é a principal razão e o que alimenta esse ecossistema do livro. Um ecossistema que depende da sociedade onde está inserido. Nos orientamos pela crença de que uma sociedade mais humana, mais justa e mais desenvolvida depende da educação de qualidade e de uma população leitora.*

Em 2005, a ABRELIVROS, a CBL e o SNEL unem-se para criar e manter o Instituto Pró-Livro, certos de sua responsabilidade social e de que uma educação de qualidade, a ciência e a leitura são a base para a construção de uma sociedade mais humana, mais justa e desenvolvida.

Promover a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil a cada quatro anos, desde 2007, possibilitando a construção da série histórica, foi o principal compromisso assumido pelo IPL, dirigido pelas entidades do livro, para oferecer um amplo diagnóstico da realidade da leitura no Brasil, possibilitar a avaliação das políticas públicas do livro e leitura e orientar ações e investimentos voltados ao fomento à leitura e ao acesso ao livro.

Chegar à 5ª edição com um amplo reconhecimento sobre a importância da

pesquisa, a única em âmbito nacional para conhecer os indicadores e hábitos de leitura dos brasileiros, é colher os resultados desse compromisso e do investimento nesse importante projeto.

Nesta edição contamos com a parceria do Itaú Cultural, o que possibilitou manter a periodicidade e ampliar a amostra de 5 mil para 8 mil entrevistas, permitindo a leitura do hábito de leitura em todas as capitais do Brasil. Também ampliamos o escopo do estudo para aprofundar o conhecimento sobre o leitor de livros de literatura e de literatura em outros meios ou plataformas.

Conhecer quem são os *leitores*, o que leem, seus hábitos e motivações, como acessam os livros e, também, conhecer os *não leitores* e por que não leem é fundamental para orientar políticas, programas e ações de governos e da sociedade civil, mas é especialmente importante para orientar as ações do IPL e da cadeia produtiva do livro.

Infelizmente não temos o que comemorar nesta edição, pois a pesquisa aponta uma redução no percentual de leitores de 56% (edição 2015) para 52% e acende um alerta. Por que não avançamos? Por que mantemos um patamar próximo a 50% de não leitores desde 2007?

Convidamos importantes especialistas da área para nos ajudar a analisar e explicar os resultados desta 5ª edição e para apontar possíveis caminhos para melhorar esse retrato. Nesta obra trazemos várias dessas análises, que se iniciaram no lançamento da pesquisa em setembro/2020.

Vale destacar, a partir dessas análises, que os principais desafios apontam para a formação do leitor na escola. Ao retomar as análises desde a primeira edição, em 2007, identificamos que são problemas recorrentes: a formação do professor leitor; a ausência de bibliotecas escolares em cerca de 60% das escolas brasileiras, apesar de quase 50% dos estudantes do ensino básico dependerem das bibliotecas para acessar os livros que leem; a interrupção de programas importantes como o PNBE, suspenso em 2015; o Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF) de quase 40% dos brasileiros de mais de 15 anos; os resultados de avaliações como o Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA), no qual o Brasil ocupa os últimos lugares no ranking de leitura. Sabemos que a redução na taxa de analfabetismo tem forte correlação com a ampliação do universo de leitores no país. Os indicadores da Retratos e outros indicadores educacionais mostram que pouco avançamos, o que escancara a urgência de maiores investimentos e políticas e ações mais estratégicas e efetivas para a melhoria da qualidade e a difusão da leitura no Brasil.

Mas temos certeza de que esses desafios devem ser assumidos por toda a sociedade: governos e sociedade civil. Dependem de políticas públicas orientadas para reduzir exclusões e garantir direitos à educação de qualidade, ao pleno letramento, à leitura e ao acesso ao livro e aos bens culturais, mas dependem principalmente da implementação das políticas.

As entidades do livro aqui representadas assumem o compromisso de continuar trabalhando para a construção de uma nação de leitores e para a formação de cidadãos críticos e capazes de conduzir o país à prosperidade social e econômica.

*Convidamos todos e todas que acreditam no poder transformador da leitura a ampliar esta análise e as reflexões que iniciamos com esta publicação e a juntarem-se na busca de caminhos para melhorarmos esse “retrato”.*





Literatura

CDs  
DVDs

In  
Ju

LIBRARY  
ROCKET

# Sumário

## PARTE 1

22 **Introdução: O retrato do comportamento leitor do brasileiro**

Zoara Failla (ORGANIZADORA)

### Leitura transformando vidas e sociedades

44 CAPÍTULO 1

**Leitura, educação e objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS)**

Maria Rebeca Otero Gomes e Célio da Cunha

– UNESCO

### A formação do leitor

56 CAPÍTULO 2

**O analfabetismo funcional e os não leitores**

– *Um diálogo entre as pesquisas INAF e Retratos da Leitura sobre avanços e retrocessos na formação de leitores*

Ana Lucia Lima

66 CAPÍTULO 3

**Leitores que perdemos pelo caminho**

– *Os perfis do leitor de literatura: do aluno-leitor ao professor-leitor*

Rita Jover-Faleiros

78 CAPÍTULO 4

**O encantamento das crianças pelos livros e pela leitura nas famílias e nas escolas: letramento emergente e alfabetização**

Idmea Semeghini-Siqueira

90 CAPÍTULO 5

**Bibliotecas escolares** – *Livros nas estantes ou leituras que conquistam leitores e promovem aprendizagem?*

Maria das Graças Monteiro Castro

## Leitores de livros, de literatura e digitais – o que leem

100 CAPÍTULO 6

### Trajетórias de leitura na formação de um autor

Rodrigo Lacerda

106 CAPÍTULO 7

### Por onde andaré a literatura infantil e juvenil brasileira?

João Luís Ceccantini

116 CAPÍTULO 8

### Literatura de ficção, escola e utopia

Ricardo Azevedo

## Leitura digital e consumo de livros

128 CAPÍTULO 9

### A demanda por livro: dois lados de uma mesma moeda

Mariana Bueno

134 CAPÍTULO 10

### A plataformização da leitura e redes sociais: impactos no consumo de livros

Fabio Malini

## Como melhorar esse retrato? As políticas públicas e a sociedade civil

146 CAPÍTULO 11

### Retratos da leitura no Brasil e as políticas públicas do livro e leitura – *O que nos diz a série histórica*

José Castilho Marques Neto

## PARTE 2

### A

#### 156 A 5ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil – 2019/2020

157 1. A Retratos da Leitura no Brasil –  
Apresentação, objetivos e histórico

160 2. A 5ª edição da Retratos da Leitura  
no Brasil – 2019-2020

161 3. O Instituto Pró-Livro – IPL

162 4. Relatório metodológico

### B

#### 166 Principais resultados da pesquisa – Tabelas e gráficos

167 *Apresentação*

169 1. Especificações técnicas –  
Metodologia e amostra – Perfil da  
amostra

174 2. O leitor de livros – Perfil

186 3. Indicadores de leitura – Livros lidos  
e leitores

198 4. Motivações e hábitos de leitura

213 5. Barreiras para a leitura

224 6. Gosto pela leitura e representações

231 7. Principais influenciadores

240 8. Leitura atual – O que está lendo?

255 9. Livros e autores que conhece  
e prefere

260 10. Leituras digitais e em outros  
suportes

276 11. Leitores de literatura – Em livros e  
outras plataformas

296 12. Acesso aos livros – Consumo/  
Compra

304 13. Bibliotecas – Percepção e uso

318 14. Bibliotecas escolares e  
universitárias – Percepção e uso





PARTE 1



## INTRODUÇÃO

Zoara Failla\* ORGANIZADORA

# O retrato do comportamento leitor do brasileiro

*“Um público comprometido com a leitura é crítico, rebelde, inquieto, pouco manipulável e não crê em lemas que alguns fazem passar por ideias.”* Esta frase de Vargas Llosa nos diz tanto neste momento.

Ao nos depararmos com os resultados da 5ª edição e das séries históricas da Retratos da Leitura entendemos melhor o momento político e social que estamos vivendo em nosso país. Quase 50% dos brasileiros, desde 2007, não são leitores. E, como nos ensina Vargas Llosa, *quem não é leitor é manipulável e crê em lemas que alguns fazem passar por ideias.*

### **“Retratos” da Retratos > Melhorar esse “retrato” é o que nos move**

A principal motivação de diferentes agentes públicos, da sociedade civil e da academia para realizarem estudos ou ações voltados à melhoria dos indicadores de leitura no Brasil é a

certeza de que a leitura é a principal ferramenta para a aprendizagem, para uma educação de qualidade, para a plena cidadania e condição essencial para o desenvolvimento social e humano de uma nação.

A leitura é libertadora e promove o protagonismo no acesso ao conhecimento e à cultura. Ela transforma, informa, emociona e humaniza. Traduz e nos aproxima do que é humano em diferentes tempos, lugares, sentidos, culturas e sentimentos.

Essa certeza e a motivação para transformar este país em um país de leitores certamente definem a direção de todos os autores que aceitaram estar aqui para nos oferecer um pouco do seu conhecimento e sua reflexão sobre o que a Retratos da Leitura revela da realidade leitora no Brasil e para nos alertar sobre os desafios e sobre os caminhos mais efetivos para melhorarmos esse “retrato”.



### > **Mas leitores para quê? Qual brasileiro pode ser o protagonista ou o sujeito de uma transformação social ou de sua vida?**

A pesquisa revela que leitores desempenham um repertório de atividades sociais, culturais e até esportivas bem mais diversificado e com maior frequência do que *não leitores*. Essa diferença entre comportamentos de leitores e não leitores, apesar de quase óbvia, nos revela o tamanho do fosso que se desenha entre esses dois sujeitos sociais. Certamente temos mais leitores nas classes sociais mais favorecidas e com maior possibilidade de acesso a atividades sociais e bens culturais, mas essa condição revela um cenário preocupante: a manutenção desse *status quo*.

Nenhuma sociedade pode melhorar seu patamar de desenvolvimento humano, reduzir desigualdades sociais e construir uma democracia sólida se quase metade da sua população não é leitora.

Sabemos que estamos distantes de ser essa nação leitora, e os 48% de não leitores revelados por esta edição da Retratos da Leitura confirmam essa distância e revelam o tamanho do desafio para melhorarmos esses indicadores e nossa posição em relação à proficiência em leitura no ranking de indicadores internacionais como o PISA.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> De acordo com o PISA 2018, no ranking de proficiência em leitura, composto por 77 países, o Brasil ocupa a 57ª posição. Pouco mais de 50% dos estudantes brasileiros com 15 anos não conseguiram atingir o nível básico de leitura.

Se mais de 40% dos entrevistados informam, na pesquisa, que não leem porque têm dificuldades para compreender o que leem, concluímos que quatro em cada dez brasileiros com mais de 5 anos não dispõem de ferramentas básicas para o acesso ao conhecimento, à aprendizagem e para a transformação da sua situação social.

Essa constatação nos traz a pergunta que não nos deixa calar: *conseguiremos melhorar o patamar de desenvolvimento social e humano do Brasil com 93 milhões de não leitores e, entre eles, quase 78 milhões de pessoas que não leem não porque não gostam de ler ou porque não têm tempo para ler, mas porque não compreendem o que leem?*

### > **Aclamando os leitores para revelar os não leitores**

Para destacar a importância da leitura exaltamos o que a habilidade leitora e o interesse e o gosto pela leitura possibilitam aos leitores.

Em um texto recente que publiquei na newsletter Pró-Livro, busquei palavras para homenagear os leitores, enaltecendo suas habilidades e seus dons especiais:

*Para aquele que se encanta com palavras, que chora com histórias, que sonha com personagens, que embala seus momentos com a ficção... todos os dias são dias para se aventurar pelo desconhecido, espionar amores,*



*imaginar sabores, viver outras vidas, perder ou vencer batalhas... virando uma página.*

*Só o leitor, aquele que lê por prazer e até por vício, sabe que as palavras escritas não são combinação de letras, mas depositárias de emoções e conhecimentos.*

*Certamente o leitor quer livros com muita “coisa escrita”, porque descobriu que as coisas escritas contam e guardam histórias, desvendam verdades, constroem conhecimentos, transformam vidas, empoderam e... libertam da ignorância. Sim! Isso é temeroso para aqueles que têm medo de verdades escritas.*

Mas qual a importância de exaltar o que diferencia os leitores?

Além de valorizar essa habilidade, ao aclamar aquele que lê – em geral pelo fato de ter sido privilegiado socialmente, ter nascido em uma família leitora, ter estudado em escolas com ensino de melhor qualidade, ter acesso aos livros – conseguimos escancarar tudo que está sendo negado aos não leitores e contrapor essa habilidade leitora às dificuldades daquele a quem foi roubado o direito do letramento e de descobrir como é gostoso ler e sonhar com coisas escritas.

Penso, também, que essa reflexão, amparada nos dados da Retratos, possibilita buscar na trajetória leitora daquele que lê o que o fez leitor: sua família, seu professor, a escola, o acesso ao livro... para descobrir o que foi “roubado” e não garantiu ao *não leitor* o direito de ler e de descobrir o prazer da leitura.

É urgente traduzirmos as revelações dessa reflexão, amparada nos dados da Retratos, para orientar políticas e ações mais efetivas, e para denunciarmos o que “rouba” o direito à leitura a todos os brasileiros.

## “Retratos” para quê?

### > **Retratos... um momento no mapeamento da leitura em nosso país!**

Um momento marcado na história reflete: o cenário político e socioeconômico; a efetividade das políticas públicas, dos programas e das ações que orientam a formação de leitores; a formação dos professores e o acesso à leitura e ao livro no Brasil. O “retrato” reflete também o momento do entrevistado, sua opinião e suas representações sobre leitura e livro, além de sua trajetória educacional e formação leitora.

Ao construir uma série histórica podemos acompanhar o impacto dessas políticas, desses investimentos e ações. Na série histórica construída pela Retratos desde 2007 dimensionamos o tamanho do desafio: *quase metade dos brasileiros não é leitora e muitos deles não leem porque não compreendem o que leem.* Uma gangorra que oscila até seis pontos percentuais de quatro em quatro anos. Podemos deduzir que as políticas públicas não estão sendo efetivas. Mas uma leitura mais atenta da pesquisa agrega outras explicações a essa, que, sem dúvida, é fundamental.



## > **Uma pesquisa não muda a realidade**

A pesquisa contribui para revelar uma realidade. Possibilita dimensionar os problemas e os desafios para superá-los. Indica o que piorou, o que deu certo, o que precisa mudar e possibilita identificar responsabilidades. Instiga a pensar no tamanho do desafio para melhorar esse retrato. Promove uma representação positiva da importância da leitura.

Sabemos que *diagnósticos* não transformam realidades, mas sem eles não conseguimos mapear avanços e, principalmente, identificar o que efetivamente acontece para além dos discursos, dos planos e dos projetos. Definem-se metas, mas não se avalia seu cumprimento. Muitas vezes se oferece formação, mas sem um acompanhamento que constate se ela contribui, efetivamente, para melhorar práticas. Há uma perversa dissociação entre a formulação de políticas e projetos e sua execução nas bases. Um vácuo entre formuladores, gestores e executores. Entre estes, que conhecem muito sobre essa realidade e que reclamam por não serem ouvidos, encontramos os professores, os mediadores, os bibliotecários...

Sabemos também que há outros estudos para explicar nosso déficit quanto a números de leitores ou para o letramento. Avaliam e propõem metodologias, desenvolvem estudos de casos e pesquisas em profundidade. Estudos e teses fundamentais para orientar políticas e ações mais efetivas. Uma pesquisa estatística com a abrangência da Retratos se propõe a mapear o comportamento leitor em todas as regiões do Brasil, mas precisa dessas outras “lentes” para sua análise e para traçar caminhos. Essa é nossa principal orientação ao convidar especialistas que desenvolvem estudos mais aprofundados na academia sobre os temas abordados na Retratos.

Mas nenhum diagnóstico tem sentido se não estiver orientado pelo seu principal objetivo.

## > **Nossa contribuição**

A legitimidade da Retratos se prova ao oferecer um mapeamento sobre a realidade da leitura e ao medir o tamanho do nosso desafio para mudar de patamar, e ganha importância ao oferecer esses dados àqueles que desenvolvem outros estudos e projetos na área da leitura e da formação leitora.

A ampla divulgação da pesquisa em mídias diversas e a promoção de análises, entrevistas e debates em relação ao que ela revela sobre os leitores e os não leitores apresentam a diferentes públicos o “retrato” da leitura no Brasil. É difícil medir o impacto dessa ampla divulgação, mas acredito que promova uma representação positiva em relação à importância da leitura junto àqueles que desconhecem nossa realidade e revele o impacto que a leitura pode ter na vida das pessoas e na transformação de uma sociedade. Talvez a Retratos ganhe essa importância ao ter seus resultados apresentados até mesmo na TV.

*Socializar nossos desafios e avanços é fundamental para envolver toda a sociedade na mesma missão.*

## **Como explicar números que nos frustram**

Em 2015, na 4ª edição da pesquisa, os números nos surpreenderam positivamente. Eles indicavam um incremento no percentual de leitores, especialmente adultos.

Nossa torcida era para que essa curva ascendente se mantivesse, mas desconfiávamos, mesmo sem ter visto as tabelas preparadas pelo Ibope, que teríamos que olhar para baixo.

O desmonte dos programas voltados à democratização do acesso ao livro, à

formação de leitores, ao incentivo a projetos de leitura e à instalação de bibliotecas; o desprezo a políticas inclusivas – e, em especial, o “engavetamento” das políticas públicas do livro e leitura que definem princípios, conceitos, responsabilidades e que orientam, integram e coordenam todos esses programas e ações promovidos pelo Estado ou pela sociedade civil – já anunciavam que, por dificuldades no acesso, na sustentabilidade, no estímulo, nas ausências... teríamos impactos nos números, ao afastar os leitores dos livros e os potenciais leitores da leitura.

***“Deu no que deu”: 4,6 milhões a menos de leitores, quando esperávamos pela continuidade do incremento.***

### **O que diz e o que não diz a 5ª edição da pesquisa** **> Números não “falam”**

Percentuais podem ser lidos pelo lado cheio ou vazio do copo.

Posso destacar que 52% dos brasileiros são leitores, ou que quase metade dos brasileiros (48%) não são leitores. Dependendo da “lupa”, podemos ampliar avanços ou revelar retrocessos.

Não sabemos se um percentual é baixo ou alto até que seja comparado com outros resultados e edições anteriores.

E, se compararmos, verificamos que melhoramos um pouquinho entre 2011 e 2015, mas voltamos a perder leitores nos últimos quatro anos. Se olharmos com “lupa”, verificamos que somente 31% declararam ter lido um livro inteiro em um período de três meses e que esse livro pode ter sido de literatura, didático, religioso, a Bíblia... livros em geral. Aproximando a “lupa”, descobrimos que 18% eram de literatura.

Com esses dados podemos arriscar uma avaliação: Sim! É muito pouco. Não se trata de qualificar se ler religioso ou autoajuda é

menos importante. Toda leitura desenvolve habilidade leitora, concentração, amplia vocabulário, mas qual leitura forma cidadãos críticos e empáticos?

### **> Alguns dados chamam mais a atenção do que outros quando uma nova edição da Retratos é revelada**

Em 2015, o que chamou a atenção, porque fugiu ao padrão da série histórica e de todas as análises anteriores, foi a elevação no percentual de leitores adultos. Uma revelação que talvez apontasse para o que vemos hoje em outro cenário, o político. Abrindo os dados, descobrimos o que estavam lendo: além da Bíblia, sempre encabeçando todas as listas, mas que, na edição de 2015, amplia exponencialmente as citações em todas as faixas etárias, invadem os primeiros lugares os autores de livros religiosos. Os espíritas já estavam nas listas das edições anteriores, mas a quarta edição revelou os novos autores evangélicos e pentecostais. Uma surpresa logo confirmada pela pesquisa de mercado realizada na época pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE).

Nesta 5ª edição, outros dados chamaram a atenção. Certamente o destaque foi a redução de quatro pontos no percentual de leitores, que rebate em todos os segmentos de análise, com exceção da faixa etária de 5 a 10 anos, que retomo a seguir para tentar explicar. Mas surgiram outras surpresas: a redução no percentual de leitores de nível superior e na classe A. As surpresas surgem sempre que o resultado foge do padrão esperado por aqueles que nos apoiam na análise dos resultados.

Essa redução foi mais fácil de explicar a partir dos dados da pesquisa: nesses estratos foi onde identificamos o incremento no percentual daqueles que usam o tempo livre na internet ou nas redes sociais. Já a redução da leitura de livros ou trechos de livros que impactou quase toda a população

pode ser explicada por vários “acidentes” que marcaram esses quatro anos, como já aponte: o desmonte ou a descontinuidade de políticas públicas e de programas do livro e leitura e a redução no potencial de compra e de acesso da população brasileira motivada pela situação socioeconômica que passou a se deteriorar a partir de 2016.

### **“Retratos” da Retratos – Os destaques desta edição da pesquisa**

A pesquisa aborda diferentes temas para apresentar os indicadores de leitura dos brasileiros e traçar o perfil do leitor e do não leitor: seus hábitos, interesses, influências, formas de acesso, o que lê, por que lê e, também, por que não lê. Nesta quinta edição, o escopo da pesquisa e sua amostra foram ampliados para incluir nesse diagnóstico abrangente os hábitos de leitura em todas as capitais brasileiras e para conhecer o leitor de literatura em livros e em outros meios ou plataformas.

A pesquisa traz essa imensidão de informações analisadas segundo diferentes perfis socioeconômicos e educacionais, de faixa etária, localização, gênero e até religião.

Recorrendo à “lupa” para analisar o que a Retratos 5 revela, se optarmos por focar o lado cheio do copo, podemos dizer que, apesar da redução de 56% (2015) para 52% (2019/20) no percentual de leitores, a média de livros lidos permaneceu estável, de 2,54 para 2,60, considerando um período de três meses, que é o período de referência para a definição de leitor.

Outro dado positivo se refere às crianças de 5 a 10 anos, com uma elevação no percentual de leitores de 67% para 71%, apesar de, nas demais faixas etárias, identificarmos estabilidade ou redução, sendo a redução mais expressiva observada na faixa entre 14 e 18 anos – de 75% para 67%.

O decréscimo também aparece entre estudantes, mas um dado que pode ser

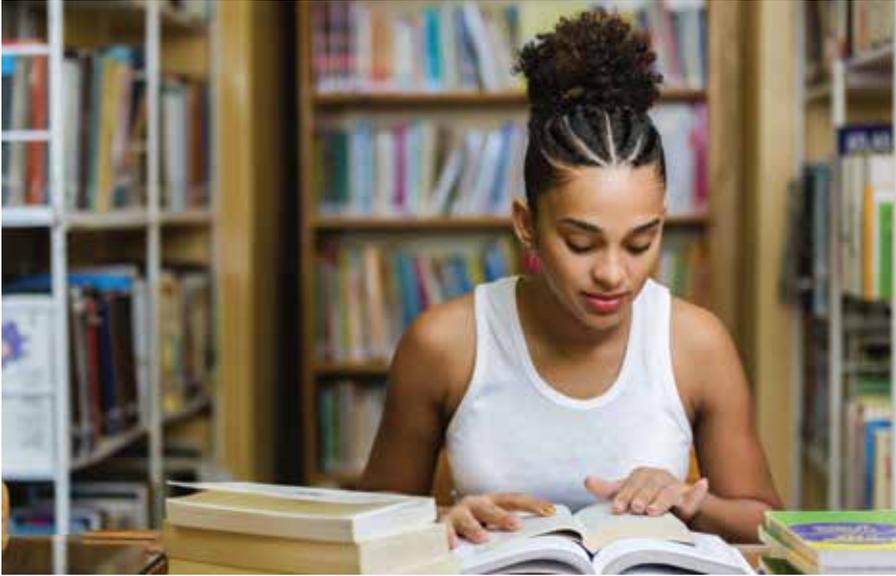
lido pelo lado cheio do copo, e que está em sintonia com o resultado positivo na proporção de leitores entre 5 e 10 anos, é a elevação, de 82% para 86%, no número de leitores que estavam estudando no momento da pesquisa e que completaram o Ensino Fundamental I. A redução foi verificada entre estudantes que completaram o Fundamental II (de 84% para 75%) e o nível superior (de 91% para 86%).

#### **> A mudança no padrão – A redução no percentual de leitores em alguns segmentos**

Desde a primeira edição da pesquisa encontramos mais leitores entre aqueles que têm nível superior e melhor situação econômica, identificados na pesquisa como segmentos de maior renda familiar (mais de 10 salários mínimos) ou classe A. Isso se mantém na 5ª edição, mas com redução expressiva no percentual de leitores nesses estratos, o que pode ter impactado a redução do percentual de leitores nesta edição. Em relação ao número de livros lidos, o destaque é a redução no número de leitores de livros em geral e livros inteiros no nível superior. Ocorreu apesar de não ter havido redução no número médio de livros lidos de 2015 a 2019.

#### **> O uso do tempo livre – Uma das hipóteses para a mudança no padrão**

O uso do tempo livre foi o motivo que teve maior ressonância entre os analistas desta edição para explicar a redução no percentual de leitores com nível superior de escolaridade, como já antecipei. A pesquisa revela que 86% desses leitores usam com frequência o WhatsApp (eram 76% em 2015). As redes sociais (Facebook, Instagram ou Twitter) também parecem roubar o tempo para os livros, pois foram citadas



por 64% dos que tinham nível superior, enquanto o percentual dos que leem livros no tempo livre foi de 42% entre os que atingiram esse nível de escolaridade (eram 46% em 2015).

Entre os leitores em geral, independentemente do nível de escolaridade, o percentual de quem usa seu tempo livre no WhatsApp é menor: 68%, apesar de ter havido um aumento expressivo em 2019 (eram 53% em 2015).

Considerando crianças e adolescentes, a proporção dos que realizam atividades relacionadas à internet no tempo livre também é maior justamente entre os adolescentes de 14 a 17 anos (66% deles informam o uso de redes sociais no tempo livre). Essa proporção é de apenas 11% entre crianças de 5 a 10 anos e de 35% entre aquelas de 11 a 13 anos. Portanto, a pesquisa demonstra que a concorrência pelo tempo livre entre as atividades na internet e a leitura de livros é maior entre adolescentes com idade para estar no Ensino Médio. Por outro lado, a proporção dos que leem livros no tempo livre varia menos entre as faixas etárias de 5 a 10 anos (29%), 11 a 13 anos (22%)

e 14 a 17 anos (24%). Importante destacar que na faixa etária entre 5 e 10 anos assistir a vídeos ou filmes em casa (71%) perde somente para assistir a TV (82%) e escrever (75%). Entre crianças e adolescentes, outra atividade bastante realizada no tempo livre é jogar videogame, citada por 40% das crianças de 5 a 10 anos e 38% daquelas com 11 a 13 anos, o que confirma que essa tem sido a opção dos pais para o entretenimento das crianças em seu tempo livre e que também reduz o tempo para a leitura de livros, atividade citada por 29% das crianças de 5 a 10 anos.

### › **Os não leitores – Dificuldades para ler**

Outro dado que merece destaque nesta “radiografia” é a proporção da população com 5 anos ou mais que afirma *não ter* dificuldades para ler. Ela se manteve em 33% nas duas últimas edições (2019 e 2015), mas apresentou redução significativa em relação a 2011, quando o resultado foi de 48%.

Analisando em conjunto as dificuldades de *não saber ler, ler devagar, não compreender o que lê e não ter concentração*, observa-se que cerca de 40% dos indivíduos apresentam alguma dessas limitações ou dificuldades para leitura. Esse percentual é superior aos 29% de analfabetos funcionais – assim denominados pelo INAF-2018: aqueles que “têm muita dificuldade para fazer uso da leitura e da escrita e das operações matemáticas em situações da vida cotidiana...” –, embora, segundo esse indicador, somente 37% tenham sido avaliados como possíveis leitores plenos (indivíduos nos níveis Intermediário e Proficiente de alfabetismo funcional). Os outros 34% possuem um nível Elementar de alfabetismo funcional, o que nos permite inferir que também encontram certas limitações em relação à compreensão ou ao domínio da competência leitora.

Um número bastante esclarecedor (ou estarrecedor?) que coincide nessas duas “radiografias”: *mais da metade dos brasileiros tem alguma dificuldade para leitura*.

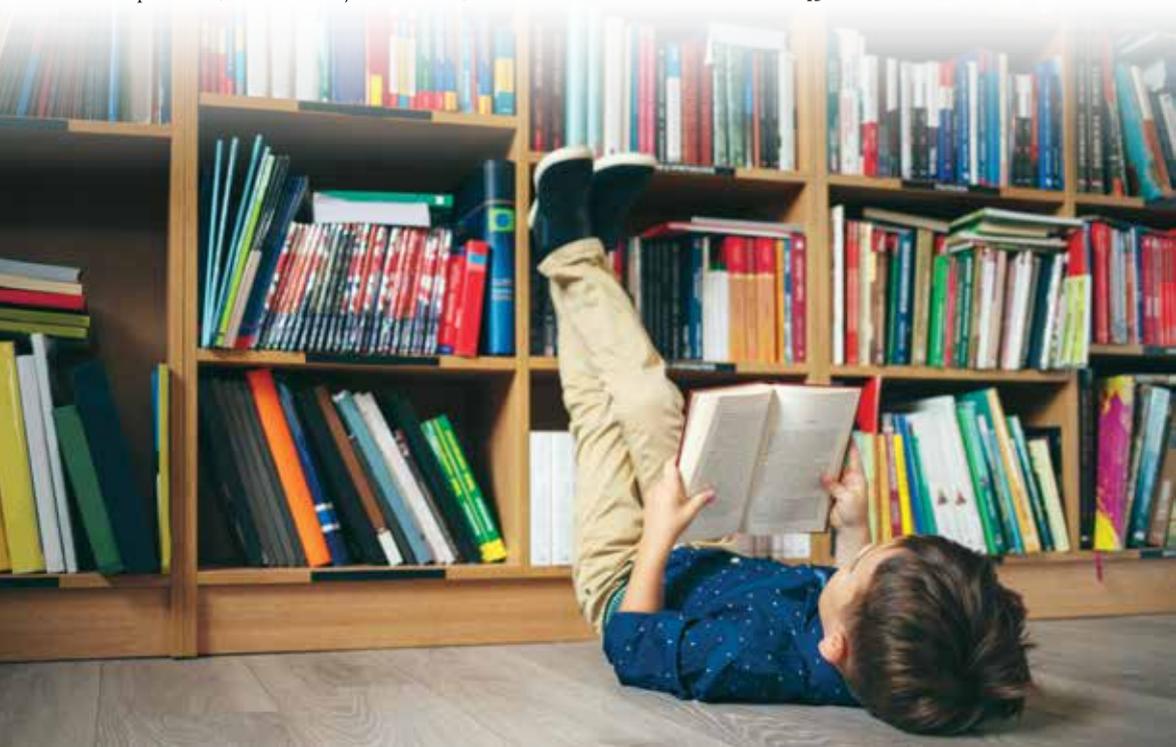
Ampliar o número de leitores depende, portanto, como condição essencial,

de garantir a plena alfabetização, ou o letramento, à expressiva parcela da população (cerca de 40%) que possui dificuldades para leitura.

## As motivações > *Gosto pela leitura*

Apesar da redução, nesta edição, do percentual de quem afirma gostar muito de ler entre os entrevistados com Ensino Superior e melhor situação econômica, eles continuam sendo os que mais gostam de ler, assim como os estudantes, as crianças e os jovens, sobretudo nas faixas etárias de 5 a 17 anos.

Entre as crianças de 5 a 10 anos encontramos o maior percentual de quem afirma que gosta muito de ler (46%). Esse percentual é menor nas demais faixas etárias, passando a 36% entre aqueles com 11 a 13 anos, apesar de, nessa faixa etária, somente 3% admitirem não gostar de ler e 62% dizerem que gostam um pouco. O patamar de 30% dos que dizem gostar muito de ler se mantém entre os indivíduos nas faixas etárias de 18 a 49 anos. De maneira



semelhante, entre 14 e 49 anos o percentual de quem diz não gostar de ler fica em torno de 20% e passa a 34% entre 50 e 59 anos.

A revelação de que quase a metade das crianças *gosta muito de ler* traz esperança e inquietação: por que a partir dos 18 anos o percentual de quem *não gosta* de ler aumenta de forma acentuada, passando de 3% a 20%? O que estamos deixando de fazer ou onde estamos errando, em especial quando esses jovens concluem o Fundamental II e chegam ao Ensino Médio?

Várias questões foram levantadas a partir desses números e a maioria delas orientou as reflexões apresentadas pelos especialistas que assinam os capítulos seguintes. Trago algumas dessas questões:

– Seriam os livros infantis mais atraentes e identificados como leituras prazerosas, enquanto as leituras indicadas pela escola, em especial para alunos do Fundamental II e Ensino Médio, não conseguem despertar esse prazer ou gosto pela leitura?

– O estímulo das famílias à leitura, quando acontece, é mais frequente para as crianças e deixa de acontecer para os adolescentes, provavelmente porque as famílias entendem que essa formação é atribuição da escola ou porque não sabem como realizar essa “mediação”?

– O fato de ter somente um professor no Fundamental I possibilita o vínculo entre professor e aluno, condição fundamental para estabelecer a mediação bem-sucedida?

– A indicação de livros para leitura e o seu acesso nas escolas são mais frequentes ou disponibilizados no Fundamental I? A pesquisa, no módulo sobre bibliotecas escolares, nos diz que sim, como apresento no item em que trato das bibliotecas, a seguir.

## Influenciadores

Há consenso sobre a importância do mediador na formação de leitores e no despertar do interesse pela leitura, mas 67% dos brasileiros não identificam quem

despertou seu interesse ou gosto pela leitura, percentual estável em relação a 2015 (67%). Esse alto percentual, que inclui quem não gosta de ler, pode revelar a ausência de alguém significativo, na família ou na escola, que desempenhe essa mediação. Por outro lado, professores (11%) e a mãe (8%) continuam sendo os mais citados como principais influenciadores do gosto pela leitura.

Mas a importância de um influenciador aparece ao compararmos leitores e não leitores: a proporção dos que não identificam nenhum influenciador ou que não gostam de ler varia de 82% entre não leitores a 52% dos leitores. Também é maior a proporção dos que dizem que nunca viam suas mães lendo entre não leitores (60%) do que entre leitores (40%). Até mesmo receber livros de presente pode influenciar positivamente os leitores, pois 76% dos não leitores nunca ganharam livros, enquanto entre leitores essa mesma proporção é bem mais baixa (47%). A pesquisa também confirma maior percentual de leitores em famílias que têm hábito de ler e com melhor nível de escolaridade dos pais ou responsáveis.

Essa constatação merece uma reflexão: qual o perfil leitor e de escolaridade das famílias brasileiras? Quantas famílias têm livros em casa e têm o hábito de ler para os filhos ou leem na frente dos filhos? Por ter uma amostra de indivíduos, a Retratos não traz números que consideram as famílias como unidade, mas podemos inferir, pelo percentual dos que informam que mães ou pais liam para eles, e também pelo percentual de indivíduos não leitores, que uma grande parcela das famílias brasileiras não é formada por leitores. As crianças e os jovens de famílias não leitoras e de origem social mais vulnerável dependem exclusivamente das escolas, das bibliotecas escolares e dos professores para o despertar do interesse e do gosto pela leitura.

Mas o que nos diz a pesquisa sobre o perfil leitor dos professores brasileiros?



### Perfil leitor do professor

Desde a 4ª edição da pesquisa identificamos na amostra entrevistados que declaram ser professores ou que atuam na área da educação para conhecer seus hábitos de leitura. Nesta edição, 736 entrevistados (8% da amostra) informaram ser professores ou trabalhar na área de educação. Entre eles, 63% dizem gostar muito de ler e 31% gostar um pouco. A maior parte deles é formada por leitores (80%) e, desses, 52% estavam lendo no momento da entrevista. Ao analisar os livros lidos, verificamos que as preferências são muito semelhantes às da população em geral: a Bíblia fica em primeiro lugar, com quase cinco vezes mais citações do que o segundo colocado. Ao serem analisados os autores do último livro lido, entre os cinco mais citados, somente um clássico: Machado de Assis. Outros religiosos ou de autoajuda aparecem com mais frequência entre os mais citados. Apesar de ser pequena a amostra, esse perfil nos mostra o tamanho do desafio.

Promover a leitura, em especial entre os jovens, exige do professor, como um mediador, que goste de ler e que tenha um grande repertório de leituras para identificar, indicar e compartilhar suas experiências e emoções. Tendo esse repertório, o professor pode, principalmente se estabelecer um vínculo para conhecer os interesses desses jovens alunos, atrair e conquistar novos leitores. Essa mediação, baseada na construção de vínculos, no “encantamento” e no compartilhamento das experiências de leitura, é necessária, em especial quando identificamos que o uso do tempo livre está sendo atraído pelas redes sociais, pelos games e pelos vídeos (*streaming*).

Mas o professor depende, também, da disponibilidade ou do acesso aos livros que gostaria de indicar para a leitura dos seus alunos.

## O acesso ao livro – As bibliotecas – Bibliotecas públicas e comunitárias – Percepção e uso segundo os entrevistados

Apesar de 47% dos brasileiros com 5 anos ou mais saberem que existe uma biblioteca pública em seu bairro ou sua cidade (em 2015 eram 55%), somente 4% dizem que a frequentam sempre e 13% que frequentam às vezes. Entre esses usuários (aqueles que disseram frequentar bibliotecas sempre ou às vezes), as bibliotecas escolares ou universitárias (53%) e as públicas (54%) são as mais frequentadas. Porém o percentual de frequentadores de bibliotecas escolares ou universitárias vem se reduzindo desde 2011, quando 64% informaram frequentá-las.

A baixa frequência a bibliotecas pode estar associada à percepção que os brasileiros têm desses espaços. Para 56% deles, as bibliotecas são percebidas como um lugar para estudar (71% em 2015). Além disso, 16% consideram que a biblioteca é um lugar para estudantes e 10% para emprestar livros para atividades escolares. Somente 16% percebem a biblioteca como um local para toda a população, 22% a consideram um local para acessar ou emprestar livros e outros materiais e apenas 3% a veem como um local para participar de atividades ou eventos culturais.

O usuário que frequenta a biblioteca sempre ou às vezes avalia positivamente quase todos os itens pesquisados: atendimento (96%), se é bem cuidada (90%), atendido por bibliotecário (85%). O item pior avaliado é o acervo: 57% dizem que encontram na biblioteca todos os livros que procuram. Entre os frequentadores, 51% dizem que buscam livros para estudar ou pesquisar e 33% buscam livros para ler por prazer. Entre os principais motivos para não frequentar bibliotecas, 34% dizem que é por falta de tempo, 20% porque não gostam de ler e 13% porque não têm biblioteca próxima. Sobre o que os faria frequentar mais esses espaços: 26% dizem que ter mais títulos

novos; 20%, ter títulos mais interessantes; 19%, ser mais próxima; e 17%, ter atividades culturais.

Essa percepção da biblioteca revela que é preciso investir em um novo modelo ou na abertura de programas de atividades como rodas de leitura, conversas com autores, clubes de leitura para atrair a comunidade do entorno. Revela também que pode ser mobilizador chamar a comunidade para participar da escolha dos acervos. Uma biblioteca “viva” deve ter ambientes mais acolhedores e multilinguagens, profissionais habilitados, mediadores e bibliotecários, acessibilidade, ser atualizada quanto a tecnologia, ter acervos atualizados e que atendam aos interesses dos usuários e materiais impressos ou digitais, programação de eventos e atividades culturais e estar aberta em dias e horários que possibilitem a frequência de toda a comunidade.

### – Bibliotecas escolares

*Nota: Importante esclarecer que não foi definido para o entrevistado o que deveria ser entendido como biblioteca ou sala de leitura. Colhemos aqui sua percepção: o que esses estudantes entendem como biblioteca escolar ou como sala de leitura.*

Entre os estudantes, 84% disseram que existe uma biblioteca ou sala de leitura em suas escolas ou faculdades.

Destes, 90% informaram que podem frequentá-las quando querem; 86%, que há um profissional para atendê-los; e 58%, que encontram os livros que gostariam de ler. Além disso, 83% dos estudantes que contam com uma biblioteca ou sala de leitura na escola ou faculdade onde estudam dizem que os professores indicam livros (em 2015 eram 82%).

Considerando o mesmo público de estudantes que contam com bibliotecas ou salas de leitura onde estudam, entre os que têm até o Ensino Fundamental I, 41%

declaram que encontram nessa biblioteca todos os livros que os professores indicam; 23%, que encontram parte dos livros; e 8%, que não encontram os livros indicados pelos professores. Já 18% dizem que os professores não indicam livros. Essa avaliação piora entre os que completaram o Ensino Fundamental II, pois somente 26% declaram que encontram todos os livros que os professores indicam e 22% dizem que os professores não indicam livros. Entre aqueles que completaram o Ensino Médio, somente 20% dizem que encontram na biblioteca da escola ou faculdade todos os livros indicados pelos professores.

### Leitores de literatura em outros suportes e leitores digitais

Vou “pular” dos leitores de literatura em livros para os leitores de literatura em outras plataformas, pois não conseguiria agregar nada, nem dúvidas, às análises que João Luís Ceccantini, Rodrigo Lacerda, Ricardo Azevedo e Mariana Bueno, que abordam esse tema sob a ótica do consumo, apresentam nos capítulos seguintes. Mas não consegui deixar de compartilhar aqui minhas indagações em relação ao que nos diz esta edição sobre os leitores digitais e minha inquietação quanto aos “achados” encontrados na pesquisa por Fabio Malini, que assina o capítulo “A plataformação da leitura e redes sociais: impactos no consumo de livros”, ao defender a “mutação” dos leitores e das leituras em plataformas digitais.

A principal inquietação quando analisamos os dados da 5ª edição da Retratos sobre os leitores digitais ou os leitores em outras plataformas ou suportes foi a de saber

se podemos comparar esses leitores – seus interesses e suas experiências leitoras – com os leitores no suporte livro. Nesse sentido, as primeiras questões que surgem são: *o leitor que acessa (ou recebe) textos literários em outras plataformas ou outros meios é leitor de literatura? Teríamos leitores em mutação? As conexões mediadas pela internet e as redes sociais estão despertando novos interesses e comportamentos leitores?*

Além dessas, muitas outras questões despertam essa inquietação:

#### – A preferência pelo livro em papel

Quando perguntamos aos leitores de literatura se preferem ler no suporte papel ou digital, a maioria (70%) diz que prefere ler no papel. Muitos alegam que gostam do cheiro ou da posse, de manusear as páginas, da possibilidade de marcar a página... mas, para além desse gosto pelo objeto livro, surgem outras questões: *ler no papel ou na tela, seja ela do computador ou do smartphone, altera a experiência leitora?*

#### – A identificação com o personagem

A concentração, a compreensão da narrativa, o distanciamento ou a identificação com o personagem, a emoção que a história desperta... *ao ter esse acesso à narrativa mediado pela conectividade, nossa “entrega” à história perde identificação ou nos sinaliza um distanciamento?*



Se focarmos os leitores de literatura: *podemos comparar a compreensão e a análise dos textos e narrativas e o despertar das emoções desses leitores em meios digitais aos dos leitores de livros?*

### – A formação desse leitor na “mediação” digital

Esse leitor tem seu tempo e sua atenção disputados por inúmeros estímulos e conexões nas redes sociais e outras plataformas. O texto literário, especialmente textos ligeiros como contos e poesias, chega por meio dos “amigos” com quem mantém conexões. O texto *chega até ele*, em geral, como forma de comunicar uma emoção, um sentimento, uma crítica compartilhada por esse “amigo” ou “grupo de amigos”. Ele pode ou não acessar para ler, mas não houve um movimento desse leitor para encontrar esse texto. Não identificamos aí um *influenciador* para a leitura desse texto. Isso talvez explique por que, na pesquisa, o influenciador foi lembrado somente por 2% desses leitores nas indicações da leitura de um texto ou livro.

Esse “acaso” nos traz outra questão: *será possível que esse contato com uma poesia que o emociona pode levá-lo a buscar outras poesias desse autor?* Tomara!

Mas, quando o foco é a mediação na formação de leitores, o desafio é pensar *se é possível e como* despertar um interesse permanente pela literatura usando o meio digital e essas plataformas.

### > Temos um novo leitor ou um leitor em mutação?

#### – A escolha do livro em função do autor.

Segundo Malini, a ampliação daqueles que indicam o *autor* como fator de escolha ou compra do livro (dado que aumentou de 19% em 2015 para 27% em 2019) indica uma mutação da ideia de *público-leitor* para a de *“amigo-seguidor”*. Essa preferência não pela obra ou o tema indica uma identificação/relação de “proximidade” que esse “leitor” estabelece, ou que acredita que tem, com esse autor nas redes e mídias sociais.

A relação entre autor e leitor – que na leitura de literatura em livro se desenha pela identificação com o personagem ou com o significado ou interesse pelo tema ou a história narrada, promovendo uma coautoria na construção de imagens, cenários e ideias –, quando mediada pela internet e possibilitada pelas redes sociais, traz outros significados a essa relação, que passa a ser despertada pela identidade do “leitor” ou “seguidor”, como propõe Malini, com o “subjutivo” desse autor : o que pensa, o que faz, o que sente, do que gosta... e não com a história que ele conta.

#### – Outras “mutações”

Os temas de interesse são aqueles que polarizam nas redes sociais (“narrativização social”) – “conteúdos” são compartilhados, aglutinando grupos e definindo audiências em torno de “autores” ou provocadores dessas ideias.



Outro fenômeno dessa relação leitor-autor é que deixa de ser uma relação individualizada, que se estabelece no “silêncio”, para ser uma relação compartilhada com grupos ou comunidades que também se identificam com o “autor”, criando uma teia de conexões para difundir ideias, interesses, valores, estilos de vida, consumos, que são alimentadas e compartilhadas pelos seguidores, usuários dessas plataformas (Facebook, WhatsApp, Instagram, Twitter, etc.).

### > **Temos uma mutação de leitor em “seguidor” de autores?**

A inquietação que esse fenômeno desperta é a de saber *quanto*, e *se*, poderá impactar os modos de leitura, a formação de leitores, a produção editorial e os interesses ou fatores que definem a escolha dos livros, em especial de literatura, ou que definem a escolha *do que se lê*.

O que a 5ª edição da Retratos nos diz, por enquanto, é que, apesar de encontrarmos um ou outro autor indicado pelos leitores (inclusive na 5ª edição da Retratos) que surgiu nas redes sociais ou em plataformas digitais de compartilhamento de histórias – a exemplo do Wattpad, como lembrou João Luís Ceccantini em seu artigo ao mencionar o romance *After*, de Anna Todd, que surgiu como *fanfiction* e atingiu mais de 1,6 milhão de leituras on-line, chegando às prateleiras em 2014 –, apenas 2% dos entrevistados informaram que seguiram a indicação de um influenciador digital para a escolha do livro que estavam lendo.

Segundo Malini, esse baixo percentual se explica dado que “há poucos *influencers* dedicados a constituir um sistema de recomendação literária. São, em geral, apenas vetores de merchandising de seus próprios produtos digitais, o que inclui, em alguns casos, livros para servir de suporte a vendas de suas turnês”.

## O livro *Retratos 5*

*Analisando números que não falam e provocando outras leituras sobre a 5ª edição*

*A crença no poder da leitura e da literatura nos torna cúmplices na defesa de direitos e na busca incessante de descobrir como despertar o prazer... quando tudo parece conspirar contra.*

*Mas, se estamos aqui, neste encontro mediado por este livro que se propõe a trazer diferentes olhares (ou leituras) sobre os brasileiros que leem e os brasileiros que não leem, é porque você também é cúmplice. Somos todos cúmplices dessa vontade “aterrorizante” de transformar este país em um país com menos desigualdades sociais, menos miséria cultural e mais leitores críticos e autônomos.*

ZOARA FAILLA

## Leituras da 5ª edição da Retratos da Leitura no Brasil

Os dados se escondem em cada módulo da pesquisa. Precisamos ficar atentos para não analisar somente aqueles que despertam mais interesse ou que nos surpreendem e apontam para diferentes temas, ampliados nesta edição, como os leitores de literatura em livros e em outras plataformas.

Analisar e propor reflexões sobre esses “números que não falam” pedem especialistas nas diversas áreas de conhecimento sobre leitura e formação de leitores. Pedem diferentes olhares.

Convidamos parceiros que nos apoiam nessas leituras da Retratos desde a segunda edição e buscamos também novos olhares para os novos temas.

### > **Os convites em novos tempos**

A pandemia impôs uma nova forma de encontro, conversa, entrevista, com

mediação pelo digital. Aprendemos a baixar aplicativos para videoconferências, a conferir o som, a melhorar a iluminação para “ficar bem na tela”... e a driblar a internet para não ficar “congelado”. Mas se, por um lado, essa disponibilidade a qualquer hora e sem depender de deslocamentos possibilitou ampliar as audiências e o compartilhamento, ultrapassando fronteiras, por outro, inflacionou nossas agendas, ora como público (“seguidor”), ora como expositor (“influenciador?”).

Sim! Esse não é o assunto deste artigo, mas achei importante dizer que queríamos trazer para este bate-papo por escrito todos os especialistas que convidamos. Alguns ausentes, mas que estavam presentes nos painéis de debates sobre a pesquisa que realizamos em parceria com o Itaú Cultural, porque não conseguiram tempo para produzir textos, pois estavam presentes em outros tantos vídeos, *lives* e também ministrando aulas a distância, realizando orientação de teses, produzindo outros artigos... Não estão nestas páginas, mas suas análises podem ser acessadas em nosso site: [www.prolivro.org.br](http://www.prolivro.org.br).

E prometemos que, assim que a vacina sair, se não for estabelecido como normal esse novo normal, vamos convidar os ausentes e os presentes para o cafezinho, para novas conversas e para o lançamento deste livro.

## O que ler neste *Retratos 5*

Sou uma leitora privilegiada desta obra, pois a li “em primeira mão”, e, neste convite que trago para a leitura dos artigos que compõem este importante estudo, peço licença para destacar como cada texto me impactou ou o que me impactou em cada texto.

Tenho certeza de que as reflexões trazidas pelos coautores deste *Retratos da Leitura no Brasil 5* sobre os resultados desta edição da pesquisa nos levam a aprofundar esse diagnóstico e a identificar outras explicações

ou outras indagações nessa imensidão de dados possibilitados por mais de oitenta questões. E, o mais importante, essas análises agregam conhecimentos de outros estudos, trazem outras indagações, questionam respostas que não confirmam “verdades” ou estudos e propõem possíveis caminhos para melhorarmos esse “retrato”.

## As leituras da *Retratos* – O que dizem os autores

Convido a iniciarem a leitura dos capítulos que seguem a partir das reflexões dos especialistas da Unesco na área da educação Maria Rebeca Otero Gomes e Célio da Cunha. Eles apontam os desafios, revelados pela pesquisa, que necessitam ser encarados e superados para a melhoria de nossos indicadores de leitura, como condição imprescindível para a construção do desenvolvimento social, humano e cultural sustentável de nossa sociedade. Mas a leitura é especialmente instigante porque eles exploram as causas da crise na leitura trazendo uma citação de Sergio Paulo Rouanet sobre a crise da cultura que, a meu ver, traduz de forma exemplar como a “planetarização” (promovida pelas redes sociais) vai “destruindo a curiosidade intelectual [...] sem a qual deixa de existir o prazer da leitura” (Rouanet, 2003, p. 71).

Não poderia deixar de convidar Ana Lúcia Lima, coordenadora da pesquisa INAF – Indicador de Alfabetismo Funcional, tantas vezes citada em nossas análises e em artigos desta obra. Ana aceitou nossa provocação para um *diálogo* entre as duas pesquisas: *Retratos* e INAF. Ela optou por percorrer esse “encontro” a partir dos “não leitores” de livros (aqueles que declararam não ter lido nenhum livro, inteiro ou em parte, em um período de três meses), com foco nos desafios do letramento, na adolescência e juventude, para a formação de leitores. Destaca como as limitações em termos de letramento apontadas pela INAF ajudam a

compreender os hábitos de leitura de livros dos brasileiros (de 15 a 60 anos) revelados pela Retratos da Leitura no Brasil. Apresenta também, sem deixar dúvidas, como se define o alfabetismo, “entendido como a capacidade de *compreender, utilizar e refletir* sobre informações contidas em materiais escritos de uso corrente *para ampliar conhecimentos e participar* da sociedade, considerando duas dimensões: *Letramento e Numeramento*”.

A queda no percentual de leitores, que, nesta edição da Retratos, inicia após os 10 anos e se acentua após os 14 anos, despertou nosso interesse em buscar explicações para essa “fuga”. Convidamos Rita Jover-Faleiros, que desenvolve esses estudos na UFSP. Por que perdemos e onde estão os leitores que perdemos é o que Rita nos leva a descobrir em “Leitores que perdemos pelo caminho”. Ela foi buscar explicações sobre o comportamento leitor dos estudantes no repertório de leituras e no perfil leitor dos professores que responderam à pesquisa. Para ela, os modelos de formação dos currículos escolares; a formação literária do professor; a seleção das obras literárias lidas, e as *não lidas*, na escola revelam que “a formação de leitores de literatura [na escola] [...] está em perigo”. Entre outras razões, ela vê na transição entre o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, quando mudam as razões e o modo como se lê literatura na escola, uma das principais explicações para o desinteresse desses leitores.

Quase todas as análises sobre a formação leitora, a partir dos dados da pesquisa, privilegiam a população com mais de 5 anos, especialmente após ingressar no Ensino Fundamental. Idmea Semeghini-Siqueira me “encantou” ao apresentar novas inquietações sobre a necessidade de oferecer às crianças pequenas, na Educação Infantil (creche e pré-escola), em especial as oriundas de famílias mais vulneráveis, “diferentes linguagens de forma lúdica, propiciando o despertar da imaginação criadora para que [as crianças] se envolvam com a aprendizagem da leitura e o encantamento pela leitura” como

“iniciação” à formação do jovem leitor. É o que ela defende em “O encantamento das crianças pelos livros e pela leitura nas famílias e nas escolas: letramento emergente e alfabetização”. Entende que é urgente que toda escola pública receba investimentos (do Fundeb!) “para criar ambiente acolhedor e instigante” – a Sala de Múltiplas Linguagens –, imprescindível para o letramento emergente lúdico. Defende também que é preciso reorientar a concepção de alfabetização.

Entender a importância das bibliotecas escolares na formação de leitores e como elas são percebidas pelos estudantes entrevistados nesta edição foi a principal orientação para a reflexão encomendada a Maria das Graças Monteiro Castro – que também analisou os resultados da pesquisa Retratos da Leitura em Bibliotecas Escolares realizada pelo IPL em 2019 e aplicada pelo Insper (conheça em [www.prolivro.org.br](http://www.prolivro.org.br)). Para Graça, esses dois estudos reúnem elementos e indicadores fundamentais para orientar a constituição de um sistema de bibliotecas escolares segundo os diferentes segmentos da educação formal. Em “Bibliotecas escolares – Livros nas estantes ou leituras que conquistam leitores e promovem aprendizagem?”, Graça, para orientar sua análise, define a biblioteca escolar como “uma das estruturas do sistema organizacional escolar, que deve estar vinculada ao projeto pedagógico e educativo da escola”, e acrescenta que, para que seja um espaço formativo do leitor, prescinde da formação de mediadores de leitura (bibliotecários, atendentes ou professores). Ela também destaca que a indicação do professor, na pesquisa, como principal influenciador e o perfil leitor dos estudantes (de 5 a 17 anos) contradizem a avaliação das dificuldades da escola na formação de leitores. Em relação aos acervos, defende ser fundamental ter em mente que se estará selecionando um texto para uma outra pessoa (mesmo se crianças) e que a seleção deverá se orientar pelas necessidades do



futuro leitor, destacando a importância dos textos informativos e dos textos literários (estes, enquanto arte) para a formação do sujeito leitor. Acha que os dados da pesquisa acerca das percepções dos entrevistados sobre o que entendem como bibliotecas escolares apontam para uma relação direta entre os diferentes níveis de escolaridade e a motivação e a frequência de uso da biblioteca.

Propus a Rodrigo Lacerda nos relatar sua trajetória leitora com o propósito de descobrir, nesse percurso, leituras e autores que seduzem a tal ponto que despertam a vontade de “imitar” ou de “botar pra fora” o que tais leituras desvendaram sobre sua existência. Leituras que transformam um leitor em autor devem ser poderosas. A significativa aprendizagem que Rodrigo nos traz, *em especial para mediadores e para aqueles que sonham descobrir como formar leitores*, destaca como os interesses mudam nessa trajetória, que vai se desenhando desde a infância, ganhando complexidade na adolescência, ao buscar personagens que provoquem maior compreensão de si ou do mundo na busca de “companhia” para seus problemas, ou, quando já adulto e escritor,

sem qualquer compromisso com identidade, amando e vasculhando centenas de autores.

“Por onde andarás a literatura infantil e juvenil brasileira?”, pergunta João Luís Ceccantini, para nos dizer que, segundo sua leitura dos resultados da pesquisa, os índices de leitura de literatura contradizem aqueles que dizem que cada vez se lê menos literatura. Na defesa da sua tese ele destaca que 28,9% dos entrevistados declararam-se *leitores de livros de literatura*, o que corresponde a cerca de 55 milhões de leitores; além de 31,7% que declararam ser *leitores de literatura em outros formatos digitais*, o que corresponde a cerca de 61 milhões de leitores. Mas também traz uma dúvida sobre esses leitores, ao verificar que um número significativo não indicou o título do **último** livro que teriam lido. Ceccantini traz outro contraponto importante ao analisar as obras citadas pelos leitores de literatura infantil e juvenil: a prevalência de obras estrangeiras, apesar da diversidade e da qualidade da produção nacional, com “alto padrão criativo de nossa literatura infantil e juvenil, reconhecida nacional e internacionalmente”. Mas o mais perturbador, nas palavras dele, é a ausência, na lista de autores citados, de autores



consagrados como Lygia Bojunga, Marina Colasanti, Ziraldo, Ricardo Azevedo, João Carlos Marinho, plenamente inseridos nos acervos enviados a bibliotecas escolares de todo o país. Essa lamentável constatação o leva a apontar como fundamental, para reverter o quadro deficitário em relação à leitura, a necessidade de políticas e ações mais efetivas para garantir a mediação de leitura e a formação de mediadores (professores, bibliotecários e agentes).

Em “Literatura de ficção, escola e utopia”, Ricardo Azevedo nos leva a percorrer poesias para mostrar a importância da literatura e da ficção na formação do jovem. Defende a literatura que “trabalhe as semelhanças/identidade entre as pessoas” e não as diferenças (infantil, juvenil, adulta). Para ele, “a criação da utopia depende da capacidade de criação das pessoas, e essa capacidade tem a ver, entre outras coisas, com a ficção: a arte de imaginar o que não existe, mas poderia existir”. Portanto, não depende de idade e é fundamental para que o jovem experimente emoções ou imagine situações que ainda não viveu.

Mariana Bueno, economista e responsável pela pesquisa Produção e Vendas do

Setor Editorial Brasileiro, atendeu nossa “encomenda” para analisar se o que a Retratos revela sobre os consumidores de livros está em sintonia com os estudos desenvolvidos sobre o mercado editorial e se esses conhecimentos podem orientar a cadeia produtiva. Em “A demanda por livro: dois lados de uma mesma moeda”, Mariana destaca vários achados importantes, como a preferência dos leitores pelo livro em papel e o preocupante, para o mercado livreiro, aumento expressivo do uso do tempo livre nas redes sociais e acessando conteúdos via *streaming*. Outra sinergia entre os estudos verifica-se na redução de leitores de nível superior que rebate, entre 2014 e 2019, na queda do subsetor de CTP (Científicos, Técnicos e Profissionais). Mas, além de outras leituras, a meu ver, Mariana deixa alguns recados importantes para a cadeia produtiva: se os leitores de literatura leem e consomem livros cinco vezes mais do que os demais brasileiros leitores, parece ser estratégico investir no incentivo e, eu diria, na formação do leitor de literatura para “gerar um incremento positivo na demanda por livros”. Mariana “cutuca” um pouco mais ao afirmar

que “a expansão concreta da demanda” por livros depende de “pleitos” que promovem políticas públicas voltadas à formação de uma população leitora dentre aqueles quase 50% que se declaram *não leitores*.

Fabio Malini, convidado a refletir sobre os impactos da leitura de livros em plataformas digitais no Brasil a partir dos dados da pesquisa, certamente foi quem me trouxe mais inquietações, ao identificar, em seu artigo “A plataformação da leitura e redes sociais: impactos no consumo de livros”, como as plataformas (Facebook, WhatsApp, Instagram, etc.) impactam a leitura à medida que priorizam os conteúdos, atores (autores) e a agenda que serão mais visibilizados. Nesse sentido, encontra “achados” na pesquisa que apontam para uma “mutação” na ideia de público leitor para “amigo-seguintor”, na ampliação do percentual daqueles que citam *o autor* como fator de escolha e de compra do livro. Para ele, essa preferência, não pela obra ou o tema, indica que o interesse é despertado pela identificação e a relação de “proximidade” que esse “leitor” estabelece, ou que acredita que tem, com esse autor nas redes e mídias sociais. Malini, ao defender que essa mutação pode impactar o consumo de livros, destaca também a ampliação do uso da internet em todos os segmentos e aponta o interesse por temas “**plataformizados**” que polarizam nas redes sociais, aglutinando grupos e definindo audiências em torno de “autores” e suas ideias. Na indicação de gêneros lidos por esses leitores, aponta a preferência por textos mais ligeiros, como o conto e a poesia.

José Castilho Marques Neto, o conhecido pai do PNLL, e somente ele, poderia nos ajudar a explicar por que os números da Retratos 5 nos frustraram tanto. Em seu artigo, “Retratos da leitura no Brasil e as políticas públicas do livro e leitura – O que nos diz a série histórica”, Castilho nos traz um apanhado importante sobre a escala desse desmonte ou de como esse projeto, que vai aos poucos minando o

valor simbólico do livro e o direito à leitura e à literatura, está sendo desenhado. Mas não poderia deixar de destacar, porque compartilho integralmente, o alerta que Castilho apresenta, com tantos argumentos, sobre as responsabilidades do Estado: na garantia dos “direitos básicos da cidadania para todos, somente o poder público, em todos os seus níveis federativos, tem a possibilidade de trabalhar com programas e ações com escala para atingir a maioria da população”, em especial em um país tão complexo, diverso, com tantas exclusões e com a tamanha extensão. Mesmo reconhecendo a importância das organizações não governamentais e de outros entes da sociedade civil que lutam por um Brasil de leitores, em especial em momentos de desmonte como o atual, para ele “é igualmente verdadeiro que só alcançaremos um Brasil de leitores se houver uma forte política pública”. Eu acrescentaria: nós, da sociedade civil, devemos ficar atentos e alertas aos “cantos das sereias”: as responsabilidades do Estado não podem ser transferidas, sob o argumento da “livre iniciativa” ou da qualidade desses serviços, para a sociedade civil ou para o privado.

*\* Zoara Faila Socióloga pela Unesp, com mestrado em Psicologia Social na PUC-SP e pós-graduação pela FGV-SP. Foi consultora do PNUD e coordenou o Programa de Melhorias do Ensino Médio/SEE-SP. Consultora nos 5 PALOPS, entre outras atividades na Fundap. Desde 2006 responde pelos projetos do Instituto Pró-Livro, tendo coordenado o Programa Mais Livro e Mais Leitura, em parceria com o MINC; a Plataforma Pró-Livro e as quatro edições do Prêmio IPL – Retratos da Leitura. Coordenou também as três últimas edições da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil e, em 2018/2019, a realização da Pesquisa Retratos da Leitura – Bibliotecas Escolares. Foi organizadora das obras Retratos da Leitura no Brasil 3 e 4 e é autora de vários artigos sobre o comportamento leitor do brasileiro.*



# Leitura transformando vidas e sociedades



Maria Rebeca Otero Gomes (UNESCO)\*

Célio da Cunha (UNESCO)\*\*

# Leitura, educação e objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS)

A quinta edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelo Ibope com apoio dos Institutos Pró-Livro e Itaú Cultural, coincide com uma fase da história do país marcada por complexos desafios em várias dimensões e extensões. Não somente em decorrência da pandemia do coronavírus, que já interrompeu a vida de centenas de milhares de pessoas de várias idades e que continua a provocar vítimas em uma magnitude sem precedentes, mas também devido aos horizontes incertos que se mostram ao país, trazendo à vista um quadro de extremas desigualdades, agravadas pela crise sanitária ceifadora de vidas, por um desemprego acentuado, pela instabilidade política, pelas *fake news* e por um preocupante déficit econômico. No plano das políticas de educação, muitos dos avanços alcançados após a Constituição de 1988 – tomando como referência pontuações obtidas com base no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) – estão sendo prejudicados pelo quadro atual e comprometidos pela

pandemia, que deixou milhões de crianças e jovens sem escola; o retorno a ela sobressai como um enorme desafio às políticas educacionais brasileiras.

É nesse cenário que a pesquisa, realizada por amostragem em 208 municípios e 8.076 entrevistas entre outubro de 2019 e janeiro de 2020, colocando em evidência a situação atual da leitura no Brasil, acrescenta um importante fator que deve merecer atenção à altura do seu significado e de suas implicações. Entre as várias constatações da pesquisa, importa assinalar as seguintes:

- No período de 2015 a 2020 não ocorreu aumento do número de livros lidos, com tendência de decréscimo na frequência de leitura de quase todos os formatos, sobretudo livros de literatura escolhidos por vontade própria e de livros didáticos indicados pelas escolas.
- A falta de tempo foi o fator citado com maior frequência para





justificar a ausência de leitura entre os entrevistados.

- Mais de 50% do tempo livre disponível são gastos com televisão, internet, música ou rádio e WhatsApp.
- Os professores e as escolas são mencionados pelos entrevistados como uma das fontes de indicação de livros para leitura.
- Do tempo livre disponível, somente 7% são utilizados para a leitura de livros impressos ou digitais, com a predominância de leitores dos segmentos populacionais mais bem situados economicamente.
- Entre os 37 livros mais citados que estavam sendo lidos por ocasião da pesquisa, destaca-se a Bíblia, com 362 pontos, vindo em 2º lugar os livros *Diário de um banana* e da Turma da Mônica, com somente 14 pontos.
- Com relação ao(à) autor(a) do último livro que estava sendo lido pelos entrevistados, foram mencionados João Ferreira de

Almeida, Augusto Cury, Zíbia Gasparetto, Edir Macedo, J. K. Rowling, Allan Kardec e Mauricio de Souza.

- Machado de Assis e Monteiro Lobato estão entre os autores de que os leitores mais gostam.
- Entre as atividades que os leitores mais realizam na internet, trocar mensagens por WhatsApp ou por chats aparece em primeiro lugar.

Nessa lista de achados da pesquisa mencionada, alguns fatos chamam a atenção, entre eles a tendência de decréscimo das atividades de leitura, a liderança de livros religiosos e o espaço ocupado pela televisão e pela internet como atividades preferenciais para o uso do tempo livre, seguidos do baixo percentual de leitores de livros impressos ou digitais. Em síntese, constata-se que o admirável acervo de obras disponíveis atualmente no Brasil, nas livrarias e nas bibliotecas, não está sendo aproveitado, a não ser por uma



exígua parcela da população. Além disso, como foi dito, entre os livros mais lidos destaca-se a Bíblia, o que mostra um sintoma preocupante dos tempos de transição que estamos vivendo. Não que a Bíblia não seja uma leitura relevante no marco da civilização ocidental, mas a distância que a separa, em termos do número de leitores, de outros gêneros literários é enorme e indicativa de uma crise mais ampla. Talvez uma das explicações possíveis para esse fenômeno esteja nas reflexões de François Dubet (2020, p. 114), em sua afirmação de que a “história social está se tornando uma história religiosa, a de uma fé destruída pelo mundo real. À custa de uma negação da história pode-se sempre guardar a fé [...]”.

Neste ponto do texto, vale salientar que as sociedades mais avançadas são também as que mais valorizam o livro com a consciência de sua importância, tanto em termos de crescimento pessoal como para o desenvolvimento social, econômico e cultural. É certo que, entre os fatores que estariam contribuindo para o assustador retrato da leitura no Brasil, podem estar presentes o elevado contingente de analfabetos funcionais e os alarmantes déficits de escolarização. Todavia, existem outros atores que podem contribuir para um entendimento mais amplo da crise de leitura e que deveriam participar da discussão sobre as causas da inexistência, no Brasil, de uma sociedade de leitores. Nessa direção, emerge o argumento de Sérgio Paulo Rouanet (2003, p. 58) quando pergunta se a crise do livro que preocupa os intelectuais do país não constituiria antes uma crise da cultura, na qual a crise do livro poderia ser um epifenômeno ou ao menos um sintoma. Rouanet continua, afirmando que:

*Se nossa análise é apropriada, existe realmente uma crise da cultura que, em grande parte, reproduz a crise do livro. As pessoas não leem, não por serem analfabetas, mas por serem vítimas do fenômeno social do “iletrismo”, ou seja, a recusa de ler,*

*mesmo quando elas dominam a técnica da leitura. É nisso, fundamentalmente, que a globalização é trágica, não por dissolver as identidades, mas por “planetarizar” a massificação, carregando os detritos culturais até os confins do universo e, assim, destruindo a curiosidade intelectual sem a qual deixa de existir o prazer da leitura.*

(ROUANET, 2003, P. 71).

Como no Brasil existem milhões de letrados que poderiam usufruir da riqueza multidimensional de obras de grande alcance em todos os gêneros disponíveis e não o fazem, o argumento de Rouanet tem procedência e deve ser considerado, sobretudo em uma fase da história nacional em que as políticas de cultura parecem caminhar à margem das preocupações predominantes. E, na medida em que isso ocorre, perde-se a oportunidade de “adicionar algo ao mundo”, para usar um pensamento de Hannah Arendt (*apud* Bauman, 2003) referente ao papel das artes. A propósito, Bauman observa ainda que, com toda a certeza, os livros enriqueceram o mundo. Eles sempre fizeram parte do mundo e essa é precisamente a razão pela qual o aditamento oferecido por eles pode ser assimilado. Além disso, salienta esse notável pensador:

*em nosso mundo globalizado, o destino do livro não depende das tecnologias da impressão, nem pode ser explicado por elas ou por qualquer outra coisa relacionada com o mercado editorial. Os livros estão condenados a compartilhar a sorte das sociedades das quais fazem parte. Quando pensarmos em livros, pensemos em primeiro lugar nas sociedades. Quando estivermos inquietos com o futuro dos livros, consideremos, antes de tudo, com maior atenção a sociedade e suas tendências. Para tornarmos os livros mais adaptados à sociedade em que vivemos, estejamos vigilantes para evitar que a sociedade se torne inadaptada aos livros.*

(BAUMAN, 2003, P. 33)

É certo que nem todos os livros acrescentam algo ao mundo, mas os que podem fazer isso são inúmeros, a exemplo de duas obras marcantes da história da Unesco, que resultaram de relatórios mundiais, respectivamente *Aprender a ser* (1972), coordenada por Edgar Faure, e *Educação: um tesouro a descobrir*, de Jacques Delors. Ambas percorrem o mundo até hoje e contribuíram para chamar a atenção e colocar em evidência certos pressupostos fundamentais do processo educativo. Milhares de educadores(as) ampliaram seus projetos pedagógicos após a leitura dessas obras.

Em relação ao Brasil, o fato de o país não ter ainda se constituído como uma sociedade leitora se configura como um estágio inquietante e desafiador que pode estreitar horizontes promissores e possíveis, caso fossem outras as condições de educação e cultura. Também é certo que seria muito grave imaginar uma sociedade inadaptada aos livros, conforme alertou Bauman – como exemplo disso, a pesquisa *Retratos da Leitura* indicou aspectos que podem ser potencializados, como a influência da escola e de professores e professoras na indicação de livros. Sob esse aspecto, e em que pesem circunstâncias adversas, imagina-se como possível construir, pela escola e por intermédio de políticas continuadas, uma sociedade leitora até o ponto de se atingir o estágio em que se pode afirmar, com Moacyr Scliar (2008, p. 40), que “a leitura continua sendo ato simbólico. Simboliza aquilo que a humanidade tem de melhor”. E, se essa afirmação de Scliar sobressai como relevante, não se pode deixar na periferia do processo educativo de crianças e adolescentes um bem comum e tão valioso como a leitura.

Sob essa perspectiva, a leitura – nomeadamente de livros que “adicionam algo ao mundo” e às pessoas que os leem – se configura como um direito proclamado pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), que, em seu Artigo 26, assegura o direito de todos a uma educação

que “seja orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos do ser humano e pelas liberdades fundamentais”. Esse direito se efetiva por meio de escolas e livros que proporcionem a todas as pessoas a oportunidade de aprender, ler e compreender o mundo, condição essencial para a busca do pleno desenvolvimento humano. Alguns países perceberam isso há muito tempo, como é o caso da França, que, segundo o estudioso da leitura Élie Bajard (2002), oferece livros às crianças desde a pré-escola, de modo a proporcionar o encontro destas com a literatura já nos primeiros anos de escolaridade.

Foi a partir dos direitos assegurados pela Declaração Universal de 1948 que a Unesco edificou os fundamentos de sua atuação mundo afora, inserindo na agenda de debates das quase duzentas nações que a integram temas importantes e indispensáveis para garantir o direito pleno à educação, como o combate ao racismo e a todas as formas de discriminação, a igualdade de gênero e o respeito à diversidade e ao meio ambiente. Todos esses avanços foram incorporados nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), aprovados na 70ª Sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas. Os ODS foram formalizados em uma agenda norteadora em termos de planos e políticas de educação, de forma a assegurar, conforme estabelece o ODS 4, uma educação inclusiva e equitativa de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos. Os ODS foram incorporados à Declaração de Incheon (Coreia do Sul, 2015), que salienta a necessidade de se desbloquear o poder da educação para todos, mesmo em situações de crises e conflitos, como a que estamos vivendo com a pandemia do coronavírus. Nesse contexto, a leitura desponta como um dos mais proeminentes caminhos para liberar as mentes para um *continuum* da educação e da aprendizagem ao longo da vida.

Com isso, todas as metas estabelecidas pela Declaração de Incheon para serem cumpridas até o ano de 2030 (entre elas, a garantia de que todas as meninas e todos os meninos tenham acesso a uma educação de qualidade nos anos iniciais de escolarização; a ampliação das competências técnicas e profissionais de jovens e adultos; a superação das disparidades de gênero; a garantia de acesso a todos os níveis de educação e formação profissional aos mais vulneráveis; a garantia de alfabetização para todos; e a ampliação da oferta de professores qualificados) dependem de um processo permanente de educação, que somente pode ser efetivado por atualizações continuadas, em decorrência da crescente multiplicação do conhecimento, que ocorre de forma sem precedentes na história. Além disso, há outro aspecto de igual importância. Os ODS e as metas da Declaração de Incheon apontam para um processo educativo pautado por valores fundamentais para a construção da cidadania planetária, cada vez mais urgente diante do cenário de múltiplas desigualdades. Nessa linha de argumentos, o processo de educação contínua não poderá ser

circunscrito aos limites de uma “pedagogia da prosperidade material”, conforme alertou Gabriel Perissé (2006, p. 56). O processo de construção da cidadania planetária não se encerra na aquisição de competências técnicas para o mercado, que são necessárias e indispensáveis: ele constitui uma parte – e não necessariamente a maior – de uma concepção mais ampla de educação, presente nos ODS e em todo o acervo de pressupostos e conhecimentos que a Unesco logrou reunir ao longo de sua história.

Daí a importância dos livros e da leitura em ambientes de liberdade e de mentes abertas para diferentes culturas e civilizações, ambientes livres de posturas ortodoxas que marcham na contramão da história ocidental. Nunca se pode esquecer dos ensinamentos da pedagogia maiêutica de Sócrates, que colocava a dúvida e a pergunta no centro de sua filosofia. Por isso, como salientou Perissé (2006), a importância dos livros e da leitura deve ser apaixonada, viva, vivificadora e condizer a um pensar que integra o desintegrado, que realiza conexões entre os opostos, podendo mesmo inventar ou descobrir nexos entre realidades afins ou contrastantes. Acrescente-se a isso a afirmação de Maria Elena Rodriguez (2006, p. 144) de que *“la educación necesita ser vista como indagación. Los maestros necesitan ser vistos*





*como investigadores. La teoría de la lectura será realizada por nuevas conversaciones que provienen de haber escuchado nuevas voces*". São os livros que instigam perguntas, e são as vozes dos personagens de obras literárias que nos levam a outros mundos e culturas, e que nos convidam a indagações que emergem da diversidade.

O cenário atual mostrado pela pesquisa Retratos da Leitura no Brasil indica a urgência de políticas articuladas entre todas as instâncias da gestão educacional do país, com o objetivo de ampliar o universo de leitores – seja de livros impressos ou digitais –, de modo a garantir aumentos progressivos dessa prática imprescindível, tanto para o desenvolvimento cultural e econômico do país como para o enriquecimento das perspectivas de vida de crianças e adolescentes. Nessa questão é importante ressaltar o papel do Estado, conforme ponderou Eliana Yunes durante o Simpósio Internacional sobre a Leitura e a

Escrita na Sociedade e na Escola, promovido em 1994 pelo Ministério da Educação (MEC) e pela Unesco, no âmbito do Programa de Cooperação Brasil-França, que estava em curso na época:

*Voluntarismo e boas intenções não substituem vontade política e responsabilidade pública. O Brasil já amadureceu em pesquisas, teorias e experiências o suficiente para organizar-se de forma articulada e alcançar uma política nacional de leitura que, de fato, permita participação sociocultural ampla.*

*Não há mais como refutar estes pressupostos, e cabe às instituições representativas de segmentos sociais exigirem do Estado, e não apenas de um governo, que assuma sua responsabilidade no que toca viabilizar uma política de promoção da leitura.*

(YUNES, 1994, P. 174)

Mesmo considerando que foi feita há um quarto de século, a afirmação de que o voluntarismo e as boas intenções não podem substituir a vontade e a responsabilidade política permanece atual, pois, no Brasil, a educação ainda não se converteu em uma política de Estado. O Simpósio Internacional citado contou com a participação de especialistas de vários países. Seu relatório final apresentou conclusões que podem ser valiosas, principalmente no momento em que o Congresso Nacional aprovou a renovação do Fundo de Manutensão e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb) com a previsão de aumentos progressivos da participação da União na complementação do valor aluno/ano a ser financiado por esse fundo contábil. Com o novo Fundeb, estados e municípios terão melhores condições para enfrentar os desafios educacionais.

Entre as propostas do Simpósio Internacional referido (1994), destacam-se a leitura e a escrita na formação dos cidadãos, a escola como espaço de domínio da leitura e da escrita, a formação inicial e continuada dos professores em leitura e escrita, e a prática docente da leitura e da escrita. Esse conjunto de propostas converge para o reconhecimento do domínio da leitura e da escrita na qualificação dos cidadãos, para o desenvolvimento econômico e social do país e também para a formação da consciência individual, social e política dos próprios cidadãos. Destaca-se ainda a necessidade de redefinição das funções e responsabilidades das bibliotecas públicas e escolares, como instâncias proativas que devem ser no contexto de uma política nacional de leitura em seus desdobramentos regionais e locais. A biblioteca da escola não pode ser, como advertiu Bajard (2002), uma “ilha de comunicação”. Ela deve se estabelecer como

*espaço do cruzamento de pessoas variadas e de atividades diversificadas que se desenvolvem na escola ou fora dela. A sala*

*de aula, a sala de informática, o pátio e os corredores podem abrigar atividades relacionadas ao âmbito da biblioteca. Não é desejável que todas as funções da biblioteca sejam exercidas no mesmo local, nem ao mesmo tempo; elas devem se adequar à especificidade de diferentes espaços que podem assim se tornar complementares.*

(BAJARD, 2002, P. 68)

Como a pesquisa indicou a potencialidade da escola e de professores e professoras para despertar o interesse dos estudantes pela leitura, esse fator pode adquirir uma nova dimensão no projeto pedagógico da escola básica, com vistas a tornar a leitura uma atividade permanente do processo educativo, não por atos impositivos, mas por atos pedagógicos que incentivem e facilitem a aquisição do gosto por ela, de forma que essa atividade prática e transversal não se isole nas boas intenções de “cantinhos de leitura” e se transforme em atividades internalizadas no cotidiano escolar. Na medida em que isso ocorrer – e já ocorre, em muitas experiências inovadoras –, a leitura de livros passa a ser um instrumento valioso para o estudante *tornar-se*, como almeja o relatório mundial de educação que está sendo elaborado por uma comissão mundial de especialistas convidada pela Unesco intitulado “Os futuros da educação: aprendendo a tornar-se”. Aprendendo a tornar-se, a transformar-se, a humanizar-se, a solidarizar-se. Aprendendo a ser como imaginaram os relatórios anteriores da Unesco já mencionados neste texto.

Ademais, ressalte-se que o novo impulso necessário para a construção de uma sociedade de leitores a partir da escola contribuirá para viabilizar as diversas expectativas de aprendizagens previstas nos currículos escolares. A aquisição do hábito da leitura, que estimula e incentiva a curiosidade dos estudantes, produz efeitos positivos nas diversas outras áreas disciplinares e práticas pedagógicas dos

currículos. Por isso Élie Bajard (2002, p. 60) sublinha que “o domínio da leitura não pode ser isolado das práticas linguísticas. E essas não podem ser dissociadas das práticas semióticas e comunicativas”. Adicione-se destarte que as práticas de leitura constituem estratégias pedagógicas de inegável alcance para uma concepção integrada e transdisciplinar do currículo, de modo a ensinar nexos e ligações que contribuam para atenuar a fragmentação do conhecimento.

Ainda em termos do potencial pedagógico dos livros e da leitura, no contexto da reforma do Ensino Médio vigente no país – que estabeleceu a possibilidade de vários itinerários educativos –, a leitura de livros, seguida da prática da elaboração de textos, pode se tornar módulos curriculares preciosos. Isso com a vantagem de aproveitamento de recursos virtuais, que podem transformar a leitura de uma obra, por exemplo, sobre a degradação ambiental planetária, em um seminário interativo com a participação de estudantes e professores de uma ou mais escolas.

Por último, é preciso reconhecer, conforme nos assevera Steven Fischer (2006), que o acelerado processo de inovações em curso está moldando o futuro da leitura, à medida que um novo padrão virtual começa a existir. No caso da leitura como entretenimento (de ficção ou não ficção), o leitor está sendo induzido ao reino até então inimaginável do ciberespaço. A leitura religiosa e ritualística também está ganhando espaços imprevisíveis. Todavia, como pondera esse especialista, há mais de 2.400 anos Sócrates advertia para o perigo da palavra escrita lida por pessoas despreparadas e sem condições de compreender o que liam. Os escritos fundamentalistas que conquistam dezenas de milhões de leitores representam atualmente uma ameaça implícita à civilização, uma vez que enfraquecem o processo de aquisição de conhecimento, aprimorado com tanto sacrifício.

As reflexões de Fischer nos levam a reconhecer que, se, por um lado, devem ser realizados todos os esforços no sentido de imaginarmos quanto antes a melhoria do Retrato da Leitura no Brasil, por outro, devem ser empreendidos esforços *pari passu* para a sedimentação e a consolidação de instituições escolares cidadãs, formadoras de mentes abertas à diversidade e livres de preconceitos, que trilhem caminhos para a construção de uma cultura de paz.

### Referências bibliográficas

- ARENDDT, Hannah. *Apud* BAUMAN, Z. “O livro no diálogo global entre culturas”. In: PORTELLA, E. (org.). *Reflexões sobre os caminhos do livro*. São Paulo: Unesco; Editora Moderna, 2003.
- BAJARD, Élie. *Os caminhos da escrita: espaços de aprendizagem*. 3ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2002.
- BAUMAN, Zygmund. “O livro no diálogo global entre culturas”. In: PORTELLA, E. (org.). *Reflexões sobre os caminhos do livro*. São Paulo: Unesco; Editora Moderna, 2003, pp. 15-34.
- DUBET, François. *O tempo das paixões tristes*. São Paulo: Vestígio, 2020.
- FISCHER, Steven Roger. *História da leitura*. São Paulo: Unesp, 2006.
- PERISSÉ, Gabriel. *Literatura e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- RODRIGUEZ, Maria Elena. *Adquisición de la lengua escrita*. Washington: OEA, 2006.
- ROUANET, Sérgio Paulo. “Do fim da cultura ao fim do livro”. In: PORTELLA, E. (org.). *Reflexões sobre os caminhos do livro*. São Paulo: Unesco; Editora Moderna, 2003, pp. 57-78.
- SCLIAR, Moacyr. “Os muitos retratos da leitura no Brasil”. In: AMORIM, G. (org.) *Retratos da leitura no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial; Instituto Pró-Livro, 2008, pp. 15-30.
- UNESCO. *Educação 2030: a Declaração de Incheon e o Marco de Ação da Educação*. Brasília: Unesco, 2016.
- YUNES, Eliana. “Escrita e leitura na sociedade e na escola: o papel do Estado”. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE LEITURA E ESCRITA NA SOCIEDADE E NA ESCOLA. *Anais*. Belo Horizonte: AMAE, 1994, pp. 171-176.

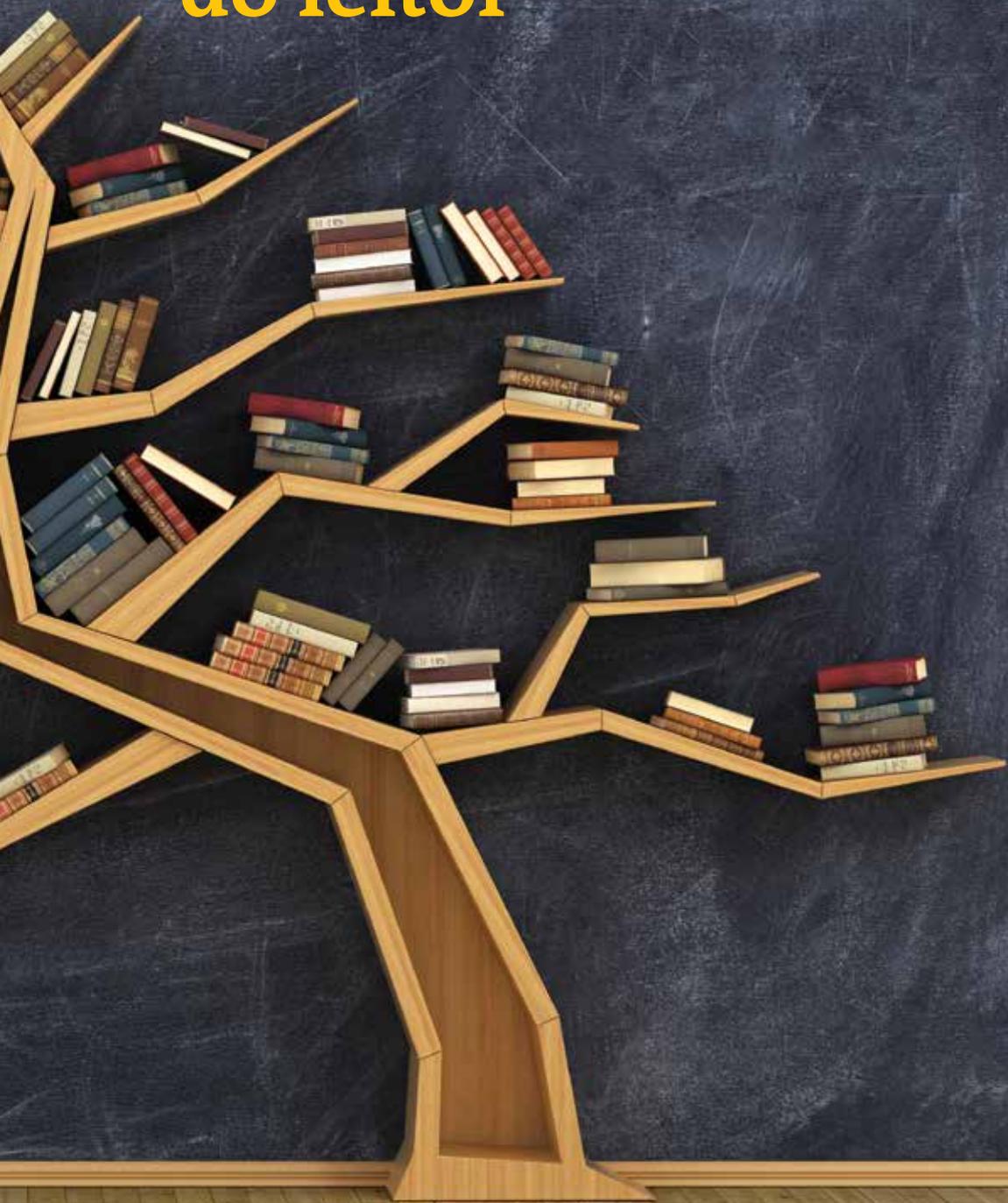


**\* Rebeca Otero** É coordenadora de educação da UNESCO no Brasil desde setembro de 2012. Integra a equipe da UNESCO desde novembro de 2001 no Escritório de Brasília. Antes de assumir a coordenação do setor, Rebeca Otero foi responsável por projetos de Educação, direcionados para as áreas de Educação Profissional, Educação em Saúde e Educação Preventiva em HIV/AIDS, de 2001 a 2012. Antes de entrar para a UNESCO, trabalhou na Universidade de Campinas e para Governo Federal do Brasil por 15 anos. Rebeca Otero é mestre em Ciências da Saúde pela Universidade de Brasília – UNB, com especialização em Saúde Pública pela Universidade de Campinas - UNICAMP. Fez curso de aperfeiçoamento em avaliação e planejamento educacional no Instituto Internacional de Planejamento Educacional - IIEP/UNESCO.

**\*\* Célio da Cunha** Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1987). Atualmente é Professor do Programa de Mestrado e Doutorado da Universidade Católica de Brasília - área de concentração: políticas públicas de educação e história das ideias pedagógicas. Professor Adjunto IV da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (aposentado), membro do Conselho Editorial das revistas Linhas Críticas (UnB), Ensaio (Fundação Cesgranrio), Política e Administração da Educação (Anpae) e Integração e Conhecimento do NEIES-Mercosul. Atuou como coordenador editorial e assessor especial da UNESCO no Brasil na área de educação por vários anos. Tem livros e artigos publicados e experiência em políticas públicas de educação. Foi analista de ciência e tecnologia e Superintendente da área de Ciências Humanas e Sociais do CNPq e Diretor e Secretário Adjunto de Política Educacional do MEC. No início da carreira, dirigiu o Departamento de Ensino e Pesquisa da UFMT.



# A formação do leitor



Ana Lucia Lima\*

## O analfabetismo funcional e os *não leitores* – *Um diálogo entre as pesquisas INAF e Retratos da Leitura sobre avanços e retrocessos na formação de leitores*

### Apresentação

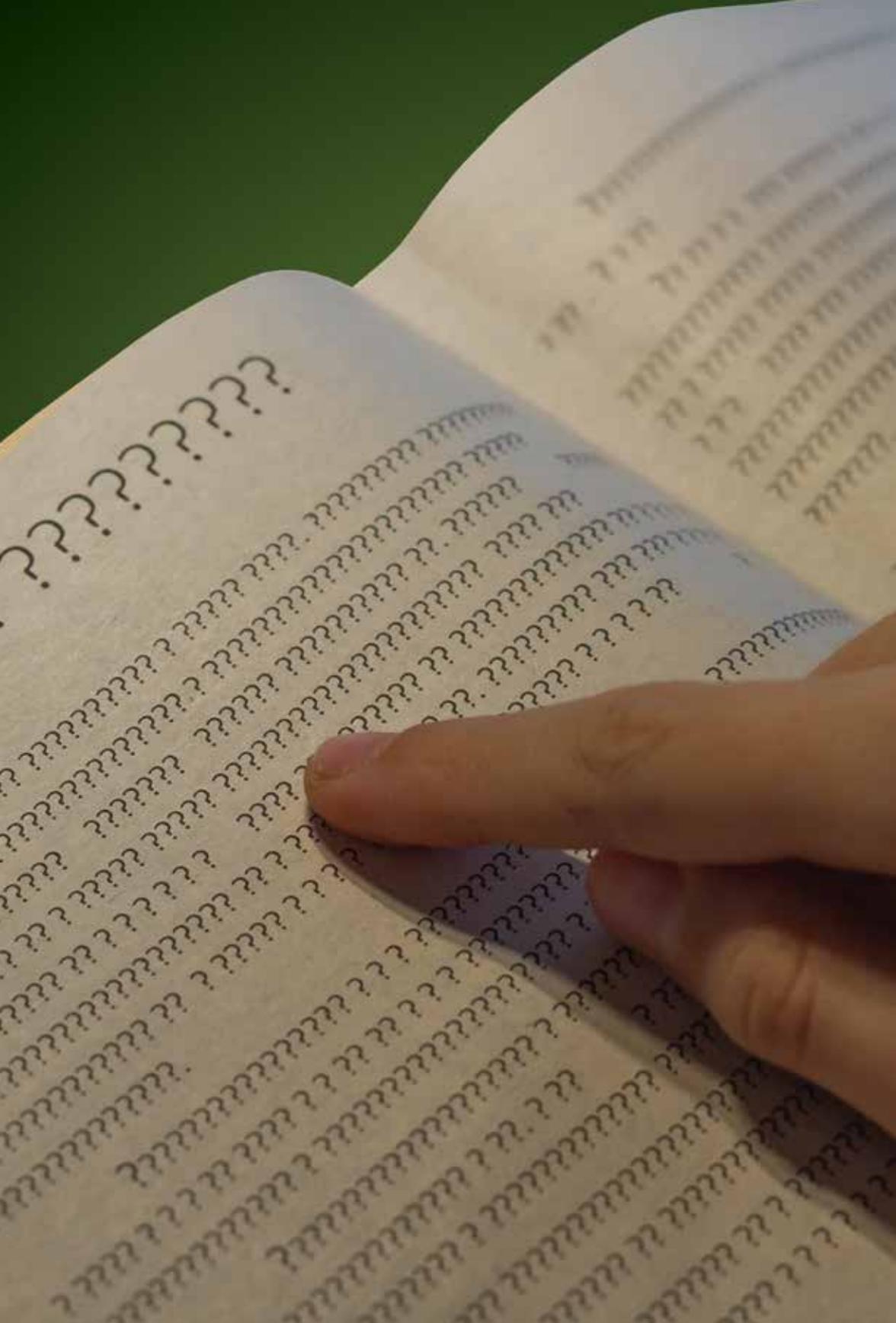
Este artigo procura integrar dados de duas pesquisas importantes, Retratos da Leitura no Brasil e INAF – Indicador de Alfabetismo Funcional, ambas consideradas como referência no país em termos de estudos por amostragem que visam produzir estimativas sobre hábitos, comportamentos e atitudes da população brasileira em relação à leitura.

São estudos de natureza semelhante, realizados com igual rigor metodológico, com o mesmo parceiro técnico, o IBOPE Inteligência, e com longas trajetórias temporais. Mas esse não é o principal ponto que têm em comum... A maior conexão entre eles é que são ambos estudos concebidos e realizados por organizações da sociedade civil brasileira, comprometidas com a concepção da leitura como direito, como condição essencial para o desenvolvimento de indivíduos e sociedades.

Assim, mais do que uma abordagem meramente descritiva de dados

estatísticos, este artigo se propõe a melhor compreender quem são os *não leitores* de livros, com especial foco nas oportunidades e nos desafios para o desenvolvimento e a consolidação do letramento na adolescência e na juventude, entendendo essas etapas como críticas para a formação de leitores capazes de compreender e apreciar a produção escrita em seus diferentes âmbitos, gêneros e contextos.

Os dois estudos dialogam fluidamente. Esse diálogo fortalece a compreensão de seus achados e nos convida a refletir sobre causas e consequências das dinâmicas por eles apontadas. E nos convoca a projetar a visão de uma nova realidade, transformando desafios em potências, ancoradas em políticas públicas efetivas, no engajamento dos atores privados e no comprometimento de toda a sociedade.



## Introdução

### > Alfabetismo no Brasil

Ao estabelecer diferentes níveis de alfabetismo, o INAF, por meio da aplicação de um teste com questões que reproduzem situações do cotidiano que requerem a leitura, estima diferentes níveis de alfabetismo, entendido como a capacidade de *compreender, utilizar e refletir* sobre informações contidas em materiais escritos de uso corrente *para ampliar conhecimentos e participar da sociedade*, considerando duas dimensões:

- **Letramento:** habilidade de ler e escrever diferentes gêneros e suportes, com coerência e compreensão crítica.
- **Numeramento:** habilidade de construir raciocínios e aplicar conceitos numéricos simples, de usar a matemática para atender às demandas do cotidiano.

São cinco os níveis de alfabetismo identificados na escala INAF, divididos em dois grupos:

GRUPOS	Níveis de alfabetismo na escala INAF
ANALFABETOS FUNCIONAIS	Analfabeto
	Rudimentar
FUNCIONALMENTE ALFABETIZADOS	Elementar
	Intermediário
	Proficiente

As pessoas classificadas como *analfabetas funcionais* (analfabetos e alfabetizados em nível rudimentar) têm limitações muito significativas em suas habilidades de leitura, sendo apenas capazes de localizar informações explícitas, expressas de forma literal em textos muito simples e familiares, tais como frases em cartazes, preços em catálogos, etc.).

No outro extremo da escala INAF estão as pessoas com *alfabetismo consolidado*, com habilidades de letramento e numeramento

suficientes para compreender e interpretar textos jornalísticos e literários, identificar a intencionalidade do autor, distinguir fato de opinião; que compreendem gráficos e tabelas, fazendo inferências para além do conteúdo explícito; e se expressam por escrito, elaborando conteúdos próprios, construindo argumentações e emitindo posicionamentos sobre um dado contexto.

Ao longo das nove edições até agora realizadas o INAF tem mostrado, de forma muito clara, duas tendências que muito revelam sobre as múltiplas desigualdades brasileiras (TABELA 1):

- De um lado, uma importante redução na proporção de Analfabetos Funcionais, que passam de 39% para 29% – uma queda de 10 pontos percentuais desde o início dos anos 2000. A queda é expressiva e reflete a importância da universalização do acesso ao Ensino Fundamental e do aumento da escolaridade no país, iniciada na década de 1990.
- De outro, a manutenção praticamente inalterada da proporção de pessoas que podemos classificar como proficientes – em torno de 12% desde o início da série histórica do INAF –, caracterizada por uma maior proporção de pessoas de renda mais alta, de cor branca, com pais mais escolarizados, residentes nas regiões mais ricas do país.

Em síntese, é importante celebrar os avanços, sem, no entanto, esquecer que temos ainda 40 milhões de brasileiros e brasileiras excluídos do mundo letrado!

A evolução do alfabetismo funcional no Brasil reflete os dados educacionais, que mostram que, em grande medida, a ampliação da “quantidade de educação” (mais crianças, adolescentes e jovens na escola, permanecendo nela por um maior número de anos) não tem correspondido a avanços na “qualidade de educação”, capaz de promover o domínio de habilidades de letramento e numeramento.

**Tabela 1:**

INAF / Brasil – Níveis de Alfabetismo – 2001 a 2018 (POPULAÇÃO BRASILEIRA DE 15 A 64 ANOS)

	2001-2002	2002-2003	2003-2004	2004-2005	2007	2009	2011	2015	2018
Analfabeto	12%	13%	12%	11%	9%	7%	6%	4%	8%
Rudimentar	27%	26%	26%	26%	25%	20%	21%	23%	22%
Elementar	28%	29%	30%	31%	32%	35%	37%	42%	34%
Intermediário	20%	21%	21%	21%	21%	27%	25%	23%	25%
Proficiente	12%	12%	12%	12%	13%	11%	11%	8%	12%
Analfabetos funcionais	39%	39%	38%	37%	34%	27%	27%	27%	29%
Funcionalmente alfabetizados	61%	61%	62%	63%	66%	73%	73%	73%	71%

Com efeito, os dados do INAF mostram que, embora exista uma forte correlação entre escolaridade e níveis de alfabetismo, há uma proporção significativa de casos que fogem à regra:

- Quase duas em cada dez pessoas (18%) que não frequentaram a escola adquiriram habilidades de letramento em outros contextos de vida, situação semelhante à verificada junto aos 29% daqueles que frequentaram no máximo os quatro (e mais recentemente cinco) anos iniciais do Ensino Fundamental e aos 21% que atingiram o nível elementar ou até mesmo o nível consolidado de alfabetismo.
- É no grupo dos que cursaram os anos finais do Ensino Fundamental que começam a aparecer evidências das desigualdades educacionais e no qual se verifica que, mesmo tendo frequentado a escola por seis a nove anos, pouco menos da metade (45%) atinge somente o nível elementar e, ainda mais grave, 34% ainda podem ser classificados como analfabetos funcionais. Por outro lado, 21% das pessoas com esse mesmo grau de escolaridade conseguiram avançar para o nível intermediário (17%) ou mesmo o proficiente (4%).
- A mesma disparidade pode ser verificada dentre os que cursaram ou concluíram o Ensino Médio. Nessa etapa, quando seria esperado que todos tivessem consolidadas suas habilidades de letramento e numeramento, o INAF indica que isso ocorre somente em 45% dos casos, enquanto 42% continuam no nível elementar e 13% ainda são classificados como analfabetos funcionais.
- Por fim, dentre os que frequentaram ou concluíram o Ensino Superior, apenas 34% podem ser considerados proficientes no grau de domínio das habilidades que caracterizam o alfabetismo; 37% permanecem no nível intermediário e 29% nos níveis elementar e rudimentar, com competências claramente insuficientes para absorver os conteúdos do Ensino Superior e de preparar-se adequadamente para realizar suas expectativas de atuação no mundo do trabalho e desempenhar de maneira plena seu papel nas múltiplas dimensões da vida em uma sociedade letrada.

## Alfabetismo, hábitos e práticas de leitura

As evidências sobre as limitações em termos de letramento de grande parcela dos brasileiros e brasileiras entre os 15 e os 64 anos apontadas pelo INAF ajudam a compreender seus hábitos de leitura de livros, revelados em grande detalhe pela pesquisa Retratos da Leitura no Brasil. Em especial, teremos como foco os *não leitores*, definidos como aqueles que declararam não ter lido nenhum livro – impresso ou digital, ao todo ou em parte – nos últimos três meses, mesmo que tenham lido nos últimos 12 meses.

O hábito de ler livros, como mostram os dados a seguir, não é homogêneo em todas as faixas etárias: a maior proporção de leitores de livros é encontrada nas faixas das crianças de 5 a 10 anos (71%) e dos adolescentes entre 11 e 13 anos (81%) e entre 14 e 17 anos (67%), período em que a grande maioria está na escola; à medida que a idade avança, decresce a proporção de leitores, com não leitores superando a proporção de leitores a partir dos 40 anos (TABELA 2).

Em síntese, o perfil de leitores e não leitores fica ainda mais claro quando se observa que:

- enquanto crianças e adolescentes dos 5 aos 17 anos representam 20% da população brasileira com 5 anos ou mais, seu peso chega a 28% entre aqueles que leram pelo menos partes de um livro nos três meses anteriores à

entrevista e não passa de 12% entre os não leitores;

- já o grupo acima dos 50 anos, equivalente a 28% do universo do estudo, representa apenas 20% dos leitores de livros e 38% dos não leitores.

Esses dados ressaltam a importância do papel da escola e da escolaridade como indutoras de um comportamento leitor:

- durante a etapa de escolarização – em especial nos anos finais do Ensino Fundamental –, em que se observa uma maior proporção de leitores de livros;
- como espaço de desenvolvimento de habilidades de letramento, que moldarão as competências e os hábitos de leitura ao longo da vida.

Ao aprofundar as reflexões sobre o papel da escola para a formação de hábitos e práticas de leitura de livros nos departamentos com um paradoxo: é justamente na etapa da escolarização, em que se lê com maior frequência – anos finais do Ensino Fundamental –, em que começam a se configurar as limitações de letramento que impedirão o desenvolvimento de leitores competentes e autônomos.

Como indica a Tabela 3, a série histórica da Retratos da Leitura no Brasil mostrou que a proporção de pessoas que declararam ter ou não ter lido nenhum livro nos três meses anteriores à entrevista tem oscilado em torno de 50% desde 2007. Em 2019 a proporção de não leitores foi de 48% (TABELA 3):

**Tabela 2:**

*Retratos da Leitura no Brasil – 2019 (BRASIL – POPULAÇÃO DE 5 ANOS OU MAIS POR FAIXAS ETÁRIAS)*

	5-10 anos	11-13 anos	14-17 anos	18-24 anos	25-29 anos	30-39 anos	40-49 anos	50-69 anos	70+ anos
Leitores	71%	81%	67%	59%	55%	53%	45%	38%	26%
Não leitores	29%	19%	33%	41%	45%	47%	55%	62%	74%

**Tabela 3:***Retratos da Leitura no Brasil – 2019 (BRASIL – POPULAÇÃO DE 5 ANOS OU MAIS)*

	2007	2011	2015	2019
Leitores	55%	50%	56%	52%
Não leitores	45%	50%	44%	48%

O crescimento da proporção de não leitores não se dá de forma homogênea por faixas etárias, e sim com maior incidência nas faixas etárias dos 14 aos 17 e dos 18 aos 24 anos (TABELA 4):

**Tabela 4:***Retratos da Leitura no Brasil – 2019 x 2015 (BRASIL – POPULAÇÃO DE 5 ANOS OU MAIS POR FAIXAS ETÁRIAS)***Proporção de não leitores**

	5-10 anos	11-13 anos	14-17 anos	18-24 anos	25-29 anos	30-39 anos	40-49 anos	50-69 anos	70+ anos
2015	33%	16%	25%	33%	41%	43%	52%	59%	73%
2019	29%	19%	33%	41%	45%	47%	55%	62%	74%
Varição	4 p.p.	3 p.p.	12 p.p.	18 p.p.	4 p.p.	4 p.p.	3 p.p.	3 p.p.	1 p.p.

Os dados do estudo trazem ainda indicações de que o crescimento de não leitores pode estar associado ao aumento das formas de entretenimento relacionadas às tecnologias de comunicação. Com efeito, quando perguntados sobre quais das atividades realizam em seu tempo livre e com que frequência (sempre, às vezes ou nunca), os entrevistados indicam uma ampliação da importância das plataformas digitais (TABELA 5):

- Embora a TV – citada por dois a cada três dos entrevistados – permaneça como a principal forma de entretenimento no tempo livre, essa opção mostrou uma queda nas respostas “sempre”, de 73% para 67%, entre a edição de 2015 e a de 2019.
- No sentido oposto, o uso assíduo da internet avançou de 47% para 66%; o do WhatsApp, de 43% para 62%; e o das redes

sociais – Facebook, Twitter ou Instagram –, de 35% para 44%.

- Nesse mesmo espaço de tempo, entre 2015 e 2019, a proporção de pessoas que declararam ler livros como forma de entretenimento permaneceu constante em 24% entre 2015 e 2019, o mesmo ocorrendo com a leitura de jornais, revistas e notícias.
- Interessante notar o crescimento daqueles que declararam escrever em seu tempo livre, que passou de 21% em 2007 para 40% em 2015 e chegou a 46% em 2019, crescimento esse possivelmente também relacionado à escrita em espaços digitais.

Note-se que entre adolescentes e jovens a proporção dos que realizam grande parte dos itens mediados por tecnologias foi ainda maior.

**Tabela 5:**

Retratos da Leitura no Brasil – 2019 (BRASIL – POPULAÇÃO DE 5 ANOS OU MAIS POR LEITORES E NÃO LEITORES)

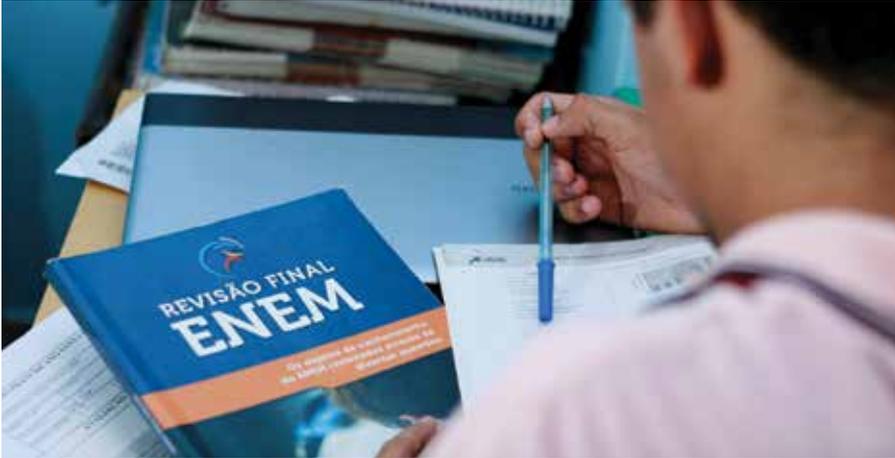
	Total Brasil 5+ anos	Leitor/Não leitor		Idades em destaque	
		Leitores	Não leitores	14 a 17 anos	18 a 24 anos
<b>ITENS RELACIONADOS AO MUNDO DIGITAL</b>					
Usa a Internet	66%	75%	56%	85%	89%
Usa WhatsApp	62%	68%	55%	74%	88%
Usa Facebook, Twitter ou Instagram	44%	50%	38%	66%	71%
<b>OUTRAS FORMAS DE ENTRETENIMENTO</b>					
Assiste à televisão	67%	66%	68%	64%	60%
Escuta música ou rádio	60%	65%	55%	68%	75%
Assiste a vídeos ou filmes em casa	51%	60%	41%	65%	66%
Escreve	46%	60%	31%	61%	45%
Reúne-se ou sai com amigos ou família	44%	49%	40%	53%	52%
Pratica esportes	25%	30%	20%	44%	32%
Lê jornais, revistas ou notícias	24%	33%	15%	13%	24%
<b>Lê livros em papel ou livros digitais</b>	<b>24%</b>	<b>40%</b>	<b>7%</b>	<b>24%</b>	<b>27%</b>
Passeia em parques e praças	21%	25%	17%	26%	22%
Desenha, pinta, faz artesanato ou trabalhos manuais	17%	22%	11%	16%	10%
Joga games ou videogames	16%	19%	12%	31%	22%
Vai a bares, restaurantes ou shows	14%	13%	14%	11%	17%
Vai a cinema, teatro, concertos, museus ou exposições	6%	8%	3%	7%	8%
Não faz nada, descansa ou dorme	18%	17%	18%	21%	17%

O comparativo entre *leitores* e *não leitores* traz, de maneira inequívoca, evidências da desigualdade de oportunidades entre os dois grupos. Correlações demonstradas tanto na pesquisa Retratos da Leitura no Brasil quanto no INAF entre hábitos e práticas de leitura com o grau de escolaridade e deste com a renda explicam, em parte, uma menor exposição dos indivíduos *não leitores* a atividades culturais e de lazer, um menor acesso a fontes de informação e, por consequência, um menor repertório para a leitura de mundo.

Quanto à *maior propensão de adolescentes e jovens* em relação a conteúdos e formatos disponíveis em aplicativos de mensagens, redes sociais e demais *plataformas e formatos digitais*, é necessário

reconhecer que o ambiente digital parece estabelecer conexões e vínculos com indivíduos nessa faixa etária que precisam ser avaliados e melhor compreendidos para construir, no espaço digital, estratégias capazes de fortalecer as competências de letramento junto a esse público.

Se, numa primeira camada, os espaços digitais costumam propor textos breves, com uma linguagem mais simples e fortemente apoiados por recursos audiovisuais, permitindo a pessoas com limitado letramento superar as dificuldades e avançar na leitura, isso não significa que esse leitor possa interagir e usufruir da potência dos conteúdos em suas multimodalidades. Mais uma vez, tais limitações excluirão o leitor não proficiente.



A associação dos achados do INAF aos da Retratos da Leitura no Brasil propõe uma hipótese de investigação que merece ser aprofundada:

*Estariam os conteúdos e as dinâmicas escolares – especialmente nos anos finais do Ensino Fundamental – desconectados do uso social da língua portuguesa e da matemática a ponto de limitar as possibilidades de que boa parte dos estudantes avancem e consolidem as habilidades de alfabetismo, estabelecendo-se assim desigualdades de aprendizado que marcarão suas trajetórias de vida?*

*Como assegurar que, passada a etapa de alfabetização, redes de ensino, gestores escolares e educadores continuem a ter foco na consolidação do letramento e do numeramento, de maneira transversal a todas as disciplinas e áreas do conhecimento, com intencionalidade explícita de consolidar, especialmente nos anos finais do Ensino Fundamental, o domínio dessas habilidades por todos os estudantes?*

*Em que medida o ambiente digital pode converter-se em um espaço privilegiado para explorar essas possibilidades?*

Ampliar, a partir dessas pistas, a aproximação de conteúdos escolares às

práticas sociais de adolescentes e jovens, especialmente no contexto das múltiplas linguagens presentes no ambiente digital, se apresenta não apenas como uma boa oportunidade, mas talvez como a via mais promissora para ampliar o letramento da população brasileira e incorporar parcelas importantes de nossa sociedade no universo da leitura de livros.

**“Letramento não é método.**

**Não é um conteúdo, ninguém ensina letramento. É um conceito que ajuda a pensar questões relativas à linguagem. A leitura e a escrita não acontecem no vácuo, acontecem como práticas sociais de sujeitos situados, nas quais estão imbricadas relações de poder. Estão implicadas habilidades, mas não são habilidades. São práticas sociais, por isso são variadas, algumas valorizadas e outras não.”<sup>2</sup>**

FORTE: INAF – INSTITUTO PAULO MONTENEGRO

<sup>2</sup> MENDONÇA, Márcia; BUNZEN, Clécio.

Letramentos em espaços educativos não escolares: os jovens, a leitura e a escrita. São Paulo: Ação Educativa, 2015.

## Sobre as pesquisas

### **Retratos da Leitura no Brasil:**

tem como principal objetivo conhecer o comportamento do leitor quanto à intensidade e à forma de leitura, suas limitações e motivações, bem como conhecer as condições de leitura e a forma de acesso ao livro. Após um primeiro estudo em 2001, em 44 municípios em 19 unidades da federação, tendo como universo de referência a população de 14 anos ou mais, a pesquisa Retratos da Leitura inicia um novo ciclo em 2007, com amostras representativas

da população de 5 anos ou mais em todo o território nacional. Nesses mesmos moldes o estudo foi repetido em 2011 e 2015. Em 2019, na sua 5ª edição, contou com 8.076 entrevistas. Em sua mais recente edição, o estudo explora ainda as representações sociais da leitura. <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>



**INAF – Indicador de Alfabetismo**

**Funcional:** permite estimar os níveis de alfabetismo da população e compreender seus determinantes. O estudo é realizado por meio de entrevistas presenciais a uma amostra representativa da população brasileira de 15 a 64 anos, em todas as regiões do país, com aplicação de um teste cognitivo no qual solicita-se ao entrevistado respostas a questões relativas a situações do cotidiano que requeiram a leitura, a escrita e/ou o raciocínio matemático. São utilizados

diferentes tipos de suporte, formato e gênero textual, que reportam a situações de diversos âmbitos: família, comunidade, consumo, educação formal e continuada, trabalho, política, religião. Os itens que compõem o INAF são parametrizados pela TRI – Teoria de Resposta ao Item (em inglês, IRT – Item Response Theory) para classificar os indivíduos de acordo com seu desempenho (*proficiência*) na escala INAF. É aplicado também um questionário contextual para obter as características sociodemográficas dos respondentes, bem como seus hábitos de leitura, escrita e uso de raciocínio matemático.  
<https://ipm.org.br/inaf>

**\* Ana Lucia Lima** Economista, atuou como CEO do IBOPE Media Research. Dirigiu entre 2005 e 2015 o Instituto Paulo Montenegro (IPM), uma organização sem fins lucrativos apoiada pelo Grupo IBOPE com foco na educação. Participou da criação e é responsável pela gestão do INAF – Indicador de Alfabetismo Funcional.

Fundou a Conhecimento Social, uma empresa de consultoria que combina a experiência em pesquisa com a gestão de programas sociais.



Rita Jover-Faleiros\*

# Leitores que perdemos pelo caminho

*Os perfis do leitor de literatura: do aluno-leitor ao professor-leitor*

## > **As escolas formam leitores de literatura?**

A 5ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, cuja série histórica tem início em 2007, oferece recursos consistentes para tentar responder a essa pergunta de diferentes formas: colhendo dados significativos sobre a relação dos brasileiros com o livro e a leitura do ponto de vista de suas intensidade, forma, limitações, motivações e representações, por meio dessa iniciativa de fôlego que se materializa em um levantamento de âmbito nacional no qual 8.076 respondentes (brasileiros e brasileiras com 5 anos ou mais, alfabetizados ou não), distribuídos por 208 municípios nas cinco regiões do país, falam sobre o mundo dos livros e dos leitores – literários ou não – na escola e fora dela.

Em primeiro lugar, de fato a leitura dos números produzidos por esta edição da pesquisa atualiza os dados de uma realidade não particularmente alvissareira no tocante à escolaridade

da população como um todo: dos 8.076 respondentes, 80% têm 18 anos ou mais, mas, do ponto de vista da escolarização, a maior concentração dos respondentes concluiu apenas o Ensino Fundamental (22% concluíram o Ensino Fundamental I; 22%, o Ensino Fundamental II) e 7% não foram alfabetizados e/ou não frequentaram a escola formal; 32% estão concentrados no Ensino Médio; e 16%, no Ensino Superior. Em outras palavras, a maioria dos respondentes adultos não concluiu seu processo de escolarização. Se considerarmos que a escola está absolutamente estruturada em sua organização, em seus objetivos, em suas terminalidades, no desenvolvimento de práticas de letramento de uma cultura eminentemente escrita, esse retrato inicial já indica que a formação de leitores literários nesse processo é só um dos elementos que provavelmente se perdem no caminho do árduo processo de acesso à escola e do estímulo à permanência escolar no Brasil do século XXI, que seguem sendo um passivo em nosso



processo histórico de democratização do ensino.

Nesse quadro geral, a presente edição da pesquisa mostra uma tendência de queda no número de leitores:<sup>3</sup> em 2019, 52% da população, contra 56% em 2015, ou seja, uma redução de 4,6 milhões de leitores no Brasil em 4 anos.<sup>4</sup> Em 2020, é possível afirmar que 52% da população brasileira com 5 anos ou mais leram um livro ou parte de um livro nos últimos três meses e que 48% declararam não haver lido nem um livro, nem parte de um ao longo dos últimos três meses (mais de 90 milhões de brasileiros com mais de 5 anos de idade).

Dentro desse quadro geral, a 5ª edição da pesquisa detém-se de maneira mais atenta na investigação do leitor de literatura – um segmento novo em relação às quatro edições precedentes. Podemos, dessa forma, desenhar com maior nitidez – em relação às edições prévias – os contornos da imagem dos leitores e das relações que estabelecem com as manifestações literárias, permitindo-nos avaliar quem são eles, por que, o que, onde e como leem, e relacionar esses números à escolarização e às faixas etárias, circunscrevendo os dados obtidos, dessa forma, à esfera da escola com o intuito de responder à pergunta inicial:

### ***As escolas formam leitores de literatura?***

À luz dos dados trazidos pela pesquisa, é possível afirmar que a escola forma, sim,

<sup>3</sup> *Para fins de coleta de dados, um “leitor” é definido como alguém que leu um livro ou parte dele nos últimos três meses e os dados acima mencionados consideram a penetração da leitura no intervalo dos últimos 12 meses quando da realização da coleta.*

<sup>4</sup> *De acordo com os dados oferecidos pelo IBOPE Inteligência (responsável pela aplicação da pesquisa), a população brasileira com 5 anos ou mais (pré-requisito para os respondentes) equivale a 193 milhões de habitantes.*

de maneira geral, leitores; mas que talvez a escola não forme leitores literários – nem em número, nem em qualidade – na medida que gostariam ou esperariam os diferentes atores políticos responsáveis pelos processos formativos no âmbito da escolarização e a sociedade civil como um todo.

Essa percepção, entretanto, não é nova nem simples e exige, para além dos dados atinentes à 5ª edição da pesquisa, refletir sobre as concepções e expectativas de formação escolar e sua relação com a literatura, que, ousamos avançar aqui, se constituem em um palco de debates e disputas no campo há muitas décadas.<sup>5</sup> Mais recentemente, a primeira década dos anos 2000 assistiu a uma série de publicações (no Brasil e fora dele)<sup>6</sup> que tematizaram a questão acima a partir de outra visada: pesquisadores e/ou professores, notadamente universitários e da área dos estudos literários, questionavam a própria pertinência do ensino da literatura nos currículos escolares. Se, por um lado, é possível considerar que o enfrentamento da polêmica (*Para que serve a literatura? Por que ler literatura? Por que estudar literatura?*) seja mesmo tarefa de pesquisadores do campo e que os questionamentos enunciados de diferentes formas em seus textos operem como artifício retórico, acionando uma cadeia argumentativa em defesa da pertinência e do interesse dos estudos literários nos currículos escolares, por outro, observamos que o conjunto dessas publicações aponta para a pertinência da pergunta e para os necessários ajustes de

<sup>5</sup> *Não se tratando do foco de nossa discussão neste texto. Para situar o debate em seu corte longitudinal, sugerimos as leituras seminais de Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1991) e Márcia Abreu (1999, 2006).*

<sup>6</sup> *Sendo a lista bastante extensa e em não se tratando aqui de discorrer sobre esse recorte específico da questão, sugerimos a leitura de Claudete Daflon dos Santos; Silvio Renato Jorge (2014).*

rota no tocante aos modos como o ensino da literatura e a formação de leitores literários<sup>7</sup> são pensados na escola, a fim de que haja maior consonância entre as razões por que lemos e estudamos literatura na escola e as razões por que lemos literatura fora dela, conciliando – uma hipótese de trabalho? – o leitor literário (que lê porque gosta de ler literatura, seja porque aprendeu a gostar na escola e/ou em outros contextos) com o leitor que estuda literatura na escola. Entendemos que pode se tratar, com efeito, de práticas de leitura desempenhadas por um mesmo sujeito, para quem a atividade de leitura é investida de diferentes sentidos em suas diferentes formas, mas que essas diferentes práticas de leitura estão federadas em um mesmo leitor.

Assim, a propósito da reiterada dúvida, cabem algumas considerações: por um lado, a aceitabilidade dos questionamentos,<sup>8</sup> da própria formulação da pergunta, que enunciaria um senso comum, tácito e cristalizado, segundo o qual, num mundo

<sup>7</sup> *Entendemos ser necessário distinguir o processo de formação de um leitor literário do ensino formal da literatura como disciplina escolar. Esta última opera uma objetificação do texto literário, transformando-o em algo passível de ser ensinado e aprendido, enquanto a formação do leitor literário é entendida por nós como um processo não obrigatoriamente formalizável em sua aquisição e seu desenvolvimento e que integra as práticas sociais de leitura da ordem do vivido e experienciado não somente em sua transitividade disciplinar – leio para aprender algo –, mas na abrangência que pode implicar seus papéis no tecido social de diferentes formas, em diferentes meios, por diferentes razões.*

<sup>8</sup> *Uma rápida consulta à página Google acadêmico não apontou trabalhos em cujo título constasse: “Por que estudar biologia?” ou “Matemática para quê?” ou ainda “A Química em perigo”. É possível identificar, entretanto, artigos que lançam a luz da dúvida em outras áreas, explicitando as justificativas para que o estudo de filosofia, história e literatura constem dos currículos escolares.*

contemporâneo altamente tecnológico, a literatura não “serviria” para nada;<sup>9</sup> por outro, a profusão de respostas geradas a essa “dúvida” (Para que serve a literatura?) em pesquisas, congressos acadêmicos, grupos de trabalho, artigos, livros e debates aponta, sim, para um hiato entre as razões por que, o que e como se lê literatura na escola, bem como a pertinência e o sentido dessas práticas de leitura fora da escola.

Entendemos, pois, que os questionamentos elencados antes (considerados a partir de pontos de vista distintos) são duas faces de uma mesma insistente percepção de que falharíamos como sociedade, traduzida institucionalmente por políticas educacionais, orientações curriculares, práticas metodológicas, ao (não) formar uma sociedade de leitores de literatura. Destacamos que essa percepção de fracasso, como já foi mencionado antes, não é novidade no Brasil, como observa, por exemplo, El Far (2006) a propósito dos hábitos de leitura dos brasileiros no início do século XX, ao narrar o contraste entre as diferentes percepções a esse respeito entre o cronista João do Rio e Olavo Bilac, poeta, cronista e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Enquanto João do Rio afirmava que “o Brasil de fato lia”, ao observar “o movimento intenso das livrarias e o número cada vez maior de mercadores ambulantes de livros” pelas ruas do Rio de Janeiro, Bilac, apoiado pelos dados censitários que indicavam o alto índice de analfabetismo e pelas “constantes queixas de eminentes romancistas que mal conseguiam esgotar as primeiras edições de suas obras” (El Far, 2006), afirmava o oposto.

As tensões em jogo na diacronia desse binômio “formação de leitores literários pela escola e a literatura em perigo (na escola?)” passam, com já observado, pelos modelos

<sup>9</sup> *E aqui não podemos deixar de lembrar, com o poeta Manoel de Barros, que “a poesia é inútil, porém, necessária”.*

de formação desenhados pelos currículos escolares, pela seleção das obras literárias a serem lidas na escola, mas também – e não menos importante – passam pelas obras literárias que não são lidas na escola, mas que conhecem expressivo sucesso fora dela em seus diferentes formatos; passam pelas abordagens e objetivos da leitura de textos literários em contexto didático, dessa forma constituindo-se como a dimensão visível a todos – especialistas da área ou não – dos tensionamentos implicados em cada um dos aspectos já elencados. Tensionamentos para os quais se encontram respostas de diferentes ordens porque o mundo do livro e o mundo da leitura são práticas sociais e históricas e, portanto, sujeitas às transformações experienciadas para além dos muros da escola, palco também dos debates entre conservação e mudança, entre paradigmas e expectativas de formação e acesso à cultura letrada.

Convidamos, pois, os leitores deste texto a nos acompanharem nessa primeira mirada dos dados gerados por esta 5ª edição, não a partir de expectativas e crenças referentes à leitura literária (e, nessa perspectiva, os dados podem, sim, servir para confirmar o que se crê pela observação do cotidiano de que não lemos nem muito, nem bem no Brasil), mas sim a partir do quadro concreto que ela desenha e dos caminhos possíveis que ela projeta.

O hábito da leitura, os desenvolvimentos do mercado editorial nacional e o advento, lento, da democratização do acesso à escolarização são, com efeito, elementos fundamentais para que se inscrevam, historicamente, as relações absolutamente imbricadas entre a) práticas de leitura, b) publicação e circulação dos livros e c) o ensino da literatura. Na tríade que descreve a leitura como um processo interativo em que estão em jogo três componentes estáveis e indissociáveis – a saber, o leitor, o texto e o contexto –, a leitura, entendida aqui como coconstrução de uma imagem mental do lido, é um resultado do encontro desses três

componentes articulados, inexoravelmente, aos elementos aqui elencados. Daí decorre um dos aspectos fulcrais da relevância da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil para o campo, ao franquear acesso ao conjunto do que chamamos aqui de situações de leitura em contexto formal de aprendizagem de literatura e práticas correntes de leitura literária não escolares.

### Leitores que perdemos pelo caminho?

Segundo os dados da pesquisa, sabemos que a maior parte daqueles que são classificados como leitores estuda atualmente. Quando nos lembramos da definição do que se considera um “leitor” nos termos da pesquisa, esse dado reforça a definição com que se trabalha, pois o ambiente escolar é, como já observamos, organizado e atravessado pelas práticas de uma cultura predominantemente escrita. Esperar-se-ia, em princípio, que todo estudante se declarasse leitor; chama a atenção, pois, o fato de que não é isso que os números mostram.<sup>10</sup>

Na base de dados da pesquisa, dos 8.076 entrevistados, 4.270 são leitores, 2.335 são leitores de literatura e 2.559 dos respondentes leem literatura exclusivamente em “outros formatos”. Assim, depreendemos que há um contingente de leitores de literatura que não lê literatura no papel. Esse é um destaque que nos parece importante sinalizar porque dá a ver um leitor cujas práticas de leitura não passaram forçosamente pelo papel

<sup>10</sup> *Esses estudantes não entendem o estudo como uma forma de leitura? Não lhes foi pedido que lessem ao longo dos três meses que antecederam a pesquisa? Eis aqui uma pista interessante de investigação acerca das representações sobre declarar-se “leitor” que, em razão dos limites materiais deste texto, não poderá ser desenvolvida.*

impresso – sobretudo se considerarmos as novas gerações de leitores que progressivamente são mais expostas às telas dos dispositivos eletrônicos e aprenderam a ler em contextos hipermediáticos e multimodais, para quem o volume impresso de capa dura não é investido dos mesmos sentidos e representações, ao se verificar os números da pesquisa, como o foram para as gerações analógicas que aprenderam a ler a tinta preta no papel, muitos dos quais seus atuais professores.

Com o advento do ensino remoto, do trabalho remoto, do isolamento social, experienciados ao longo do ano de 2020 no contexto da pandemia, é possível que o impacto desse evento de crise sanitária seja identificado nas próximas edições da pesquisa, acarretando transformações mais importantes nas relações entre os leitores, os livros e a escola.

Do ponto de vista da escolarização, o maior contingente de leitores de literatura, no papel e em outros formatos, está concentrado entre o segmento do Ensino Fundamental II e o Ensino Médio. Em relação à classe social e à renda, a concentração de leitores de literatura (no papel e em outros formatos) está entre as classes B e, principalmente, C (49% dos leitores de literatura da classe C, contra 4% da classe A, por exemplo) e, do ponto de vista da renda, a maior concentração de leitores de literatura está entre os que têm renda familiar entre dois e dez salários mínimos. No tocante aos livros de literatura lidos, a média total entre os entrevistados é 0,28 livro de literatura indicado pela escola lido nos últimos três meses, contra a média de 0,81 livro de literatura lido “por vontade própria”.<sup>11</sup> A média global de obras literárias lidas integralmente pelos respondentes é de 0,64 livro nos últimos três meses para o conjunto da população. Já entre os leitores de livros, a média cresce substancialmente para 5,04

<sup>11</sup> Em ambas as médias, não se distinguem a leitura de um livro inteiro ou de parte dele.

livros lidos, 2,04 livros lidos integralmente, 3,13 livros lidos voluntariamente e 1,23 livro de literatura lido nos últimos três meses. Dentre os leitores de literatura, a média de livros lidos pelo mesmo parâmetro sobe para 6,32 livros em três meses, 3,91 livros lidos voluntariamente e 2,28 obras literárias lidas integralmente.

É possível observar, pois, que a média de obras lidas (todos os tipos) é maior entre os leitores de literatura em geral, com apenas uma ligeira distinção entre aqueles que declaram ler a Bíblia “por vontade própria”: entre leitores em geral, a média de leitura da Bíblia é de 0,46; entre os leitores de literatura que leem espontaneamente a obra, é de 0,42.<sup>12</sup> Se o fomento à leitura é uma política propalada por muitos governantes, os números colhidos pela 5ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil indicam que os leitores de literatura leem mais de maneira geral.

No tocante à motivação, 26% dos leitores afirmam que leem porque gostam, e essa é sua principal motivação para ler. Esse grupo de leitores espontâneos é composto por 48% de respondentes de 5 a 10 anos, 33% de 11 a 13 anos e 24% de leitores entre 14 e 17 anos. Outros 17% (segunda motivação mais enunciada) leem com a finalidade de “crescimento pessoal”, entre os quais, 24% dos respondentes de nível superior. Já entre leitores de literatura, 38% afirmam haver lido o último livro “por gosto”. Se considerada a faixa etária, há um relevante número de leitores voluntários – que leem “por gosto” – concentrado entre os 5 e os 17 anos de idade (período da vida em que provavelmente estão na escola), e esse número decresce à medida que aumenta a faixa etária. Nesse sentido, o fato de o indicador de 48% de respondentes que afirmam ler por gosto estar situado na faixa etária entre 5 e 10 anos de idade nos parece apontar para

<sup>12</sup> A pesquisa traz as médias globais distribuídas por região, dado bastante relevante que registra a heterogeneidade dos hábitos de leitura no Brasil.

uma percepção inicial da relação com o livro e a leitura bastante positiva, mas que progressivamente vai diminuindo com o avanço da idade e do processo de escolarização.

Quando interrogados sobre a leitura de literatura (contos, crônicas, romances ou poemas) não exigida pela escola, a leitura “por vontade própria” de acordo com a pesquisa, a maioria (54%) afirma não ler literatura; mas, quando observados por faixa etária, na grande faixa dos 5 aos 17 anos, os números apontam para leitores de literatura que leem porque querem de maneira mais expressiva do que os demais (24% dos respondentes leem ao menos uma vez por semana de forma espontânea), notadamente na faixa etária dos 11 aos 13 anos, ou seja, na idade ideal de alunos do Fundamental II.

Diretamente relacionado à leitura que se realiza espontaneamente pelos leitores está o gosto pela leitura. A 5ª edição registra, assim, um aumento dos números, apontando para uma valorização da leitura ao longo das edições da pesquisa desde 2007. Em 2019, 45% afirmaram gostar “um pouco” de ler (43% em 2015, 37% em 2011 e 39% em 2007); 31% afirmaram gostar “muito” de ler (30% em 2015, 25% em 2011 e

23% em 2007) e, por fim, o número daqueles que afirmam “não gostar de ler” oscila na faixa entre 23% e 22% de 2007 a 2019. Chamam a nossa atenção dois aspectos no intervalo verificado: se, por um lado, há um progressivo – mas tímido? – aumento de pessoas que afirmam gostar “um pouco” de ler, por outro, o número de pessoas que afirmam “não gostar de ler” aumenta também progressivamente em pessoas com Ensino Superior e nas classes sociais A e B no intervalo entre a 4ª e a 5ª edição da pesquisa.<sup>13</sup>

Quanto à faixa etária, destacamos, mais uma vez, o gosto pela leitura manifestado pelos respondentes de 11 a 13 anos: 36% gostam “muito” de ler e 62% gostam “um pouco”. Esses números sofrem redução a partir dos 18 anos até a faixa de

<sup>13</sup> *Aqui cabe interrogarmo-nos sobre as condições em que essa mudança se fez: tratar-se-ia de uma diminuição efetiva no número de pessoas que gosta de ler ou, no intervalo entre 2015 e 2019, essa alteração estaria relacionada à redução das políticas governamentais de fomento ao livro e à leitura ou ainda a uma assunção de que “não gostar de ler” não seria mais um demérito. Trata-se de pista de investigação a ser explorada futuramente.*



respondentes mais velhos, em que 24% gostam “muito”, 34% gostam “um pouco” e 31% não gostam.

Entre os leitores de literatura, 54% afirmam gostar “muito” de ler, 43% gostam “um pouco” e 3% não gostam de ler. Entre os leitores de literatura em “outros meios”, 28% gostam “muito” de ler, 54% gostam “um pouco” e 17% não gostam de ler. Podemos destacar, quanto ao suporte – literatura lida em “outros meios” –, que há diferenças de comportamento tanto no apreço à leitura quanto na singularidade de um segmento de leitores que afirmam ler literatura “apenas em outros meios”, apontando para padrões de consumo e de representação da leitura distintos daqueles dos leitores de literatura “onívoros” – para os quais o suporte não é excludente e que preferem ler no papel (70% dos leitores de literatura preferem ler literatura impressa no papel, enquanto 16% preferem livros digitais e 14% são indiferentes ao suporte), mas aceitam ler em outros suportes.

Entre os leitores de literatura, é importante observar que o papel exercido pelo professor na indicação de leituras é relevante: 52% atribuem a um professor a motivação para ler literatura, 50% leem literatura motivados pelas adaptações

em outros suportes (filmes, séries) que suscitaram o desejo de ler a obra original<sup>14</sup> e, entre os leitores em geral, 15% afirmam que o gosto pela leitura foi transmitido

<sup>14</sup> *Aqui o tema a ser investigado é fulcral por mais de uma razão, seja pelo advento das sagas, séries, adaptadas a partir de uma obra literária impressa (cf. O Senhor dos anéis, Harry Potter) ou mesmo de um evento singular na cultura do entretenimento, em que uma saga, originalmente criada no formato tradicional de livro impresso, foi concluída em seu formato “série de televisão”, mas não no formato livro. Estamos falando aqui do advento da série Game of Thrones, epicentro de polêmicas em nível mundial em razão das soluções de desfecho narrativo para as personagens que não estavam ainda escritas, pois o sucesso da série teria ofuscado a conclusão de sua versão escrita. Os desfechos da narrativa – quem morre, quem tem direito ao trono e afins, foram em grande parte “recusados” por muitos fãs da série, que, para além das fanfics – em que os desfechos são virtualmente inesgotáveis –, manifestaram a não aceitabilidade do modo como encerrou-se a série, gerando um fenômeno de recepção bastante rico a ser estudado do ponto do horizonte de expectativas da audiência dos fãs.*





por professores. Esses dados nos parecem particularmente relevantes por implicar um ator que, em princípio, operaria como um mediador protagonista para a formação de leitores literários em contexto escolar. Se é possível afirmar, a partir dos números da pesquisa, que há uma crescente perda de interesse pela leitura da infância à idade adulta, essa perda está localizada, de maneira mais evidente, na passagem do Ensino Fundamental para o Ensino Médio. Por que não conseguimos estimular, ou pelo menos manter, esse interesse nas séries subsequentes? Qual o papel do professor nesse processo?

### Os professores são leitores? O que eles leem?

Dentre o corpo docente entrevistado pela pesquisa, 80% são leitores, 43% são leitores literários e 52% estão lendo atualmente. A prática da leitura é disseminada entre os professores e professoras das cinco regiões do país de maneira relativamente homogênea; destacamos o índice mais baixo na amostra, com percentual de 68%, de professores leitores no Nordeste, e uma concentração mais alta de professores leitores (92%) na região Norte.

Os dados da pesquisa referentes aos professores<sup>15</sup> dão conta de um corpo docente

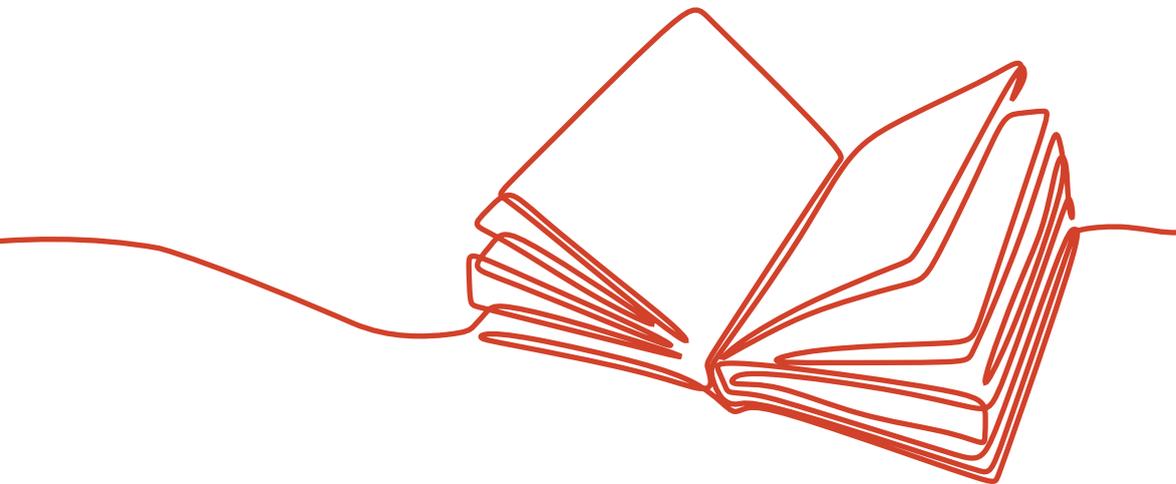
<sup>15</sup> Os dados referentes ao corpo docente foram recortados do total, correspondendo a 8% dos respondentes, que são professores, trabalham ou já trabalharam na área da educação, além de terem mais de 18 anos e o Ensino Médio completo.

que, em sua maioria, gosta de ler (63%) e tem livros em casa (94%). Não é possível precisar quais as disciplinas ministradas pelos respondentes, mas é possível saber o que esse grupo de leitores está lendo ou leu recentemente. Os oito títulos mais citados coincidem, em alguma medida, com as obras citadas pelos leitores em geral: a Bíblia é a obra mais citada e permeia todos os levantamentos de leitura com papel incontestado.<sup>16</sup> Os demais oscilam entre clássicos da literatura nacional, como *Dom Casmurro*, best-sellers que formaram gerações de leitores, como *Harry Potter*, e livros de autoajuda. Cabe observar o registro das bases baixas no número de obras citadas para avaliar sua representatividade do ponto vista estatístico. Quanto aos autores citados, a lista é também bastante heterogênea: autores literários, educadores, historiadores, autores de autoajuda, líderes religiosos.

<sup>16</sup> *Não por acaso, associam-se a leitura e o livro à Bíblia. Não saberíamos precisar, por meio dos dados levantados, se a população de leitores é fervorosamente cristã, mas sem dúvida alguma, como nos lembra Arlindo Machado (1994) em seu artigo “Fim do livro?”: “Nós nos acostumamos a chamar de livro ao que, na verdade, é uma derivação do modelo do código cristão.” Assim, desde o advento da impressão de livros, progressivamente passou-se a nomear as Escrituras Sagradas de “livro”.*

É difícil, à luz desses dados, delinear um perfil leitor comum, mas destacamos dois aspectos: a literatura brasileira aparece materializada pela referência inexorável a Machado de Assis, que traduz uma visada plenamente legítima de obra literária que já está disponível ao grande público em diferentes suportes (filmes, HQ, séries, memes) e cuja leitura é exigida com frequência para fins de entrada no Ensino Superior nos concursos de acesso; e a ausência de autores nacionais contemporâneos de poesia e prosa. Poderíamos aventar a hipótese de que, para a grande maioria dos professores entrevistados, haja um grupo de leituras comuns, grandes obras que devem ser ensinadas e outro grupo de leituras de entretenimento, sem conseqüências nem ganhos em seu estudo, sem a legitimidade social prevista por uma cultura escolar letrada, que reforça essa distinção, apontada por nós inicialmente, entre a leitura literária como uma finalidade em si, uma leitura de fruição, cujo gesto é espontâneo, e a leitura literária canônica, a ser estudada, mas que não é prevista a partir dessa visada de lazer, sendo uma leitura transitiva que serve a um fim que não está nela.

Não por acaso, perdemos leitores ao longo do processo de escolarização. Uma das hipóteses para essa perda se deve à transição



entre o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, quando mudam significativamente as razões por que e o modo como se lê literatura na escola. Ora, se levarmos em conta o que dizem ler os professores, a lista de obras mencionadas não se distingue substancialmente das obras mencionadas pelos demais leitores que responderam à pesquisa; em outras palavras, aquilo que é referido por eles, professores, se aproxima daquilo que é referido, em última análise, por seus alunos-leitores. Não deveríamos esperar por um repertório de obras mais variado e, no tocante à literatura, mais numeroso? Mas, se a série histórica serve como um espelho retrovisor dos diferentes Retratos da Leitura no Brasil nos últimos 12 anos, é pertinente considerar que uma parte dos jovens entrevistados em 2007, ardorosos leitores de 13 anos, seja, atualmente, jovens professores que emulam práticas de leitura e do ensino da literatura de maneiras muitas vezes naturalizadas e por vezes irrefletidas, em que as razões para fazê-lo são mais uma obrigação curricular, compulsória, do que um exercício de aprendizagem de si, do outro, das possibilidades de fabulação, das diferentes dimensões de alteridade que a literatura literária pode promover, ou seja, uma atividade esvaziada de sentido em sua dimensão mais individual e subjetiva, que se confundiria com as demais disciplinas: tabela periódica, equações de segundo grau, classes gramaticais e gêneros literários. Mas, afinal, é para isso que “aprendemos” a ler literatura? Como promover a coexistência efetiva entre uma formação para leitura literária e o ensino formal da literatura, em que ambas as práticas podem gerar um círculo virtuoso no qual os leitores – professores e alunos – possam federar os diferentes modos de leitura que me parecem inerentes à cultura letrada contemporânea: poder discutir as diversas manifestações estéticas, saber e conhecer o que nossos alunos leem e como se relacionam com as diferentes práticas de leitura de modo a promover uma articulação de saberes

– e não sua segmentação disciplinar –, formando leitores literários não porque dominam determinado corpo de leituras obrigatórias, mas sim porque estabelecem relações de sentido que passam por uma dimensão de subjetividade, de diálogo, que os prepare para ler, potencialmente, todo e qualquer texto.

## Considerações finais

Escrevo estas páginas enquanto uma pandemia de dimensões globais promove transformações na vida social cujos impactos ainda estão longe de ser dimensionados e que, muito provavelmente, trará em seu bojo implicações no modo como vivemos em diferentes aspectos de nossa existência durante e depois do confinamento social, do risco mais tangível e iminente da morte em larga escala – perspectiva essa que as novas gerações do mundo ocidental contemporâneo pós *baby boom* na segunda metade do século XX conhecem pelas narrativas dos mais velhos, por registros históricos e pela produção artística, como o retrato de uma Espanha em guerra civil registrado por Picasso em *Guernica*, passando pelas acomodações e os questionamentos suscitados pelo compulsório ensino a distância em contexto de isolamento social, bem como pelas possíveis transformações do mundo do trabalho diante das adaptações do mundo às restrições sanitárias.

Temas como a relação dos leitores com os diferentes suportes (a página do livro, a folha xerocada, o livro eletrônico, o PDF, as diferentes telas, tablets, monitores, celulares, projetores e afins), as escolhas de leitura e as razões por que, como e de que forma se lê literatura podem vir a conhecer significativas transformações. Lembramos, com o historiador do livro e da leitura Roger Chartier (1996), que a “leitura é **sempre** uma prática encarnada em gestos, espaços e hábitos”, razão pela qual

aguardamos com impaciência pela 6ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, que possivelmente nos descortinará, em razão de sua abrangência e seu rigor, as dimensões desse impacto para o mundo do livro e da leitura.

### Referências bibliográficas

- ABREU, Márcia. *Cultura letrada*. São Paulo: Unesp, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Leitura, história e história da leitura*. São Paulo: Mercado das Letras, 1999.
- CHARTIER, Roger. *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- EL FAR, Alessandra. *O livro e a leitura no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- FAILLA, Zoara (org.). *Retratos da leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A leitura rarefeita: livro e literatura no Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1991.

- MACHADO, Arlindo. "Fim do livro?". *Revista de Estudos Avançados*, vol. 8, n. 21. São Paulo, maio/agosto de 1994.
- SANTOS, Claudete Daflon dos; JORGE, Silvio Renato. "Literatura e ensino: um tema e seus problemas". *Gragoatá*, n. 37, 2º semestre de 2014, pp. 177-200.

**\* Rita Jover-Faleiros** Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo, mestre e doutora em Letras pela Universidade de São Paulo e com pesquisa na área da didática da leitura literária. Dentre suas publicações destaca-se *Leitura de literatura na escola (Parábola editorial, 2013)*, livro organizado com Neide Rezende e Maria Amélia Dalvi.



Idmea Semeghini-Siqueira\*

# O encantamento das crianças pelos livros e pela leitura nas famílias e nas escolas: letramento emergente e alfabetização

*Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. [...]*

*Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito.*

ANTONIO CANDIDO

## > **A possibilidade de sonhar e de ler com fluência é um direito de toda criança**

Encantamento, imaginação e ludicidade são três palavras que retratam o envolvimento das crianças com poesias e histórias – contidas nos livros de

Arte Visual & Literatura Infantil – que abrirão as portas para um novo universo: a aprendizagem da leitura nos meios impressos e digitais, os biletamentos ou multiletamentos.<sup>17</sup>

As brincadeiras que envolvem a oralidade (cantigas, rimas, jogos de palavras, parlendas), a mediação da leitura pelo diálogo, na família e na escola, são atividades que propiciarão as oportunidades iniciais de letramento emergente, preparatórias para que a alfabetização ocorra de modo lúdico e eficaz, sem sofrimento, produzindo encantamento pelas palavras, pela linguagem.

Vale enfatizar, também, que o termo “alfabetização” não está obrigatoriamente relacionado ao ato de escrever. O fato

<sup>17</sup> O termo em inglês “literacy” foi traduzido em Portugal por “literacia” e, no Brasil, por “letramento”. Esse termo foi proposto por Mary Kato em 1986, no livro *No mundo da escrita*. Uma perspectiva psicolinguística, editado pela Ática.





de a criança saber ler/compreender é condição suficiente para considerá-la alfabetizada. De outro modo, seriam necessariamente analfabetas quaisquer pessoas impossibilitadas de escrever (por problemas físicos) mesmo que soubessem ler/compreender (Semeghini-Siqueira, 2011).

A leitura é um direito de todo cidadão, necessário para a constituição de seres humanos plenos com aptidão para análise, crítica e potencialmente capazes de usar a imaginação, de inovar. São recorrentes essas afirmações sobre o significado da palavra “leitura” como ação que dignifica o ser humano, possibilita o acesso ao conhecimento e a interação dialógica.

No Brasil, entretanto, tendo em vista o objetivo de minimizar as desigualdades sociais, é preciso encontrar caminhos que avancem além da aviltante constatação de que muitas crianças não desfrutam, desde o nascimento, do convívio com fontes letradas. Nesse sentido, a realização de pesquisas e de propostas no âmbito das políticas públicas tem desempenhado papel relevante.

Deve-se ressaltar que as discussões sobre essa temática, neste texto, visam à mediação presencial, sobretudo em ambiente escolar. Atualmente, em função da pandemia de Covid-19, ainda está incerto como será o retorno às atividades presenciais nas escolas. Entretanto, será preciso recomeçar!

### **> Alertas e contribuições de pesquisas relacionadas à leitura**

O ponto de partida deste texto é a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil 5, realizada pelo Instituto Pró-Livro a partir de 2007, da qual participa o IBOPE Inteligência, e que, nesta quinta edição de 2019, conta com a parceria do Itaú Cultural. Essa pesquisa incluiu em sua amostra crianças de 5 a 10 anos, além de várias faixas etárias até 70 anos ou mais. Dos inúmeros dados existentes, dentre aqueles a serem apresentados e discutidos posteriormente, ressaltamos que houve um aumento do interesse das crianças pela leitura de livros que contêm

imagens e textos, mas que os jovens estão dedicando menos tempo à leitura de livros. Dados dessa pesquisa – Retratos 5ª edição – trazem contribuições muito relevantes para o problema em questão e apontam a necessidade de reflexões sobre a criança pequena, tanto na família como na escola – Educação Infantil.

Quanto à pesquisa de âmbito internacional sobre avaliação, PISA, os resultados têm constituído um forte alerta, apontando o grau reduzido de proficiência em leitura de nossos jovens de 15 anos egressos do Ensino Fundamental II (EF II). Em 2000, eram 32 países e o Brasil ocupou o último lugar. Em 2019, dos 79 países, a posição foi a 58ª, muito abaixo da pontuação dos países desenvolvidos.

Além do PISA, as avaliações nacionais, como o IDEB (2019), têm sido muito esclarecedoras, indicando que a aprendizagem da leitura proficiente é um problema a ser solucionado com urgência para o Brasil inserir os jovens no século XXI.

Com relação às crianças, em pesquisa que envolveu Brasil e Japão, Kishimoto (2009, p. 462) ressalta a importância da ludicidade na infância:

*Brincar e educar são dimensões necessárias para desenvolver o ser humano. Concebido como a atividade mais importante da fase infantil, o brincar é o caminho para uma educação mediada pelo adulto. Ao respeitar o protagonismo infantil e a inserção da criança na cultura, o brincar e o educar ocupam espaço na educação, proporcionando aprendizagens que geram desenvolvimento* (VYGOTSKY, 1984).

Essas pesquisas, entre outras, estão deixando cada vez mais evidente que, com relação às crianças pequenas, sobretudo das classes socioeconomicamente vulneráveis, será preciso, na Educação Infantil – creche e pré-escola – aguçar a percepção pelas diferentes linguagens de forma lúdica, propiciando o despertar da imaginação

criadora para que se envolvam com a aprendizagem da leitura (Semeghini-Siqueira, 2002; 2013a). Segundo Read (1986, p. 62), convém lembrar que “sem interesse, a criança não começa a aprender; sem concentração, não é capaz de aprender; sem imaginação, é incapaz de utilizar criativamente o que aprendeu”.

Isso significa que os órgãos públicos precisam reorientar a concepção de alfabetização, atualmente centrada no ensino da escrita, para uma concepção de processo que tem início no fortalecimento do letramento emergente lúdico – oralidade e leitura – e passa naturalmente/posteriormente para a leitura e a escrita convencionais. Para esse segundo momento, no Ensino Fundamental, Soares (2020) apresenta resultados de pesquisas em que alfabetização e letramento caminham lado a lado.

É preciso também lembrar que, além da *leitura com os olhos* (de imagens, de palavras, da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS), é possível *ler com as mãos* (a datilologia para o surdo-cego, a escrita em Braille para o cego, os sistemas pictográficos em material tridimensional) e também *ler com os ouvidos* (pela leitura com os olhos do outro: presencial ou por meio de gravação). Ao ouvir histórias ou notícias lidas pelos professores, as crianças internalizam o discurso escrito, portanto aprendem a organização do texto escrito, ampliam o vocabulário, capacitando-se para recontar, ressignificando o que ouviram.



### > **Linguagem verbal e não verbal: o hibridismo no decorrer das leituras**

Há sempre uma linguagem mediando a interação entre os seres humanos. O termo “leitura” remete a LINGUAGEM VERBAL (palavras, orais ou escritas) e a LINGUAGEM NÃO VERBAL (imagens, cores, sons, movimentos, gestos...). O hibridismo, ou a mistura do verbal com o não verbal, ocorre nas línguas, nas artes visuais, nas artes cênicas, nas artes audiovisuais e permeia todas as tecnologias de informação e comunicação. Simultaneamente, lemos: palavras/textos, imagens, formas, volumes, planos, cores, luzes, movimentos, sons, olhares, gestos, acontecimentos... Fazemos leituras. Utilizamos o nosso universo interior perceptivo e cognitivo-ideológico a fim de que se processe a leitura por meio do diálogo entre nós e o objeto lido (Bakthin, 1987; Semeghini-Siqueira, 1999).

No livro *O sítio da mente: pensamento, emoção e vontade no cérebro humano*, Schützer-Del Nero (1997, pp. 11-13) procura inventariar todos os tópicos que “parecem relevantes para uma visão unificada do fenômeno do surgimento da mente a partir do cérebro humano”. Ressalta que “a mente não é só pensamento/cognição, mas também emoção e vontade – todos os três contracenando no grande palco da consciência”. Quando nos debruçamos sobre as relações *mente-cérebro* com o intuito de compreender um pouco mais sobre como ocorre a aprendizagem da leitura, deparamo-nos com a importância desses três componentes e com o fenômeno da plasticidade cerebral, com efeitos muito significativos nos primeiros anos de vida das crianças, sobretudo nas famílias de leitores.

Além desses três componentes mencionados, consideramos relevantes os inúmeros questionamentos apresentados por Wolf (2019) no livro *O cérebro no mundo digital: os desafios da leitura em nossa era*, para refletirmos sobre a educação

das crianças e dos jovens na atualidade. No decorrer das “cartas”, a autora propõe o biletamento, que as crianças sejam duplamente letradas, tanto em livros impressos como em leitura digital. Após elencar várias perguntas, na página 128 ela acrescenta: “E por fim, o que podemos fazer contra os potenciais efeitos negativos das diferentes mídias sobre a leitura, sem perder suas contribuições imensamente positivas para as crianças e para a sociedade?”

Em função do breve espaço que nos cabe nesta publicação, ressaltamos somente que a autora focaliza a atenção, a concentração e a memória na “era da distração”, discute as implicações para a “leitura profunda” e, na carta número 6 – “Do colo para os computadores de colo (Laptops) nos cinco primeiros anos. Não vá tão depressa” –, focaliza a criança pequena. Wolf (2019, p. 155) esclarece:



*Como afirmam tanto Andrew Piper quanto Naomi Baron, a leitura não tem a ver somente com o cérebro das crianças pequenas; envolve o corpo como um todo: elas veem, cheiram, ouvem e sentem os livros. E, se os pais forem indulgentes e compreensíveis, também os saboreiam. Isso não acontece com a tela que não tem colo. Colocar na boca um iPad não é exatamente a mesma coisa. Ver, ouvir, morder e tocar os livros ajudam as crianças a fixar o melhor das conexões multissensoriais e linguísticas, naquele período que Piaget chamou apropriadamente de estágio sensório-motor do desenvolvimento cognitivo.*

A seguir, quando Wolf ressalta que “linguagem e pensamento levantam voo juntos nesse período”, lembramos que o desenvolvimento do letramento emergente requer dedicação/mediação intensiva dos adultos para introduzir, ludicamente, as crianças no universo da leitura.

➤ **Famílias de leitores: oportunidades que as crianças, desde bebês, desfrutam com relação ao letramento emergente**

O desenvolvimento da oralidade, da interação dialógica (fala e escuta) e consequentemente do letramento emergente tende a ocorrer de modo natural em famílias de leitores, com amplo repertório cultural e que dispõem de recursos e de tempo para interagir com as crianças. Desde bebês, a mãe/o pai lendo livros com/para a criança no colo é uma cena aconchegante e diária, em geral, fotografada. São livros que pertencem à biblioteca da família! Esse precioso tempo dedicado pelos pais ao brincar livre, às brincadeiras, às cantigas, à música, aos jogos de palavras, aos diálogos e progressivamente à contação de histórias, à leitura de poemas, ao manuseio para exploração dos livros-álbuns ou

livros de Arte Visual & Literatura Infantil amplia a memória discursiva e afetiva das crianças, nutrindo mente e cérebro, portanto expandindo o repertório cultural e linguístico. São atividades básicas, vivenciadas em famílias de leitores, imprescindíveis para as crianças desde a primeira infância.

Para explicitar a importância desse conjunto de atividades com as crianças pequenas, recorremos a Vygotsky (1998) no livro *O desenvolvimento psicológico na infância*. Esse livro contém seis conferências que tratam da percepção, da memória, do pensamento, das emoções, da imaginação e da vontade. Ao focalizar a imaginação, Vygotsky (1998, p. 123) esclarece que

*o processo de desenvolvimento da imaginação infantil, assim como o processo de desenvolvimento de outras funções superiores, está seriamente ligado à linguagem da criança, à forma psicológica principal de sua comunicação com aqueles que a rodeiam, isto é, à forma fundamental de atividade coletiva social da consciência infantil.*

➤ **Famílias de crianças das classes vulneráveis: quais causas inter-relacionadas interferem no seu desenvolvimento?**

Para avançar na formação das crianças das classes afetadas pelas desigualdades sociais, temos de refletir sobre duas causas a partir dos dados da pesquisa Retratos 5.

A primeira refere-se às fontes restritas de letramento no contexto familiar: baixa escolaridade dos pais (confirmada pelos dados) e renda familiar restrita – observando somente os extremos, 34% recebem até um salário mínimo e 1% recebe mais de dez salários. Provavelmente, esses fatores produzem, como consequência, ausência do conjunto de atividades mencionadas inerentes a famílias de leitores.

Como segunda causa é preciso ressaltar o aporte educacional frágil a que certamente essas crianças tiveram acesso na Educação Infantil (creche e pré-escola), que pode ser sintetizado pela ausência de recursos para provocar sua criatividade, suas habilidades comunicativas e suas explorações físicas, como: brinquedos, jogos, materiais para desenhar/pintar, instrumentos musicais, livros-álbuns ou livros de Arte Visual & Literatura Infantil, cartazes a serem afixados nas paredes com letras de música, varal com poemas, tela em que são projetadas imagens e textos. Além disso, temos de considerar as condições inadequadas para atuação dos professores, devido ao tempo insuficiente/inexistente, no contexto do trabalho, para a autoformação e para o planejamento de atividades por meio das quais possam realizar a mediação de forma lúdica.

Há, portanto, fortes evidências de que é necessário investir em atividades de que propiciem o encantamento pela oralidade e a leitura na Educação Infantil (creche e pré-escola) de modo a favorecer o letramento emergente de todas as crianças na primeira infância, nesse período de intensa plasticidade cerebral, importante para a aprendizagem (Semeghini-Siqueira, 2013 b).

› ***Dados da pesquisa Retratos 5 confirmam e explicitam as “justificativas” para as dificuldades ao ler: foco nas crianças de 5 a 10 anos***

Tendo em vista as edições anteriores da Retratos, a porcentagem de livros lidos por crianças apresentou um relativo aumento. Isso é muito importante. No entanto, questionado sobre as causas de possíveis dificuldades ao ler, o grupo de crianças que se encontra em fase de alfabetização apresentou as seguintes justificativas: sentir-se muito cansado para ler (1%); não ter paciência para ler (2%); ter dificuldades para ler (4%); não ter bibliotecas por perto

(4%); preferir outras atividades (5%); falta de tempo (7%); não gostar de ler (8%); não saber ler (65%).

Esses dados referentes às dificuldades ao ler, sobretudo os 65%, resultantes de uma pesquisa de âmbito nacional com crianças de 5 a 10 anos no Brasil, constituem um alerta extremamente significativo da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil 5 para refletirmos sobre o que teria ocorrido quando eram crianças ainda mais novas, período em que teriam direito a uma Educação Infantil de qualidade. Temos de caminhar em busca de solução!

› ***“Atualmente está lendo algum livro?”: as respostas de crianças e jovens em foco***

Segundo a Retratos 5, responderam afirmativamente à questão: 51% das crianças de 5 a 10 anos; 46% dos jovens de 11 a 13 anos e 37% dos jovens de 14 a 17 anos.

As crianças estão lendo mais livros do que os jovens. É importante lembrar que, nessa faixa etária, os livros em que predominam as imagens são os mais acessíveis, pois há pouco texto verbal. Por outro lado, os dados nos alertam também para os 49% das crianças que não estão lendo nenhum livro atualmente! Além de livros, muitas crianças de 5 a 10 anos são vistas comumente com seus celulares ou tablets, acessando games, animês e podcasts literários. Na internet, elas preferem os vídeos e os filmes (75%). Há ainda os gibis que 54% das crianças estão lendo.

Quanto aos jovens, há inúmeras explicações para o interesse decrescente pela leitura de livros. Faremos referência a duas. A primeira explicação diz respeito ao fato de que, quando eram crianças, não tiveram a oportunidade de desfrutar de um letramento emergente lúdico nem na família, nem na escola (Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental). Portanto não tiveram acesso a vivências

básicas, em atividades de oralidade e de leitura, para desenvolverem fluência ao ler, necessária para que a compreensão ocorra sem sofrimento.

A segunda explicação para os jovens que frequentam o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio estarem lendo menos nos remete às “justificativas” sobre as dificuldades ao ler. Se não foi desenvolvida a competência leitora, como é possível “gostar de ler”? Nesse momento os jovens se defrontam com textos mais complexos e dificilmente têm acesso a bibliotecas bem equipadas com títulos que poderiam despertar seus interesses. Os resultados do PISA, já mencionados, têm confirmado que o desenvolvimento da leitura proficiente ainda não ocorreu para muitos jovens.

Uma terceira explicação, indicada pelos dados, que não exclui as duas anteriores, é o uso do tempo dos jovens preferencialmente dedicado à plataforma digital, que será discutido em outro capítulo deste livro. Para os jovens, a urgência de investimento das escolas nos multiletramentos, relacionados às Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), é uma realidade no mundo atual.

### **> Dados da Retratos 5, já focalizados, constituem alerta fundamental sobre letramento emergente**

Este alerta aponta a necessidade de um tempo extra, de uma recuperação lúdica intensiva do processo de letramento emergente no 1º ano do Ensino Fundamental, anterior ao processo deliberado de alfabetização.

Para justificar essa necessidade ou esse direito, partimos da hipótese de que a maior parte das crianças de 5 a 10 anos da pesquisa não teve acesso a duas oportunidades: família de leitores e Educação Infantil – creche e pré-escola – de qualidade. O que poderia ser feito?

No 1º ano do Ensino Fundamental é imprescindível viabilizar essa recuperação, dedicando um precioso tempo diário, por meio de um programa intensivo, ao contato mediado das crianças com inúmeros livros-álbuns ou livros de Arte Visual & Literatura Infantil, para que possam se encantar com os livros: explorando, lendo palavras e imagens, comentando, imaginando novas histórias, criando colaborativamente livros impressos ou virtuais, entre outras atividades. Esse programa é uma estratégia significativa para nutrir a memória discursiva e afetiva, que terá, necessariamente, de anteceder as atividades de “aprender a escrever”, evitando a “urgência da alfabetização” para muitas crianças que ainda necessitam desse aporte, inerente ao letramento emergente.



### > **O ingresso eficaz no universo da leitura e da escrita com encantamento**

Na primeira infância, desde a Educação Infantil, vivências que possibilitam um letramento emergente lúdico aumentarão suas probabilidades de sucesso escolar nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Tendo em vista que um dos objetivos de uma escola de qualidade é oferecer oportunidades para que todas as crianças brasileiras possam se tornar leitores competentes/proficientes, é preciso ressaltar a necessidade de inserir essas estratégias, que encantam as crianças, desde a Educação Infantil, com recursos apropriados.

Se, anteriormente, ocorrer um período intenso de atividades voltadas ao letramento emergente lúdico, por meio de atividades de oralidade e leitura, recorrendo aos diversos gêneros textuais, as estratégias para aprendizagem da escrita não serão sofridas, não deixarão estigmas que provoquem dificuldades e o “não gostar de ler”!

Essa imersão inicial em atividades diárias de leitura de livros de Arte Visual & Literatura Infantil facilitará a aprendizagem da leitura e da escrita, despertando o prazer de ler. Consequentemente, o memorizar poemas ou letras de músicas, o tentar ler sem saber ler ou o fazer de conta que lê, o contato com os conjuntos de letras móveis, nas brincadeiras para formação de palavras, entre outras atividades, são estratégias que ocorrerão de forma harmoniosa.

As crianças, ao interagirem com os materiais escritos, começam a refletir sobre o funcionamento e as características da escrita, elaboram hipóteses, constroem ideias sobre como se lê e para que se escreve: é um jogo de adivinhação, de descoberta.

### > **A urgente instalação de Salas de Múltiplas Linguagens nas escolas públicas desde a Educação Infantil**

Na ausência de ambientes adequados, sem materiais destinados a despertar habilidades artísticas, sem acesso a acervos de livros, que povoam mente-cérebro com fantasias, as crianças não conseguem se envolver, pois recebem “lápiz e papel” e são convidadas a “copiar letras”! Os professores não têm opção! Faltam investimentos nas escolas. Os resultados dessa “estratégia de alfabetização sem recursos”, chancelada pelo governo, não têm sido satisfatórios. O brincar está ausente. Não há “capas de livros” pelas quais as crianças se guiam para escolhê-los. Quando há livros de Arte Visual & Literatura Infantil, 38% das crianças os escolhem pela capa: as imagens as atraem, as encantam.

A partir dos dados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil 5, que incluem alertas sobre as dificuldades de crianças e jovens ao ler, o contexto escolar precisa ser reinventado.



Em artigo do livro *Infância e suas linguagens*, Pinazza e Gobbi (2014, p. 36) formulam questões que apontam caminhos ou propostas para reflexões sobre os ambientes a serem imaginados/projetados para acolher as crianças:

*O que fazer para que o rico e vasto mundo das artes se conecte ao mundo infantil? Como criar relações em que imaginação, poesia, literatura, teatro cheguem às crianças aproximando-se delas? É factível integrar linguagens – ou reintegrar quando trabalhamos numa perspectiva não integrada do conhecimento – de modo a compreendê-las também como elaborações em que arte e ciência estejam juntas de modo respeitoso?*

Para colocar em prática essas propostas, portanto, é urgente que cada escola pública de todos os municípios do Brasil receba investimentos para criar ambiente acolhedor e instigante – Sala de Múltiplas Linguagens – com a participação dos diversos atores.

As instâncias governamentais devem fazer uso adequado dos recursos públicos direcionando-os para a efetiva melhoria das condições estruturais das escolas e das condições de trabalho e formação permanente dos profissionais da educação pública e gratuita.

Os diretores devem empenhar-se na gestão e organização de recursos, ou seja, na obtenção de diversos materiais, como almofadas, jogos e brinquedos, cadernos para desenho, giz de cera, instrumentos musicais, folhas e canetas para cartazes, livros (impressos, digitais, em braile e em áudio), computadores e outros recursos tecnológicos, além de colaborarem na gestão da dimensão pedagógica.

Os professores entusiastas com condições, conhecimentos e tempo suficientes para imaginar projetos atuarão como mediadores, possibilitando que as crianças apreciem livros e sejam protagonistas, criem narrativas a partir

de imagens dos livros de Arte Visual & Literatura Infantil e contem histórias para seus colegas e familiares, além das inúmeras brincadeiras de faz de conta. Faz-se necessário, portanto, integrar a leitura e a escrita de forma envolvente e significativa para os alunos (Semeghini-Siqueira, 2015).

### > **O papel do Fundeb na formação de leitores no Brasil desde a Educação Infantil**

O Fundeb (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação) poderá criar oportunidades apropriadas às crianças, em todos os municípios brasileiros, tanto na Educação Infantil quanto nos anos iniciais do Ensino Fundamental, se funcionar como mecanismo permanente e redistributivo de financiamento da educação pública; se garantir salários dignos para professores atuarem em tempo integral (não somente com alunos, mas também no planejamento e na autoformação); se viabilizar condições inovadoras de infraestrutura nos ambientes – Sala de Múltiplas Linguagens – para dar conta dos multiletamentos.





Para essas salas, há um imenso legado de livros de literatura de autores nacionais e estrangeiros que encantam pessoas de todas as idades, além dos livros das diferentes áreas de conhecimento que certamente irão despertar o interesse dos jovens leitores.

**› A solução, para que competência em leitura se torne um direito efetivo de todo cidadão no Brasil, requer investimentos. Por onde começar a enfrentar esse desafio?**

Os investimentos em Educação Infantil figuram entre os usos mais eficientes de recursos públicos para mudar a realidade de um país desigual.

A educação de qualidade para crianças e jovens de escolas públicas é uma opção segura, que certamente produzirá impactos na redução das desigualdades sociais, uma vez que escola precária não propicia condições adequadas de trabalho para os professores e, consequentemente, não permite melhorias no desempenho dos estudantes.

É possível assegurar que a existência da Sala de Múltiplas Linguagens é imprescindível para que as estratégias de letramento emergente lúdico tenham início, propiciando o encantamento das crianças pequenas pela leitura.

E, ao investir na primeira infância, o foco estará voltado para a raiz do problema, cuja solução viabilizará a formação dos leitores.

### **Referências bibliográficas**

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- CANDIDO, Antonio. "O direito à literatura". In: CANDIDO, A. *Vários escritos*. 3ª. ed. rev. e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- KISHIMOTO, Tizuko M. "Educação infantil no Brasil e no Japão: acelerar o ensino ou preservar o brincar?". *Rev. Bras. de Est. Ped.*, Brasília, DF, v. 90, n. 225, pp. 449-467, 2009.
- PINAZZA, Mônica A.; GOBBI, Márcia. "Infância e suas linguagens: formação de professores, imaginação e fantasia". In: PINAZZA, M. A.; GOBBI, M. (orgs.) *Infância e suas linguagens*. São Paulo: Ed. Cortez, 2014.

READ, Herbert. *A Educação pela Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

SEMEGHINI-SIQUEIRA, Idmea. “Educação & cultura multi-hipermidiática”. In: *III Congresso de Arte e Ciência — Descoberta/Descobrimentos — Terra Brasilis*. São Paulo: ECA/USP, 1999. v. 2.

\_\_\_\_\_. “O encontro lúdico da criança com a literatura na escola: ambientes acolhedores e instigantes”. In: Vários Autores (orgs.) *PEC — Formação Universitária*. São Paulo: SEE-SP/USP/UNESP/PUC, 2002, v. 2, pp. 303-335.

\_\_\_\_\_. “Recursos educacionais apropriados para recuperação lúdica do processo de letramento emergente”. *Rev. Bras. Est. Pedag.*, Brasília, v. 92, n. 230, jan./abr. 2011, pp. 148-165.

\_\_\_\_\_. “Brincar com linguagens na Educação Infantil: espaço-tempo para falar, ouvir, cantar, representar, desenhar, ler e escrever”. In: KISHIMOTO, T. M. (org.) *Brinquedos e brincadeiras na creche e na pré-escola*. Brasília: MEC- TV ESCOLA / Salto para o Futuro, boletim nº 12, junho 2013 (a), pp. 27-40.

\_\_\_\_\_. “Questões de letramento emergente e do processo de alfabetização em classes do 1º ano do Ensino Fundamental para crianças de 6 anos”. In: KISHIMOTO, T. M.; OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. (orgs.) *Em busca da Pedagogia da Infância: pertencer e participar*. Porto Alegre: Penso, 2013 (b).

\_\_\_\_\_. *Magia / Arte & Informação / Conhecimento na educação de crianças e jovens neste início do século XXI no Brasil*. São Paulo: USP-Faculdade de Educação [tese de Livre Docência], 2015.

SOARES, Magda. *Alfabetizar: toda criança pode aprender a ler e a escrever*. São Paulo: Contexto, 2020.

SCHÜTZER-DEL NERO, Henrique. *O sítio da mente: pensamento, emoção e vontade no cérebro humano*. São Paulo: Collegium Cognitio, 1997.

VYGOTSKY, Lev. S. *O desenvolvimento psicológico na infância*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WOLF, Marianne. *O cérebro no mundo digital: os desafios da leitura na nossa era*. Trad. Rodolfo Ilari e Mayumi Ilari. São Paulo: Contexto, 2019.

**\* Idmea Semeghini-Siqueira** Graduada em Letras Neolatinas, doutora em Linguística e livre-docente em Educação pela USP. Como professora sênior da Faculdade de Educação da USP, atua na pós-graduação. Desde suas interações em cursos de Letras, Licenciatura e Pedagogia tem desenvolvido pesquisas concernentes à Leitura no âmbito da Magia/Arte & Informação/Ciência em textos impressos e hipermidiáticos, visando otimizar o uso de linguagens desde o letramento emergente na infância. Na SEE-SP e na SME-SP, atuou na formação de professores, além de elaborar textos para publicações. Participou de Grupos de Pesquisa do Instituto de Estudos Avançados da USP. Na FEUSP, atua no GP Contextos Integrados de Educação Infantil e coordena o GP Diversidade Cultural, Linguagem, Mídias e Educação.



Maria das Graças Monteiro Castro\*

## Bibliotecas escolares

*– Livros nas estantes ou leituras que conquistam leitores e promovem aprendizagem?*

A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, idealizada e realizada pelo Instituto Pró-Livro desde 2000, configura e legitima um instrumento de medição e avaliação das práticas leitoras e dos equipamentos de leitura no Brasil a partir de concepções de leitura explícitas e implícitas que se configuram na metodologia adotada: uma pesquisa de opinião face a face e autodeclarada. O público pesquisado é o sujeito com mais de 5 anos de idade, alfabetizado ou não, de 208 municípios brasileiros.

O eixo estratégico da pesquisa está na realização de estudos a partir da definição do leitor como aquele que leu, inteiro ou em parte, pelo menos um livro nos últimos três meses, sendo não leitor aquele que declarou não ter lido nenhum livro nos últimos três meses, mesmo que tenha lido nos últimos doze, de qualquer gênero, incluindo a Bíblia e livros didáticos. E a partir de premissas como intensidade, forma, limitações, motivação, representações, condições de leitura e formas de acesso, especificamente

em relação à literatura, medir o comportamento do leitor brasileiro e traçar o seu retrato.

A partir desse perfil, este texto pretende fazer uma abordagem qualitativa dos resultados que se referem à biblioteca escolar e ao seu acervo a partir dos seguintes indicadores da pesquisa: perfil do leitor quanto a idade e escolaridade, o que significa a leitura, preferências e influências de leitura, formas de acesso ao livro e presença e formas de uso da biblioteca na vida desses leitores.

Os dados sobre a queda do número de livros lidos e leitores, quando abordamos a participação da biblioteca escolar nesse processo, devem ser vistos e analisados a partir da concepção e da metodologia que orientou a análise dos resultados. Para tanto, seria prudente apresentar os conceitos que orientarão essa abordagem, a partir da compreensão do que deveria ser uma biblioteca escolar e de como seu acervo deveria ser composto, para enfim apresentar os resultados que emergem da 5ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil.



### > ***A biblioteca da escola e a formação do leitor***

Partindo do pressuposto de que a leitura é um ato construído socialmente, as ações de leitura devem ser constituídas não só com as mais diversas formas de registro escrito, mas também – e fundamentalmente – pelo acesso irrestrito aos mais variados suportes de informação. Embora não exclusivo, a escola é um espaço privilegiado das práticas sociais de leitura com textos escritos e cabe a ela a função de também promover o acesso aos diferentes suportes de informação que abrigam esses textos – da literatura ao texto científico. E a biblioteca da escola deveria se constituir como elemento fundamental para que o indivíduo construa o primeiro elo com o capital do conhecimento acumulado ao longo da história cujo registro tenha se dado sob a forma do texto escrito.

Para tanto, torna-se necessário inverter a lógica, tão bem definida por Britto (2009), de que “leitura gera conhecimento” para “conhecimento gera leitura”. Retomando a responsabilidade da escola na oferta dos “objetos culturais além daqueles cotidianos, da cultura de massa, a fim de não se submeter à lógica da literatura como entretenimento descomprometido”, a biblioteca passa a atuar como “um espaço de estudo e acesso ao conhecimento elaborado pela tradição ocidental”.

Nesse sentido, devemos considerar que é na escola que a maioria das crianças brasileiras tem contato com a formalização do texto escrito, por meio do livro didático e da literatura, e caberia à biblioteca garantir e ampliar esse acesso mediante outros suportes informacionais essenciais à formação leitora.

Como espaço de formação contínuo da comunidade escolar, é necessário que a biblioteca organize sua atuação com base na observação de dois aspectos: o fluxo real de informação, ou seja, aquele que alimenta as ações e as demandas da biblioteca, e as



possibilidades pedagógicas que devem ser definidas por intermédio da construção de um planejamento conjunto entre a biblioteca e a escola. E essa articulação deveria ocorrer considerando o segmento educacional em que as bibliotecas estão inseridas: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos.

Uma vez compreendido que a biblioteca é uma das estruturas do sistema organizacional escolar e que deve estar vinculada ao projeto pedagógico e educativo da escola, torna-se imprescindível que sua estruturação e seu funcionamento se deem em face das demandas curriculares específicas de cada nível de ensino atendido e do planejamento pedagógico.

### > ***Os mediadores de leitura: bibliotecários, atendentes ou professores?***

Os mediadores de leitura aqui referidos são, primeira e naturalmente, os bibliotecários que organizam a biblioteca e atuam junto aos estudantes para cumprir a demanda do conhecimento escolar, organizado e dirigido para fins pedagógicos específicos de cada



nível de ensino e área do conhecimento. No entanto, na realidade brasileira essa premissa não se verifica nas bibliotecas escolares. Muitas das vezes, o atendente da biblioteca cumpre apenas a função burocrática de emprestador de livros.

Para que se possa promover o processo formativo do leitor a partir da biblioteca escolar, esta deverá estar inserida no planejamento pedagógico da escola. O trabalho bibliotecário deverá considerar os objetos da educação e as práticas de ensino propostos por cada uma das fases da educação escolar, por meio da inserção da biblioteca como espaço de estudo e acesso ao conhecimento elaborado, espaço de ensinar e aprender, em sintonia com as ações da coordenação pedagógica e dos docentes.

Nesse sentido, a formação dos mediadores de leitura, sejam eles professores ou bibliotecários, deverá garantir a ampliação de seus conhecimentos como leitor e como mediador e formador de leitores, articuladamente, promovendo o desenvolvimento intelectual e social dos alunos. E deverá possibilitar a criação de estruturas mediadoras (estabelecidas pelas especificidades dos diferentes níveis de ensino) entre os estudantes e o livro, assegurando diversidade e qualidade das

obras e promovendo ações mediadoras que atendam às necessidades informacionais e às demandas pedagógicas das diferentes áreas do conhecimento e dos diferentes níveis de ensino.

### › **Como é que se forma o acervo de uma biblioteca escolar?**

O Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB, 2018) considera que o acervo de uma biblioteca escolar deverá ser formado por uma “coleção de livros, materiais videográficos e documentos registrados”. No entanto, essa especificação não assegura a especificidade de cada nível de ensino, das estruturas curriculares e da diversidade cultural do agrupamento escolar. Para que se possa promover um processo de formação contínuo de leitores consoante as premissas expostas, há que se considerar a biblioteca não apenas como um coletivo de livros, mas, conforme afirmam Arrais e Moraes (2004, p. 1), como

*o lugar de descoberta e mudança de representações sobre o mundo e nosso entorno por intermédio da leitura; como espaço para aquisição de habilidades*

*de leitura e fomento da criatividade, de apêndice para tornar-se parte efetiva da escola.*

A formulação para a formação e o desenvolvimento do acervo de uma biblioteca escolar deverá contemplar diferentes formatos e suportes informacionais (impressos e digitais); os conteúdos pertinentes ao planejamento pedagógico de cada nível de ensino; a necessária diversidade textual e os diferentes suportes informacionais necessários à formação das competências leitoras de conteúdos de diferentes gêneros textuais (narrativa, relato, argumentativo, expositivo e instrucional); a inclusão do corpo pedagógico da escola no processo de definição de critérios para análise e seleção do acervo.

Há que se definir parâmetros de análise na formação e no desenvolvimento de coleções capazes de criar referências comparativas para que o adulto mediador do texto possa trabalhar no processo de formação do leitor, seja ele criança, jovem ou adulto. Esses parâmetros não apresentam características rígidas, uma vez que se redefinem a cada nova publicação, e são critérios genéricos voltados para todos os segmentos de ensino. Um critério essencial a se observar na escolha de textos para o público infantil é a sedução de novos leitores por meio de obras capazes de suscitar o desejo de novas leituras. A sedução só ocorre pela qualidade das ilustrações, pela linguagem clara e desafiadora, ou seja, somente quando o leitor for apresentado ao texto com um objetivo primeiro: o prazer.

As crianças não participam dos processos seletivos que têm os adultos como mediadores, mas certamente o fato de esses adultos conviverem com elas não lhes confere autoridade para decidir o que é bom ou o que devem ver ou ler. Só existe uma possibilidade de a censura ser menor no processo e de a criança ser contemplada nos seus desejos: que o adulto mediador da

leitura seja um leitor crítico. E, para que se torne um leitor crítico, o leitor adulto deverá conhecer a produção cultural destinada à criança, com destaque aqui para a produção literária, bem como ter sua sensibilidade aguçada para poder perceber os anseios e as necessidades infantis. É fundamental que tenha sempre em mente que estará selecionando um texto para outra pessoa e que nessa tarefa o primeiro e indispensável critério é sua vinculação às necessidades do futuro leitor.

Assim sendo, partimos da compreensão de que a biblioteca da escola deverá formar seu acervo com uma coleção composta por: obras de referência; história em quadrinhos; contos populares; literatura para crianças e jovens; literatura para jovens e adultos; livros informativos nas áreas de ciências, língua portuguesa e estrangeira, matemática, história, geografia, artes e educação física; e material de apoio teórico e metodológico para os professores das referidas áreas.

E aqui ressaltaremos a importância de estabelecer diferenças entre o texto literário e o texto informativo. A literatura não tem a motivação e a intencionalidade preexistente de informar e formar. Se isso acontece, deixa de ser literatura. A obra literária, em particular, e a obra de arte, em geral, não têm preocupação com o rigor conceitual. Qual seria a função da ficção para um sujeito em formação como a criança? A narrativa de ficção é produto da cultura e, como tal, representa o que se diz do humano: suas misérias, contradições, diferentes vidas e diferentes mundos possíveis. Um bom texto literário não é produzido sob demanda temática, identitária ou ideológica, ou mesmo atendendo a modismos requeridos pelo mercado. Ele não pode ser definido antecipadamente nem representar o que o mercado define como infantil ou juvenil ou que a escola define como funcional ou utilitário.

Deve-se ter em mente que a literatura de qualidade para crianças e jovens deve ser a menos funcional possível, porque a arte e

a literatura, como uma de suas expressões, são um reino do particular traduzido pelo imaginário. A literatura para crianças e jovens traduz representações do mundo pela perspectiva do escritor, do poeta e do ilustrador.

Já o texto informativo é uma tentativa, como bem apresentam Souza e Castro (2004, pp. 1-3), de síntese entre a arte e a ciência, e nele há compromissos éticos, estéticos e científicos. Seria o espaço de encontro das possíveis metáforas capazes de traduzir em palavras a realidade do texto informativo. A zona de contato entre essas duas estruturas guarda características dos dois sistemas – a arte e a ciência –, formando um terceiro, por meio das relações determinadas por ambas as partes. Para estabelecer os parâmetros de avaliação do livro informativo, Carlos de Souza e Castro (2004, pp. 8-10) apresentam pressupostos a serem considerados e que podem ser agrupados em quatro categorias: linguagem, conteúdo, estrutura e características físicas.

Assim, percorremos alguns conceitos que auxiliarão nas análises dos resultados da 5ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil a seguir.

### ➤ ***Percorrendo os resultados da pesquisa***

Analisaremos os resultados da 5ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil a partir de cruzamentos de informações e das escolhas conceituais expostas sobre o perfil do leitor e sua relação com a idade e a escolaridade; o significado de leitura para esse leitor; as preferências de leitura reveladas a partir das formas de acesso; e a presença e o significado da biblioteca escolar na formação do leitor.

Considerando a definição de leitor adotada e os resultados apresentados, podemos identificar um sujeito com idade entre 5 e 24 anos, agrupado pelas etapas de ensino: Fundamental I, Fundamental II,

Ensino Médio e Ensino Superior. Mesmo apresentados de forma fragmentada, os resultados da pesquisa estão interligados e as respostas determinam a compreensão do perfil desse leitor. O leitor efetivo é aquele que lê para fins escolares e está diretamente influenciado pelas indicações e exigências do professor. Para conhecer e compreender essa determinação é necessário considerar a complexidade existente na tentativa de identificação de um comportamento leitor.

A objetividade das perguntas e das respostas aponta para uma idealização e uma fetichização presentes em pesquisas de opinião. A comparação dos resultados e sua análise apenas fomenta debates e reflexões que precisariam ser contextualizados e aprofundados. Ao identificarmos o processo de leitura efetivo como uma tarefa escolar, não podemos deixar de considerar que ele foi pautado apenas por indicadores quantitativos: número de livros ou partes de livros lidos em um determinado período de tempo. As características ou a qualidade da leitura realizada não podem ser apanhadas em sua prática, metodologia e mediação quando a pesquisa está pautada na autodeclaração do entrevistado.

A constatação de que o leitor declarado se encontra na escola diante de imposições práticas e didático-pedagógicas e tendo como foco a leitura de literatura merece investigações mais contundentes, em especial quando nos referimos às diferentes etapas do ensino. O itinerário de cada uma das etapas de ensino aponta para o tipo de leitura e seus usos, e certamente o valor que possui e a quantidade de livros lidos não define um leitor nem cria as condições necessárias para que o sujeito se reconheça como tal.

Nesse sentido, outra questão emerge dos dados da pesquisa: a participação do professor é determinante na busca e leitura de um livro, é ele quem estabelece a trajetória de leitura a partir de concepções que integram o uso do texto no contexto pedagógico e certamente conduzirá o

processo de forma a atender as necessidades de cada etapa de ensino.

Nesse contexto, podemos compreender o protagonismo do professor e também que, apesar de a leitura ser uma prática que não se finda após o período escolar, é na escola que ela se inicia e se qualifica, ou não, pelas mãos do educador. E para que possa realizar seu trabalho, em especial nas escolas públicas, o professor necessita ter acesso a suportes informacionais que sustentem sua prática cotidiana e ter domínio dos processos de leitura e formação do leitor. A formação continuada dos professores torna-se condição para a qualificação desse processo.

Apesar do senso comum de que a escola não tem conseguido promover a formação do sujeito leitor, a pesquisa nos apresenta uma contradição: é na escola e pela influência do professor que o leitor tem surgido. Tomando como referência quem indicou o último livro para a faixa etária entre 5 e 17 anos, o professor aparece como o maior responsável. Quando se pergunta pelo interesse pela literatura nessa mesma faixa etária, a escola e o professor surgem como os maiores influenciadores. No conjunto desses indicadores, o bibliotecário ou o atendente da biblioteca são pouco referenciados.

Quando analisamos as preferências de leitura reveladas a partir das formas de acesso e a presença e o significado da biblioteca escolar na formação do leitor, podemos perceber a invisibilidade e a falta de dados concretos desse equipamento social. Os dados apresentados não conseguem traçar um perfil, necessário e imprescindível, da natureza da biblioteca escolar e do acervo disponível, mas estabelecem uma relação direta entre os diferentes níveis de escolaridade e a motivação e a frequência de uso da biblioteca. Esses critérios são determinados pelas necessidades escolares: tarefas, trabalhos e indicações de livros literários.

A biblioteca escolar aparece como a terceira possibilidade de acesso ao livro, e

quanto maior a estrutura, melhor a relação do usuário com ela. No entanto, esses dados estão condicionados à escolarização: só frequenta a biblioteca quem estuda. O índice de pessoas que não frequentam a biblioteca é muito alto, em torno de 70%, determinado por falta de tempo, gosto e proximidade.

Os indicadores que tratam do acervo da biblioteca e da necessidade dos leitores indicam uma quase inexistência da biblioteca na formação cultural dos entrevistados. Apesar de considerarem a biblioteca como um lugar para estudar, emprestar livros e realizar trabalhos da escola, 37% dos estudantes não a frequentam. Existe uma naturalização na declaração de que, se tivesse mais livros novos e títulos mais interessantes, a biblioteca seria mais frequentada. No entanto, se elencarmos os motivos que o entrevistado alega para não frequentar a biblioteca, a realidade é mais crua: não tem tempo; não gosta de ler; não gosta de ir à biblioteca; a biblioteca é para estudantes.

Nesse sentido, como poderemos avaliar o acervo disponível e sua adequabilidade? Afinal, o usuário não lê porque não encontra títulos que o interessam ou porque definitivamente não gosta? Ou, quando lê, é porque a escola cobra? Não seria necessário abordar a biblioteca considerando sua natureza e seus usuários e assim localizar quais indicadores interferem na formação do leitor?

Para que possamos considerar a biblioteca da escola como um espaço vivo e em construção permanente, formando leitores e cidadãos críticos e autônomos mediante a promoção de encontros, conhecimento, investigação e leituras sustentados pela natureza do nível de ensino e das suas propostas pedagógicas, teremos de passar a considerar:

1. a necessidade de integrar a biblioteca às ações pedagógicas do processo de educação formal;
2. a orientação na formação do acervo, no planejamento de suas ações e

seus serviços para que atenda às especificidades do contexto pedagógico em que está inserida;

3. a compreensão das necessidades de cada segmento de ensino, para que possa atuar na formação do leitor de diferentes estruturas textuais.

*Nesse sentido, as pesquisas Retratos da Leitura no Brasil e Retratos da Leitura – Bibliotecas Escolares reúnem elementos e indicadores fundamentais, que precisam ser estudados para que possamos constituir um sistema de bibliotecas escolares considerando as necessidades específicas dos diferentes segmentos da educação formal. As bibliotecas da escola precisam ser concebidas como um equipamento social indispensável e responsável pela qualidade formativa do cidadão brasileiro nos processos formais de ensino.*

### Referências bibliográficas

- ARRAIS, Tadeu Alencar; MORAES, Loçandra B. de. *Processo de seleção e utilização do acervo de geografia*. Goiânia, 2004. 8 p. [Texto avulso].
- BRITTO, Luiz Percival L. “Leitura e formação na educação escolar: algumas considerações inevitáveis”. In: SOUZA, Renata Junqueira de (org.). *Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação*. Campinas: Mercado das Letras, 2009.
- CARLOS DE SOUZA, André Barcellos; CASTRO, Maria das Graças Monteiro. *O ecótono da palavra escrita*. Goiânia, 2004. 12 p. [Texto informativo avulso].
- CFB – Conselho Federal de Biblioteconomia. *Resolução CFB nº 199*, de 3 de julho de 2018. Dispõe sobre os parâmetros a serem adotados

para a estruturação e o funcionamento das Bibliotecas Escolares. Brasília, 2018. Disponível em: <<https://www.cfb.org.br/wp-content/uploads/2018/07/Resolu%C3%A7%C3%A3o-199-Par%C3%A2metros-para-a-Biblioteca-Escolar.pdf>> Acesso em: 01. dez. 2020.

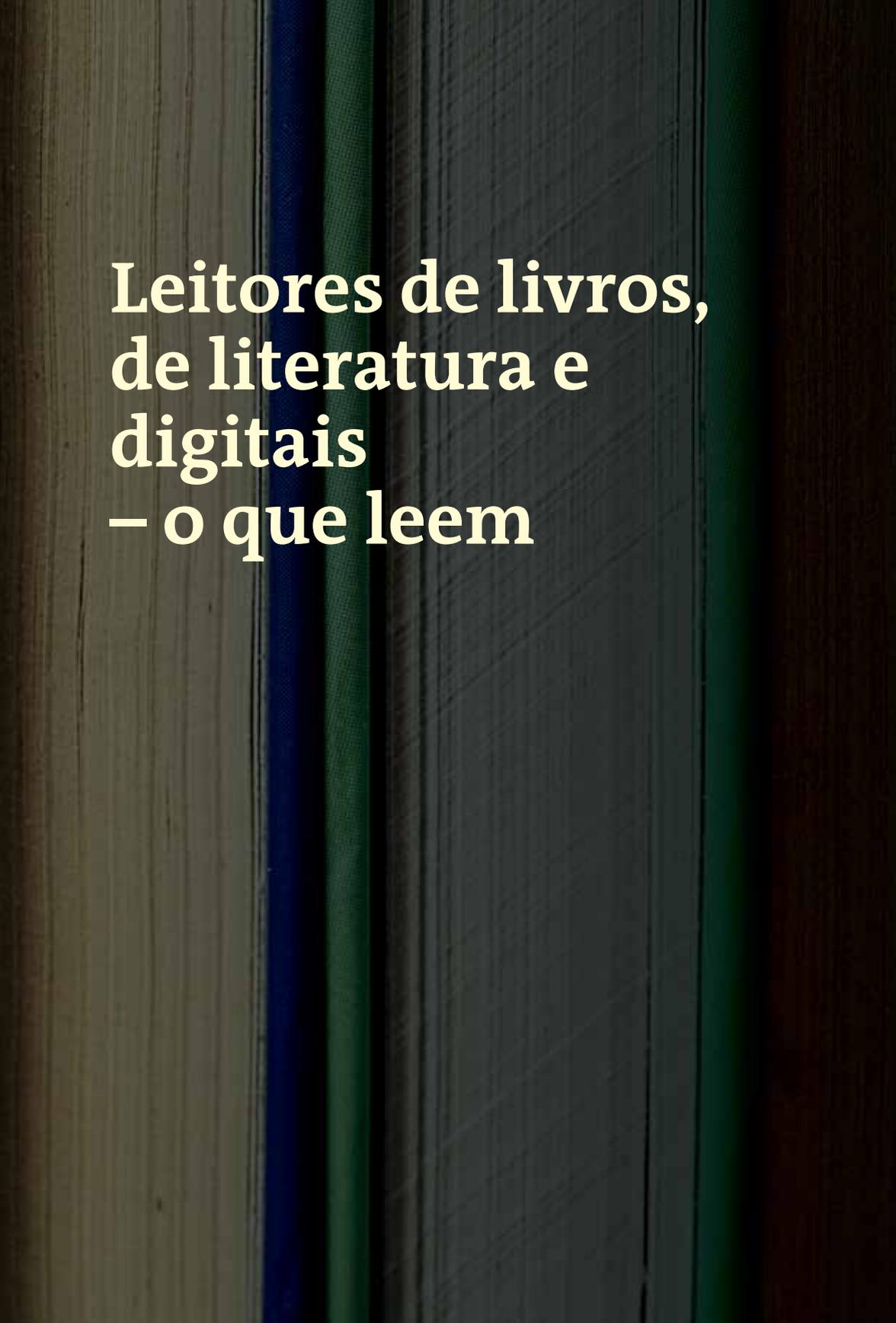
### \* Maria das Graças Monteiro Castro

*Graduada em Biblioteconomia/UFG. Mestre e doutora em Educação pela FE/UFG. Professora Associada do Curso de Biblioteconomia da FIC/UFG. Presidente da Comissão Brasileira de Bibliotecas Escolares/ FEBAB.*

*Votante/leitadora do Prêmio FNLIJ. Contemplada com o prêmio Retratos da Leitura/2019, na categoria Bibliotecas, pelas ações de mediação e formação de leitura realizadas no Laboratório do Livro, Leitura, Literatura e Biblioteca (LIBRIS).*



POWER 

The background of the image shows a close-up of a book spine. The spine is bound in a dark green, textured material, possibly cloth or leatherette. A vertical strip of blue material is visible on the left side of the spine. The book is resting on a wooden bookshelf, with the vertical grain of the wood visible in the background.

**Leitores de livros,  
de literatura e  
digitais  
– o que leem**

# CAPÍTULO 6

Rodrigo Lacerda\*

## Trajетórias de leitura na formação de um autor

Resgatar a trajetória de leituras de um escritor é uma espécie de arqueologia de sua sensibilidade. Você começa abrindo a terra dura, com pás, picaretas, canivetes e colheres, depois passa tudo na peneira. À medida que as escavações avançam, atravessando camadas superpostas de terra, restos de todo tipo, e de diferentes períodos históricos, vão surgindo: cacos e caquinhos de cerâmica, o fóssil de um animal extinto, um utensílio doméstico de bronze ou ferro, o braço de uma estátua de mármore, a múmia de um faraó enrolada em gazes, um bracelete de ouro, etc. Ao fim e ao cabo, quando todo o material já se encontra reunido, cabe ao arqueólogo construir uma narrativa sequencial lógica, “costurando” aqueles achados aparentemente tão díspares e incongruentes, entre si e no tempo. Não é nada fácil fazer isso, pois a história das civilizações, assim como o desenvolvimento da sensibilidade de uma pessoa, não obedece a uma evolução coerente. Ele é cheio de idas e vindas, das contradições e idiossincrasias típicas da nossa espécie.

Para se encontrar alguma coerência, um jeito infalível é seguir William Faulkner, para quem passado, presente e futuro compõem uma continuidade tão absoluta, mas tão absoluta, que se torna simultaneidade. O vencedor do Nobel de Literatura em 1949 dizia: “No comportamento do homem hoje pode-se encontrar 1950 e 2057. Se tivéssemos uma máquina que pudesse projetar o futuro e captá-lo, essa máquina poderia isolar e congelar uma imagem, um quadro do que o homem fará em 2057, exatamente como uma máquina poderia captar e fixar os raios de luz que mostrariam o que ele fazia no ano 28 a.C. Ou seja, é a crença mística de que não existe *era* — que o tempo é; e, se não há nada que se pareça com *era*, então não há nada que se pareça com *será*; que o tempo não é um estado fixo.”<sup>18</sup>

Aplicando ao nosso tema as palavras do grande autor: o leitor que eu fui ontem

<sup>18</sup> Faulkner à l’Université: entretiens avec William Faulkner. Paris: Gallimard, 1964. *Inédito no Brasil. Tradução de Marta de Brito Kawano.*





William Faulkner  
na Universidade  
de Virginia,  
c. 1925

está no leitor que sou hoje e estará no que serei amanhã, a tal ponto que a barreira temporal se desfaz.

Embora a ideia me atraia, e até certo ponto eu concorde com ela, não sei se é a única ideia que me atrai e com a qual eu concordo. Afinal, na dimensão em que vivemos, no espaço mais íntimo, temos a sensação muito palpável de que nossa sensibilidade muda à medida que o tempo passa, de que não somos os mesmos leitores de ontem e não seremos os mesmos amanhã. Frequentemente nos acontece de escritores que adorávamos anos atrás de repente perderem o encanto, distanciarem-se de nós, enquanto outros, rejeitados numa fase anterior, passam a fazer muito sentido. Ou seja, costumamos também aceitar como real a evolução constante e imprevisível de nossas afinidades, com os artistas da palavra e todos os outros também.

Do embate entre os dois polos – continuidade absoluta X mutabilidade infinita – não sai uma síntese, mas talvez se possa aceitar que, entre eles, há uma convivência contraditória, tensa e, no entanto, fluente e harmônica. Ao mesmo tempo continuidade e transformação. Os dois opostos tornam-se complementares.

Os exemplos de continuidade, no meu caso, são eloquentes. O senso de humor inteligente dos quadrinhos que eu lia quando criança, sua leveza, generosidade e doce sabedoria, reaparecem, de fato, nos livros que marcaram minha adolescência. Posso perfeitamente imaginar Chatotórix, o bardo gaulês das *Aventuras de Asterix*, fazendo par com Dâmaso Salcede, o *uberchato* em *Os Maias*, de Eça de Queiroz; a Mafalda argentina, mais velha porém igualmente politizada, nos livros do Fernando Gabeira sobre a guerrilha urbana e a contracultura; o pequeno Nicolau alucinando nas praias de Itaparica de João Ubaldo Ribeiro; e o Capitão Haddock – “Mil raios e trovões!” – com certeza seria íntimo do Athos, o mais genioso em *Os três mosqueteiros*, de Alexandre Dumas.

Por outro lado, a passagem de um mundo para outro foi transformadora. Os personagens da nossa infância, quando ressurgem nos livros da adolescência, estão inseridos em ambientes cuja complexidade é mais explícita, as relações entre eles são mais frágeis, seus gestos de violência têm consequências irreversíveis e seus destinos costumam ser bem mais cruéis. Alguns são tocados pela melancolia,

ou por uma compreensão maior de si e do mundo, outros se fecham, outros se estragam.

Não é difícil, nesse embalo, chegar no segundo momento de minha transformação como leitor, entre os 17 e os 35 anos, mais ou menos. O D'Artagnan de antes cairia muito bem em várias peças de Shakespeare, tanto o alegre quanto o sargentão deprimido da continuação *Vinte anos depois*; o *Sargento Getúlio*, já que falei em Faulkner, poderia muito bem arrastar seu prisioneiro através dos pântanos sociais e raciais da Louisiana e do Tennessee. E, da mesma forma, é mais complicado ainda o mundo daqueles escritores que entraram depois na minha "timeline".

\*

Às vezes, em palestras aqui e ali, costumo dividir de outra forma minha trajetória de leitor. Nesta nova divisão, parto do difícil momento da adolescência, quando nos sentimos a única pessoa infeliz do mundo, e digo que os personagens literários mais importantes para mim foram aqueles que me ensinaram a rir da minha condição. A superação, pelo humor, das minhas falhas, fraquezas e inseguranças, tornou-se uma filosofia de vida. Em seguida, no início da vida adulta, personagens com maior poder de autodeterminação do próprio destino, vilões ou heróis, me instigaram a não apenas conviver com meus problemas, rindo deles, mas também a arregaçar as mangas para resolvê-los, e me mostraram a possibilidade de a vida ficar melhor graças às minhas ações e escolhas. Por fim, a partir dos 35 anos e até agora, as histórias com que mais me identifico são aquelas nas quais, embora os personagens continuem lutando pela felicidade, fica combinado que tristezas, fraquezas e contradições são inerentes à condição humana. Que a felicidade absoluta não

existe para ninguém. E isso, se não resolve todos os meus problemas, pelo menos me faz sentir muito mais acompanhado!

Nesse processo, conheci e continuei conhecendo muitos escritores e livros que adoro – Osman Lins, *Mina R*, Marguerite Yourcenar, *Auto do frade*, Manuel Bandeira, Homero, David Foster Wallace, Adélia Prado, Tolstói, Raymond Carver, *O poderoso chefão*, *Grande sertão: veredas*, Bashô, Cormac MacCarthy, Ana Martins Marques, etc., etc. No nível existencial, por algum capricho insondável da minha história de vida, ou simples fatalidade arqueológica, uns me marcaram mais que outros, mas, como artistas, aprendi a amar e admirar dezenas, centenas deles. Um leitor e um escritor, como duas substâncias químicas, podem se tocar sem se misturar por anos a fio, mas uma determinada alteração no ambiente que os cerca, ou na composição de cada uma, ou nas duas, de repente permite uma fusão antes impossível.





Por isso, duvide de qualquer pessoa cujo cânone pessoal não seja tão caótico quanto uma festa lotada. Qual é a primeira coisa que você faz ao chegar numa festa? Procura seus amigos, é claro; percorre o salão com os olhos à procura daquelas pessoas com quem você tem interesses e códigos em comum, com quem sua sensibilidade se afina. Mas depois, ao longo da festa, sempre é bom conhecer gente nova, e você não escolhe quem vai encontrar em sua ida ao banheiro, ou ao bar, à mesa da comida, à pista de dança. O acaso tem um papel nisso, às vezes faz você ficar íntimo daqueles que aparentemente não teriam nada a ver! Ninguém tem controle total (se é que tem algum) sobre as afinidades e antipatias que sente e desperta. A festa perfeita é aquela em que encontramos os nossos amigos e preservamos nossa total liberdade de circular pelo salão.

\*

O ambiente familiar contribui muito para se criar o hábito da leitura, é verdade. No meu caso, muito antes de eu nascer minha família já produzira um jurista, um botânico, dois historiadores da arte, políticos-escritores de direita e de esquerda (espécie cuja atual raridade é mais danosa para a política do que para a literatura), um pai editor e minha mãe diretora de escola. Se a premissa inicial é mesmo verdadeira, seria de se esperar que minha irmã e todos os meus primos fossem grandes leitores, ou até que também tivessem optado por uma carreira ligada à educação e à cultura. E isso, óbvio, não aconteceu; alguns primos têm até desprezo pela carreira que escolhi seguir. Há, portanto, um coeficiente não familiar e não sociológico nessa escolha, algo irredutivelmente individual.

O meio familiar muito chegado às letras pode inclusive inibir. Falo por mim: até a adolescência, eu idealizava a escrita e aqueles que a praticavam; para mim, apenas pessoas hiperdotadas faziam literatura, e eu não era uma delas. Minha aproximação com o ofício de escritor, graças a isso, exigiu uma etapa intermediária.

Dos 17 aos 40 anos trabalhei dentro de editoras, em quase todas as funções existentes – revisor, preparador, tradutor, direitos estrangeiros, assessor de imprensa, gerente comercial, gerente editorial, diretor de coleção, membro do conselho e até editor. Apenas quando a profissão de editor me pareceu insuficiente – em que pese a honrosíssima tarefa de difundir livros de terceiros – foi que eu me encaminhei para conciliar essa atividade com a escrita dos meus próprios livros.

Há, basicamente, dois tipos de editor: aquele que tem uma linha editorial muito focada e faz um filtro severo do que oferece ao público, e aquele que publica de tudo, deixando que os leitores façam suas escolhas. Não há jeito certo ou errado de exercer a profissão, os dois são igualmente legítimos, mas eu fui

treinado no segundo, o do editor de amplo espectro. Assim, minha bússola editorial é também responsável pelo cânone caótico de que falei antes. Ser um leitor e um editor de amplo espectro ajudou a moldar o meu jeito de ser escritor: amo toda expressão feita através de palavras e desejo me conectar a todo tipo de leitor. Já escrevi livros humorísticos e dramáticos, experimentais e convencionais, adultos e juvenis, mais enxutos e mais barrocos. Gosto de variar os temas, de transitar entre gêneros, de mudar o jeito de compor a voz narrativa e a psicologia dos personagens. Minha literatura, para o bem ou para o mal, é marcada pela diversidade iconoclasta.

Minha trajetória não estaria completa sem citar duas outras áreas em que atuo como leitor: a tradução e a crítica. Meu primeiro trabalho literário foi verter para o português *The Strange Case of Dr. Jeckyll and Mr. Hyde*, de Robert Louis Stevenson, mais conhecido entre nós como *O médico e o monstro*. Ao fazê-lo, experimentei as delícias de arrumar a sintaxe das frases, de encontrar a palavra certa para transmitir uma ideia ou um sentimento, de conseguir dar à frase a música mais próxima do original. A leitura que um tradutor faz, para mim, é a mais minuciosa e profunda, a que mais se aproxima do ato da criação. A grande diferença do trabalho entre o escritor e o tradutor, no meu entender, é que o trabalho do tradutor, por mais difícil que seja, está bastante facilitado pelo fato de o começo, o meio e o fim do texto já estarem no papel; num livro de ficção, de o desenvolvimento dos personagens e o desfecho do enredo já estarem dados. Parece pouco, diante dos mil desafios que permanecem, mas não é. Ao se escrever um livro do zero, uma página em branco pode equivaler a um buraco negro.

Quanto à crítica, nunca a exerci com regularidade. Não segui carreira acadêmica e raramente escrevo para jornais e revistas. Mas fiz um doutorado sobre a obra de João Antônio, autor do (para mim) clássico *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Além disso,

de relevante, assino textos de apresentação numa coleção de clássicos que dirijo. Minha atitude ecumênica em relação a todo tipo de literatura, ao fazer crítica, é no mínimo incomum. Eu não tenho – e nem acredito em – regras estéticas muito sólidas. Meu esforço, ao ler criticamente um livro, é entender o projeto do escritor e avaliar quão bem ele está realizado de acordo com seus próprios parâmetros, e não de acordo com parâmetros meus, externos à obra.

O desejo de compartilhar diferentes tipos de linguagem influencia os livros que escrevo, os que traduzo e aqueles que publico como editor. Ao contrário de muitos de meus colegas e contemporâneos, não escrevo regularmente para a imprensa, não faço roteiros para TV/cinema, não sou ativo nas redes sociais. Não vai aqui nenhum juízo sobre essas outras atividades. Apenas assumo, sem complexo de superioridade nem de inferioridade, que a minha energia está focada no livro, impresso ou digital, mas sempre no livro.

**\* Rodrigo Lacerda** *Doutorado pela Universidade de São Paulo em Teoria Literária e Literatura Comparada. É escritor, tradutor e editor. Seu último livro, Reserva natural (contos, 2018) venceu o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA). Como tradutor, verteu para o português autores como William Faulkner, William Shakespeare e Alexandre Dumas, tendo vencido por duas vezes o prêmio Jabuti. Como editor, trabalhou em algumas das mais importantes editoras do Brasil, como a Nova Fronteira, a Editora da Universidade de São Paulo e a Cosac Naify. Atualmente dirige a coleção de clássicos da literatura na Editora Zahar.*

João Luís Ceccantini\*

## Por onde andar­á a literatura infantil e juvenil brasileira?

Se se for buscar a resposta a essa indagação na pesquisa Retratos da Leitura no Brasil 5, ela certamente não será das mais animadoras. O que não significa, entretanto, que a leitura de literatura no país, considerada de um modo geral, se configure hoje como um fenômeno de menor grandeza. Nesta edição da pesquisa, que, pela primeira vez, contém um alentado módulo voltado à investigação específica da *leitura de literatura*, apresentando um painel bastante abrangente sobre o comportamento do leitor de literatura no Brasil, revela-se um conjunto de dados objetivos muito relevante, como até então não se dispunha. E boa parte desses dados talvez surpreenda os alarmistas, na medida em que a pesquisa revela um cenário de leitura de literatura muito mais substantivo do que se costuma cogitar.

Num universo que leva em conta uma população de 193 milhões de habitantes (os que têm 5 anos e mais), 28,9 % dos sujeitos entrevistados declararam-se

*leitores de livros de literatura*,<sup>19</sup> o que corresponde a cerca de 55 milhões de leitores. Trata-se, sem dúvida, de um número considerável de leitores de obras literárias! Além disso, um número ainda maior de entrevistados – 31,7% – declarou-se *leitor de literatura em outros formatos* (os diversos suportes que se espraiam pelo mundo digital), o que corresponde a cerca de 61 milhões de leitores.

Na contramão daqueles que acreditam que cada vez se lê menos literatura e que propagam a ideia de que essa atividade tende a minguar em crescente velocidade, geralmente associando-a à leitura de romances e contos em livros de papel, o que se tem observado em diversas pesquisas, não apenas brasileiras, não corresponde a

<sup>19</sup> *Foram considerados na Retratos – de maneira bem ampla – como livros de literatura basicamente todos aqueles que se opõem aos livros informativos; e é nesse sentido que a literatura é abordada aqui.*



tal visão catastrófica. Em realidade, tem sido constatado com muita frequência, como nesta última edição da Retratos, que, no mundo contemporâneo, os índices de leitura de literatura se mantêm vigorosos, tendo sido verificado, em diversos casos, um movimento de contínuo crescimento, apesar da “concorrência” constituída pela oferta ilimitada de narrativas ficcionais que atendem – não apenas por meio da literatura – à decantada “necessidade universal de ficção e fantasia, que decerto é coextensiva ao homem”, como, de forma lapidar, nos ensina António Candido.<sup>20</sup> Afinal, em outras épocas nunca foi disponibilizado um número tão grande de narrativas a um amplo público (até mesmo gratuitamente), por meio de filmes, séries, minisséries, novelas e outros formatos televisivos, peças de teatro, HQ, games, canções, dentre muitas outras modalidades de obra ficcional, presentes em variados suportes.

O alto desenvolvimento tecnológico das últimas décadas, que está na base dessa imensa oferta de ficção, se, por um lado, conquistou crescentemente um vasto público, competindo com a literatura na busca de fruidores de toda sorte, por outro, também teve impacto no universo literário, facilitando o acesso à literatura como nunca antes se viu. E isso com certeza tem repercutido de maneira acentuada para o interesse renovado pela literatura, que pode ser observado em variados segmentos de obras e leitores. A ampla disponibilização em múltiplas plataformas de obras clássicas da literatura mundial e nacional (em domínio público) e de obras de autores iniciantes/alternativos, ou até mesmo de obras de autores contemporâneos já consagrados, certamente tem colaborado de modo

<sup>20</sup> CANDIDO, António. “A literatura e a formação do homem”. In: DANTAS, Vinicius (org.) Textos de intervenção. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002, p. 80.

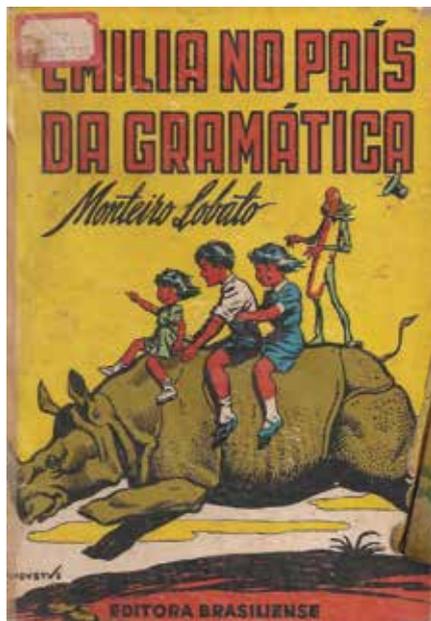
significativo para a conquista de leitores de literatura.<sup>21</sup>

Para além da questão apenas numérica revelada pela pesquisa sobre os leitores de literatura, existem outros aspectos associados ao status positivo por ela desfrutado junto aos sujeitos entrevistados que merecem ser destacados. Um deles, particularmente relevante, é o percentual expressivo de leitores que, ao serem convidados a apontar o “livro mais marcante” em sua experiência, indicaram geralmente livros de literatura.

Esse aspecto associa-se a um cenário geral valorativo da literatura. Os leitores de livros de literatura apresentam uma dimensão socializante em suas ações, demonstrando ser aqueles que mais compartilham as leituras realizadas com outros leitores. Também são os leitores de literatura os que mais realizam o empréstimo de livros junto a bibliotecas, família ou amigos. E outro aspecto notável é o fato de que, se a média de leitura dos que leem livros em geral é mais ou menos constante ao longo das duas décadas em que a pesquisa vem sendo realizada, no caso dos leitores de livros de literatura, sua média de leitura tem aumentado a cada edição da Retratos, o que sinaliza a forte valorização do texto literário por esses indivíduos. Curiosamente, também são os leitores de literatura os que mais já leram um *livro digital* (53%), esse grande desconhecido do leitor brasileiro, segundo a Retratos.

Diante desse quadro em que se destaca, segundo uma perspectiva macro, o papel importante que a literatura desempenha no universo do leitor brasileiro, a diversidade e a minúcia dos dados coletados pela

<sup>21</sup> No artigo “Retratos da leitura no Brasil”, publicado na revista Quatro cinco um, comento o caso exemplar da obra *After*, de Anna Todd, que, inserido na plataforma Wattpad, ultrapassou a marca de 1,6 bilhão de leituras on-line (<https://www.quatrocinco.um.com.br/br/artigos/politicas-do-livro/retratos-da-leitura-no-brasil>).



pesquisa convidam a que procuremos compreender melhor – num patamar também qualitativo – como se configura esse leitor, que títulos lê, quais são os autores desses livros, quais são as obras de literatura por ele lidas e que integram seu imaginário.

Quando analisamos o conjunto considerável de respostas<sup>22</sup> à pergunta “Qual é o último livro que o(a) sr.(a.) leu ou está lendo?” e à pergunta seguinte, “Quem é o autor deste último livro que o(a) sr.(a.) leu ou está lendo?”, delineia-se um horizonte bastante amplo de informações, que permite abordagens as mais variadas.

Antes de tratar das obras e dos autores citados, vale a pena, contudo, chamar a atenção para um aspecto relevante e que, por vezes, passa despercebido: o número significativo de entrevistados que leram ou estavam lendo um livro, mas não indicaram o título do livro em questão quando lhes foi

solicitado.<sup>23</sup> A tabela que se segue expõe com clareza a situação.

ÚLTIMO LIVRO LIDO (ou que está lendo)	
Base	8.076
Não está lendo/não leu livro	6.078
Não lembra	182
Não sabe	193
Não respondeu	7
Bíblia	362
Livro lido/está lendo livro	1.254

<sup>23</sup> Houve a opção por apresentar a Bíblia, o livro mais citado na Retratos, sempre em separado dos demais dados analisados, dada sua especificidade de livro religioso (ainda que se reconheça seu teor de literariedade). Isso com o objetivo de evitar distorcer generalizações e conclusões na comparação com as demais obras analisadas.

<sup>22</sup> Obtidas de 1.998 entrevistados.

Isso significa que, considerando-se a base parcial adotada (1.998 entrevistados), 19,1% dos leitores não memorizaram o nome da obra lida, aspecto que vem sendo estudado por pesquisadores sobre leitura e formação de leitores como um índice relevante, que demonstra que o leitor não tem plena familiaridade com o universo do livro, ou seja, que se encontra ainda num estágio de imaturidade quanto à leitura ou, como prefere Singly (1989), trata-se de um leitor “não cultivado”.<sup>24</sup>

É curioso observar que mesmo entre os que indicaram o título da obra lida há leitores que demonstram não ser ainda “cultivados”. Um deles cita como título da obra lida *Olhos de ressaca Capitu*; outro indica apenas *Capitu* – naturalmente, os dois se reportando a *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Um outro leitor aponta como livro lido *Sítio do Picapau Amarelo* – como se sabe, esse título de obra não existe na produção de Monteiro Lobato, embora seja o espaço onde se desenrola boa parte da ação nas narrativas infantis do autor.

Chama a atenção igualmente o altíssimo percentual de entrevistados que, frente à pergunta sobre o nome do autor do livro que estava lendo ou leu, declararam *não lembrar* ou *não saber* ou, simplesmente, não responderam à questão: 58,9% dos sujeitos! Revelou-se, assim, numa proporção ainda maior e mais preocupante, um comportamento típico dos leitores “não cultivados”.

Uma vez destacados esses dois aspectos relativos à memorização do *título da obra*

<sup>24</sup> *Terme empregado na obra de Singly Lire à douze ans: une enquête sur les lectures des adolescents (Paris: Nathan, 1989). Para o pesquisador, “leitor cultivado” é aquele que já desenvolveu efetivamente familiaridade com o universo do livro e possui certa maturidade de leitor, a ponto de memorizar o título das obras que lê e, sobretudo, o nome de seus autores, dois fatores que podem orientar suas escolhas de leitura, como, por exemplo, ler toda a obra de um autor de sua preferência.*

e do *nome do autor* no grande conjunto de dados, optou-se aqui, para os propósitos limitados deste texto, por recortar do vasto universo de livros e escritores informados na Retratos apenas aqueles títulos e autores que têm produção no campo das obras que circulam no mercado sob as rubricas *literatura infantil, literatura juvenil, young adult, HQ e poesia infantil*.<sup>25</sup> Esses segmentos são especialmente importantes, não apenas por contemplarem grandes números e cifras do mercado editorial, contribuindo de forma vigorosa para sua vitalidade, mas também por estarem associados, em particular, à questão da *formação de leitores*, processo reconhecido como crucial para o desenvolvimento de um país tanto no plano educacional quanto no plano econômico.

A redução do universo de investigação para 258 sujeitos (aqueles que informaram livros e escritores inseridos nas categorias selecionadas) permitiu não restringir a análise aos títulos e autores mais citados, mas também levar em conta mesmo aqueles escritores ou obras que foram objeto de apenas uma única menção. Levados em conta, todos dão forma a um conjunto abrangente das referências literárias que, de algum modo, configuram o imaginário de crianças e jovens brasileiros flagrado num dado momento – de outubro de 2019 a janeiro de 2020. Ao mesmo tempo, por oposição, permitem inferir que outras referências *não* estão presentes nesse imaginário. O que convida a pensar verticalmente o campo da literatura lida por crianças e jovens no país hoje, podendo subsidiar decisões no que diz respeito a questões como *mediação* (entendida de forma bem ampla), *políticas públicas*

<sup>25</sup> *Em Retratos da Leitura no Brasil 4, organizado por Zoara Failla (Rio de Janeiro: Sextante, 2016), no capítulo “Mentira que parece verdade: os jovens não leem e não gostam de ler”, ocupei-me desses segmentos do mercado editorial, o que permite a comparação com muitos dados e ideias aqui abordados.*

vinculadas ao livro e à leitura e *estratégias* implementadas pelo mercado editorial.

No conjunto de 1.254 livros a que se chegou após a eliminação dos números referentes às indicações da Bíblia (362) e dos livros cujo título não foi informado (382), foram identificados 258 livros (nova base) que contemplam as categorias explicitadas na tabela abaixo (ficaram de fora, por exemplo, as obras informativas, religiosas e de literatura adulta), correspondendo a 20,6% desse conjunto. Vale enfatizar que, na seleção dos títulos, houve o cuidado de diferenciar a produção nacional da estrangeira quando isso foi possível (*literatura infantil, literatura juvenil e young adult*). No caso das categorias *HQ* e *poesia*, a identificação dos livros, por vezes, era vaga (“poesia”, “poemas”, “HQ”, “gibi”), sem a explicitação de autores ou títulos, não sendo possível diferenciar as obras de literatura brasileira e estrangeira.

ÚLTIMO LIVRO LIDO OU QUE ESTÁ LENDO (base: 258)		
	Nacional	Estrangeira
Literatura infantil	17,8%	36,4%
Literatura juvenil	5,4%	14,7%
Young Adult	2,7%	14,0%
HQ	7,8%	
Poesia	1,2%	

A informação de caráter geral mais imediata que se depreende da tabela é a superioridade quantitativa da leitura de obras de literatura estrangeira em contraste com as obras de literatura brasileira. No caso da literatura infantil, as obras traduzidas correspondem aproximadamente ao dobro das obras nacionais, e, no caso da literatura juvenil, correspondem ao triplo. No que diz respeito à categoria *young adult*, a desproporção é bem maior, com as obras estrangeiras correspondendo quase cinco

vezes ao número das nacionais. Nesse caso, o dado não chega a espantar, se se levar em conta que, do ponto de vista da produção, o segmento de literatura *young adult* nacional ainda é incipiente comparado ao dos países de língua inglesa, havendo por ora relativamente poucos profissionais da escrita atuando nesse filão. O conjunto de títulos disponíveis nos catálogos das editoras é ainda restrito, contando com poucas obras que tenham alcançado grandes tiragens e repercussão mais significativa.

Desse quadro geral das obras lidas por crianças e jovens merece ainda destaque o fato de a *poesia* ocupar uma posição absolutamente marginal no conjunto analisado. Se se levar em conta que a produção editorial de poesia voltada a crianças já tem razoável tradição entre nós, com espaço importante no catálogo de literatura infantil de muitas editoras; se se considerar que boa parte das obras de poesia infantil são bem ilustradas e possuem materialidade atraente para os leitores iniciantes; se se levar em conta, além disso, que esses livros têm sido objeto de alentadas compras governamentais nas duas últimas décadas, com a distribuição de muitos livros do gênero a escolas e bibliotecas de todo o país, o evidente descompasso entre a produção do gênero no Brasil e o percentual de leitores que o menciona na pesquisa é desconcertante.

As duas tabelas que se seguem apresentam o rol de autores brasileiros de literatura infantil que foram evocados pelos entrevistados: a primeira elenca aqueles escritores usualmente associados à literatura infantil e juvenil; a outra relaciona autores geralmente mais conhecidos por sua produção adulta, mas que também publicaram eventualmente alguns títulos de literatura infantil ou juvenil. Em comum às duas, destaca-se o fato de que quase para nenhum autor há mais de uma menção. Ao contrário, há uma expressiva pulverização de nomes. A exceção resume-se a Monteiro Lobato, Ruth Rocha, Walcyrr Carrasco e Pedro

Bandeira. No caso de Lobato, o primeiro lugar da tabela como mais lembrado, isso é regra. Afinal, trata-se do autor de certa forma fundador do gênero no país, cuja produção circula há cerca de um século e que, há anos, tem liderado as menções em pesquisas sobre leitura. Vale a ressalva que nesta pesquisa se observou ter havido uma queda significativa do número de vezes em que o autor ou sua obra foram lembrados. Será isso reflexo dos sucessivos ataques que o autor vem sofrendo já há alguns anos, em diferentes mídias, com acusações de racismo?

AUTORES NACIONAIS DE LITERATURA Infantil e juvenil	
Monteiro Lobato	5
Ruth Rocha	3
Walcyr Carrasco	2
Pedro Bandeira	2
Maria José Dupré	1
Vinicius de Moraes	1
Marco Túlio Costa	1
Carina Rissi	1
Mirna Pinsky	1
Sérgio Klein	1
Sônia Salerno Forjaz	1
Tânia Alexandre Martinelli	1
Paula Pimenta	1
Hermes Bernardi Jr.	1
Rodrigo Lacerda	1
Ana Maria Machado	1
Eva Furnari	1
Márcia Kupstas	1
Maria Clara Machado	1
Sônia Junqueira	1
Bartolomeu Campos Queirós	1
Luís Pimentel	1
Sérgio Capparelli	1
José Mauro de Vasconcelos	1
Joaquim de Almeida	1

AUTORES NACIONAIS DE LITERATURA Adulto e infantil e juvenil	
Rachel de Queiroz	1
Mário Prata	1
Carlos Drummond de Andrade	1
Fernando Sabino	1
Jorge Amado	1
Cecília Meireles	1
Clarice Lispector	1
Graciliano Ramos	1
Moacyr Scliar	1
Olavo Bilac	1
Paulo Leminski	1
Charles Kiefer	1

No conjunto de autores listados predominam escritores vivos – 54% do total –, cuja produção literária se dá sobretudo após a primeira metade do século XX. Do conjunto de escritores, 59,4% são homens, 89,1% se originam do Sul e do Sudeste do país e todos são brancos.

A tabela que apresenta os autores estrangeiros citados no universo de obras em pauta, em comparação com as duas tabelas dos escritores brasileiros, revela menos pulverização quanto ao número de escritores.

AUTORES ESTRANGEIROS DE LITERATURA Infantil e juvenil	
J. K. Rowling	12
George R. R. Martin	7
J. R. R. Tolkien	5
Rick Riordan	4
John Green	3
Neil Gaiman	3
C. S. Lewis	2
George Orwell	2
Kiera Cass	1
Philip Pullman	1

AUTORES ESTRANGEIROS DE LITERATURA Infantil e juvenil (continuação)	
Jonathan Swift	1
David Levithan e John Green	1
Tony Ross	1
Becky Albertally	1
Júlio Verne	1
Lewis Carroll	1
Douglas Adams	1
Markus Zusak	1
Sibéal Pounder	1
Sarah J. Maas	1
Dipacho	1
Frances Hodgson Burnett	1

Apenas quatro escritores, J. K. Rowling (*Harry Potter*), George R. R. Martin (*As crônicas de gelo e fogo*, fonte da série *Game of Thrones*), J. R. R. Tolkien (*O Senhor dos Anéis*) e Rick Riordan (*Percy Jackson e os Olimpianos*), concentram, juntos, mais menções (53,8%) do que todos os demais 18 autores. Conta a seu favor, para se fazerem tão presentes no imaginário dos entrevistados, o fato de que a obra dos quatro autores foi amplamente adaptada para o cinema e/ou para a televisão, convertendo-se em fenômeno midiático de proporções globais.

Na tabela de autores estrangeiros é relevante perceber também que há uma predominância de homens (72,7%); quase todos os escritores (homens e mulheres) são de língua inglesa (90,9%) – a exceção cabe a Dipacho (colombiano) e Júlio Verne (francês); e todos são brancos. Nessa lista chama a atenção, ainda, a presença de autores considerados “clássicos” da literatura infantil e juvenil mundial, cuja produção remonta a cerca de um século ou mais: Jonathan Swift, Lewis Carroll, Frances Hodgson Burnett e Júlio Verne. É marcante também, na lista, o predomínio absoluto de escritores que produziram a maior parte de sua obra no

campo do gênero *fantástico/fantasia* em contraste com o pequeno número de autores que priorizaram em sua produção obras de caráter realista.

Uma vez delineado esse painel, por meio da Retratos, sobre as obras e os autores de literatura voltada a crianças e jovens, um raciocínio às avessas talvez contribua para um diagnóstico menos complacente sobre a situação da leitura que se tem hoje no país, no que diz respeito à produção desse segmento específico. Foram lançados numa tabela 49 autores bem conhecidos no meio especializado e cujos nomes ou obras não foram mencionados por nenhum dos entrevistados que responderam à pesquisa:

AUTORES NACIONAIS DE LITERATURA Infantil e juvenil NÃO CITADOS	
Lygia Bojunga	Caio Riter
Marina Colasanti	Luís Dill
Ziraldo	Luciana Sandroni
Ricardo Azevedo	Flávia Lins e Silva
João Carlos Marinho	Marcelo Cipis
Sylvia Orthof	Laura Bergallo
Stella Maris Rezende	Marcelo Carneiro da Cunha
Jorge Miguel Marinho	Helena Gomes
Joel Rufino dos Santos	Gustavo Bernardo
Eliane Ganem	Nilma Lacerda
Toni Brandão	João Anzanello Carrascoza
Heloisa Prieto	Mário Teixeira
Daniel Munduruku	Jean-Claude Alphen
Angela Lago	André Neves
Roger Mello	Menalton Bruff
Vivina de Assis Viana	Nelson Cruz
Sonia Rodrigues	Stella Barbieri
Rosana Rios	Ilan Brenman
Roseana Murray	Luiz Antonio Aguiar
José Paulo Paes	Ivan Jaf
Leo Cunha	-----
Fabrcio Corsaletti	Regina Chamlian
Lalau	Isabel Vieira
Martha Azevedo Pannunzio	Marilda Castanha
Tino Freitas	Alexandre Rampazzo

Embora deixados de fora das listas anteriores, esses 49 escritores (muitos deles também ilustradores) não são, de modo algum, periféricos no universo da literatura infantil e juvenil brasileira. Muitos deles ocupam, em realidade, uma posição central. São escritores plenamente inseridos no mercado de literatura infantil e juvenil brasileira, com muitas obras que, nas últimas décadas, alcançaram altíssimos índices de vendas tanto no varejo (físico e *e-commerce*) quanto no setor de vendas ao governo.

Trata-se de uma produção que tem chegado largamente às mãos dos leitores das camadas médias e altas da população (sobretudo a de natureza urbana), assim como têm ocupado as prateleiras de um sem-número de bibliotecas públicas, escolares ou não, por todo o país – e não apenas das zonas mais ricas e/ou urbanizadas –, em função de programas governamentais, de variada envergadura, destinados à aquisição e distribuição de livros.

Além disso, a maior parte dos autores em pauta produziu obras que alcançaram plena legitimação, tanto por receberem importantes prêmios nacionais e estrangeiros quanto por constituírem frequente objeto da crítica acadêmica e jornalística regularmente produzida e disseminada em diferentes mídias.

Assim, é no mínimo perturbador mirar o retrato pálido obtido da literatura infantil e juvenil brasileira quando flagrada pelas lentes da pesquisa Retratos da Literatura no Brasil 5. Não condiz com o vigor, a diversidade e o alto padrão criativo de nossa literatura infantil e juvenil, reconhecida nacional e internacionalmente. Tal instantâneo não parece coerente com os altos investimentos que se tem feito no país por meio de diversos e variados programas de aquisição de obras literárias por governos municipais, estaduais e federal. Como explicar, ou melhor, como aceitar pacificamente que escritores da

estatura que possuem Lygia Bojunga, Marina Colasanti, Ziraldo, Ricardo Azevedo, João Carlos Marinho, plenamente inseridos nos acervos enviados a bibliotecas escolares de todo o país, não sejam flagrados pela pesquisa?

É lamentável que esse problema remeta a uma questão sobejamente debatida no país nos últimos anos, nas mais diversas instâncias, mas para a qual não se tem chegado a um efetivo enfrentamento: a *mediação da leitura*. Enquanto essa pauta não for assumida, de forma plena, pela sociedade brasileira, continuaremos patinando frente ao problema, investindo em recursos materiais, a um alto custo, sem que mudanças substantivas aconteçam. Ou seja, livros nacionais da melhor qualidade estão disseminados pelo país afora, mas parecem não povoar o imaginário de nossas crianças e nossos jovens porque provavelmente não têm sido lidos.

A pesquisa desnuda esse processo, assim como vem sendo apontado há tempos por especialistas da área e direta ou indiretamente explicitado em variadas instâncias, como, por exemplo, os exames de avaliação de alunos – o PISA em nível federal e outros exames em nível estadual ou municipal –, expondo nossos resultados pífios em *leitura*.

Não se tem assumido, de fato, para fora do círculo restrito das boas escolas particulares e públicas, dos clubes de leitura ou das atividades promovidas por bibliotecas de excelência – para ficar aqui em alguns poucos exemplos –, que é absolutamente viável e possível formar bons leitores no país, de textos em geral e de literatura, incluídos aí mesmo crianças e jovens oriundos de meio iletrado. Mas para que isso se dê, no ponto a que chegamos, será necessário um esforço nacional e institucional de grande porte, de visada integradora, que envolva diferentes esferas: sociais, políticas, culturais, educacionais e econômicas.

A balela de culpar, por nosso mau desempenho em leitura, as rápidas mudanças por que vem passando a sociedade nas últimas décadas, sobretudo devido às conquistas implementadas no âmbito tecnológico, em particular na esfera digital, já não convencem. Ao contrário, a própria Retratos mostra bem que os jovens e crianças que mais leem são também aqueles que mais se valem das novas tecnologias e de seus produtos, e que, de um modo geral, mais atividades realizam: esporte, internet, música, redes sociais, filmes, interação com amigos.

Tem ficado cada vez mais evidente para os estudiosos do tema no país que, se a *mediação da leitura* continuar sendo tratada da forma secundária, episódica e localizada como vem ocorrendo, não vamos conseguir reverter o quadro geral deficitário – que já se tornou crônico – no que tange a aspectos quantitativos e qualitativos ligados à leitura.

O país já possui hoje um instrumento legal, sem equivalente na América Latina, que contempla com seriedade a questão da *mediação*, inserindo-a num contexto amplo, de *políticas públicas* – trata-se da “Lei Castilho”. Sancionada em meados de 2018, institui a “Política Nacional de Leitura e Escrita como estratégia permanente para promover o livro, a leitura, a escrita, a literatura e as bibliotecas de acesso público no Brasil”.

Resta que, de fato, por meio de um esforço coletivo envolvendo os mais diversos setores da sociedade, se implementem as ações urgentes para superar o atual impasse. Quem sabe assim chegaremos a uma futura edição da Retratos da Leitura no Brasil que revele o imaginário de nossas crianças e nossos jovens então fartamente povoado pelo que há de melhor e mais ousado na nossa literatura infantil e juvenil. E que

esses leitores sejam “permanentes”, isto é, aqueles que, passada a etapa da formação (e porque ela foi eficiente), continuam sendo leitores ao longo de toda a vida até a idade mais avançada. Teremos, então, nos gráficos da Retratos uma reta ascendente no que se refere à prática de leitura, da infância à idade avançada. Algo bem diferente daquilo que se observa hoje na quinta edição da pesquisa.

**\* João Luís Ceccantini** Professor de Literatura Brasileira na UNESP – FCL Assis. Dedicou-se à pesquisa de temas como leitura, literatura infantil e juvenil e literatura brasileira contemporânea, com várias publicações na área. Coordena o Grupo de Pesquisa CNPq Leitura e Literatura na Escola. Integra a Red Temática de Investigación Literaturas Infantiles y Juveniles em el Marco Ibérico, vinculada à Universidade de Santiago de Compostela (Espanha). Coordenou durante alguns anos o Grupo de Trabalho Leitura e Literatura Infantil e Juvenil da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística). É votante da FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil).



Ricardo Azevedo\*

# Literatura de ficção, escola e utopia<sup>26</sup>

No final de seu livro *A letra e a voz*, o suíço Paul Zumthor, estudioso da oralidade e do discurso oral, diz que “o complexo é muitíssimo mais provável do que o simples, e o uno é muitíssimo menos provável do que o diverso”.

Creio que a literatura seja algo muito complexo e diversificado. Não pode ser vista como uma essência ou um elemento monolítico, isolado e único: “a” literatura. Não! Para mim, a literatura lembra mais uma rica e frondosa árvore cheia de galhos e esses galhos representam diferentes literaturas, todas legítimas e todas irmãs pois nasceram de um mesmo tronco. Não podemos esquecer, porém, que as literaturas são expressões da sociedade em que são produzidas.

Para o sociólogo Norbert Elias, a literatura é sempre “testemunho

e expressão de um certo nível de consciência”.

**Naturalmente, numa mesma sociedade e ao mesmo tempo, podem existir diferentes níveis ou modelos de consciência. Universitários veem coisas que analfabetos não costumam ver. Assim como analfabetos veem coisas que universitários não conseguem enxergar.**

Parece razoável pensar que nos tempos individualistas, tecnológicos e consumistas em que vivemos, as pessoas têm sido levadas a enxergar e valorizar mais as coisas – dinheiro, automóveis, marcas, *selfies*, *gadgets*, topetes, tatuagens, símbolos de status – do que a valorizar as outras pessoas. Vivemos, creio, num ambiente de grande analfabetismo político e social. O “modelo de consciência” dominante, para ficar com o termo de Norbert Elias, parece ser essencialmente técnico, e a técnica é utilitária, impessoal e higiênica

<sup>26</sup> Artigo baseado em conferência dada pelo autor no IX Congreso de Literatura Infantil y Juvenil LECTURA Y LITERATURA JUVENIL na Casa de la Literatura Peruana, Lima, Peru, 3 de abril de 2019.



AO LADO:

*Louis-Félix Amiel**Retrato do Imperador Carlos Magno do Ocidente (742-814); óleo sobre tela, 1837 ou 1839*

– classifica, analisa, controla e determina a função de tudo. Além disso, a técnica calcula, projeta, fabrica, comercializa e visa o menor custo e o maior lucro.

Para alguns (Hannah Arendt em *A condição humana*), a “racionalidade” nada mais é do que o “cálculo das consequências”. É preciso reconhecer que nem tudo é “previsível”. Uma ideia nova, por exemplo.

Pretendo falar sobre literatura juvenil – o assunto principal aqui –, mas antes quero dizer que num ambiente apenas técnico, impessoal, consumista e utilitarista – tempos, volto a dizer, de analfabetismo político e social – sinto que duas palavras andam cada vez mais desacreditadas: uma é “ficção” e a outra é “utopia”.

É fácil escutar por aí vozes dizendo em tom de desprezo: “Isso é bobagem! Isso é ficção! Isso é só utopia!” Eis por que muitos pais, naturalmente utilizando seu “cálculo das consequências”, perguntam aflitos: para que gastar dinheiro com literatura? Por que não dão ao meu filho apenas livros técnicos, didáticos e úteis?

São visões equivocadas. Prefiro lembrar de Mikhail Bakhtin, para quem “a ficção é uma forma de experimentar a verdade”. Falar de literatura significa falar de ficção e de linguagem subjetiva. Por meio da ficção e da linguagem, criamos situações humanas complexas que não aconteceram mas poderiam ter acontecido, e a partir daí temos a chance de pensar melhor sobre a vida e o mundo.

Trago a seguir um texto de ficção. Trata-se de uma narrativa popular recontada por Ítalo Calvino:



*O imperador Carlos Magno, já em avançada idade, apaixonou-se por uma donzela alemã. Os barões da corte andavam muito preocupados vendo seu soberano entregar a uma paixão amorosa que o fazia esquecer sua dignidade real e negligenciar os deveres do Império. Quando a jovem morreu subitamente, os membros da corte respiraram aliviados, mas por pouco tempo, pois o amor de Carlos Magno não morreu com ela. O imperador mandou embalsamar o cadáver e transportá-lo para a sua câmara, recusando separar-se dele. Apavorado com essa paixão macabra, o arcebispo Turpino suspeitou que havia ali um sortilégio e quis examinar o cadáver. Oculto sob a língua da morta, encontrou um anel com uma pedra preciosa. A partir do momento em que o anel passou às mãos de Turpino, Carlos Magno apressou-se em mandar sepultar o cadáver e transferiu seu amor para a pessoa do arcebispo. Turpino, para fugir àquela embaraçosa situação, atirou o anel no lago Constança. Carlos Magno apaixonou-se então pelo lago e nunca mais quis se afastar de suas margens.*

Pergunto: quantos temas complexos da vida humana são tratados neste texto de pura ficção e em tão poucas linhas? Pergunto: que livros técnicos ou didáticos tratam dessa forma de temas assim? Seria um erro reduzir a narrativa recontada por Calvino a perguntas do tipo “Qual a mensagem?”, “Qual a interpretação?”. São muitas mensagens e muitas interpretações. Também seria um erro determinar para que faixa etária o texto foi criado. Para quê? Cada um que ouça ou leia essa narrativa como puder!

Antes de continuar, vamos falar sobre utopia. Basta olhar para trás: se no século XVII eu dissesse que vim voando de São Paulo a Lima em cinco horas – duração da viagem de avião nos dias de hoje –, seria considerado bruxo, ia ser preso e talvez queimado vivo. Imaginem uma pessoa do século XVII ouvindo falar em internet, Google, redes sociais, drones, inteligência artificial, robôs, clonagem, engenharia genética, etc.! Tento dizer que a realidade do presente de certa forma já foi uma utopia no passado.

E algo importante: a utopia do passado foi criada a partir da imaginação e da capacidade ficcional dos homens. Toda utopia nada mais é do que um produto da ficção humana. Apesar de vivermos num tempo tecnológico, cercados de inteligência artificial e instrumentos de controle e mensuração, ainda não temos respostas para questões básicas: Onde fica o universo? O que é o tempo? O que é a consciência? O que é realidade e o que é ficção?

Sabemos o que disse Descartes: “Penso, logo existo”. Mas... quem somos nós? Trago mais uma pergunta: para que fazer projetos se sabemos que vamos morrer? Sei que é possível dar diferentes respostas a essa pergunta, mas quero propor mais uma: mesmo sabendo que vamos morrer, por que não aproveitar que estamos vivos para criar projetos que busquem construir um mundo melhor do que este em que vivemos hoje?

Creio que todos nós, inclusive nossas crianças e nossos jovens, deveríamos ter este desafio constante, esta missão, este sentido e esta utopia: ajudar a inventar e construir um futuro melhor para os que estão no mundo e para os que ainda não nasceram. E, para fazer isso, esse jovem – vamos ficar nele – vai ter que estudar e aliar seu conhecimento à sua capacidade de inventar, ou seja, sua capacidade de fazer ficção e criar utopias.

Temos muitos problemas no mundo: a pobreza e a fome, o analfabetismo, o racismo, as guerras, a violência contra a mulher, a violência contra a criança, a violência contra as minorias, governos não democráticos e corruptos, a destruição do meio ambiente por razões econômicas, etc. Acho que todos nós, e principalmente nossos estudantes, deveríamos estar engajados e saber que – para além de nossas questões privadas – precisamos abrir um espaço em nossa vida para criar uma utopia: combater as mazelas do mundo de modo a tornar no futuro nosso país e nosso mundo mais equilibrados, civilizados e justos. Trata-se



de uma questão de ética, de civilização e de educação política. Queremos ou não queremos que nossos jovens tenham consciência da sociedade e do mundo em que vivem e queiram participar de sua construção e de sua melhoria? Na minha visão, um jovem despolitizado, sem um mínimo de cultura humana e sem utopia – um analfabeto político e social – é um barril de pólvora pronto para explodir: é muita energia para apenas examinar o próprio umbigo e só pensar em consumir, usar o WhatsApp, comprar tênis e celulares e jogar videogames. Isso sem falar nos jovens que, por serem pobres, não puderam estudar e são prisioneiros do trabalho braçal e da ignorância.

Lembro e repito: a criação da utopia depende da capacidade de criação das pessoas, e essa capacidade tem a ver, entre outras coisas, com a ficção: a arte de imaginar o que não existe mas poderia existir. Nesse sentido, podemos aprender muito com a literatura e a poesia. Elas são formas de ficção e, como ensinou o filósofo Richard Rorty, de “redescricao” da realidade. Redescrições são recriações e estas podem nos humanizar e ampliar nossa consciência e nossos horizontes. Por meio de personagens de ficção – penso em Dom Quixote ou Madame Bovary ou Peter Pan ou Alice e seu país de maravilhas, todos personagens que nunca existiram, mas poderiam ter existido – podemos pensar e repensar muita coisa a respeito de nós mesmos, da vida e do mundo.

A partir da literatura podemos nos redescrever como pessoas. A literatura tem o dom de ampliar nosso vocabulário subjetivo. Não me refiro apenas ao número de palavras, mas, sim, a palavras que entram no nosso vocabulário de forma inesperada, para expressar, expandir, ressignificar, “redescrever” nossos sentimentos, nossa visão política e social, nossa leitura da vida e do mundo. Tento dizer que o novo vocabulário pode permitir que digamos uma coisa que nunca tínhamos dito antes a ninguém, nem a nós mesmos. Não é pouco.

Nos dias de hoje – pelo menos no Brasil – existem poucos adultos leitores de literatura e poesia. A ideia corrente de leitura hoje é apenas utilitária e está cada vez mais associada a manuais técnicos e informativos. Sem falar no Google. Vamos pensar na chamada literatura “juvenil”. “Juvenil” é principalmente um conceito cultural. Faixas de idade são noções culturais e, olhando bem, numa sociedade de consumo, são fatias de mercado. É uma divisão de pessoas tão milimétrica que daqui a pouco teremos poesia para mulheres separadas de 32 anos.

Estou entre aqueles que preferem que a literatura trabalhe não com as diferenças – sempre ocasionais e provisórias –, mas com as semelhanças entre todas as pessoas e aborde assuntos que possam criar identificações entre crianças, jovens e adultos. Todos ficamos apaixonados, todos temos dúvidas, podemos sofrer, temos medo, gostamos de conforto, sonhamos, detestamos ser humilhados, temos contradições e todos, fatalmente, um dia morreremos. Prefiro imaginar que um jovem examine seu avô e pense: “Como esse cara é parecido comigo!” Prefiro lembrar que um homem de 80 anos de idade nunca teve 80 anos antes. Nesse sentido, é um aprendiz análogo a um menino de 8 anos.

Uma coisa é certa: a literatura não trabalha com objetividade e raciocínio aritmético onde  $2 \text{ mais } 2$  é sempre igual a  $4$ . Na literatura,  $2 \text{ mais } 2$  pode ser igual a  $1$ , a  $3$  ou a  $7$ . Até porque a lógica, a ciência e a técnica não dão conta de tudo. De que adianta, numa guerra, saber que nela existem moléculas e átomos? De que adianta para um homem apaixonado saber que a mulher amada tem esqueleto, fígado, rins, pâncreas, moléculas, átomos e cromossomos? A literatura trabalha com subjetividades. Eis porque ela não deve trazer respostas nem lições, mas, sim, fazer perguntas e lançar hipóteses. Fora isso, na literatura, cada caso é um caso.

Vou adaptar o que disse Zumthor: na literatura “o complexo é muitíssimo

mais provável do que o simples, e o uno é muitíssimo menos provável do que o diverso”. A literatura trabalha com assuntos que ninguém sabe. Assuntos que não podem ser ensinados. Assuntos subjetivos. Assuntos que jamais trazem uma resposta única. Fiz até uma lista.

A mortalidade (a efemeridade): é preciso lembrar que, se fôssemos imortais, não teríamos civilização, cultura, sociedade, livros, literatura nem coisa alguma. Pra quê?

A busca do parceiro amoroso.

A busca do autoconhecimento e da identidade, ou, como diz Richard Rorty, das “formas privadas de lidar com nossa própria finitude”.

A construção da própria voz (nossa subjetividade).

A luta do velho contra o novo (tradição X modernidade).

As iniciações.

As contradições e ambiguidades humanas (dois amores, a escolha de Sofia, o conflito entre o interesse particular e o interesse público, etc. Para Richard Rorty, a contradição deve ser definida hegelianamente como a “colisão do Bem contra o Bem”), etc.

São assuntos cotidianos, banais e complexos ao mesmo tempo. Atenção: não estou me referindo a temas preexistentes que tiramos de uma caixinha, mas, sim, a assuntos que detectamos durante a feitura do texto ou durante sua leitura. Muitas vezes, quando estou escrevendo, paro e pergunto: afinal, sobre o que estou escrevendo? Tomar consciência de certos assuntos que permeiam o texto, pelo menos para mim, tem ajudado a desenvolver e a focar melhor meu trabalho de escritor.

Não acho tão importante saber se a literatura é “infantil”, “juvenil”, “adulta” ou outra. O que está em jogo, creio, são basicamente duas coisas: 1) o tipo de linguagem utilizado e 2) o grau de abstração ou especialização ou erudição do assunto tratado. Textos complicados, eruditos, idiossincráticos demais, que



exageram na experimentação, que tratam de assuntos que exigem abstração ou um conhecimento especializado podem ser muito bons, mas não servem para jovens e, atenção, jamais serão populares. Por outro lado, textos que sirvam a ideologias, religiões e militâncias, ou textos politicamente corretos, por si sós, não podem ser considerados literatura. São peças de propaganda e proselitismo. Ideologias e militâncias podem até surgir numa obra literária, mas de forma secundária. O importante, o que interessa e o que buscamos na literatura são trabalhos consistentes tanto no plano da forma como no plano do conteúdo. Ao escrever um texto ou analisar uma obra literária devemos procurar: a originalidade, a capacidade ficcional, recursos como a metáfora (imaginem um livro técnico escrito por meio de metáforas!), a exploração inventiva e consciente da linguagem, o discurso marcado pela subjetividade e coisas assim. Seja para crianças, jovens ou adultos, uma literatura de boa qualidade sempre foi e sempre será algo muito difícil de fazer.

Sei que talvez existam livros mais apropriados para adultos, principalmente pela linguagem mais densa ou fragmentada, por temas mais abstratos ou que demandem conhecimento prévio ou por serem demasiadamente transgressores se considerarmos o leitor imaturo e facilmente influenciável. Não creio, porém, que existam assuntos exclusivamente para crianças ou para jovens. Como escritor, prefiro textos que por meio da ficção tratem de “assuntos que ninguém sabe” – paixões, ambiguidades, contradições, ansiedades e perplexidades humanas –, mas desde que sejam tratados de forma compreensível ao maior número de pessoas. Vou dar uns exemplos de porque a literatura e a poesia podem ser muito importantes. Fiz questão de selecionar textos não considerados para jovens. Quem pode dizer que nunca sofreu uma

frustração? Todos nós já sofremos, tivemos nossos desejos contrariados, tivemos que nos conformar ou desistir de um sonho. Ao encontrar esse assunto num texto, nós podemos repensar ou redescrever nossos sentimentos e, ao mesmo tempo, lembrar que ele não é só nosso e sim humano e relativo a todos nós. Vejamos o poema “Canção”, de Cecília Meireles:

*Pus meu sonho num navio  
E o navio em cima do mar;  
depois, abri o mar com as mãos,  
para o meu sonho naufragar*

*Minhas mãos ainda estão molhadas  
do azul das ondas entreabertas  
e a cor que escorre dos meus dedos  
colore as areias desertas.*

*O vento vem vindo de longe,  
A noite se curva de frio;  
Debaixo da água vai morrendo  
Meu sonho, dentro de um navio...*

*Chorarei quanto for preciso  
Para fazer com que o mar cresça,  
E o meu navio chegue ao fundo  
E o meu sonho desapareça.*

*Depois, tudo estará perfeito:  
Praia lisa, águas ordenadas  
Meus olhos secos como pedras  
E as minhas duas mãos quebradas.*

Para quem tem a sorte de viver numa sociedade pacífica e socialmente equilibrada (muitos brasileiros, porém, infelizmente vivem no meio de uma guerra entre polícia e traficantes), em geral falar em guerra pode ser algo um pouco abstrato e distante. Certos textos podem fazer a gente redescrever a gente mesmo ao estabelecer identificação com pessoas que estão na guerra e seu sofrimento. Vejamos o poema “Vietnã”, de Wislawa Szymborska:

Mulher, como você se chama? – Não sei.  
Quando você nasceu, de onde você vem? –  
Não sei.

Por que cavou esse buraco no chão? – Não sei.  
Desde quando você está aí escondida? – Não  
sei.

Por que mordeu minha mão? – Não sei.  
Não sabe que a gente não vai te fazer  
nenhum mal? – Não sei.

De que lado você está? – Não sei.  
É guerra, você tem que escolher. – Não sei.  
Tua aldeia ainda existe? – Não sei.  
Esses são teus filhos? – São.

Trago agora um trecho do poema “No caminho com Maiakovski”, de Eduardo Alves da Costa:

[...] Na primeira noite eles se aproximam  
e roubam uma flor  
do nosso jardim.  
E não dizemos nada.  
Na segunda noite, já não se escondem;  
pisam as flores,  
matam nosso cão,  
e não dizemos nada.  
Até que um dia, o mais frágil deles  
entra sozinho em nossa casa,  
rouba-nos a luz, e,  
conhecendo nosso medo,  
arranca-nos a voz da garganta.  
E já não podemos dizer nada [...]

A quantas e quantas redescições esse texto corresponde! Estamos redescrivendo ditaduras? Estamos falando da corrupção? Estamos redescrivendo traficantes de drogas? Estamos usando outras palavras para falar de uma doença como câncer ou aids? Pessoas de todas as idades, crianças, jovens e adultos podem sentir e sentem angústia. Textos que trazem esse sentimento humano com clareza e de forma compartilhável podem nos tornar mais humanos. Vejamos o poema “Assombros”, de Affonso Romano de Sant’Anna:

Às vezes, pequenos grandes terremotos  
ocorrem do lado esquerdo do meu peito.

Fora, não se dão conta os desastentos.

Entre a aorta e a omoplata rolam  
alquebrados sentimentos.

Entre as vértebras e as costelas  
há vários esmagamentos.

Os mais íntimos  
já me viram remexendo escombros.  
Em mim há algo imóvel e soterrado  
em permanente assombro.

Peço licença agora para trazer um poema escrito por mim. “Pássaro” está no livro *Feito bala perdida e outros poemas* e costuma ser lido por adolescentes, mas não só.

A verdade não se prende em gaiola  
Não se derruba com tiro  
Nem se mata para comer

A verdade apresenta espécies variadas  
Sua roupagem é transparente embora opaca  
Seu bico reinventa todos os cantos

A verdade voa para opostas direções  
Tem usos e costumes contraditórios  
Pousa inefável em galhos imensuráveis

Invisível, a verdade é infinita a olho nu  
Pode existir de múltiplas maneiras  
Sua beleza esconde ensina ilumina e  
confunde

A verdade é revelação rude e selvagem

De seu corpo inconstante transcende lento e  
veloz

O pássaro que jamais imaginamos.



Tento mostrar que a poesia – na verdade, a literatura –, independentemente de faixas de idade, pode fazer descobrir e redescobrir sentimentos profundos que habitam dentro de nós. Creio que qualquer modelo educacional digno deste nome não poderia deixar de ter como um ponto fundamental a literatura, a poesia e a arte. Vale notar que quando falo de ficção me refiro a criações e redescições que têm a ver com a vida humana concreta. Nada a ver com literatura apenas de entretenimento, enredos politicamente corretos, historinhas alienadas inspiradas em games, passatempos mentais, etc. A meu ver, as drogas e os analgésicos, assim como os games, a televisão ou Facebook e Instagram ligados o tempo todo em todos os ambientes, têm a ver com uma certa literatura alienante e alienada que tem infestado nossa cultura e nossos jovens. A literatura de ficção e a poesia são coisa séria. Jamais mentem, pois são tentativas subjetivas de experimentar a verdade. Fazem repensar, redescobrir, ressignificar a vida, a nós mesmos e aos outros.

Vou concluir com um poema de Fernando Birri (*apud* Eduardo Galeano), “Utopia”:

*La utopía  
está en el horizonte.  
Me acerco dos pasos,  
y ella se aleja dos pasos  
Camino diez pasos,  
y ella se corre diez pasos más allá.  
Por mucho que yo camine,  
nunca la alcanzaré.  
Entonces:  
¿para qué sirve la utopía?  
Para eso...  
para caminar.*

## Referências bibliográficas

- ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- AZEVEDO, Ricardo. *Feito bola perdida e outros poemas*. São Paulo: Ática, 2007.
- BAKHITIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- ALVES DA COSTA, Eduardo. *No caminho com Maiakóvski*. São Paulo: Editora Círculo do Livro, 1988.
- ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- MEIRELES, Cecília. *Poesias completas – Viagem e Vaga música*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.
- RORTY, Richard. *Contingência, ironia e solidariedade*. São Paulo: Martins, 2007.
- SANT’ANNA, Affonso Romano de. *Lado esquerdo do meu peito*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- SZYMBORSKA, Wislawa. *Poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\* **Ricardo Azevedo** Escritor e ilustrador, autor de diversos livros para crianças e jovens, entre eles: Um homem no sótão (*Ática*); O livro das palavras (*Editora do Brasil*); O chute que a bola levou (*Moderna*) e Trago na boca a memória do meu fim (*Ática*). Ganhou várias vezes o prêmio Jabuti, entre outros. Tem livros publicados na França, Alemanha, México, Portugal e Holanda. Doutor em Letras (USP).





# Leitura digital e consumo de livros



Mariana Bueno\*

## A demanda por livro: dois lados de uma mesma moeda

Num mundo cada vez mais digitalizado, com um volume de informações e dados cada vez maior e produzidos num intervalo de tempo cada vez mais reduzido, impossível pensar que algum setor produtivo possa evoluir sem fazer uso sistemático desse conjunto de fatores. É o que vem acontecendo com a cadeia produtiva do livro, que, há cerca de uma década, passou a contar com um volume significativo de informações e dados que têm transformado a realidade desse mercado na medida em que seus agentes passaram a considerar as informações produzidas na tomada de decisões. Contudo, ainda que esse avanço seja notável, é importante destacar que a maioria das informações é referente ao lado da oferta e é com base nesses dados que a maioria dos agentes decide quais serão suas futuras ações.

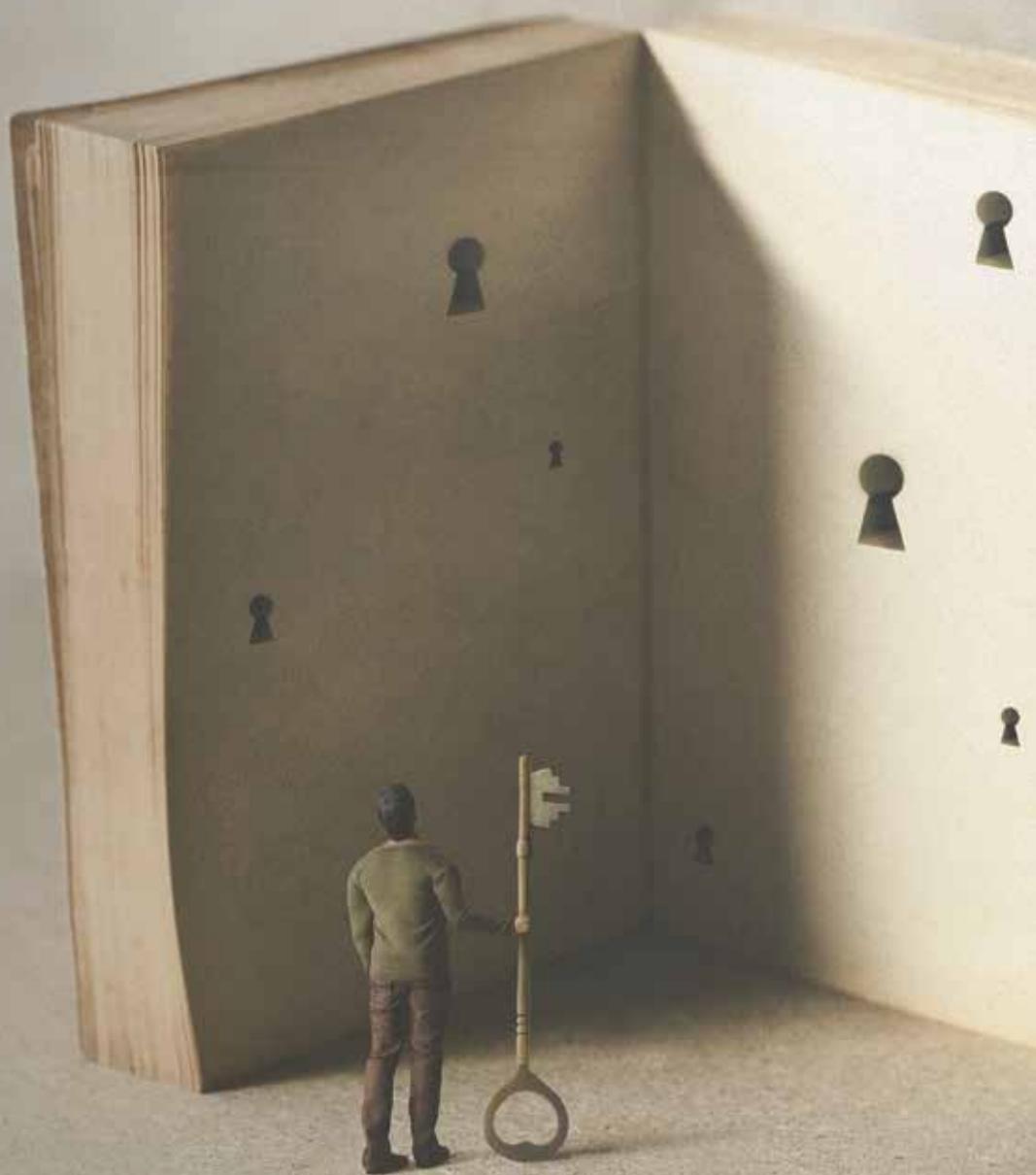
Não há no país uma pesquisa dedicada a realizar o diagnóstico da demanda por livros. A pesquisa Retratos da Leitura, conhecida e reconhecida mundialmente por traçar

um diagnóstico da realidade leitora do país, cumpre um importante papel nesse sentido, uma vez que o volume de dados produzido pela Retratos possibilita não só o diagnóstico dessa realidade leitora, importante sem dúvida para a cadeia produtiva do livro, mas também um conhecimento mais apurado de quem são e como se comportam os consumidores de livros.

A Retratos mostra que o país não apresenta mudança substancial na relação entre o número de leitores e de não leitores.<sup>27</sup> Apesar das pequenas variações, que obviamente são esperadas de um ano para outro, não há um crescimento efetivo do número de leitores no país, que nos últimos anos se manteve estável em torno dos 50%.<sup>28</sup> Ou seja, a demanda

<sup>27</sup> A pesquisa Retratos da Leitura considera leitor um indivíduo que tenha lido ao menos um livro, inteiro ou em parte, nos últimos três meses.

<sup>28</sup> Relação de leitores (L) e não leitores (NL) – 2007: 55% L, 45% NL; 2011: 50% L, 50% NL; 2015: 56% L, 44% NL; 2019 52% L, 48% NL.



efetiva por livros é constituída por essa parcela da população.

Nesse universo de leitores, apenas 23% compraram ao menos um livro nos últimos três meses. A principal forma de aquisição é através das livrarias físicas e/ou virtuais, corroborando os dados apurados pelo mercado.<sup>29</sup> Livros presenteados ocupam a segunda posição no ranking e foram citados por 25% dos leitores. Ao considerar que os livros presenteados também foram comprados, observa-se que a compra é, sem dúvida, a principal forma de aquisição de um livro, representando 66% do total. Dentre os compradores de livros, tema ou assunto, título e autor lideram o ranking de fatores que influenciam a compra de um livro. Capa foi o fator mais citado pelas crianças e apresentou crescimento significativo de 7%. O preço é fator determinante para 22% desses consumidores.

A Retratos também mostra que nos últimos três meses os leitores brasileiros leram 5,03 livros, sendo 3,13 lidos por vontade própria e 1,23 de literatura lidos inteiros. As motivações mais citadas para ler um livro são: gosto, crescimento pessoal e distração. É na

<sup>29</sup> De acordo com a pesquisa *Produção e Vendas*, realizada pela Nielsen Book e coordenada pelo SNEL e pela CBL, as vendas para livrarias físicas e virtuais representaram, em 2019, 63% do faturamento das editoras.

infância que o gosto aparece como a principal motivação, suscitando um questionamento imediato: por que razão o gosto pela leitura deixa de ser fator determinante para a leitura de um livro à medida que a população envelhece?

Para os adultos e adolescentes, tema ou assunto é a principal motivação para a escolha de um livro; já para as crianças a escolha é determinada fundamentalmente pela capa e pelo título. A Bíblia continua sendo o livro mais lido, seguido por contos, religiosos e romances, e em relação ao último livro lido ou que está sendo lido, dos seis mais citados, quatro são infantojuvenis.<sup>30</sup>

Em relação ao formato, os dados apontados pela Retratos estão em linha com os dados apurados pelo mercado.<sup>31</sup> 67% dos leitores declararam ter preferência pelo livro físico e 17% disseram preferir o formato digital. Dentre aqueles que já acessaram um livro digital, apenas 18% declararam ter pago pelo download do conteúdo. Além disso, o aumento substantivo apontado em relação ao uso da internet, do WhatsApp e a assistir a vídeos corrobora a ideia do mercado de que o livro passou a ter novos concorrentes, pois a ampliação e a intensificação do uso das redes sociais, dos serviços de *streaming* e de toda a tecnologia *on demand* resultam numa transformação do cotidiano e na maneira como os indivíduos leitores ocupam seu tempo.

Outro aspecto importante apontado pela Retratos é a redução do número de leitores

<sup>30</sup> 2º lugar: Diário de um banana; 3º lugar: Turma da Mônica; 4º lugar: Harry Potter; 6º lugar: O Pequeno Príncipe.

<sup>31</sup> A pesquisa *Conteúdo Digital do Setor Editorial Brasileiro*, realizada pela Nielsen Book e coordenada pelo SNEL e pela CBL, apontou que o mercado digital representa 4% do faturamento das editoras do país.



que possuem Ensino Superior ou que estão cursando a universidade. A série histórica da pesquisa Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro<sup>32</sup> aponta que, entre 2014 e 2019, o subsetor de CTP (Científicos, Técnicos e Profissionais) acumulou queda real de 50%. Nos últimos anos o mercado tem observado mudança significativa no comportamento desses leitores e consumidores de livros, mas as respostas para tal fenômeno ainda parecem ser insuficientes.<sup>33</sup>

Pela primeira vez a pesquisa traçou um diagnóstico específico para os leitores de literatura, e os resultados obtidos mostram que esses indivíduos podem ser considerados “mais leitores”: todos os indicadores apresentam um resultado mais positivo quando comparados com leitores de outros conteúdos. O consumo de livros do leitor de literatura também é maior; portanto, sob a ótica do mercado, o incentivo à leitura de literatura tende a gerar um incremento positivo na demanda por livros.

Se por um lado a Retratos possibilita que os agentes da cadeia produtiva do livro tracem um perfil do leitor e do consumidor do livro e consequentemente da demanda por livros, por outro a pesquisa permite um diagnóstico do universo não leitor, o outro grupo representado por cerca de 50% da população. Para o mercado de livros, olhar esse lado da moeda não é menos importante, uma vez que a expansão concreta da demanda depende não apenas de um incremento positivo no hábito de leitura da população que já é leitora, mas também e fundamentalmente da formação de uma população leitora entre aqueles

<sup>32</sup> A série histórica da Pesquisa Produção e Vendas é realizada pela Nielsen Book e coordenada pelo SNEL e pela CBL. Os dados são apresentados em termos reais e deflacionados por meio da variação acumulada do IPCA.

<sup>33</sup> M. Bueno e H. Fürst. ¿Dónde están los lectores de libros científico-técnico-profesionales? <<https://cerlalc.org/donde-están-los-lectores-de-libros-cientifico-tecnico-profesionales/>>

que se declaram não leitores. Os resultados referentes à população não leitora apontam para um aspecto estrutural da demanda por livros: o déficit educacional do país.

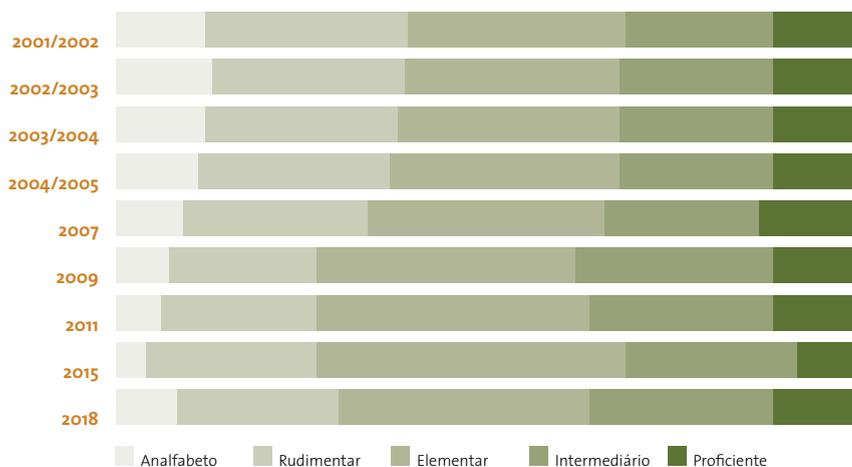
Dentre as dificuldades apontadas pelos indivíduos não leitores, 19% disseram que leem devagar, 13% declararam não ter concentração suficiente para ler, 9% afirmaram não compreender o que leem e 4% não sabem ler. Ou seja, as dificuldades apontadas por 45% das pessoas possuem forte relação com problemas de compreensão e/ou capacidade leitora e correspondem ao conceito de analfabetismo funcional.

A última edição do INAF<sup>34</sup> mostrou que o país apresentou mobilidade no índice de analfabetismo da base para o meio da pirâmide. Em outras palavras, houve uma redução no número de analfabetos e um crescimento da população com nível elementar.<sup>35</sup> No entanto, é importante destacar que não houve alteração no topo da pirâmide, o percentual da população considerada proficiente, com total capacidade leitora, permaneceu estável e os mesmos 12% detectados em 2001, início da série, foram detectados em 2018, último ano em que a pesquisa foi apresentada.

<sup>34</sup> Relatório do Instituto Paulo Montenegro sobre analfabetismo funcional: <<https://ipm.org.br/relatorios>>.

<sup>35</sup> De acordo com o INAF, os indivíduos dessa categoria são capazes de: selecionar uma ou mais unidades de informação, observando certas condições, em textos diversos de extensão média realizando pequenas inferências; resolver problemas envolvendo operações básicas com números da ordem do milhar, que exigem certo grau de planejamento e controle (total de uma compra, troca, valor de prestações sem juros); comparar ou relacionar informações numéricas ou textuais expressas em gráficos ou tabelas simples, envolvendo situações do contexto cotidiano doméstico ou social; reconhecer significado de representação gráfica de direção e/ou sentido de uma grandeza (valores negativos, valores anteriores ou abaixo daquele tomado como referência).

ÍNDICE DE ANALFABETISMO NO BRASIL – INAF FONTE: NIELSEN – NIELSEN BOOKSCAN



Dados publicados pela última edição do PISA<sup>36</sup> relatam que pouco mais de 50% dos estudantes brasileiros com 15 anos não conseguiram alcançar aquele que é considerado pela OCDE o nível básico de proficiência em leitura. Nessa mesma categoria o Brasil ocupa a 57ª posição num ranking com 77 países. Em 2018, o World Development Report,<sup>37</sup> relatório produzido pelo Banco Mundial com o intuito de traçar um diagnóstico sobre o desenvolvimento econômico e social dos países, teve como foco a educação e a crise global de aprendizagem e apontou que, tudo mais constante, o Brasil levaria 260 anos para que seus estudantes fossem capazes de atingir o mesmo nível de proficiência em leitura que a média detectada pela OCDE.

Em 2015, ano em que o governo federal cancelou o PNBE,<sup>38</sup> a produção de livros

<sup>36</sup> Resultados do PISA 2018: <<https://www.oecd.org/pisa/publications/pisa-2018-results.htm>>.

<sup>37</sup> O World Development Report é publicado anualmente pelo Banco Mundial: <<https://www.worldbank.org/en/publication/wdr2018>>.

<sup>38</sup> Programa Nacional Biblioteca da Escola, criado pelo governo federal em 1997 com o objetivo de promover o hábito da leitura e ampliar o acesso

de literatura infantil e juvenil sofreu uma redução de 59%, passando de 57,34 milhões de exemplares produzidos em 2014 para 23,78 milhões em 2015. Esse volume só voltou a crescer em 2019, com a implementação do PNLD literário, quando foi registrada a produção de 49,1 milhões de exemplares de literatura infantil e juvenil.<sup>39</sup> Considerando que a compra é a principal forma de acesso ao livro e que, entre 2015 e 2020, os dados do varejo<sup>40</sup> não mostram alteração substantiva na venda de livros infantis e juvenis, é possível concluir que os programas de compras governamentais garantem o acesso ao livro, mas não são capazes de ampliar a base leitora e consequentemente ampliar a demanda por livros.

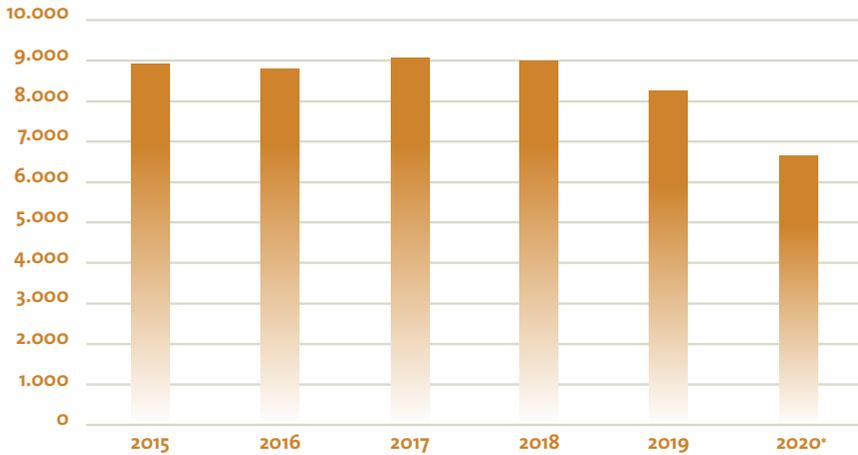
à cultura e à informação e operado pelo FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação).

<sup>39</sup> Dados retirados da Pesquisa Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro. Os dados de 2019 são referentes à produção de literatura infantil e literatura juvenil, excluindo literatura jovem adulto.

<sup>40</sup> Dados referentes ao BookScan, produzido pela Nielsen Book, cedidos especialmente para este artigo.

VOLUME VENDIDO (1.000 exs) – Livros infantis e juvenis

FONTE: NIELSEN – NIELSEN BOOKSCAN



\* dados referentes ao período de 01/01/2020 até 22/11/2020

A restrição estrutural da demanda por livros pode ser considerada o maior entrave à expansão consistente do setor. Não se trata, portanto, de desconsiderar as compras governamentais, importantes sem dúvida num país com desigualdades tão profundas, mas de enfatizar a necessidade de que os pleitos junto ao Estado não estejam restritos ou centrados nesse único fator. Os dados evidenciam que é fundamental que a cadeia do livro encampe pleitos que promovam políticas públicas, de Estado e permanentes, que incrementem positivamente os índices educacionais e de leitura, o que, indubitavelmente, resultará na expansão efetiva da demanda por livros.

**\* Mariana Bueno** Formada em Economia pela PUC-SP, com MBA em Inteligência Estratégica, Competitiva e Econômica pela FIPE-USP. Consultora da Nielsen Book responsável pela pesquisa Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro e pela pesquisa Conteúdo Digital do Setor Editorial Brasileiro. Em 2017 conduziu a execução do Censo do Livro Digital. Colaboradora da CERLALC, nos últimos anos vem se dedicando a estudar o desempenho do mercado editorial brasileiro e de outros países e suas relações com indicadores econômicos e sociais.



Fabio Malini\*

# A plataformização da leitura e redes sociais: impactos no consumo de livros

## > **Introdução**

Trata-se da análise dos resultados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, em sua 5ª edição, executada pelo Ibope e coordenada pelo Instituto Pró-Livro com apoio do Itaú Cultural. A ênfase deste artigo é refletir sobre os impactos da leitura de livros em plataformas digitais na leitura de livros no Brasil. Nesse sentido, em todo este relatório será comum o uso do termo “outros suportes” como referência aos meios digitais e veículos em que livros circulam sem que seja em seu formato tradicional, o de papel.

Por plataformas entende-se “arquiteturas programáveis desenhadas para organizar interações entre usuários” (Van Dijck et al., 2018). Nessa acepção, a tecnologia é o meio para conectar usuários, moldando seus gostos, consumos e estilos de vida, cujos impactos nos modos de leitura passam pela valorização de novos influenciadores e tendências ditadas no fluxo conversacional dessas

plataformas digitais. Assim, um dos principais impactos das plataformas (como Facebook, WhatsApp, Instagram, Twitter, etc.) tem sido a geração de uma “socialidade programada” (Bucher, 2018), com estruturas algorítmicas que funcionam como *gatekeepers*, na medida em que priorizam os conteúdos, atores e a agenda que serão mais visibilizados do que outros. A plataformização da leitura, portanto, tenderá a ser mediada cada vez mais pelo poder dos algoritmos criados por corporações digitais, num momento histórico em que o acesso a esses serviços on-line se acelera.

As plataformas digitais passaram a abrigar muitos dos fatores que influenciam a escolha de um livro. Um desses fatores são as personalidades que cultivam largas audiências em torno de uma produção segmentada de conteúdo, os chamados influenciadores digitais. Em 2019, a pesquisa Retratos da Leitura revelou que apenas 2% dos leitores seguem a indicação de um influenciador digital, de blogs, redes



de relacionamentos sociais ou YouTube. O percentual faz sentido, dado que há poucos *influencers* dedicados a constituir um sistema de recomendação literária. São, em geral, apenas vetores de merchandising de seus próprios produtos digitais, o que inclui, em alguns casos, livros para servir de suporte à venda de suas turnês.

O impacto mais intenso do digitalismo que a pesquisa revela não está associado ao acento individual dos *influencers*, mas incide sobre dois itens bem relevantes na influência da escolha de um livro entre leitores: “tema ou assunto” (33%) e “dicas de outras pessoas” (12%). Basicamente, a produção de tendências temáticas e os sistemas de recomendação *pessoa a pessoa* são determinados hoje pela sociedade mediada pelas plataformas digitais. Os temas de debate, a conversação e as controvérsias são alimentados em dispositivos de visibilidade lançados em ferramentas interativas como *Trending Topics*, volume de curtidas, compartilhamentos e *threads*, visualizações e inscrições em canais, que são gerados coletivamente pelos participantes desse espaço público elástico que a internet ampliou. A internet tornou-se o hobby de maior crescimento no cotidiano das pessoas. Segundo a pesquisa, 66% do total da amostra preferem usar a internet no seu tempo de entretenimento, um aumento substantivo comparado ao percentual (47%) encontrado em 2015. O percentual aumenta mais se analisados apenas os leitores de livros: 75%. Assim, mesmo não sendo reportado na pesquisa, o aumento da média de horas de consumo da internet (fator ampliado durante a pandemia) parece definir uma agenda de temas de debate e opinião na sociabilidade brasileira.

### > **A mudança do público-leitor para o amigo-seguidor: o leitor plataformizado**

A imersão na vida digital, sobretudo entre os 32% que priorizam a compra de livros exclusivamente em livrarias on-line, está mais correlacionada com a compra do livro em função do autor. A relação mais próxima da audiência com escritores nas redes sociais ajuda a explicar esse processo, pois essa relação transmuta a ideia de *público-leitor*, arraigada na cultura livresca, transitando para a cultura *amigo-seguidor*, arraigada no mundo digital. Nessa acepção, a “amizade” não é feita de uma relação individualizada leitor-autor, mas na internet é nutrida a partir de relações comunitárias, em que o *amigo-seguidor* projeta relações de parceria com seu autor preferido, mobilizando comunidades de resenhas, críticas, compartilhamentos, participação em eventos, organizando encontros – novos comportamentos de fã cuja atitude não é de contemplação do objeto livro, mas de engajamento no entorno subjetivo dos autores, que vende não apenas histórias e ideias, mas acesso a um repertório político e cultural para essas audiências nas redes.

### > **A narrativização do social determina o interesse da leitura: a elasticidade do espaço público de opinião na internet**

O leitor é ainda mais plataformizado quando analisados os estratos superiores de renda e escolaridade. Na pesquisa Retratos da Leitura (2020), a quase totalidade dos indivíduos com Ensino Superior (97%) e da classe A (94%) usa a internet no tempo livre.

Com a internet presente de modo pervasivo no cotidiano de milhares, há um fenômeno relativamente novo no Brasil: a internet multiclassas. Antes restrita às camadas médias e altas da população, a internet se massificou e 89% das pessoas usavam diariamente a internet (de acordo com a TIC Domicílios 2018), que passou a abrigar as populações mais empobrecidas (em 2015, 21% da classe D usava a internet nas horas vagas; em 2019, 45%) e de escolaridade mais baixa (em 2019, 42% dos que têm apenas o Ensino Fundamental), o que ampliou a arena de participação nas conversações públicas, incluindo repertórios e demandas populares pouco escutados, o que chamo de *narrativização do social*: quando um comentário nas redes sociais começa a impactar o mercado de consumo através das conversações, controvérsias, discussões e comunidades que passam a ecoar em contas públicas e grupos privados de comunicação, tornando um determinado tema catalisador do “mercado da opinião”, atraindo a audiência para os autores que dele participam.

Os casos que isso evidencia são fartos. Durante a pandemia de covid-19, um forte movimento social eclode nas ruas do mundo ocidental: #BlackLivesMatter. Era uma reação à brutalidade policial contra a população preta nos Estados Unidos, mas depois tornou-se gatilho para uma luta antirracista que atravessou diferentes países, inclusive o Brasil. O tema tornou-se o assunto do momento nas principais plataformas digitais. No Twitter, para ficarmos só no Brasil, os principais influenciadores lançaram a hashtag #VidasNegrasImportam, que mobilizou 4,3 milhões de postagens. No Instagram, a mesma agregou 685 mil imagens. No Facebook, mobilizou 35 mil





posts apenas em páginas e grupos, gerando mais de 7 milhões de interações, segundo a ferramenta de monitoramento CrowdTangle. O agendamento do racismo despertou o “tempo livre” das pessoas, a ponto de os militantes negros cunharem o termo “*aliadismo*”, ao falar do aumento de interesse de pessoas comuns, sobretudo no Instagram, que se colocavam disponíveis para serem educadas através de pequenas conversas e reflexões literárias. O movimento atingiu grandes influenciadores, que, pressionados pelos seus públicos, abriram espaço para intelectuais e ativistas abordarem a temática do racismo. Os canais de televisão, idem. O impacto disso no Brasil foi que, em poucos dias, o livro *Pequeno Manual Antirracista*, escrito pela filósofa e militante do movimento negro Djamila Ribeiro, tornou-se a obra mais vendida no Brasil, demonstrando que o *buzz* não é efeito de uma propaganda realizada por um influenciador, mas por um processo de conversação temática que capta a atenção de uma multiplicidade de internautas. Assim, não se trata de um fenômeno isolado. Longe disso, a “narrativização do social” funciona como *buzz* que prende a atenção e

gera consumo de ideias também em tantos outros exemplos que brotam da intensa conexão on-line das pessoas (sobretudo no período da pandemia), em que temáticas médicas, de autoajuda, religiosa, ou mesmo do mundo *fitness* ou da vida doméstica, ganham relevância em função das conversações ou polêmicas que conseguem agitar nas redes sociais, mediadas por novos suportes para que a leitura se processe, principalmente, com a ativação de estratégias orais, que são alicerçadas em *lives*, *stories*, áudios de WhatsApp, ou da cumplicidade vinda da amizade, constante na lógica de compartilhamentos de textos em redes sociais. Ler um livro passará, assim, cada vez mais, por estratégia de pertencimento de comunidades moldadas em agrupamentos de redes sociais, cujo efeito colateral negativo é o fechamento em câmaras de eco, em termos de aceitação da diversidade de autores e gêneros.

Assim, não é de surpreender que a pesquisa mostre que 75% dos leitores de livros têm na internet sua principal atividade de lazer. Ou que passatempos tais como “usar WhatsApp” (68%) e “acessar Facebook, Twitter ou Instagram” (50%) estejam ainda mais intensamente na realidade desses leitores. Tudo isso explica em boa parte o incremento da atividade da escrita entre eles, já que 60% dos leitores escrevem nas horas vagas, o dobro em comparação aos não leitores (31%). Lembro que a internet, diferentemente da televisão, é um dispositivo que requer domínio da escrita e da leitura para seu uso pleno, o que faz com que “assuntos do momento” e diferentes gêneros literários tendam a andar sempre juntos, na medida em que uma sociedade baseada em massivas conversações requer mediações de argumentos de autoridade, em geral registrados num repertório de autores que, quando contemporâneos, estão presentes nas próprias redes que lhes trazem popularidade e uma comunidade ao seu redor.

➤ ***A proximidade física não pertence apenas ao mundo off-line, ela é incorporada nas plataformas digitais***

Anúncios digitais não são capazes de mobilizar a atenção dos leitores, como foi constatado nas respostas à pergunta sobre quais são os fatores determinantes na indicação de um livro. O mesmo se pode afirmar em relação a redes sociais como YouTube, Instagram ou Facebook, lembradas apenas por 3% dos leitores quando questionados sobre quem indicou o último livro lido. São os professores (22%), amigos (22%) e mães ou responsáveis do sexo feminino (6%) que pesam na decisão de leitura; portanto, a mediação de um influenciador mais próximo ao leitor. Ocorre que essa noção de *proximidade física* entre leitor e sua comunidade de pertencimento também tem sido alterada pelas plataformas digitais, à medida que várias socialidades são alimentadas em agrupamentos cujo principal valor é o da *amizade* (tornada agora computável em seguidores, inscritos, likes, compartilhamentos, etc.), trazendo para o mundo digital as relações entre professores e alunos, pais e filhos, ficando interligados a um sistema de recomendação que inventa pessoas, ao torná-las afetadas por agrupamentos de WhatsApp, Facebook, Instagram ou lives em Zoom, vídeos em Tik Tok e assim por diante. Isso é corroborado pelos respondentes leitores ao serem indagados quanto às atividades que mais realizam na internet: 55% responderam “Trocar mensagens no WhatsApp ou no chat do Facebook” e 43% disseram “Assistir a vídeos, filmes, séries ou programas de TV”. Ou seja, na cultura digital de pais e filhos, professores e estudantes, o processo de comunicação migrou da televisão para a internet, com a diferença de que no mundo da radiofusão mais recebiam do que produziam informações capazes de alterar a sua proximidade física, realidade que se radicaliza com a vida digital.

➤ ***Na internet, ler notícias é um hábito mais presente na vida adulta. Já ler livros em ambientes virtuais, na vida infantojuvenil***

É a troca de mensagens o principal espaço interativo da leitura e da escrita on-line: 67% dos entrevistados não leitores mencionaram a troca de mensagens via WhatsApp ou chat do Facebook como uma das atividades mais realizadas na internet. Já entre leitores, esse mesmo item soma 55% das respostas. Em geral, é um hábito altamente realizado por diferentes faixas etárias, mas com mais ênfase pelos mais jovens: 71% de quem tem 18 a 24 anos e 69% de quem tem 25 a 29. Contudo, os estratos mais idosos também se mostram bem ativos no uso de WhatsApp, sobretudo a população com mais de 70 anos (68%).

“Ler notícias, jornais e revistas” é uma atividade cotidiana de 23% dos que usam a internet. “Ler notícias na internet” é um hábito mais ligado à população adulta. Se contrastarmos os extremos dos mundos adulto e jovem, veremos que o grupo etário de 50 a 59 anos (32%) lê notícias duas vezes mais que o de 18 a 24 anos (16%).

Já ler livros em ambientes da internet é um hábito mais infantojuvenil (13% entre quem tem de 11 a 17 anos), mais do que o dobro em relação a outras faixas etárias, como, por exemplo, 18 a 24 anos (6%) e 50 a 69 anos (4%). E acessar as redes sociais continua a ser uma experiência a que os jovens dedicam mais o seu tempo, especialmente aqueles que estão entre 25 e 29 anos, que foram os que mais responderam (23%) a esse item.

➤ ***O local da leitura do livro digital: espaços de passagem***

Segundo a 5ª edição da Retratos da Leitura, o local preferencial da leitura feita através do livro digital continua, na comparação entre 2015 e 2019, sendo os espaços de passagem,

como cafeteria (16%), em meios de transporte público (17%), trabalho (15%) e consultórios, salões de beleza ou barbearias (13%), totalizando 61%. Em todos esses espaços, sua presença passou a ser mais reportada, graças certamente ao uso de telefones celulares e tablets, que obtiveram forte crescimento na realidade brasileira. Contudo, o formato digital parece ter encontrado um teto de uso, estacionando em 8% na preferência de leitura entre os respondentes (considerando o último livro lido).

► ***Informação versus conhecimento: notícias impactam mais os não leitores, enquanto conhecimentos mais aprofundados, os leitores***

Quanto às atividades relacionadas à leitura na internet, em termos gerais, há o predomínio do uso informativo das redes sociais: 78% buscam ler notícias e informações em geral e, em menor número, ler jornais (37%) e ler revistas (28%). Seguido de um uso mais focado no estudo: 76% buscam aprofundar o conhecimento sobre os temas do seu interesse e, em menor grau, “estudar, fazer trabalho escolar ou pesquisar temas escolares” (53%) e ler livros (40%) – ressaltado aqui que esses percentuais se referem apenas aos que usaram a internet nos últimos três meses (76% do total dos entrevistados). Há de se destacar o crescimento de uma *cultura de compartilhamento* do conhecimento. Para cada quatro usuários de internet, um já baixou livro digital (23%). E 17% deles afirmam compartilhar temas ligados à literatura em redes sociais, revelando um processo cooperativo de discussão sobre o material literário e reforçando valores de coparticipação na leitura dos livros.

Quando analisados esses mesmos indicadores filtrando o comportamento do leitor em comparação ao não leitor, há diferenças bastante relevantes. A principal delas é que leitores tendem a buscar

maior densidade de conhecimento do que novidades informativas: 75% dos leitores usam a internet para aprofundar um conhecimento particular, frente aos 50% de não leitores. E 59% dos leitores, para estudar e fazer trabalhos escolares (mais que o dobro em comparação com os 25% de não leitores). Metade (49%) lê livros na tela de dispositivos computacionais e 34% têm o hábito de baixar livros, contra apenas 13% e 7%, respectivamente, entre não leitores. Assim, o impacto da leitura contínua implica a adoção da internet como instrumento de dedicação ao estudo.

Ao se analisarem esses hábitos em função da faixa etária, é possível identificar que esse *viés da densidade cognitiva* está mais concentrado na população em idade economicamente ativa, especialmente na mais jovem. Essa população entre 18 e 24 anos, na internet, lê (44%) e baixa mais livros (37%), estuda mais (54%), aprofunda mais o conhecimento (73%) do que a população adulta, que tende a uma leitura mais informacional na internet, ao ler mais jornais e revistas, principalmente entre aqueles na faixa dos 30 aos 39 anos (42% e 32%, respectivamente), ainda que também tenham um foco dedicado à busca mais densa de conhecimento (70% dessa mesma faixa etária adulta).

Em relação às atividades relacionadas à leitura na internet por escolaridade, os resultados da pesquisa demonstram que quanto mais anos de estudos, mais informação e conhecimento são consumidos e produzidos na internet. Por exemplo, entre aqueles com Ensino Superior, 86% leem notícias e informações e 83% aprofundam conhecimentos sobre os seus temas de interesse na internet. Essa mesma atividade é foco de 39% e 43% entre os que possuem apenas o Ensino Fundamental de 1ª a 4ª série.

### > O suporte preferencial da leitura digital é o telefone celular

Essa maior dedicação à busca de informação e conhecimento através da internet fez aumentar o número de leitores de livros digitais. Em 2015, era de 26% o número de pessoas que tiveram contato com a leitura de um livro digital. Em 2019, 37%. A maior parte delas nos grupos etários de 18 a 24 anos (25%), de 30 a 39 anos (24%) e de 25 a 29 anos (14%), majoritariamente aqueles com Ensino Médio (43%) ou Superior (42%). Um público que passou também por uma mutação tecnológica radicalizada no percurso desta década, quando os smartphones passaram a ser o principal dispositivo de leitura digital. Em 2015, 56% dos que já tinham lido um livro digital o haviam feito através de celular. Em 2019, 73%. No mesmo período, o consumo literário em computadores e tablets entrou em uma descendência de uso. Em 2015, 49% e 18%, respectivamente. Em 2019, 31% e 9%. Grande parte dessa centralidade do telefone celular está associada com a ampliação da capacidade de armazenamento de dados, o aumento do tamanho das telas e o advento da cultura dos aplicativos, que possibilitam ao usuário trafegar documentos considerados pesados em termos de carga de bytes, como livros, por exemplo. Essas funções só fazem sentido porque são demandas de uma cultura de compartilhamento de conhecimento, que faz com que o acesso gratuito a livros aconteça mais rápido do que o pagamento pelo download. Oitenta e oito por cento dos que leem livro digital fazem download gratuito. Ainda que o pagamento pelo download aumente entre os leitores de classes de renda mais alta, a grande maioria lê livros digitais baixados gratuitamente da internet, uma forma de acesso que cresceu de 9% (2015) para 12% (2019), aumento também registrado entre aqueles que não compraram livros nos últimos três meses: de 70% para 73%.

Há várias hipóteses para isso. Uma delas tem a ver com a maneira como os livros circulam hoje, especialmente no Ensino Superior, em que as disciplinas se iniciam com os professores disponibilizando um acervo digital de livros e capítulos para serem lidos, já que a maior parte dos alunos (dado corroborado nesta pesquisa) está em faixa etária que tem como hábito ler e realizar tarefas de estudo diretamente em telas digitais, o que explica uma média relativamente alta de livros digitais lidos por ano (43% dos que já leram livros digitais leram de dois a cinco livros nesse formato), ainda que o formato preferido por 67% dos leitores que já leram um livro digital seja o livro de papel.

Quando analisada a leitura de livro digital, percebe-se que esse é um hábito mais associado aos leitores de livros de literatura, já que 53% deles já leram algum e-book. Já o número de leitores de livros em outros formatos que relataram experiências com o livro digital foi de 40%.

Entre os mais escolarizados, quem tem Ensino Superior lê duas vezes mais do que os que possuem apenas o Ensino Fundamental; e quem recebe mais de 10 salários mínimos de renda familiar mensal lê dez livros inteiros ou em parte por ano – o triplo de quem recebe apenas um salário mínimo. É importante reportar que baixar um livro diretamente da internet é uma ação mais



associada às novas gerações, estando mais concentrada numa faixa etária que vive o estágio de Ensino Superior, a de 18 a 24 anos. Nesta, 7% responderam que o último livro lido foi baixado da internet e 14% compraram pela internet. Em lojas físicas, 28%. Isso demonstra um *leitor híbrido* quanto ao local onde prefere adquirir um livro. O mesmo pode-se dizer sobre o formato. O hibridismo é uma tendência com crescimento lento, mas já se nota presente nessa população: 16% leram livros digitais.

### ➤ **Gêneros literários em suportes digitais: a liderança do conto e da poesia**

A pesquisa também investigou a leitura de gêneros literários em outras plataformas, sobretudo a digital. O conto segue sendo o gênero preferido entre esses leitores: 78% destes responderam ter lido, nos últimos três meses, contos; 65%, poesias; 60%, crônicas; e 49%, romances. Esses gêneros são mais lidos, quando não nos livros físicos, predominantemente através de diferentes plataformas digitais, é o que aponta a pesquisa.

No WhatsApp, 28% dos entrevistados alfabetizados lê contos; 26%, poesia; 22%, crônicas; e 19%, romances. Em geral, o perfil predominante desses usuários, além de lerem mais contos e poesias, é de adolescentes de 14 a 17 anos (35% e 39%, respectivamente) e jovens de 18 a 24 (42% e 34%), das classes mais altas A (27% e 27%) e B (31% e 30%) e residentes das regiões Norte (36% e 31%) e Nordeste (30% e 33%).

É óbvio que não é possível ler esses gêneros no WhatsApp, dado que o conteúdo que trafega na ferramenta são mensagens textuais e audiovisuais principalmente. Contudo, com as mudanças mais recentes na plataforma (que datam do período da pesquisa), foi incorporada a função de postagem de documentos e de compartilhamento de links para download de arquivos pesados (em quantidade de bytes).

O impacto disso foi a aceleração da difusão do conhecimento no interior de aplicativos como WhatsApp, Telegram, Messenger, etc. Livros, músicas, softwares, artigos, jornais, enfim, uma gama de materiais passou a ser distribuída por grupos para que seus membros os baixassem e consumissem na tela do telefone ou de um computador, demonstrando que a *digitalização bottom-up* é uma prática dominante nessas aplicações. Circular material literário passou a ser um valor de grupo, um modo de ganhar mais legitimidade como influenciador de microcosmos digitais (grupos de amigos, de família, de trabalho, etc.). E essa é uma tendência que não se concentra em apenas uma região do país. Ao contrário, quando comparadas as regiões brasileiras, observa-se um percentual maior de pessoas alfabetizadas que tiveram acesso a contos por WhatsApp nas regiões Norte (36%) e Nordeste (30%) – e também na região Sul (30%). Essa cultura do compartilhamento literário mostra a *plataformização* da leitura como uma tendência que só se amplia, dando a essas aplicações a possibilidade futura de comercializar obras no interior delas.

No Facebook e no Instagram, o gênero que melhor se molda à plataforma é poesia: 27% dos respondentes alfabetizados a leem nesses ambientes. Nos segmentos da população são os das classes A (37%) e B (34%), com Ensino Superior (37%), e com idade entre 14 e 24 anos (46% de 14 a 17, 44% de 18 a 24 anos) e residente nas regiões Nordeste (31%), Sul (31%) ou Norte (30%), onde estão os percentuais mais altos de acesso à poesia. Contrainstintivamente, esses dados vão de encontro ao mapa de conectividade da internet no Brasil, que mostra uma maior concentração de banda larga de qualidade no Sudeste; porém também é sabido que é nessa região onde estão mais concentrados os equipamentos culturais de acesso físico à leitura (livrarias, bibliotecas, etc.), que poderiam constituir um fator inibidor do consumo de diferentes gêneros literários via internet.

A poesia passou a ser um gênero digital, com a emergência de inúmeras experiências em que o compartilhamento de imagens com dizeres poéticos virou uma prática corrente entre os usuários para expressar certo “espírito do dia”, servindo de base para revelar sentimentos e emoções, mandar mensagens indiretas, produzir declarações amorosas, enfim, útil a um conjunto diverso de comportamentos em plataformas que são dependentes de textos breves para comunicar memórias, afetividades e indignações, fato reportado por 29% dos leitores de livros de literatura e descrito na tabela “Literatura compartilhada nos 12 meses”.

A crônica segue sendo um gênero mais resiliente à brevidade de mídias sociais e mensageiros instantâneos (como WhatsApp). Está mais presente em espaços onde os argumentos encontram um público que se dedica a um tempo maior de leitura. Vinte e dois por cento dos entrevistados alfabetizados passam o seu tempo lendo crônicas em “outros sites da internet”, 10% em blogs, 15% em jornais ou revistas. Entre 2015 e 2019, a entrada em cena de sites como Medium (focado em textos analíticos), a ampliação de uma blogosfera literária e de sites especializados em resenhas, *fandoms* (clubes de leitura e escrita feito de fãs) fizeram o mercado de *reviews* de livros se diversificar e se integrar também às novas dinâmicas de legitimidade da leitura digital, o que se constata no número crescente de cronistas se deslocando para sites e mídias sociais, ampliando e cultivando novos públicos, além, obviamente, de serem pautados pelas narrativas que são disputadas nesses meios.

Sobre quem lê crônicas em outros suportes (que não os livros de papel), em sites de internet, por exemplo, destacam-se a população mais adolescente (37% entre 14 e 17 anos) e a mais jovem (31% entre 18 e 24 anos). Já em jornais e revistas, esse dado muda, pois é a população mais adulta que majoritariamente lê crônicas nesses suportes: 18% dos grupos de entrevistados alfabetizados entre 30 e 39 anos, sobretudo.

Mais uma vez, esse perfil de leitores de crônicas em outros suportes está predominantemente nas regiões Norte e Nordeste, independentemente de qual seja o ambiente: em sites de internet, 27% de entrevistados alfabetizados do Norte e 19% do Sudeste. Em jornais ou revistas, 14% dos que moram no Nordeste e 13% no Sudeste, ainda que sejam mais os mais ricos que acessam o livro a partir desses suportes, principalmente digitais.

### Referências bibliográficas

- BUCHER, Taina. *If... Then: Algorithmic Power and Politics*. Nova York: Oxford University Press, 2018.
- VAN DIJCK, Jose; POELL, Thomas; DE WAAL, Martijn. *The Platform Society: Public Values in a Connective World*. Nova York: Oxford University Press, 2018.

\* **Fabio Malini** Pesquisador em ciências de dados e redes sociais. Especializou-se na produção de visualizações de grafos a partir de megadados (*big data*) sobre relações políticas e culturais produzidas em redes. Possui doutorado em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escreveu, com Henrique Antoun (UFRJ), o livro *A internet e a rua* (Sulina, 2013). É professor na Universidade Federal do Espírito Santo, onde coordena o *Labic* (Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura), dedicado a coleta, mineração, visualização e análise de megadados de temas econômicos, políticos e culturais nas redes sociais. Desenvolveu visualizações interativas para os jornais e revistas *El País*, *O Globo*, *Estadão*, *Folha de S.Paulo*, *Zero Hora*, *Carta Capital* e *Placar*, entre outros.



# Como melhorar esse retrato? As políticas públicas e a sociedade civil



José Castilho Marques Neto \*

## Retratos da leitura no Brasil e as políticas públicas do livro e leitura

– *O que nos diz a série histórica*<sup>41</sup>

*“O Estado deve fazer o que é útil.  
O indivíduo deve fazer o que é belo.”*

OSCAR WILDE

### > **O Brasil perde leitores**

A quinta pesquisa Retratos da Leitura no Brasil revela um número deprimente: nosso país perdeu 4,6 milhões de leitores entre 2015 e 2019. Na quarta edição, período de 2011 a 2015, havíamos acrescido 16,6 milhões de brasileiros e brasileiras ao mundo da leitura. Se em termos percentuais estatísticos o número da perda pode parecer pequeno, quando transformamos as porcentagens em pessoas atingidas podemos entender melhor o alcance do dano.

Os muitos brasileiros e brasileiras que estão nas escolas, nas bibliotecas, nos centros comunitários, nas margens e nas pontas avançadas deste país construindo, um a um, o universo de concidadãos

<sup>41</sup> *Partes deste texto foram publicadas no jornal Rascunho, n. 247, Curitiba, novembro/2020.*

leitores sabem a dimensão exata desta tragédia que é retroceder e não expandir.

Vários motivos podem ajudar a explicar essa queda, mas nada é mais central e importante do que a paralisia e a posterior destruição das políticas públicas de formação de leitores no último quadriênio.

O que define uma política pública de livro e leitura, aqui ou em qualquer hemisfério do planeta, é a importância objetiva e o valor simbólico que o Estado atribuir a este maravilhoso instrumento humano que é a sua capacidade de criar narrativas, traduzi-las em palavras escritas, que serão lidas por outros seres humanos, que as recriarão de acordo com seu juízo e sua sensibilidade. O resultado desse processo complexo, que envolve inúmeras variáveis além das palavras, é uma apreensão do real e do imaginário que nos possibilita compreender o que somos e o que os outros são. Ler o mundo, na síntese de Paulo Freire.

A leitura e a escrita são uma construção social amplamente





utilizada pelas sociedades modernas e contemporâneas para se conhecer, se compreender, se estruturar e se organizar enquanto comunidade de sujeitos. Das plataformas e suportes mais primários e físicos aos sofisticados meios virtuais contemporâneos e futuros, a palavra é o elo primordial de comunicação entre os seres humanos, imprescindível em todas as atividades do cotidiano, em todas as camadas sociais e em todas as circunstâncias da vida.

Se a palavra e a sua compreensão são estratégicas para a vida, elas se tornam, de imediato, fundamentais para a política e para o exercício do poder. Por essa razão, ao tratarmos de políticas públicas de livro e leitura, tornamos essa atividade indissociável das ações políticas que determinam, de maneira soberana ou subordinada, os direitos e os deveres, os rumos e os valores cívicos, o desenvolvimento sustentável ou dependente de todas as nações. Dominar a leitura e a escrita é, portanto, exercer o poder da cidadania plena nos regimes democráticos.

Alienada historicamente de seu direito à leitura e ao poder do exercício pleno da palavra, a maioria esmagadora da população brasileira é credora de nossa imensa dívida

social de acesso a esse bem educacional, cultural, civilizatório. Essa dívida reflete, em primeira instância, a enorme desigualdade social que nos coloca, enquanto país, no topo da lista mundial nesse quesito e revela quanto ainda temos que caminhar para que a democracia seja uma realidade que expresse o poder da cidadania plena no Brasil. Como já escreveu a professora Eliana Yunes, fundadora do Proler: “Leitura não é só letramento, mas visão de mundo. Quem lê pensa. E quem pensa não cala.”

Os dados de toda a série histórica da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, principalmente com a afirmação metodológica em 2011, se reafirmam nesta quinta edição de 2019. Retratos da Leitura também são um retrato da exclusão, para a maioria dos brasileiros, dos seus elementares direitos humanos.

Se a negação do direito à leitura e à escrita é parte de nossa história, o que vimos nos últimos quatro anos? Por um lado, a debilidade paralisante do final do governo Dilma e, por outro, a crescente destruição, iniciada no governo Temer, de todas as conquistas cidadãs que as políticas públicas de livro, leitura, literatura e bibliotecas conseguiram, no âmbito do Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL),

desde 2006. O início do governo Bolsonaro marcou ainda com maior virulência a supressão das diretrizes estratégicas do Plano e sua estrutura mista de governança, concomitantemente à extinção do MinC e às novas características retrógradas do MEC, sepultando qualquer retomada virtuosa na formação de leitores a partir de janeiro de 2019. E não o fizeram por decisão e ao arrepio da lei, porque, desde julho de 2018, há um flagrante desrespeito à Lei 13.696/2018, que estabelece a Política Nacional de Leitura e Escrita – PNLE.

Na Retratos 4, de 2015, computávamos 56% de leitores no país (dos 88,2 milhões de 2011 passamos para 104,7 milhões); na Retratos 5, de 2019, esse número cai para 52% (100,1 milhões de pessoas). O que esses números nos revelam?

Em primeiro lugar, a evidência de que, em ambas as situações, quase a metade dos brasileiros não tem acesso ao direito à leitura, o que, em pleno século XXI, é uma atrocidade civilizatória e um fator de subalternidade perante os países líderes. Se fôssemos um país que se propusesse a crescer com sustentabilidade, as ações do Estado se voltariam para acelerar o saneamento dessa desigualdade brutal que nos aliena da era da informação e do conhecimento, tendo como base a Lei 13.696/2018 – PNLE.

Infelizmente, minha segunda consideração sobre esses números demonstra um movimento contrário ao aceleramento e o que observamos são retrocessos profundos.

Em análise que fiz em 2016, publicada no capítulo 3 do livro *Retratos da Leitura no Brasil 4*, demonstrei que o crescimento de leitores se apresentava como um primeiro resultado, em escala de política pública, dos esforços empreendidos desde a implantação do Plano Nacional do Livro e Leitura – PNLL em 2006. O Plano soube, enquanto política pública, juntar os esforços do Estado e da Sociedade, assim como os da Cultura e da

Educação. Criou os primeiros canais de comunicação entre esses entes e, ao mesmo tempo, produziu e incentivou inúmeras ações, programas e projetos que deram um impulso extraordinário a toda a cadeia criativa, produtiva, distributiva e mediadora do livro e da leitura no Brasil, movimento que ampliou, significativamente e de forma planejada, os investimentos e programas públicos em formação leitora.

Defendia então, como ainda defendo, como hipótese baseada nos dados que temos e que demonstro no capítulo citado, que o movimento pela leitura no Brasil se expandiu com a introdução do PNLL como pacto social, traduzido como política de Estado e que, junto com os investimentos da sociedade, criaram um círculo virtuoso pró-leitura, cujos resultados contabilizamos em 2015.

Esse círculo teria todas as condições para seguir se expandindo. Mas ocorreu o contrário, porque o que observamos nos últimos quatro anos foi a destruição do PNLL e a não implantação de qualquer nova estratégia de política pública de leitura inclusiva após a deposição da presidenta Dilma Rousseff em 31 de agosto de 2016.

Os movimentos de resistência pró-PNLL, internos ao governo Temer, foram insuficientes para sustentar os programas deixados pela gestão anterior. O governo Bolsonaro ignorou e ignora a única conquista que se consolidou no governo Temer, que foi a aprovação e sanção da lei que instituiu a Política Nacional de Leitura e Escrita – PNLE, anteriormente citada. Essa lei o obriga a criar um PNLL decenal com metas, objetivos e com determinações expressas de coparticipação da sociedade civil, sendo a primeira a reconhecer o direito à leitura para todos e a impor ao Estado o dever de sustentar políticas públicas de livro, de formação de leitores, de literatura e de bibliotecas de acesso público.

Agindo no contrapé da história recente, os atuais mandatários bombardeiam o PNLL, que foi totalmente desidratado

enquanto ação articuladora e geradora de programas e ações do Estado, ficando a responsabilidade da formação de leitores totalmente nas mãos da outrora parceira do Estado nessa tarefa, a sociedade civil representativa desse setor, em sua inabalável resiliência.

Não é ocioso lembrar que, em 2005, antes do PNLL e do engajamento robusto do Estado no levantamento de ações que foi realizado pelo Ano Ibero-Americano da Leitura – Vivaleitura, 70% das ações pró-leitura eram de responsabilidade da sociedade civil. Os últimos quatro anos retroagiram a 2005. O desprezo ao papel desempenhado pelas políticas públicas na formação de leitores, expresso no simples abandono, ou mesmo em propostas elitistas de taxação do livro, como o PL 3887/2020 do atual ministro da Economia, é desolador e uma irresponsabilidade política com nefastas consequências para a formação de leitores.

### › **Comparando alguns pontos das pesquisas de 2015 e 2019**

No capítulo do livro já citado, *Retratos da Leitura 4*, analisei diversos itens que demonstravam o crescimento e as condições de formação leitora fomentados pela política pública orientada pelo PNLL. Revisitei esses argumentos e os coloquei à luz dos últimos quatro anos. O que encontrei foram retrocessos que aponto em poucos exemplos, para não me alongar demasiadamente.

Além da constatação, já comentada, do aumento de leitores em 2015 e da perda em 2019, outros aspectos foram analisados para demonstrar o lugar da política pública no crescimento ou no decréscimo da formação leitora. Destaco alguns deles.

Em 2015 constatávamos que o crescimento percentual de leitores ocorria em todo o território nacional, exceto no Nordeste, que apresentava ligeira queda. Em 2019, a pesquisa demonstra que

decrescemos em três das cinco regiões – Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste – e crescemos no Norte e no Sul. (Ver gráfico, páginas 190-191).

O que esses números nos revelam? Dados do IBGE demonstram que 77,1% da população brasileira vive no Sudeste, Nordeste e Centro Oeste, regiões onde os índices de leitura decresceram em 2019. Encontramos o oposto na pesquisa de 2015, quando constatamos que o número de leitores havia crescido no Norte, Centro Oeste, Sudeste e Sul, o que significava que este crescimento atingia 72,8% da população total à época. Em resumo, em 2015 a pesquisa aponta que o número de leitores cresceu nas regiões que contemplavam 72,8% da população brasileira e, em 2019, este número decresceu nas regiões que representavam 77,1% do total de brasileiros.

Ao trabalharmos com números acima de 70% da população total, comparando tanto a elevação da leitura quanto o seu decréscimo, estamos navegando em escala de política pública, ou seja, com a maioria da população. Se houvesse preponderância ao inverso, poderíamos privilegiar as explicações específicas e pontuais que explicassem a queda ou aumento do número de leitores, que existem obviamente, mas que não têm o impacto de uma política pública favorável ou desfavorável à formação de leitores em escala.

Outro aspecto que explorei no capítulo do livro *Retratos da Leitura 4*, referente aos resultados de 2015, foi a informação interessantíssima da pesquisa que avalia o “gosto pela leitura” dos brasileiros.

Terceiro item dos eixos do Plano Nacional do Livro e Leitura – *Valorização Institucional da Leitura e Incremento de seu Valor Simbólico* –, este ponto polemiza com a tradicional afirmação, corrente até hoje, de que “brasileiro não gosta de ler”. O PNLL partiu de outra perspectiva, a de que o brasileiro não tem acesso à leitura, situação que também recebe a contribuição sistemática dos vários apagamentos do valor simbólico do livro na nossa

história, inclusive colocando-o em posição sacralizada, que é uma forma de aliená-lo, tornando-o intocável para a maioria da população e produto cultural pertencente unicamente às elites econômicas e intelectuais. Exemplos históricos e contemporâneos desse comportamento político e social são fartos no Brasil, embora o acesso ao livro ainda seja o principal obstáculo para o desenvolvimento da formação leitora no país.

Esse aspecto tão importante para a leitura, que é o incremento de seu valor simbólico, e o incentivo ao gosto dos brasileiros pelo livro em todos os seus formatos também encontram índices de declínio junto aos pesquisados na Retratos 2019.

Se em 2015 constatávamos que havia aumentado em 9% o número de pessoas que declaravam gostar de ler (muito e pouco), ao mesmo tempo diminuía em 7% o número de pessoas que declaravam que não gostavam da leitura como atividade. Na pesquisa de 2019, o que encontramos é um aumento do gosto pela leitura, mas equivalente a 1/3 do número alcançado em 2015, apenas 3%. Se em 2015 tivemos uma queda de 7% de pesquisados no item que indicava não gostar de ler, na de 2019 temos uma queda de apenas 1%. (Ver gráfico página 225).

Leio esses números na mesma perspectiva: a valorização do gosto pela leitura também requer uma ação coordenada por políticas públicas de formação de leitores, implementadas pelas instituições públicas em todos os âmbitos das instituições do Estado, notadamente na Educação e na Cultura. Isso se quisermos trabalhar em escala nacional, atingindo milhões de pessoas.

Com a paralisação de todos os programas de inclusão do livro, leitura, literatura e bibliotecas nos últimos anos, principalmente a partir de 2019, no MEC e no extinto MinC e seu sucedâneo, o governo federal envia uma mensagem direta de desincentivo à formação do gosto pela leitura e de desprestígio do livro como instrumento

para a formação dos brasileiros. Como se não sobrassem ausências de programas, os poucos que surgem são altamente nocivos por questões de toda ordem – metodológicas, editoriais, estéticas, entre outras –, como o já famigerado programa *Conta pra mim*, lançado em agosto de 2020 pelo MEC. Além disso, são incontáveis as vezes em que o atual primeiro mandatário da nação desprezou publicamente o livro e a leitura, assim como a formação escolar e as melhores expressões de nossa cultura, atitude que diz muito das intenções deste período governamental.

Vários pontos explorados nos resultados da Retratos 4 em 2015, e que dizem respeito positivamente às políticas públicas empregadas até ali, podem ser comparados a muitos outros pontos da Retratos 5 de 2019. Só para citar duas dessas políticas públicas a ação iniciada em 2008, hoje inexistente, do incentivo do governo federal à formação dos Planos Estaduais e Municipais do Livro e Leitura, estratégicos para a capilarização do PNLL e para o reconhecimento e a adaptação do plano nacional às riquíssimas diversidades territoriais do Brasil; e a reabilitação de programas no MEC, como o extinto Programa Nacional da Biblioteca Escolar – PNBE –, que trouxe um inestimável acervo de literatura com bibliodiversidade às escolas brasileiras, hoje substituídas por um contraditório “PNLD Literário”.

### › *Uma reflexão necessária*

Uma análise exaustiva para ampliar as demonstrações do atual desmonte da política pública de leitura e escrita extrapolaria os limites deste capítulo, mas quero encerrar com uma reflexão que considero necessária, além de oportuna, nesta quadra tão angustiante da vida política nacional. Trata-se de debater o lugar da política pública e os limites dos programas da sociedade. É preciso clareza a esse respeito.

Reitero, sempre que posso, o inigualável e valoroso trabalho da sociedade civil organizada em torno do livro, da leitura, da literatura e das bibliotecas ao longo de nossa história. Ele se expressa em inúmeros momentos de maneira contundente e, pode-se dizer, de forma ininterrupta, mesmo nos piores períodos políticos do país. Ao longo do tempo esses movimentos, que na sua maioria foram conduzidos por setores da elite, para usar um termo genérico, mas passaram nos últimos anos à liderança de ações e programas que vieram justamente dos excluídos de seu direito à leitura. Para sustentar meu argumento, bastaria citar apenas a centralidade do movimento dos saraus das periferias das grandes cidades e o incrível trabalho das Bibliotecas Comunitárias, hoje reunidas na Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias e que, não por mero acaso, cresceram 58% após 2008. Ou a construção do PNLL, quando a sociedade civil em todos os seus segmentos foi fundamental para sua formulação e administração. Sou, portanto, reconhecedor, e fui testemunha e protagonista, dos muitos esforços que diversos segmentos da sociedade realizaram e realizam pela formação de leitores no país nos últimos anos.

Esse necessário reconhecimento não deve, por outro lado, obscurecer a centralidade do necessário papel de políticas públicas, de Estado. Inclusive e principalmente seus programas de desenvolvimento em escala. Na área da leitura, por exemplo, o modelo ideal das bibliotecas públicas, preconizado pelos manifestos da Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA), orienta as nossas imprescindíveis Bibliotecas Públicas, o mais capilarizado equipamento cultural público no Brasil, ainda carente de uma política de Estado, em todos os entes federativos, para sua real sustentabilidade.

Parto de um pressuposto aceito por muitos: a política pública deve vir das

necessidades apontadas pela sociedade; deve refletir, organizadamente e com investimentos legais e econômicos, o que interessa construir para a maioria de um território ou país. Da mesma matriz, sou igualmente adepto do pressuposto de que quem produz cultura é a população em sua diversidade, não o Estado. A este cabe o papel de aglutinador, incentivador e fomentador de todas as atividades culturais que expressam o povo e o território.

Já tivemos o alcance e a viabilização desses pressupostos na criação do PNLL, agora refletidos no marco legal da política pública de formação de leitores que é a Lei 13.696/2018, da Política Nacional de Leitura e Escrita – PNLE. Demonstramos que é possível construir, democrática e interativamente, a política pública de leitura e escrita.

É a partir desse conceito de política pública que argumento sobre a absoluta necessidade de valorizarmos, reivindicarmos, lutarmos incessantemente para que se restabeleça a trajetória de construção e consolidação da PNLE.

Se não bastassem outras razões, poderíamos colocar que, além de a educação e o incentivo às manifestações culturais serem um dever de todo Estado democrático, somente o poder público, em todos os seus níveis federativos, tem a possibilidade de trabalhar com programas e ações com escala para atingir a maioria da população. Se quisermos fazer uma analogia com a área da saúde, tão fundamental nestes tempos pandêmicos, o que seria o atendimento da maioria da população se tivéssemos apenas os hospitais privados e beneficentes? O que seria da maioria da população se não houvesse o SUS?

Se é verdade que a resiliência das organizações não governamentais, das associações educativas e culturais, assim como dos diversos entes da sociedade civil que lutam por um Brasil de leitores, é algo fundamental em todos os momentos históricos, é igualmente verdadeiro que só alcançaremos

um Brasil de leitores se houver uma forte política pública. Somente a ação continuada de entes da sociedade, por melhores que sejam suas ações e intenções, não modificará a pesada sentença histórica que carregamos: a negação do direito à leitura.

Essa compreensão, política por excelência, a começar porque responsabiliza o Estado pelos direitos básicos da cidadania para todos, é fundamental para não se perder o fio condutor do que é mais estratégico reivindicar em todos os momentos da luta pela leitura. Admitir o contrário é aceitar, também nesse campo, a ideia de que as leis da livre iniciativa devem conduzir o que é dever público e que ações individuais, embora praticadas por organizações civis, podem substituir de forma perene aquilo que é ofício público. É ter a ilusão, e navegar nela com todas as boas intenções, de que o privado substitui o público e alcança a maioria da população.

É preciso não perder a noção da centralidade estratégica da política pública de formação de leitores para não se perder o eixo do que é preciso reivindicar quando

clamamos pelo direito à leitura para todos e por programas de incentivo e valorização do livro, da leitura, da literatura e das bibliotecas. Sem esse eixo, o caminho será percorrido sem unidade, vislumbrando e incentivando árvores frondosas, mas sem enxergar a floresta. É preciso regar todas as nossas plantas, públicas, comunitárias e privadas, sempre e com muita energia, mas será da compreensão da totalidade, e da ação unitária de todos os elos dessa grande cadeia em defesa de programas de escala pública, que poderemos ter no futuro um *Retrato da Leitura no Brasil* que seja muito mais justo do que este que observamos hoje.

**\* José Castilho Marques Neto** Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo, professor da UNESP, editor, autor, gestor público e consultor da JCastilho Consultoria. Foi Secretário Executivo do Plano Nacional do Livro e Leitura – PNLL. Presidiu a Editora Unesp, a Biblioteca Mário de Andrade e as Associações Brasileira e Ibero-Americana de Editoras Universitárias (ABEU e EULAC).





The background is a dense, dark-toned collage of embossed numbers and decorative symbols. The numbers are in various styles, including serif, sans-serif, and highly stylized or calligraphic forms. Some numbers are simple and blocky, while others are more ornate with flourishes. The symbols include decorative flourishes, geometric shapes, and stylized letters. The overall effect is a rich, textured pattern of typography.

PARTE 2

>A

A 5ª edição da pesquisa  
Retratos da Leitura  
no Brasil *2019/2020*



# 1. A Retratos da Leitura no Brasil

– *Apresentação, objetivos e histórico*

## > **Sobre a Retratos da Leitura no Brasil**

A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, a partir de 2007, na segunda edição, passou a ser realizada pelo Instituto Pró-Livro (IPL), logo após sua criação, em 2006, pelas entidades do livro Abrelivros, CBL e SNEL.

Sob a coordenação do IPL, ampliou sua abrangência para representar toda a população brasileira com 5 anos ou mais e passou a ter realização periódica, a cada quatro anos, adotando metodologia do Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e o Caribe (CERLALC/Unesco), para possibilitar comparação com pesquisas de outros países da Ibero-América e para construir séries históricas.

É a única pesquisa em âmbito nacional que tem por objetivo avaliar o comportamento leitor do brasileiro. Seus resultados são amplamente divulgados e a pesquisa se tornou referência quando se trata de índices e hábitos de leitura dos brasileiros.

A Retratos tem subsidiado importantes estudos acadêmicos e outras pesquisas na área da educação, leitura e livro; artigos e textos sobre o assunto; além de orientar políticas públicas e ações da sociedade civil,

de governos e da cadeia produtiva do livro. A pesquisa, ao longo desses anos, tem sido usada no desenvolvimento de estratégias para ampliar o acesso ao livro e estimular as práticas de leitura, com um inegável esforço para transformar este país em um país de mais leitores e para que a educação assuma a condição de prioridade nacional.

## > **O objetivo do IPL**

Ao realizar a pesquisa, a cada quatro anos, e promover debates e a ampla divulgação dos seus resultados, o IPL confirma seu compromisso, e o das entidades do livro, de promover estudos sobre o comportamento leitor do brasileiro e de construir séries históricas com seus indicadores para orientar a avaliação de políticas públicas e contribuir com a formulação de ações mais efetivas para a melhoria dos indicadores de leitura do brasileiro, como fator de inclusão cultural e de melhoria da qualidade da educação, condições para o desenvolvimento sustentado do nosso país.

### > **Objetivos da pesquisa**

É a única pesquisa, em âmbito nacional, que tem por objetivo avaliar o comportamento leitor do brasileiro.

Tem como *objetivo central* promover, a partir desse amplo diagnóstico, reflexões, estudos e decisões em torno de possíveis novas intervenções – do governo e da sociedade civil –, orientando políticas públicas e ações para melhorar a qualidade e os atuais indicadores de leitura e de acesso ao livro pelos brasileiros.

Em temo como *objetivos específicos* conhecer o perfil do leitor e do não leitor e o comportamento leitor, medindo intensidade, forma, limitações, motivação, representações e condições de leitura e de acesso ao livro – impresso e digital – pela população brasileira. A 5ª edição aborda também os hábitos de leitura dos leitores de literatura em livros – impressos e digitais – e em outras plataformas ou suportes.

### > **Histórico da pesquisa**

A Retratos da Leitura teve sua primeira edição em 2001, promovida pela CBL e o SNEL, com apoio da Bracelpa, com outra metodologia e composição da amostra.

A partir de 2007, já na segunda edição, quando passou a ser realizada pelo IPL e adotou a metodologia de padrão internacional do CERLALC/Unesco, ampliou significativamente o tamanho da amostra para ter representatividade nacional e das regiões brasileiras. Incluiu na amostra crianças com 5 anos ou mais, para avaliar a leitura enquanto estudantes da Educação Básica, e ampliou as questões para conhecer o perfil leitor e os hábitos de leitura.

Tem buscado, a cada edição, aperfeiçoar, ampliar e atualizar o escopo desse estudo para conhecer novas tendências e leituras em diferentes suportes, leitura digital, leitura de literatura, consumo de livros e o uso de bibliotecas pelos brasileiros.

**Objetivos**

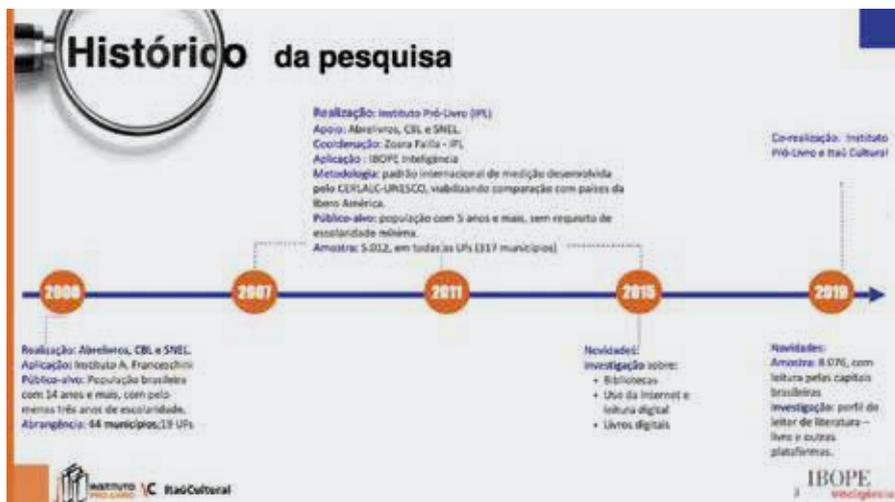
Conhecer o comportamento do leitor medindo a :

- INTENSIDADE
- FORMA
- LIMITAÇÕES
- MOTIVAÇÃO
- REPRESENTAÇÕES

CONDIÇÕES DE LEITURA e de ACESSO AO LIVRO – impresso e digital – pela população brasileira.

Essa edição também tem como foco identificar os hábitos dos brasileiros especificamente em relação à **Literatura**.

Ministério da Cultura



Em 2019 o IPL firmou parceria com o Itaú Cultural para a realização da 5ª edição da pesquisa, o que permitiu ampliar a amostra de 5 mil para 8 mil entrevistas e conhecer os indicadores de leitura de todas as capitais brasileiras e do Distrito Federal. O número de questões também foi ampliado para se conhecerem os hábitos do leitor de literatura.

O livro *Retratos da Leitura no Brasil* tem sido publicado, desde a 2ª edição, em coedição, com artigos assinados por notórios especialistas da área convidados para analisar os resultados da pesquisa. Todas as edições podem ser baixadas gratuitamente na Plataforma Pró-Livro.

### > Séries históricas e metodologia

Além de estabelecer comparações e estimular o aprofundamento das investigações sobre a situação da leitura no país, desde a segunda edição a Retratos da Leitura no Brasil, apesar do aperfeiçoamento e da ampliação do objeto do estudo, mantém a metodologia e o escopo da pesquisa, com o propósito de possibilitar análises comparativas e a construção de séries

históricas. Tem mantido a periodicidade de quatro anos para sua aplicação, que foi confiada ao IBOPE Inteligência em 2007, 2011, 2015 e 2019. O levantamento é realizado por meio de entrevistas presenciais, nos domicílios, com brasileiros residentes com 5 anos ou mais, alfabetizados ou não.

### > Patrocínio e realização

A realização da pesquisa pelo IPL, desde 2007, foi possível com o apoio e o patrocínio das entidades mantenedoras: Abrelivros, CBL e SNEL.

Para realizar e ampliar a 5ª edição – 2019/2020 – o Pró-Livro contou, também, com a parceria e o patrocínio do Itaú Cultural.

A coordenação da Retratos da Leitura, desde a segunda edição, cabe a Zoara Failla, do Pró-Livro, que conta com a assessoria de uma comissão formada por especialistas da área.

O IBOPE Inteligência, desde 2007, tem sido contratado para a aplicação em campo, tabulação e preparação dos resultados da pesquisa.

## 2. A 5ª edição da Retratos da Leitura no Brasil – 2019-2020

Para a realização da 5ª edição da pesquisa em todo o Brasil, o Instituto Pró-Livro (IPL) contou com a parceria do Itaú Cultural, o que possibilitou ampliar a amostra de 5 mil para mais de 8 mil entrevistas, incluindo a leitura por capitais.

Ampliou também seu escopo, para aprofundar o conhecimento sobre o leitor de literatura em livros e em outras plataformas e sobre a leitura digital, mas mantendo a metodologia e o perfil da amostra para possibilitar a comparação dos resultados dessa edição sobre o comportamento leitor do brasileiro, com a série histórica da pesquisa.



### > As novidades:

 An infographic titled "Novidades da 5ª Edição" (New Features of the 5th Edition). It features a map of Brazil on the left and a list of key updates on the right. The updates include:
 

- Criação de entrevistas por literatura
- Filmes que influenciam na escolha de que ler
- Introdução do gênero livro de literatura
- Autores que mais gostam
- Cultura em redes e séries
- Primeiro de literatura fora da tela
- Conexão literária sob o olhar formado após de 1918

 The infographic also includes the logos of Itaú Cultural and Instituto Pró-Livro.

### > A amostra e especificações técnicas:

 An infographic titled "Retratos da Leitura" (Portraits of Reading). It provides technical specifications for the survey, including:
 

- AMOSTRA:** 8.074 entrevistas, 100% domiciliares, estratificada desproporcionalmente por PIBCC 2010, cultura regional e por todas as regiões.
- ARRANJAMENTO GEGRÁFICO:** Nacional.
- PÚBLICO-ALVO:** População brasileira residente com 9 anos e mais, habitante da casa.
- PERÍODO DE COLETA:** Outubro de 2019 a Janeiro de 2020.
- MÉTODO DE COLETA:** Entrevistas domiciliares face a face, sem registro das respostas em tablet.

 The infographic also includes the logos of Itaú Cultural and Instituto Pró-Livro.

### 3. O Instituto Pró-Livro – IPL

O IPL ([www.prolivro.org.br](http://www.prolivro.org.br)) é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), sem fins lucrativos, criada em 2006 e mantida pelas entidades do livro – Abrelivros, CBL e SNEL – com a missão de transformar o Brasil em um país de leitores. Tem como objetivo promover pesquisas e ações de fomento à leitura.

Além da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, seu projeto mais conhecido, o IPL realizou importantes ações, como o programa Mais Livro e Mais Leitura, em parceria com o MinC; instalações infantis em Bienais do Livro; a campanha Céu de Histórias e Mãe Lê pra Mim, entre outras. Lançou em 2019 a pesquisa Retratos da Leitura – Bibliotecas Escolares, para identificar o impacto das bibliotecas na aprendizagem dos alunos e a Retratos da Leitura em Eventos do Livro. Esta pesquisa, em parceria com o Itaú Cultural, também é responsável pelo Prêmio IPL – Retratos da Leitura, que busca homenagear organizações e valorizar e difundir projetos de fomento à leitura. O IPL mantém a Plataforma Pró-Livro – uma plataforma digital colaborativa que reúne informações sobre as práticas de leitura

ao redor do país e incentiva a conexão entre essas experiências. Os projetos premiados e cadastrados estão mapeados e podem ser conhecidos na Plataforma ([www.plataformaprolivro.org.br](http://www.plataformaprolivro.org.br)).



Rosi Rosendo IBOPE INTELIGÊNCIA

## 4. Relatório metodológico

### > **Coleta de dados**

A coleta de dados foi realizada entre os dias 28 de outubro de 2019 e 13 de janeiro de 2020, em todo o território nacional. Foram realizadas entrevistas domiciliares e pessoais face a face. As entrevistas foram realizadas por uma equipe de entrevistadores devidamente treinada, supervisionada e com identificação do IBOPE Inteligência.

Assim como na edição de 2015, a coleta dos dados desta edição foi realizada com o questionário programado em um software para tablets, usando a metodologia conhecida como CAPI, ou Computer Assisted Personal Interviewing. A coleta de dados foi realizada por meio de questionário estruturado com perguntas fechadas, semiabertas e de citação. O questionário da pesquisa teve como referência o questionário aplicado em 2015 – de forma a possibilitar a comparação com as edições anteriores –, porém sofreu alguns ajustes necessários.

### > **Principais conceitos e definições**

- **Livros:** Consideram-se livros em papel, livros digitais ou eletrônicos e audiolivros digitais, livros em braille e apostilas escolares, excluindo-se manuais, catálogos, folhetos, revistas, gibis e jornais. Esse conceito é o mesmo adotado desde a edição de 2011 da pesquisa.
- **Livros lidos em parte:** Consideram-se livros lidos em parte aqueles dos quais os entrevistados leram apenas algumas partes, trechos ou capítulos. Esse conceito foi alterado em 2015.
- **Leitor:** Considera-se leitor aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro nos três meses anteriores à pesquisa. A definição é a mesma utilizada nas edições anteriores da pesquisa.
- **Não leitor:** Assim como nas edições anteriores da pesquisa, não leitor é aquele que declarou não ter lido nenhum livro nos três meses anteriores à pesquisa, mesmo que tenha lido nos 12 meses anteriores à pesquisa.
- **Leitor de literatura:** Considera-se leitor de literatura aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro de literatura por vontade própria nos três meses anteriores à pesquisa.

- Leitor de literatura apenas em outros formatos: Considera-se leitor de literatura apenas em outros formatos aquele que não leu livros de literatura por vontade própria nos três meses anteriores à pesquisa, mas leu literatura em outros formatos (em redes sociais, por mensagens – como por WhatsApp, blogs, sites na internet, jornais ou revistas, ou outros materiais impressos que não sejam livros).
- Comprador de livros: Considera-se comprador o respondente que declarou ter comprado algum livro,<sup>1</sup> em papel ou formato digital, nos três meses anteriores à pesquisa.
- Escolaridade: Refere-se à finalização, com sucesso, de uma etapa formal de estudos. Assim, pode-se dizer que, quando um indivíduo completa todos os anos de uma etapa com aprovação, ele obteve o grau de instrução equivalente. Para se coletar a escolaridade, primeiro é questionado se o indivíduo sabe ler e escrever um bilhete simples. Se a resposta for “sim”, pergunta-se até qual ano da escola o indivíduo estudou e se o completou ou não. As opções de resposta se dividem em 17 subcategorias, variando de Analfabeto ou Não frequentou escola formal até o Ensino Superior completo ou além.
- Renda familiar: É a soma da renda individual de todos os moradores do mesmo domicílio, incluindo o respondente. Para divulgação dos resultados da pesquisa, foram estabelecidas cinco faixas de renda,

<sup>1</sup> *Considera-se a compra de livros didáticos (indicados pela escola ou faculdade), livros de literatura, como contos, romances ou poesias (indicados pela escola ou faculdade ou comprados por vontade própria), outros livros em geral (comprados por vontade própria) ou apostilas, xerox de livros ou partes de livros.*

iniciando-se pelo salário mínimo (SM) definido pelo Ministério do Trabalho e Emprego, cujo valor para 2019 era de R\$ 998,00.

- Classe: O critério utilizado na pesquisa para definição da classe dos respondentes é o Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB), da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP). O CCEB levanta a posse e a quantidade de itens domiciliares de conforto e consumo doméstico, além do grau de instrução do chefe da família declarado e de características do domicílio, como a presença de água encanada e rua pavimentada. É estabelecido um sistema de pontuação no qual, para cada atributo, são atribuídos pontos, que são somados ao final das perguntas, resultando na classificação em classes econômicas A, B1, B2, C1, C2 e DE.

### › **Categorias de interesse para análise e divulgação**

Os resultados da pesquisa, além de divulgados para a população alvo, são analisados e, alguns deles, publicados em categorias definidas com base nas variáveis descritas a seguir:

- Sexo: feminino ou masculino.
- Faixa etária: divisão em faixas de 5 a 10 anos, 11 a 13, 14 a 17, 18 a 24, 25 a 29, 30 a 39, 40 a 49, 50 a 69 e 70 anos e mais.
- Escolaridade: divisão em “Analfabeto ou Não frequentou escola formal”, “Ensino Fundamental I (1ª a 4ª série ou 1º ao 5º ano)”, “Ensino Fundamental II (5ª a 8ª série ou 6º ao 9º ano)”, “Ensino Médio (1º ao 3º ano)” e “Ensino Superior”.
- Renda familiar: divisão em faixas de “até 1 Salário mínimo (SM)”, “mais de 1 SM até

2 SM”, “mais de 2 SM até 5 SM”, “mais de 5 SM até 10 SM” e “mais de 10 SM”.

- Classe social: segmentação em classes A, B, C e DE.
- Condição de ocupação: categorização em “Ocupados” (que trabalham, ou seja, exercem alguma atividade remunerada, dentro ou fora de casa, incluindo trabalho formal, com carteira assinada ou não, e autônomos) e “Não ocupados”.
- Região: divisão regional do país, segundo definições do IBGE, nas macrorregiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul.

Além das variáveis descritas, os resultados também são analisados para as categorias “leitor X não leitor”, “leitor de literatura”, “leitor de literatura apenas em meios digitais”, “professor ou atua na área de educação”, “estudante X não estudante”, “comprador de livros X não comprador de livros” e “gosto pela leitura” (gosta muito, gosta pouco ou não gosta de ler).

### > **Dimensionamento amostral**

Foram realizadas 8.076 entrevistas, em 208 municípios brasileiros, que permitem a leitura para o Brasil inteiro, para cada região do país e para 26 capitais brasileiras.

### > **Desenho da amostra**

Para o desenho amostral da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil foram utilizados os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2017 (PNADC). A amostra é representativa da população acima de 5 anos de idade (universo), estratificada com alocação desproporcional à distribuição da população por UFs, de modo a garantir a leitura dos

resultados para o total das amostras de 26 capitais brasileiras.

A amostra foi selecionada em três estágios: seleção aleatória de municípios no interior das UFs, seleção probabilística de setores censitários nos municípios selecionados pelo método de Probabilidade Proporcional ao Tamanho e seleção dos respondentes considerando cotas de sexo, idade, escolaridade e ocupação definidas com base nos dados mais atualizados do IBGE (PNADC 2017).

Assim garantiu-se a leitura consistente e segura dos resultados em todas as segmentações necessárias e exigidas pelo estudo. A amostra foi ponderada para a recomposição das proporções do universo.

### > **Margem de erro**

Com um intervalo de confiança estimado de 95%, a margem de erro estimada é de 1,1 p.p. para mais ou para menos sobre os resultados observados no total da amostra. Para o público leitor, a margem de erro é de 1,5 p.p. para mais ou para menos, considerando um intervalo de confiança de 95%. Considerando as leituras independentes por capital, a margem de erro varia de 5 a 9 p.p., considerando um nível de confiança de 95%.

### > **Alterações no instrumento de coleta**

Na quinta edição da pesquisa, de modo a aprimorar a qualidade das respostas coletadas sem, no entanto, eliminar a possibilidade de construção da série histórica, foram realizadas diversas adequações no instrumento de coleta de dados.

As alterações no questionário em relação à edição anterior da pesquisa, realizada em 2015, foram as seguintes:

- Reformulação de perguntas e de itens de respostas: de modo a facilitar a

compreensão do entrevistado, bem como para adequação aos objetivos da pesquisa, houve reformulação de perguntas e de alguns itens de respostas pré-codificadas.

- Introdução de perguntas em alguns blocos: foram introduzidas questões com o objetivo de investigar alguns fenômenos como indicação de livros, modo de acesso, formato dos livros lidos, investigação sobre audiobooks e a respeito de visitas a eventos literários. A pesquisa também passa a contar com a investigação sobre indicação e influência de influenciadores digitais no hábito de leitura, e a respeito de novos motivos para visita ou não a bibliotecas.
- Introdução do bloco de literatura: foram introduzidas perguntas para dar conta de diversos aspectos da leitura de literatura entre a população, tais como indicação do último livro de literatura, tipo de influência para leitura de literatura, formato do último livro lido de literatura, assim como questões sobre conteúdos literários lidos em outros formatos além do livro.

Com o objetivo de testar o questionário e identificar na prática do trabalho de campo possíveis problemas em relação à abordagem e à aplicação do questionário em si, foram realizados pré-testes do questionário.

### > **Disseminação dos resultados do estudo**

Os resultados divulgados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil se referem ao total da amostra, sendo que, para alguns deles, são apresentadas aberturas como sexo, faixa etária, escolaridade, renda familiar, dentre outras variáveis.

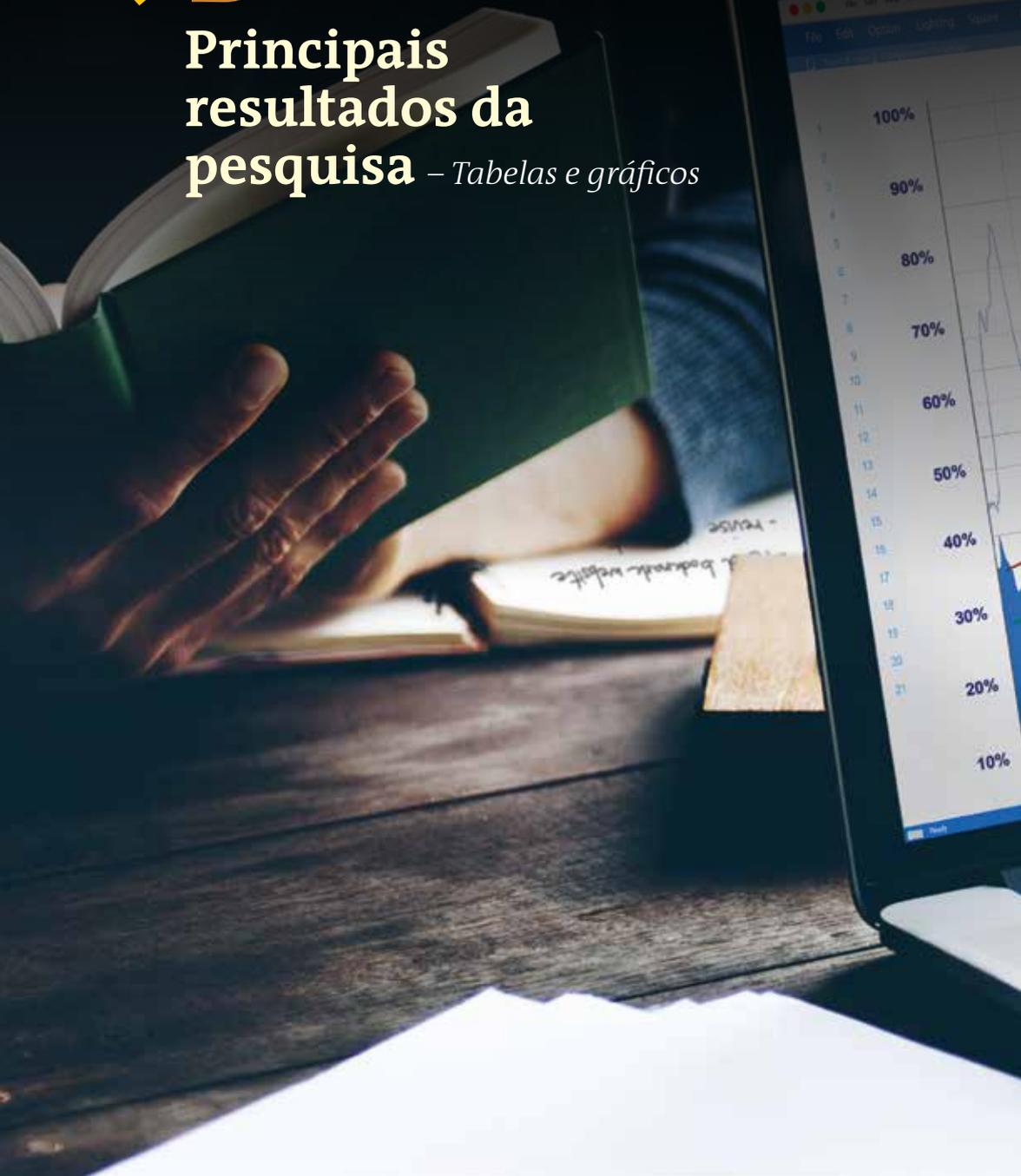
Para a interpretação adequada dos dados, porém, é fundamental se levar em conta as seguintes considerações:

- As questões com uma baixa base de respondentes devem ser analisadas com cuidado, não sendo adequado realizar projeções ou inferências a partir delas em relação ao universo.
- Os arredondamentos podem fazer com que, em alguns resultados, a soma das categorias parciais não totalize 100% em questões onde só é possível escolher uma opção de resposta. Por outro lado, em questões múltiplas, nas quais é possível escolher mais de uma opção de resposta, o somatório de frequências pode ultrapassar 100%.
- É necessário, além disso, atentar para as comparações entre os resultados das diferentes edições da pesquisa. Em função de mudanças metodológicas, no fluxo do questionário, nos enunciados ou opções de respostas, alguns dados disponibilizados podem não ser comparáveis entre si.

Por fim, ao se compararem indicadores ao longo do tempo, a comparação deve ser realizada levando-se em consideração fontes de dados que utilizaram a mesma metodologia amostral e sejam da mesma natureza.

> **B**

**Principais resultados da pesquisa** – *Tabelas e gráficos*



# Apresentação

Nesta parte estão apresentados os principais resultados da quinta edição da Retratos da Leitura no Brasil, por meio de tabelas, quadros e gráficos, com comparativos e cruzamentos entre indicadores e diferentes perfis da população estudada. Para a adequada interpretação dos dados dos resultados e das tabelas apresentadas a seguir, recomendamos ler o Relatório Metodológico, do IBOPE Inteligência, responsável pela aplicação em campo, tabulação e preparação dos relatórios estatísticos e tabelas. (ver Parte 2 – Item 4), lembrando que:

- Sempre que a metodologia, as questões aplicadas e o tamanho da amostra ou número de respondentes sejam suficientes, os dados foram comparados com os das edições anteriores, construindo a série histórica. Também foram cruzados e analisados segundo as diversas categorias da amostra: gênero, faixa etária, escolaridade, nível de escolaridade dos estudantes, classe social e renda familiar.
- Foram mantidos conceitos de “livro”, “livro lido em parte”, “leitor” e “não leitor”, conforme definidos no Relatório Metodológico (Parte 2 – Item 4) para possibilitar a comparação com os resultados das edições anteriores.
- As avaliações, indicações e informações apresentadas pelos entrevistados em resposta às questões não são influenciadas pelos entrevistadores, pois o objeto desta investigação são as percepções e opiniões dos entrevistados.
- Importante: ao analisarem as tabelas, sempre verifiquem as questões que orientaram as respostas (na base da tabela) e a base da amostra (dados sobre o respondente).
- O questionário aplicado em campo, que orientou as entrevistas domiciliares face a face, contou com cerca de oitenta questões desdobradas segundo as variáveis da amostra por perfil e categorias definidas para esta investigação.

Para conhecer a pesquisa completa e outras análises sobre essa edição, acesse o site do IPL: [www.prolivro.org.br](http://www.prolivro.org.br)

A ampla divulgação deste estudo tem por objetivo disponibilizar os dados coletados para que estudiosos e interessados possam aprofundar essa análise para orientar suas ações ou seus estudos.



# > 1

## Especificações técnicas

*Metodologia e amostra*

### Retratos da Leitura 2019

> **Amostra**

**8.076** entrevistas em **208** municípios

Amostra desproporcional

(ponderação pela PNADC 2017)

Leitura regional e para todas as capitais

> **Abrangência Geográfica**

Nacional

> **Público-alvo**

População brasileira residente com 5 anos e mais,

alfabetizada ou não.

> **Período de coleta**

Outubro de 2019 a Janeiro de 2020

> **Método de coleta**

Entrevistas domiciliares face a face, com registro

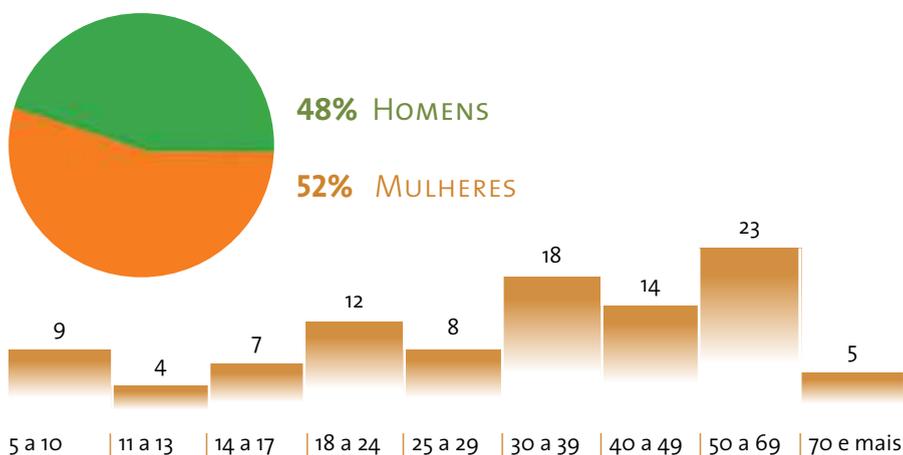
das respostas em tablets

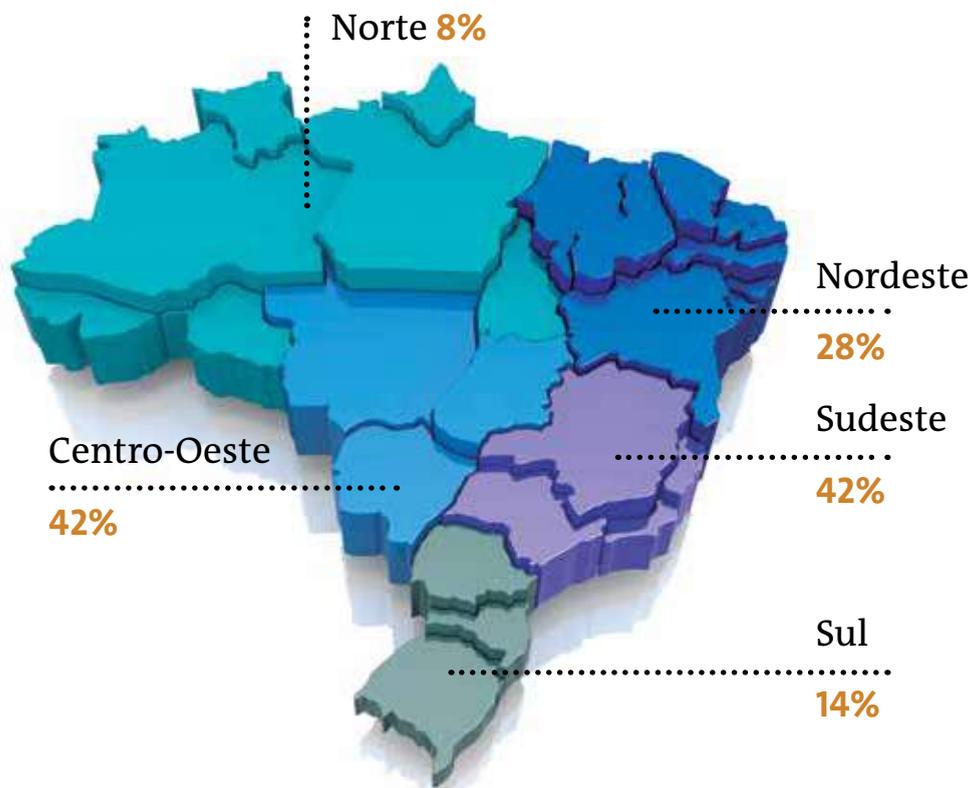
## > Perfil da amostra (%)

# Gênero, Faixa etária e Região

Base: Amostra 2019

A amostra foi desenhada tendo por base a PNADC 2017



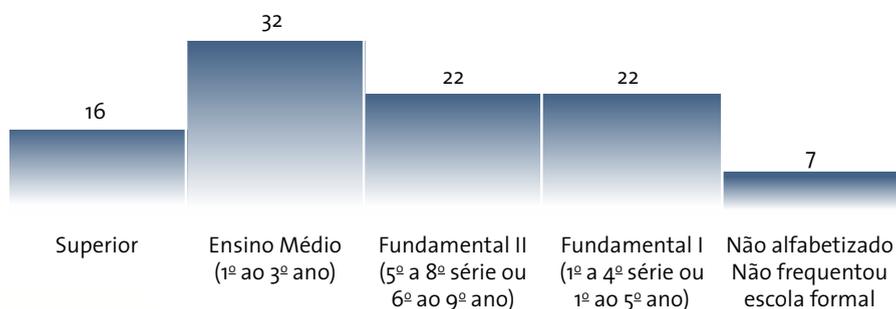


## > Perfil da amostra (%)

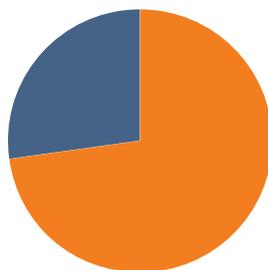
# Escolaridade

Base: Amostra 2019 (8.076)

### Escolaridade do respondente



### Estudante



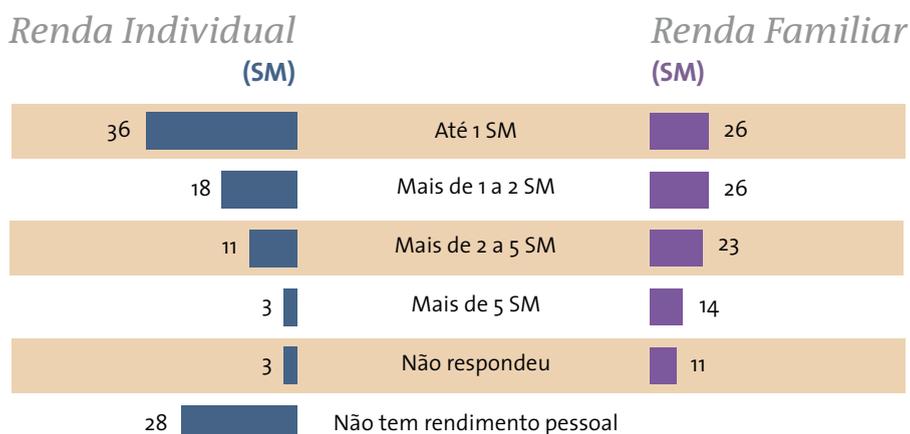
**27%** ESTÁ ESTUDANDO

**73%** NÃO ESTÁ ESTUDANDO

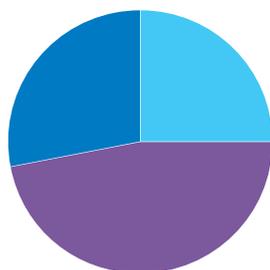
## >Perfil da amostra (%)

# Renda individual e familiar e Classe

Base: Amostra 2019 (8.076)



## *Classe*



25% CLASSE A/B

28% CLASSE D/E

47% CLASSE C

# > 2

## O leitor de livros

– Perfil

### Definição de **Leitor** e **Não leitor**

> **Leitor**

é aquele que leu, inteiro ou em parte, pelo menos 1 livro nos últimos 3 meses.

> **Não leitor**

é aquele que declarou não ter lido nenhum livro nos últimos 3 meses, mesmo que tenha lido nos últimos 12 meses.

→ *Para os índices de leitura, a referência são os 3 meses anteriores à pesquisa*

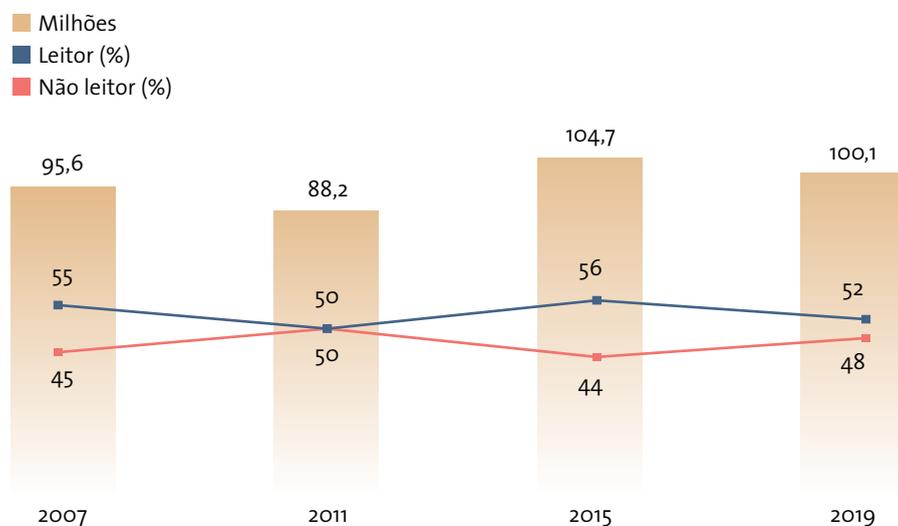
→ *A definição de leitor/ não leitor se mantém desde a edição de 2007*

## &gt;Leitor

# Percentual e Estimativa populacional

Base: População brasileira com 5 anos ou mais – 2007 (173 milhões) /  
2011 (178 milhões) / 2015 (188 milhões) / 2019 (193 milhões)

## Estimativa



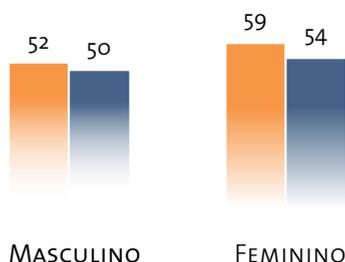
## >Leitor

# Gênero e Idade (2015 x 2019)

Base: Amostra 2015: 5.012 | 2019: 8.076

### Gênero (%)

■ 2015  
■ 2019

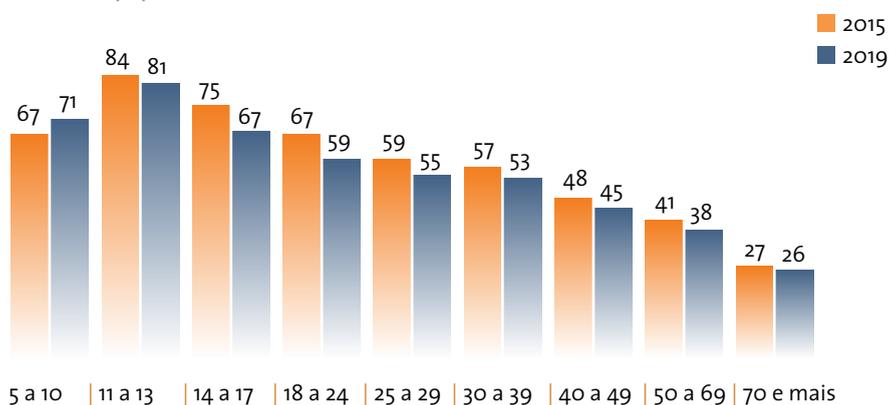


*Estimativas em milhões de habitantes:*

45,9	54,2	2019
47,3	57,3	2015



### Idade (%)



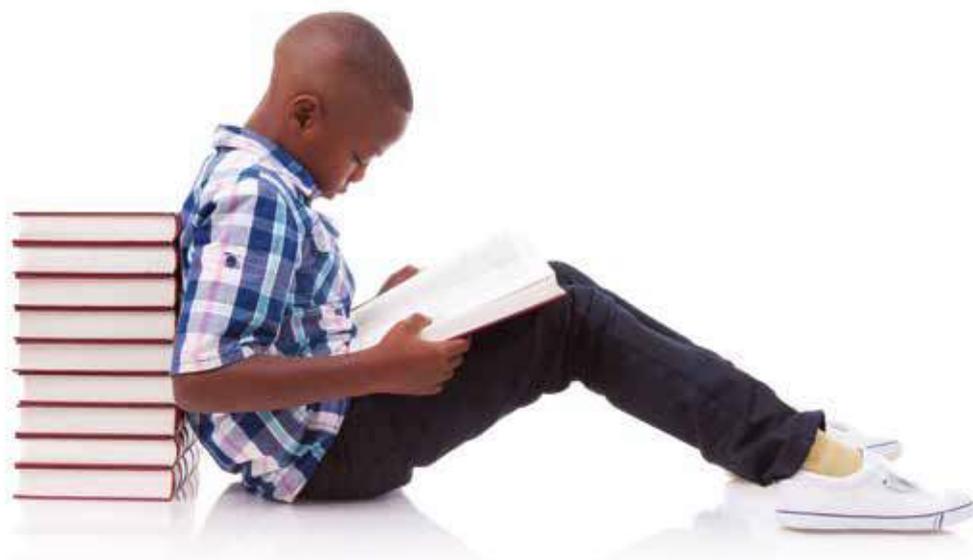
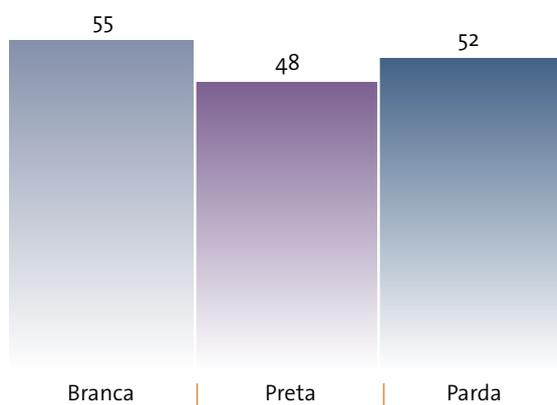
11,7	6,5	9,8	13,8	8,7	18,2	12,2	16,6	2,7	<b>2019</b>
11,4	7,6	11,9	15,0	9,4	17,7	12,4	16,4	2,5	<b>2015</b>



## >Leitor

# Cor ou raça (%)

Base: Amostra 8.076

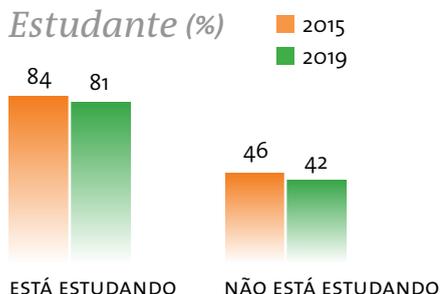


## >Leitor

# Estudante e Escolaridade

(2015 x 2019) Base: Amostra 2015: 5.012 | 2019: 8.076

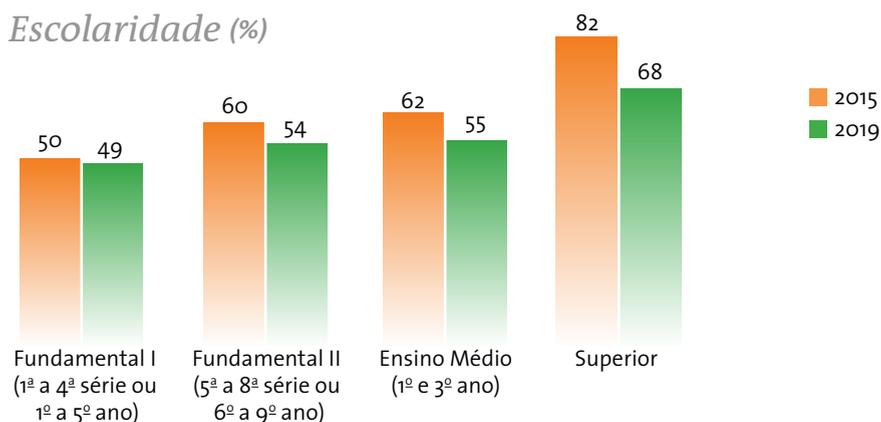
### Estudante (%)



Estimativas em milhões de habitantes:

45,9	54,2	2019
47,3	57,3	2015

### Escolaridade (%)



Estimativas em milhões de habitantes:

21,1	23,3	34,5	21,1	2019
22,1	27,4	35,0	19,9	2015

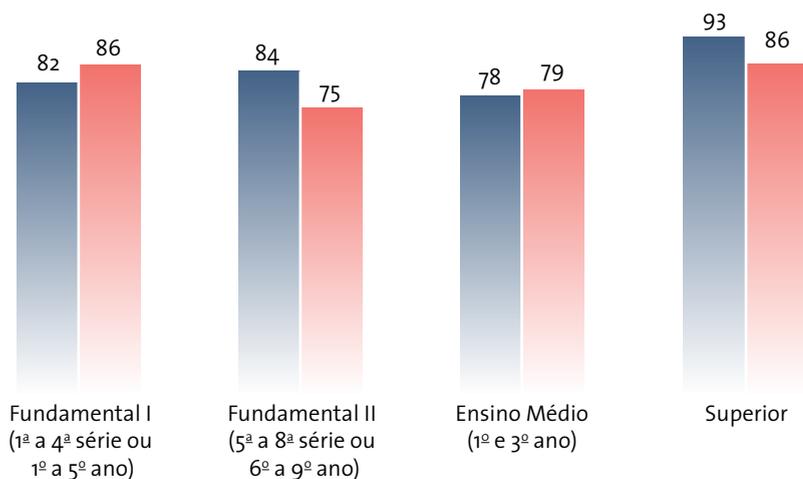
## >Leitor

# Escolaridade de quem estuda atualmente (2015 x 2019)

Base: Estudantes 2015: 1.337 | 2019: 2.101

*Nível de ensino de quem estuda atualmente (apenas estudantes) (%)*

■ 2015  
■ 2019

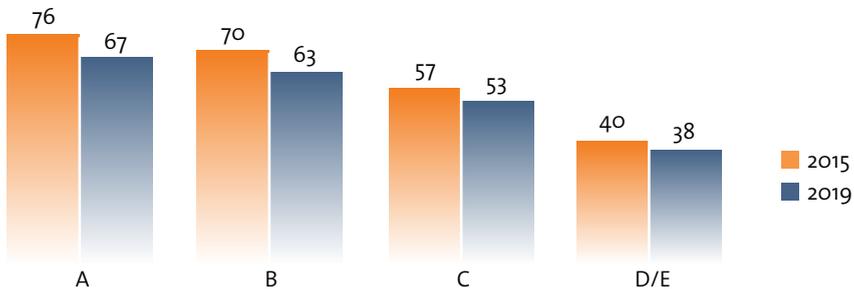


## >Leitor

# Classe e Renda familiar (2015 x 2019)

Base: Amostra 2015: 5.012 | 2019: 8.076

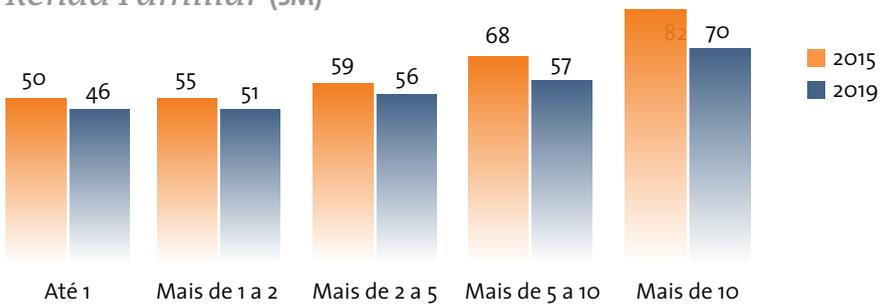
### Classe (%)



Estimativa em milhões de habitantes

3,9	26,4	48,9	21,0	2019
4,1	28,8	51,2	20,4	2015

### Renda Familiar (SM)



Estimativa em milhões de habitantes

22,6	25,7	25,3	12,7	3,5	2019
17,1	32,3	32,5	10,7	2,8	2015



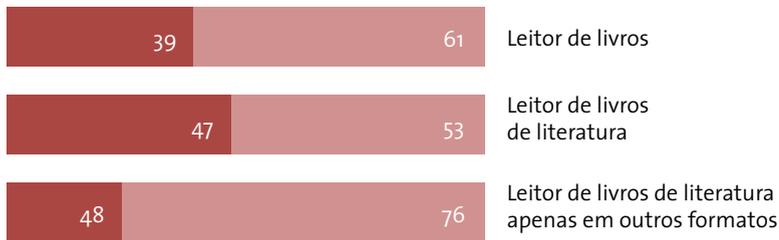
## > Perfil dos leitores

# Comparação

Base: Leitores (4.270) / Leitores de literatura (2.335) /  
Leitores de literatura apenas em outros formatos (2.559)

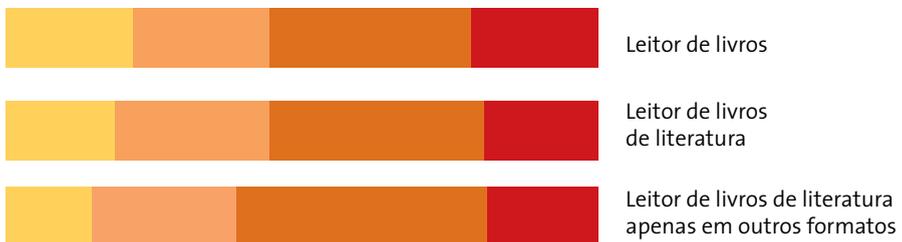
### Estudante (%)

- Não está estudando
- Está estudando



### Escolaridade (%)

- Superior
- Ensino Médio
- Fundamental II
- Fundamental I



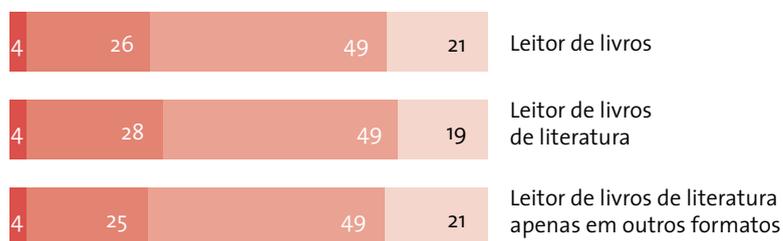
## > Perfil dos leitores

# Comparação

Base: Leitores (4.270) / Leitores de literatura (2.335) /  
Leitores de literatura apenas em outros formatos (2.559)

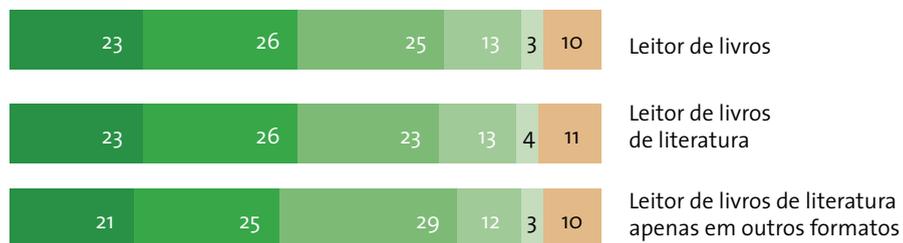
### Classe (%)

■ A      ■ C  
■ B      ■ C/E



### Renda familiar (SM)/(%)

■ Até 1     
 ■ Mais de 2 a 5     
 ■ Mais de 10  
■ Mais de 1 a 2     
 ■ Mais de 5 a 10     
 ■ Não respondeu (NR)



> 3

## Indicadores de leitura

– *Livros lidos e leitores*



## > Penetração de livros nos últimos 3 meses

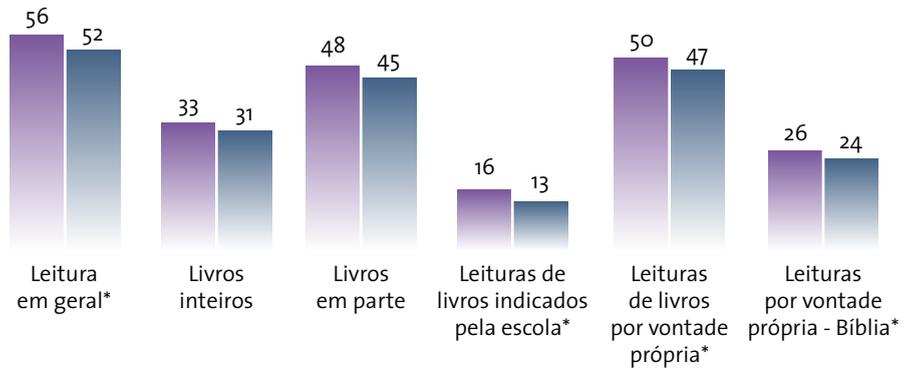
### Brasil

\*Considerando tanto os livros inteiros quanto em parte.

\*\*A penetração é calculada considerando quem leu pelo menos um livro, inteiro ou em parte, nos últimos três meses.

#### Classe (%)

■ 2015  
■ 2019



#### Estimativa em milhões de habitantes

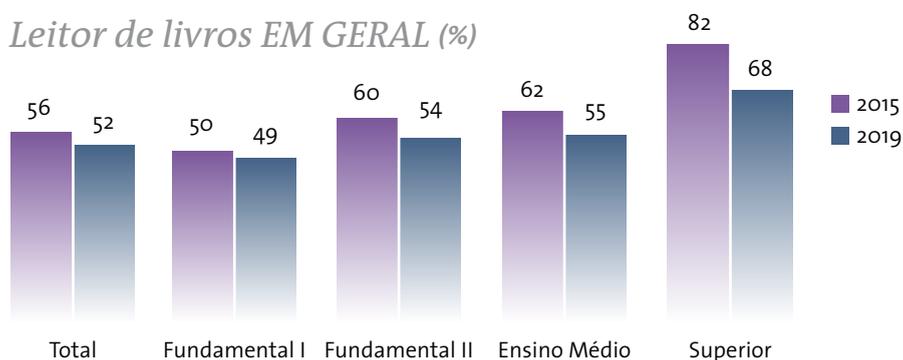
100,1	59,9	87,0	26,1	91,8	45,7	2019
104,7	62,3	89,2	30,3	94,4	48,5	2015

## > Penetração de livros nos últimos 3 meses

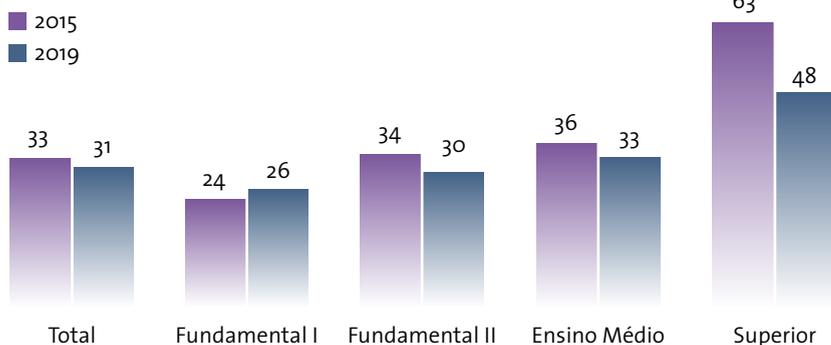
# Escolaridade (2015 x 2019)

Base: Amostra 2015: 5.012 | 2019: 8.076

### Leitor de livros EM GERAL (%)



### Leitor de livros INTEIROS (%)

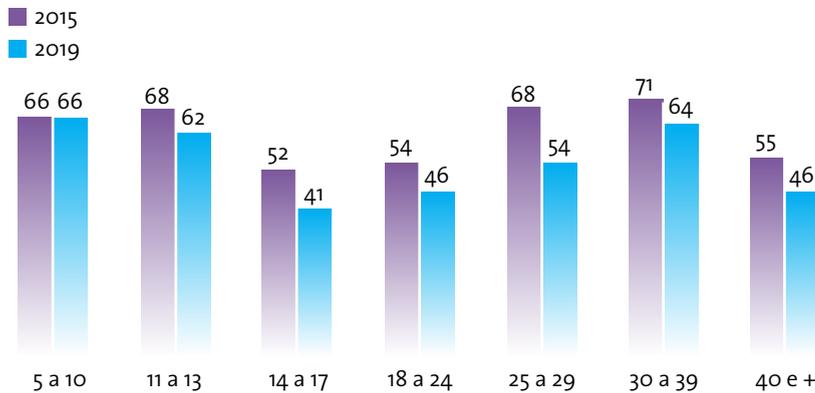


	Média de livros lidos (inteiros + em parte)	Média de livros inteiros lidos
2019	2,60	1,05
2015	2,54	1,06

## >Penetração de livros nos últimos 3 meses por faixa etária

Base: Estudantes 2015: 1.341 | 2019: 2.101

### Idade (%)



### Média dos livros lidos

2,76	2,47	1,29	2,07	2,3	2,87	1,98	2019
2,97	2,95	1,67	2,45	2,22	2,82	1,74	2015

## > Penetração de leitores 2007-2019

# Região

### Norte

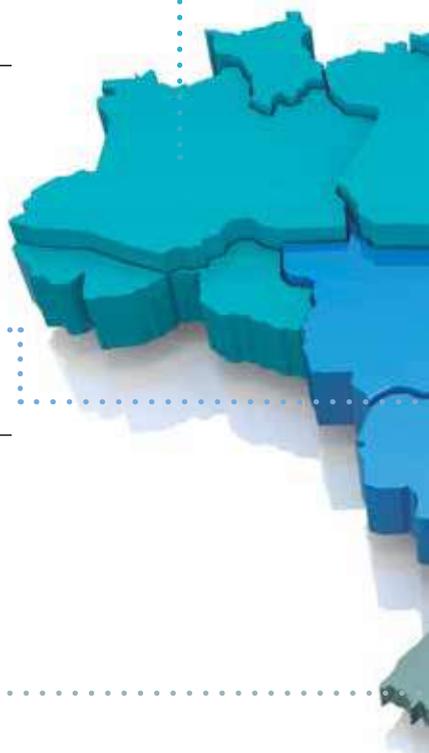
Unidade	2007	2011	2015	2019
% total de leitores	8	8	8	10
Penetração (%)	55	47	53	63
Milhões de leitores	7,5	6,7	8,3	10,3

### Centro-Oeste

Unidade	2007	2011	2015	2019
% total de leitores	7	8	8	8
Penetração (%)	59	53	57	46
Milhões de leitores	7,1	6,8	8,0	6,8

### Sul

Unidade	2007	2011	2015	2019
% total de leitores	14	13	13	16
Penetração (%)	53	43	50	58
Milhões de leitores	13,2	11,3	13,7	16,1



## Total Brasil

Unidade	2007	2011	2015	2019
Penetração (%)	55	50	56	52
Milhões de leitores	95,6	88,2	104,7	100,1

## Nordeste

Unidade	2007	2011	2015	2019
% total de leitores	25	29	25	25
Penetração (%)	50	51	51	48
Milhões de leitores	24,4	25,4	26,2	25,3

## Sudeste

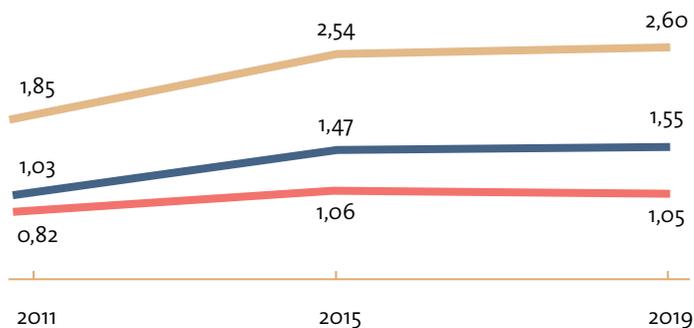
Unidade	2007	2011	2015	2019
% total de leitores	45	43	46	42
Penetração (%)	59	50	61	51
Milhões de leitores	43,4	38,0	48,3	41,6

## > Média de livros lidos nos últimos 3 meses

Base: Amostra 2007 (5.012) / 2011 (5.012) / 2015 (5.012) / 2019 (8.076)

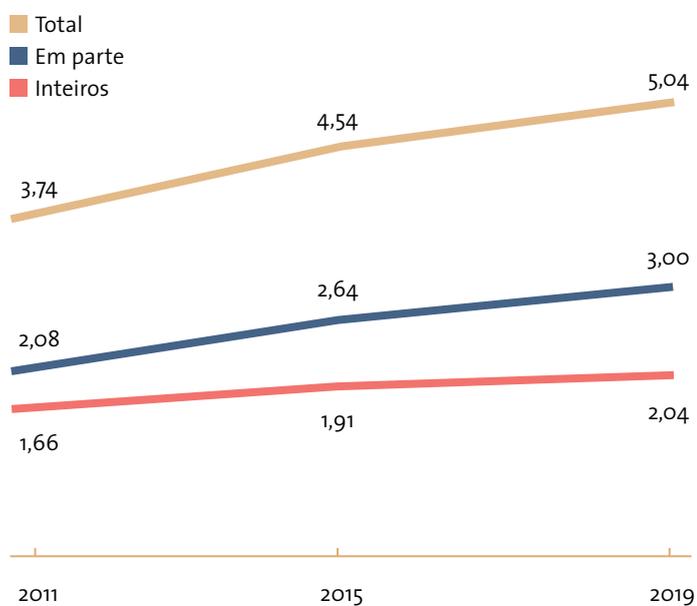
### Total

- Total
- Em parte
- Inteiros



Base: Leitores 2011 (2.506) / 2015 (2.798) / 2019 (4.270)

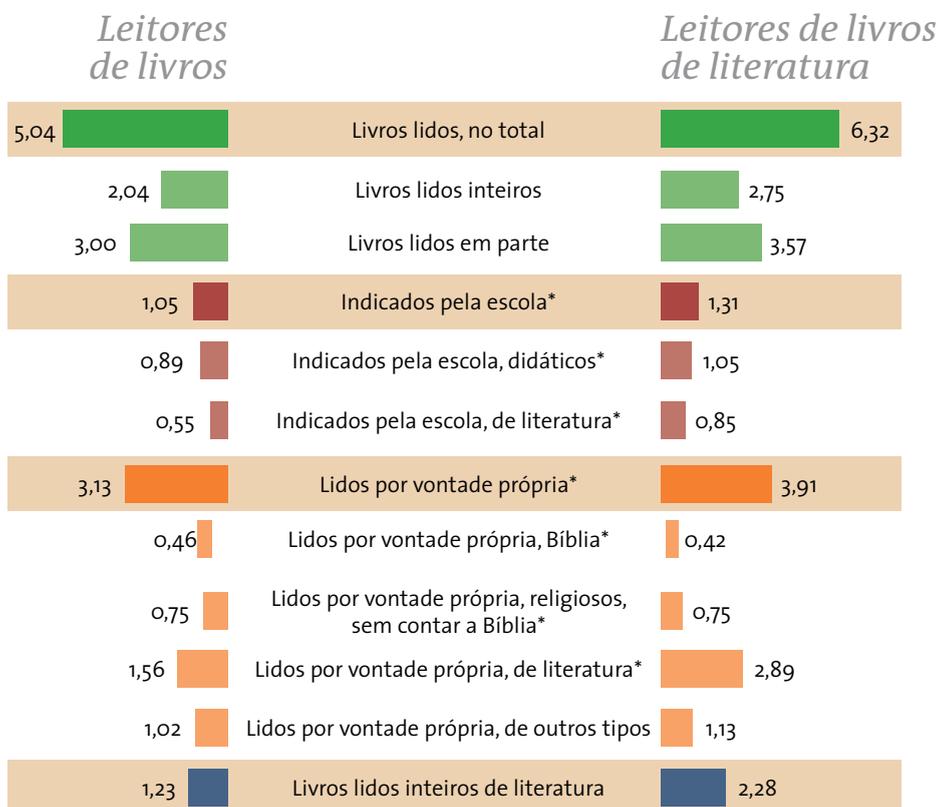
### Leitores



## > Média de livros lidos nos últimos 3 meses

Base: Leitores (4.270) / Leitores de literatura (2.335)

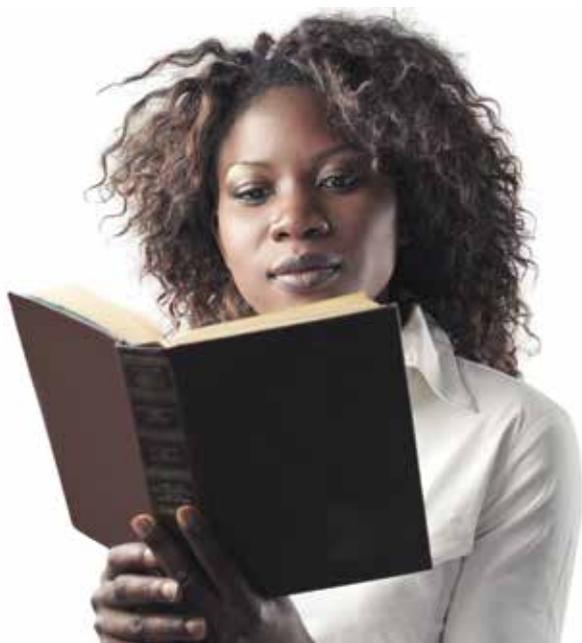
Considerando tanto os livros inteiros quanto em parte.



## >Média de livros lidos por ano

Base: Amostra 2007 (5.012) / 2011 (5.012) / 2015 (5.012) / 2019 (8.076)  
 Considerando tanto os livros inteiros quanto em parte.

*Entre todos os entrevistados*



## >Número de livros lidos por ano

Base: Amostra 2007 (5.012) / 2011 (5.012) / 2015 (5.012) / 2019 (8.076)  
Considerando tanto os livros inteiros quanto em parte.

*Entre todos os entrevistados*

2007	2011	2015	2019
4,7 livros / ano	4,0 livros / ano	5,0 livros / ano	5,0 livros / ano
	2,1 inteiros	2,4 inteiros	2,5 inteiros
	2,0 em parte	2,5 em parte	2,4 em parte



## Gênero

Livros/ano	2007	2011	2015	2019
Feminino	5,3	4,2	5,0	4,8
Masculino	4,1	3,2	5,0	5,2

## Região

Livros/ano	2007	2011	2015	2019
Norte	3,9	2,7	4,4	5,3
Nordeste	4,2	4,3	3,9	4,3
Sudeste	4,9	4,0	6,0	4,9
Sul	5,5	4,2	4,4	5,9
Centro-Oeste	4,5	4,2	4,8	5,3



> 4

## Motivações e hábitos de leitura



## > Principal motivação para ler um livro (%)

Base: Leitores 2015 (2.798) / 2019 (4.270)

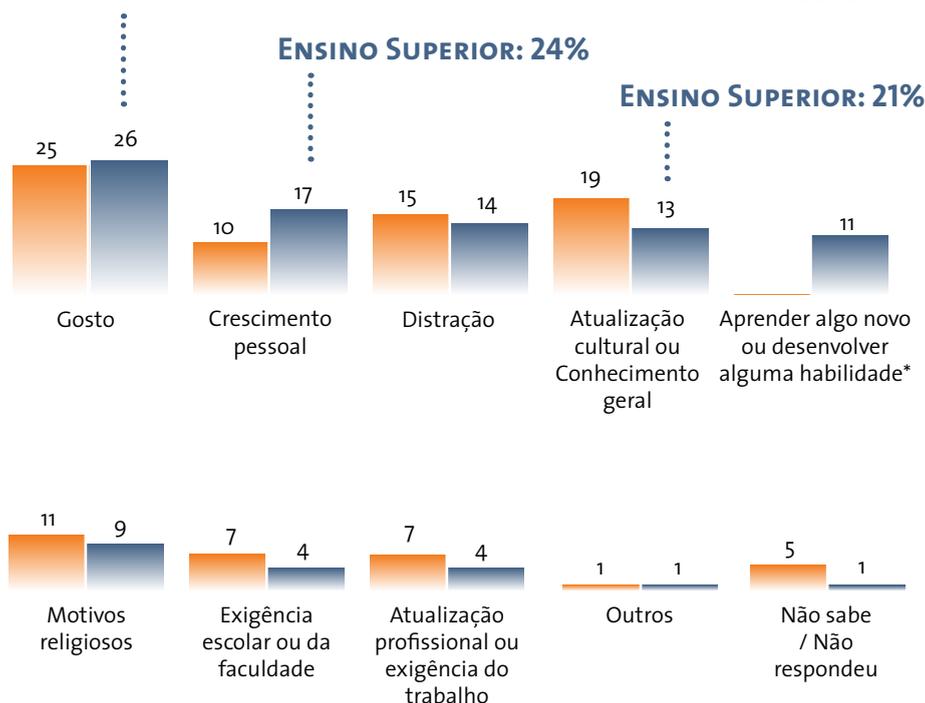
P.35) Qual é a principal razão para o(a) sr.(a.) ler?

■ 2015  
■ 2019

**ATÉ FUNDAMENTAL I: 37%**  
**ENSINO SUPERIOR: 21%**

**5 A 10 ANOS: 48%**  
**11 A 13 ANOS: 33%**  
**14 A 17 ANOS: 24%**

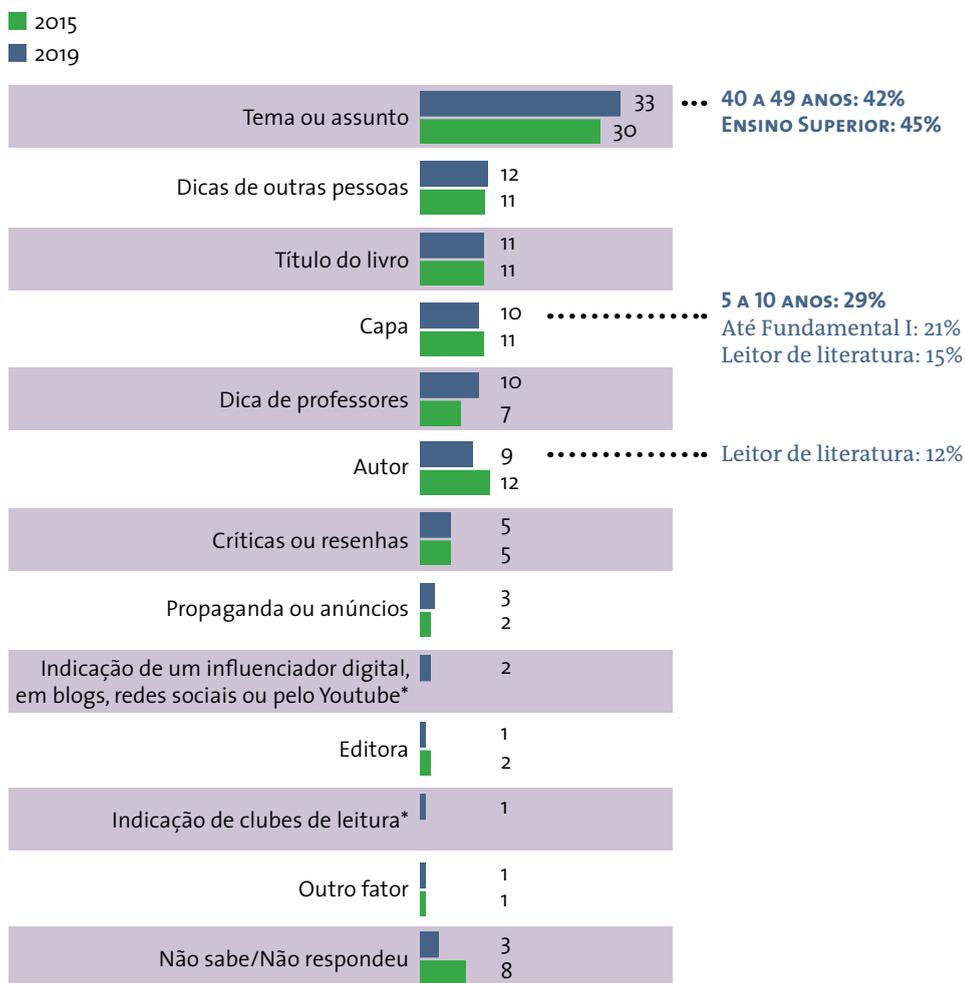
ENTRE LEITORES DE LITERATURA, 38% LERAM O ÚLTIMO LIVRO DE LITERATURA POR GOSTO



## >Fatores que influenciam na escolha de um livro (%)

Base: Leitores 2015 (2.798) / 2019 (4.270)

P.36) Qual destes fatores mais influencia o(a) sr(a) na hora de escolher um livro ou autor para ler?





## >Frequência de leitura de livros e literatura por vontade própria independentemente do suporte: por Escolaridade e Faixa Etária

P:32D) O(a) sr.(a.) lê livros de literatura por vontade própria, como contos, crônicas, romances ou poesias, todos os dias ou quase todos os dias, pelo menos uma vez por semana, pelo menos uma vez por mês ou menos de uma vez por mês? Por favor, considere a leitura que o(a) sr.(a.) realiza em papel ou em formato digital.

*Com que frequência lê livros de literatura por vontade própria, como contos, crônicas, romances ou poesias*

### ESCOLARIDADE (%)

2019	TOTAL
Base: Sabe ler e escrever	7.645
Todos os dias ou quase todos os dias	8
Pelo menos 1 vez por semana	12
Pelo menos 1 vez por mês	14
Menos de 1 vez por mês	11
Não lê	54

### FAIXA ETÁRIA (%)

2019	TOTAL
Base: Sabe ler e escrever	7.645
Todos os dias ou quase todos os dias	8
Pelo menos 1 vez por semana	12
Pelo menos 1 vez por mês	14
Menos de 1 vez por mês	11
Não lê	54



## ESCOLARIDADE (%)

FUNDAMENTAL I (1ª A 4ª SÉRIE OU 1º AO 5º ANO)	FUNDAMENTAL II (5ª A 8ª SÉRIE OU 6º AO 9º ANO)	ENSINO MÉDIO (1º AO 3º ANO)	SUPERIOR
1.529	1.653	2.695	1.768
9	8	8	10
8	14	13	11
8	14	16	17
7	11	12	18
68	53	51	43

## FAIXA ETÁRIA (%)

5 a 10	11 a 13	14 a 17	18 a 24	25 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 69	70 e mais
539	318	563	979	690	1.379	1.142	1.714	321
<b>23</b>	<b>21</b>	<b>14</b>	7	8	6	5	4	2
<b>20</b>	<b>24</b>	<b>19</b>	14	12	11	8	7	4
14	14	22	17	14	14	14	9	6
9	17	14	14	15	13	12	7	3
33	25	31	47	51	55	59	72	83

## >Frequência de leitura de livros e literatura indicados pela escola independentemente do suporte: por Escolaridade e Faixa Etária

*P:32B) O(a) sr.(a.) lê livros de literatura indicados pela escola, como contos, romances ou poesias todos os dias ou quase todos os dias, pelo menos uma vez por semana, pelo menos uma vez por mês ou menos de uma vez por mês? Por favor, considere a leitura que o(a) sr.(a.) realiza em papel ou em formato digital.*

*Com que frequência lê livros de literatura indicados pela escola como contos, crônicas, romances ou poesias*

### ESCOLARIDADE (%)

2019	TOTAL	ESTUDANDO	
		Está estudando	Não está estudando
Base: Sabe ler e escrever	7.645	2.101	5.544
Todos os dias ou quase todos os dias	6	15	2
Pelo menos 1 vez por semana	10	22	5
Pelo menos 1 vez por mês	10	19	7
Menos de 1 vez por mês	8	12	6
Não lê	66	30	80

### FAIXA ETÁRIA (%)

2019	TOTAL
Base: Sabe ler e escrever	7.645
Todos os dias ou quase todos os dias	6
Pelo menos 1 vez por semana	10
Pelo menos 1 vez por mês	10
Menos de 1 vez por mês	8
Não lê	66



## ESCOLARIDADE (%)

FUNDAMENTAL I (1ª A 4ª SÉRIE OU 1º AO 5º ANO)	FUNDAMENTAL II (5ª A 8ª SÉRIE OU 6º AO 9º ANO)	ENSINO MÉDIO (1º AO 3º ANO)	SUPERIOR
1.529	1.653	2.695	1.768
9	7	4	3
10	12	8	7
7	11	12	10
4	8	8	12
70	61	68	67

## FAIXA ETÁRIA (%)

5 a 10	11 a 13	14 a 17	18 a 24	25 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 69	70 e mais
539	318	563	979	690	1.379	1.142	1.714	321
25	23	9	4	2	3	2	1	1
28	24	21	11	9	8	5	2	1
16	14	28	13	11	8	9	3	2
8	14	11	13	10	8	6	5	1
<b>21</b>	<b>24</b>	<b>31</b>	59	69	73	79	88	94

## > Gêneros que costuma ler (%)

Base: Leitores 2011 (2.506) / 2015 (2.798) / 2019 (4.270)

P.37) *Quais destes tipos de livros, seja em papel ou em formato digital, o(a) sr.(a.) leu no último ano?*

	2011	2015	2019
Bíblia	42	42	35
Contos	23	22	22
Religiosos	30	22	22
Romance	31	22	22
Didáticos, ou seja, livros utilizados nas matérias do seu curso	32	16	16
Poesia	20	12	16
Infantis	22	15	14
História, Economia, Política, Filosofia ou Ciências Sociais	11	11	13
Histórias em quadrinhos, Gibis ou RPG	19	13	11
Ciências	-	10	10
Técnicos ou universitários, para formação profissional	-	10	10
Culinária, Artesanato, “Como Fazer”	7	10	9
Biografias	11	8	9
Artes	6	7	8
Autoajuda	12	8	8
Saúde e Dietas	-	8	8
Juvenis	11	7	5
Educação ou Pedagogia	-	6	5
Línguas (como inglês, espanhol, etc.)	-	5	4
Viagens e esportes	-	5	4
Enciclopédias e dicionários	9	4	4
Direito	-	3	3
Esoterismo ou Ocultismo	2	2	2
Outros	1	-	1
Não sabe/Não respondeu	-	5	1
Média de Gêneros por Entrevistado	-	2,8	4,1

*Gêneros que mais gosta de ler: segue o mesmo padrão.*

## >Gêneros que costuma ler (%)

# Estudante x Não Estudante

P37) Quais destes tipos de livros, seja em papel ou em formato digital, o(a) sr.(a.) leu no último ano?

2019	Total	Está estudando	Não está estudando
Base: Leitores	4.270	1.672	2.598
Bíblia	35	21	45
Contos	22	31	17
Religiosos	22	11	29
Romance	22	21	22
Didáticos, ou seja, livros utilizados nas matérias do seu curso	16	27	9
Poesia	16	21	12
Infantis	14	19	11
História, Economia, Política, Filosofia ou Ciências Sociais	13	13	12
História em quadrinhos, Gibis ou RPG	11	16	8
Ciências	10	13	8
Técnicos ou universitários, para formação profissional	10	12	8
Culinária, Artesanato, "Como Fazer"	9	4	13
Biografias	9	9	9
Artes	8	13	5
Autoajuda	8	6	10
Saúde e Dietas	8	5	10
Juvenis	5	8	3
Educação ou Pedagogia	5	6	4
Línguas (como inglês, espanhol, etc.)	4	6	3
Viagens e Esportes	4	4	4
Enciclopédias e Dicionários	4	5	3
Direito	3	4	3
Esoterismo ou Ocultismo	2	1	2
MÉDIA DE GÊNEROS POR ENTREVISTADO	4,1	4,2	3,9

## > Gêneros que costuma ler (%) por Escolaridade

P.37) Quais destes tipos de livros, seja em papel ou em formato digital, o(a) sr.(a.) leu no último ano?

2019	Total
Base: Leitores	4.270
Bíblia	35
Contos	22
Religiosos	22
Romance	22
Didáticos, ou seja, livros utilizados nas matérias do seu curso	16
Poesia	16
Infantis	14
História, Economia, Política, Filosofia ou Ciências Sociais	13
História em quadrinhos, Gibis ou RPG	11
Ciências	10
Técnicos ou universitários, para formação profissional	10
Culinária, Artesanato, "Como Fazer"	9
Biografias	9
Artes	8
Autoajuda	8
Saúde e Dietas	8
Juvenis	5
Educação ou Pedagogia	5
Línguas (como inglês, espanhol, etc.)	4
Viagens e Esportes	4
Enciclopédias e Dicionários	4
Direito	3
Esoterismo ou Ocultismo	2
Não sabe/Não respondeu	1
MÉDIA DE GÊNEROS POR ENTREVISTADO	4,1

**ESCOLARIDADE**

Fundamental I (1ª a 4ª série ou 1º ao 5º ano)	Fundamental II (5ª a 8ª série ou 6º ao 9º ano)	Ensino Médio (1º ao 3º ano)	Superior
739	870	1.473	1.188
42	32	37	30
25	21	23	20
14	17	25	30
7	16	27	33
12	11	14	28
11	20	16	16
26	11	10	13
4	7	12	28
13	12	8	14
10	10	9	13
1	2	9	28
3	7	12	16
4	7	10	15
11	9	6	8
1	3	12	17
4	5	9	14
3	7	4	7
2	2	3	13
2	3	4	9
3	2	4	7
1	3	3	7
1	2	2	9
0	0	2	4
3	1	1	0
3,2	3,4	4,1	5,7

## >Gêneros que costuma ler (%) por Faixa etária

P.37) Quais destes tipos de livros, seja em papel ou em formato digital, o(a) sr.(a.) leu no último ano?

2019	Total
Base: Leitores	4.270
Bíblia	35
Contos	22
Religiosos	22
Romance	22
Didáticos, ou seja, livros utilizados nas matérias do seu curso	16
Poesia	16
Infantis	14
História, Economia, Política, Filosofia ou Ciências Sociais	13
História em quadrinhos, Gibis ou RPG	11
Ciências	10
Técnicos ou universitários, para formação profissional	10
Culinária, Artesanato, "Como Fazer"	9
Biografias	9
Artes	8
Autoajuda	8
Saúde e Dietas	8
Juvenis	5
Educação ou Pedagogia	5
Línguas (como inglês, espanhol, etc.)	4
Viagens e Esportes	4
Enciclopédias e Dicionários	4
Direito	3
Esoterismo ou Ocultismo	2
Não sabe/Não respondeu	1
MÉDIA DE GÊNEROS POR ENTREVISTADO	4,1

**FAIXA ETÁRIA**

5 a 10	11 a 13	14 a 17	18 a 24	25 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 69	70 e mais
437	255	388	587	398	760	581	739	125
23	19	15	30	27	42	49	51	51
38	30	29	23	27	18	13	16	11
10	3	8	19	27	26	33	31	36
6	16	31	32	32	18	21	20	13
19	24	21	24	15	15	15	5	2
17	30	21	18	18	12	14	11	1
44	17	5	8	11	16	9	8	3
3	3	14	17	23	13	13	13	8
22	21	13	9	11	8	10	7	1
15	16	9	17	6	10	9	5	2
0	0	7	18	16	14	12	5	6
2	1	5	10	11	13	13	13	6
5	6	10	14	13	8	9	6	6
18	14	9	10	8	6	6	3	0
1	0	5	12	15	10	12	8	8
2	2	3	7	9	12	13	9	12
6	11	10	7	5	3	4	2	1
2	5	2	5	8	8	8	3	0
5	5	7	6	5	3	4	3	2
3	3	4	3	3	6	6	3	3
1	5	4	3	3	6	4	2	1
2	2	2	6	3	5	3	2	1
0	0	1	1	2	2	3	3	1
1	0	0	1	0	0	1	1	3
3,7	3,6	3,7	4,6	4,5	4,3	4,3	3,7	3,1



> 5

## Barreiras para a leitura



## > Razão para não ter lido mais entre os leitores

Base: Leitores 2015 (2.798) / 2019 (4.270)

*Gostaria de ter lido mais?*

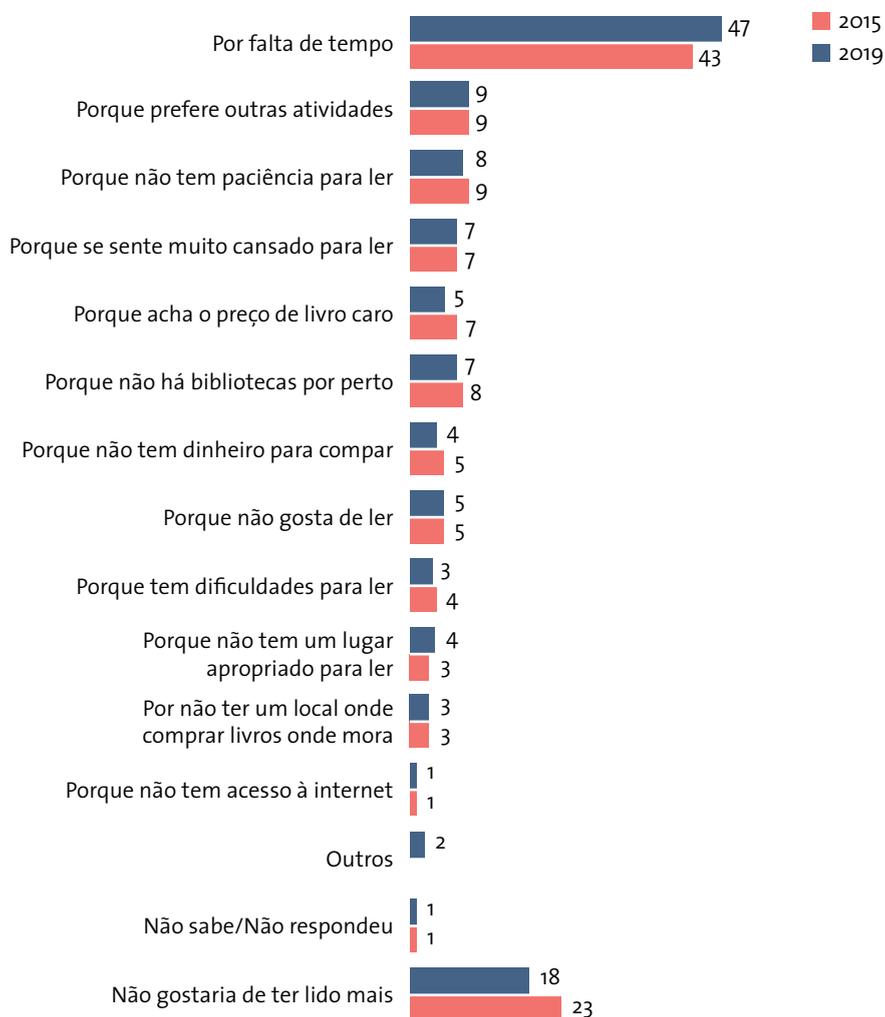
**2015**  
**77% SIM**  
**23% NÃO**



**2019**  
**82% SIM**  
**18% NÃO**



### Por que não leu mais? (%)

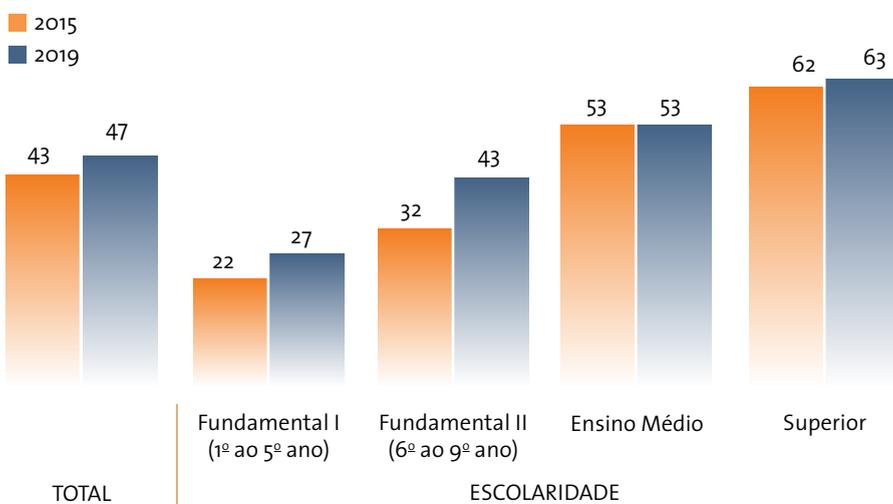


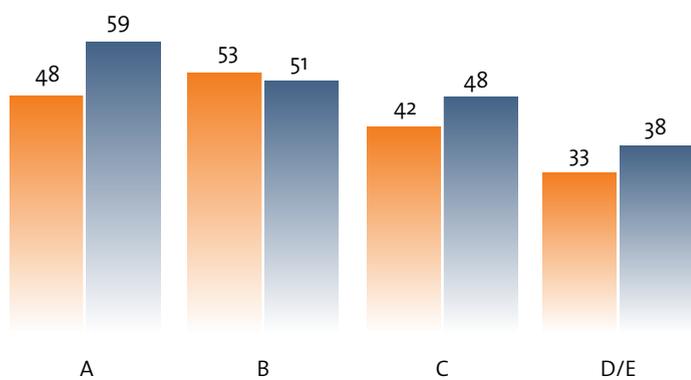
## > Razão para não ter lido mais entre os leitores

Base: Leitores 2015 (2.798) / 2019 (4.270)

P.36) Qual destes fatores mais influencia o(a) sr.(a.) na hora de escolher um livro ou autor para ler?

*Falta de tempo, por classe e escolaridade (%)*





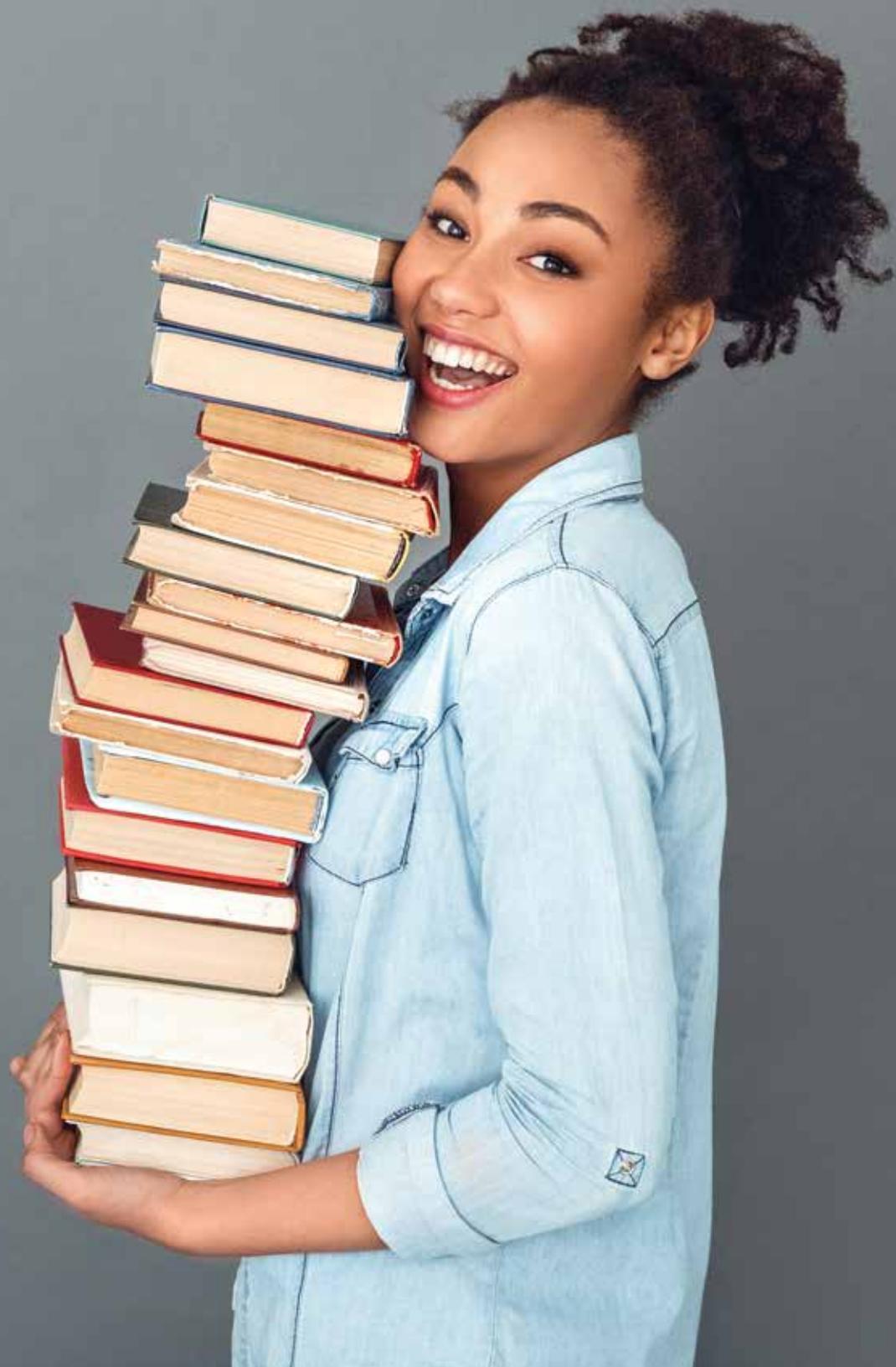
CRITÉRIO ECONÔMICO BRASIL

## > Razão para não ter lido nos últimos 3 meses entre os não leitores (%)

Base: Não leitores - não leu nenhum livro, inteiro ou em parte, nos últimos 3 meses 2015 (2.214) / 2019 (3.806)

P.11) Por quais razões o(a) sr.(a.) não leu nenhum livro inteiro ou em parte nos últimos 3 meses?

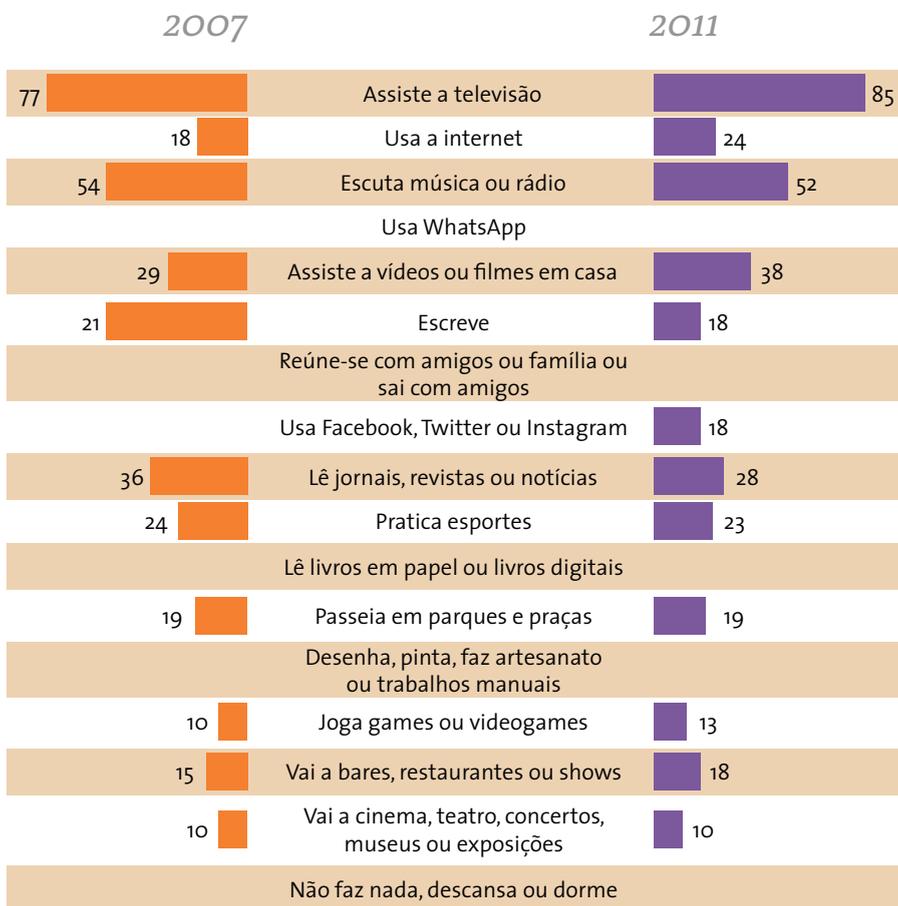


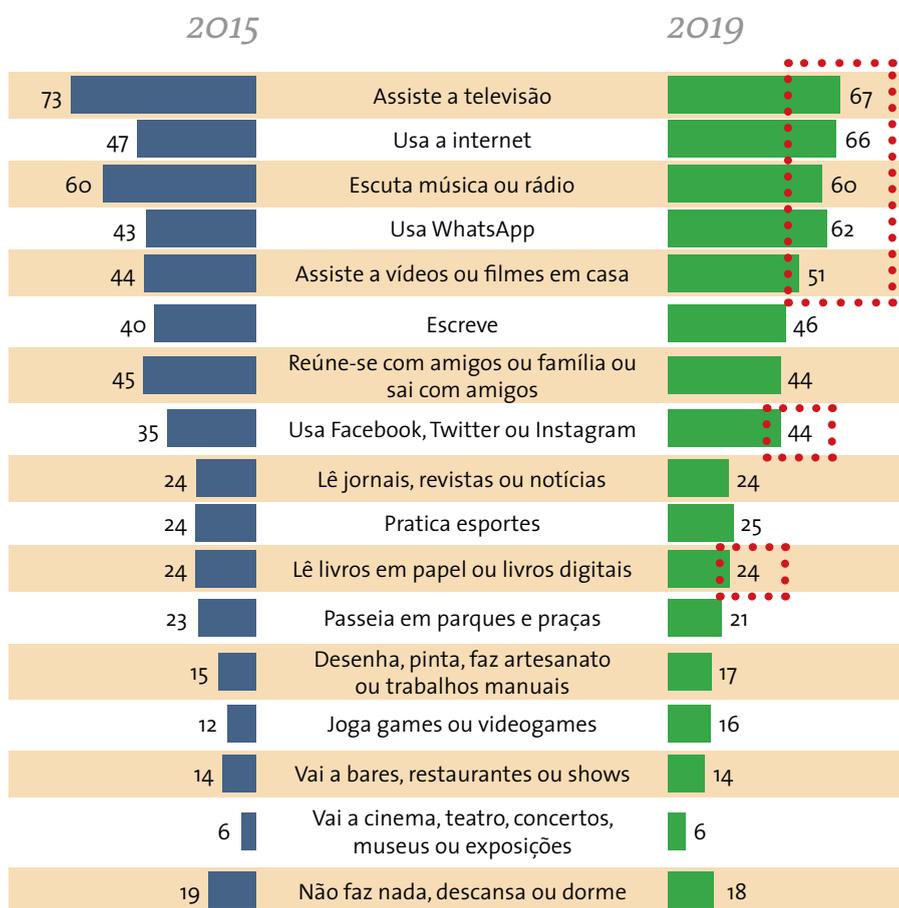


## >O que gosta de fazer em seu tempo livre (% de sempre)

Base: Amostra: 2007 (5.012) / 2011 (5.012) / 2015 (5.012) / 2019 (8.076)

P.08) Quais das atividades que eu vou ler o(a) sr.(a.) realiza no seu tempo livre? O(a) sr.(a.) \_\_\_\_\_ sempre, às vezes ou nunca?





## >O que gosta de fazer em seu tempo livre (% de sempre) Leitor x Não leitor

Base: Amostra Leitor (4.270) / Não leitor (3.806)

P.08) Quais das atividades que eu vou ler o(a) sr.(a.) realiza no seu tempo livre? O(a) sr.(a.) \_\_\_\_\_ sempre, às vezes ou nunca?

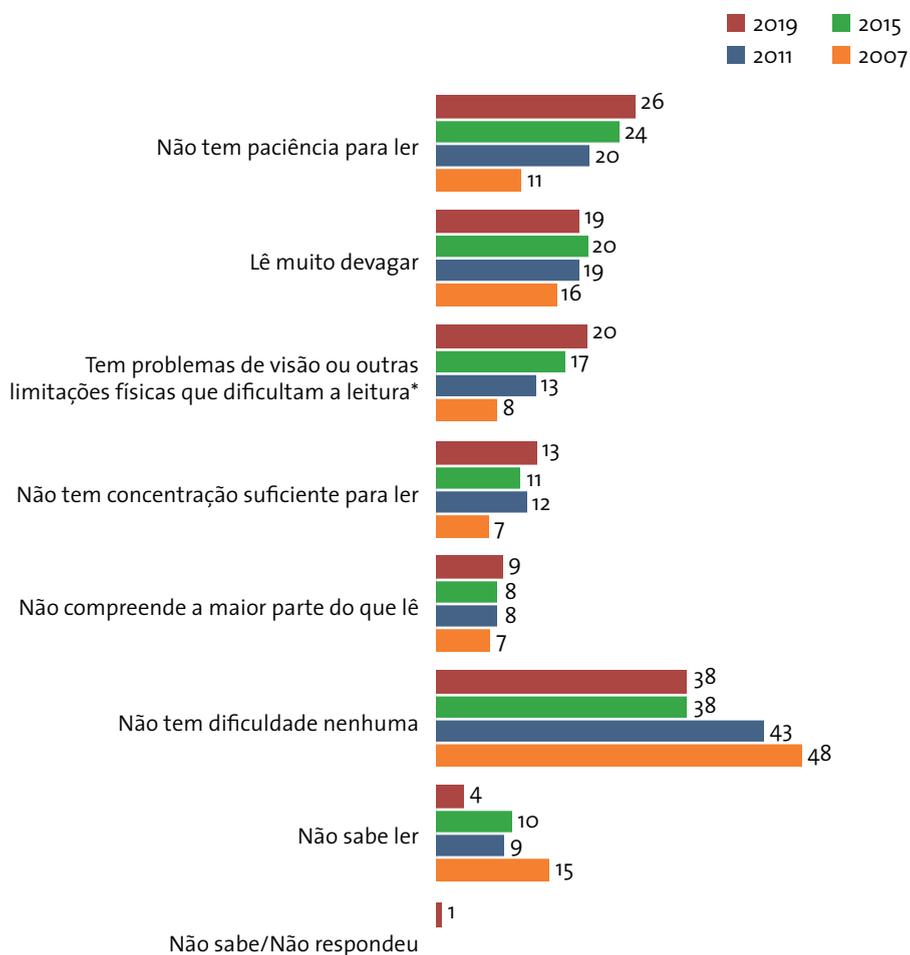
2019	Leitor	Não Leitor
Assiste a televisão	66	68
Usa a internet	75	56
Escuta música ou rádio	65	55
Usa WhatsApp	68	55
Assiste a vídeos ou filmes em casa	60	41
Escreve	60	31
Reúne-se com amigos ou família ou sai com amigos	49	40
Usa Facebook, Twitter ou Instagram	50	38
Lê jornais, revistas ou notícias	33	15
Pratica esportes	30	20
Lê livros em papel ou livros digitais	40	7
Passeia em parques e praças	25	17
Desenha, pinta, faz artesanato ou trabalhos manuais	22	11
Joga games ou videogames	19	12
Vai a bares, restaurantes ou shows	13	14
Vai a cinema, teatro, concertos, museus ou exposições	8	3
Não faz nada, descansa ou dorme	17	18
MÉDIA DE ATIVIDADES POR ENTREVISTADO	7,0	5,0

## >Dificuldades para ler (%)

Base: Amostra 2007 (5.012 / 2011 (5.012) / 2015 (5.012) / 2019 (8.076)

Item revisado em 2019: incluída a explicação “que dificultam a leitura”

P.39) O(A) sr.(a.) tem algumas das seguintes dificuldades para ler?



> 6

## Gosto pela leitura e representações

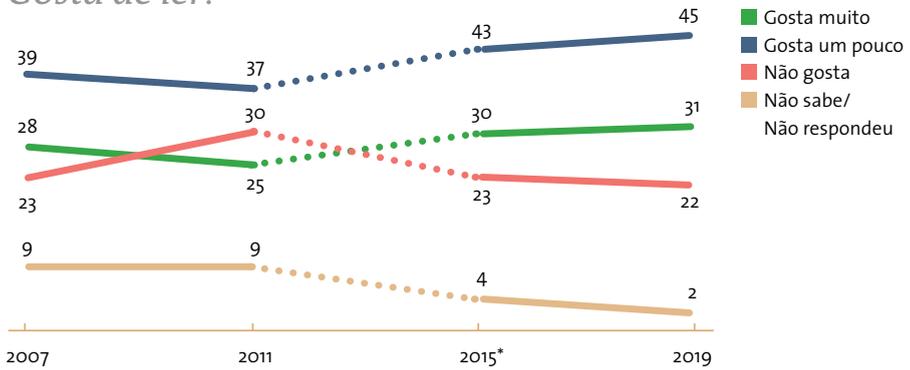


## >Gosto pela leitura (%)

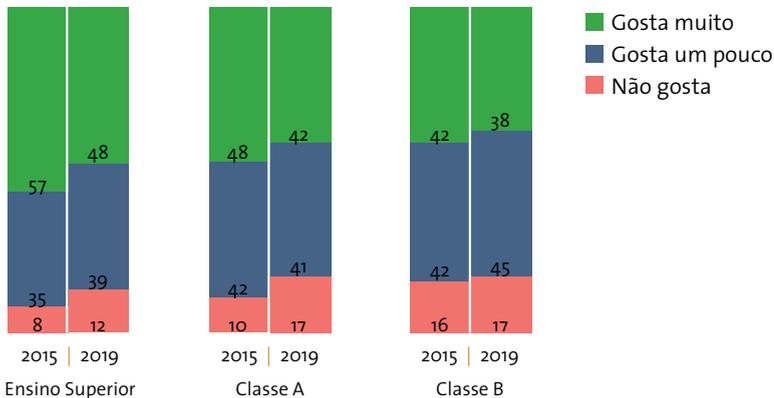
Base: Amostra 2007 (5.012) / 2011 (5.012) / 2015 (5.012) / 2019 (8.076)

P.27) De maneira geral, o(a) sr.(a.) gosta muito, gosta um pouco ou não gosta de ler?

Gosta de ler?\*



\*Até 2011, os respondentes “analfabetos” não respondiam a essa pergunta e eram incluídos na opção de resposta “Não sabe ler”. A partir de 2015, todos responderam à pergunta (incluindo os analfabetos). Assim, a opção de resposta “Não sabe ler” foi alterada para Não sabe/Não respondeu.



# >Gosto pela leitura por perfil

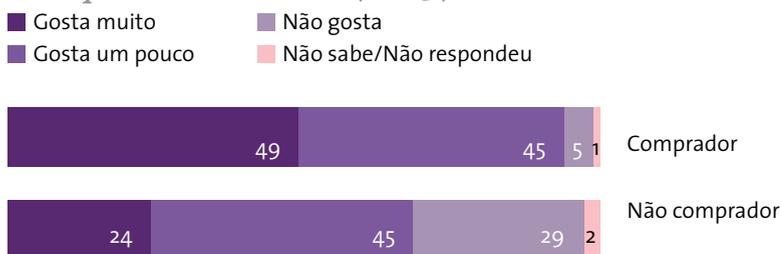
## Leitor e Comprador de livros (%)

Base: Amostra (8.076)

### Leitor (2019)



### Comprador de livros (2019)

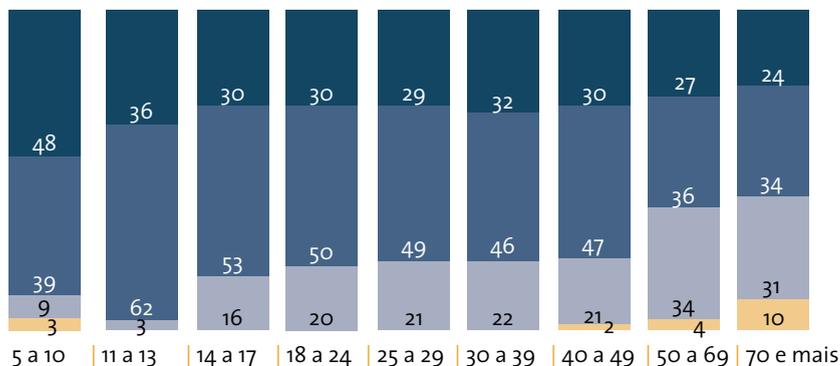


## >Gosto pela leitura por perfil Idade (%)

Base: Amostra (8.076)

### Idade (2019)

■ Gosta muito      ■ Não gosta  
■ Gosta um pouco      ■ Não sabe/Não respondeu

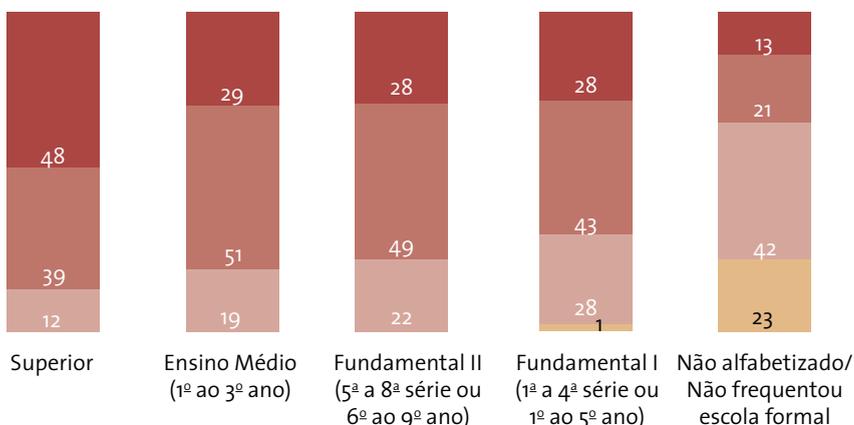


# >Gosto pela leitura por perfil Escolaridade e Estudante (%)

Base: Amostra (8.076)

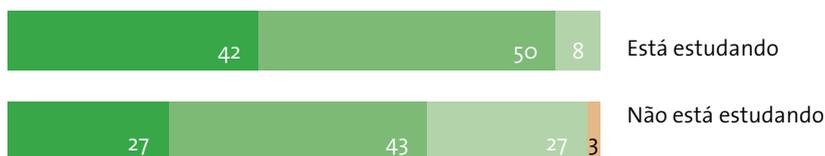
## Escolaridade (2019)

■ Gosta muito      ■ Não gosta  
■ Gosta um pouco      ■ Não sabe/Não respondeu



## Estudante (2019)

■ Gosta muito      ■ Não gosta  
■ Gosta um pouco      ■ Não sabe/Não respondeu



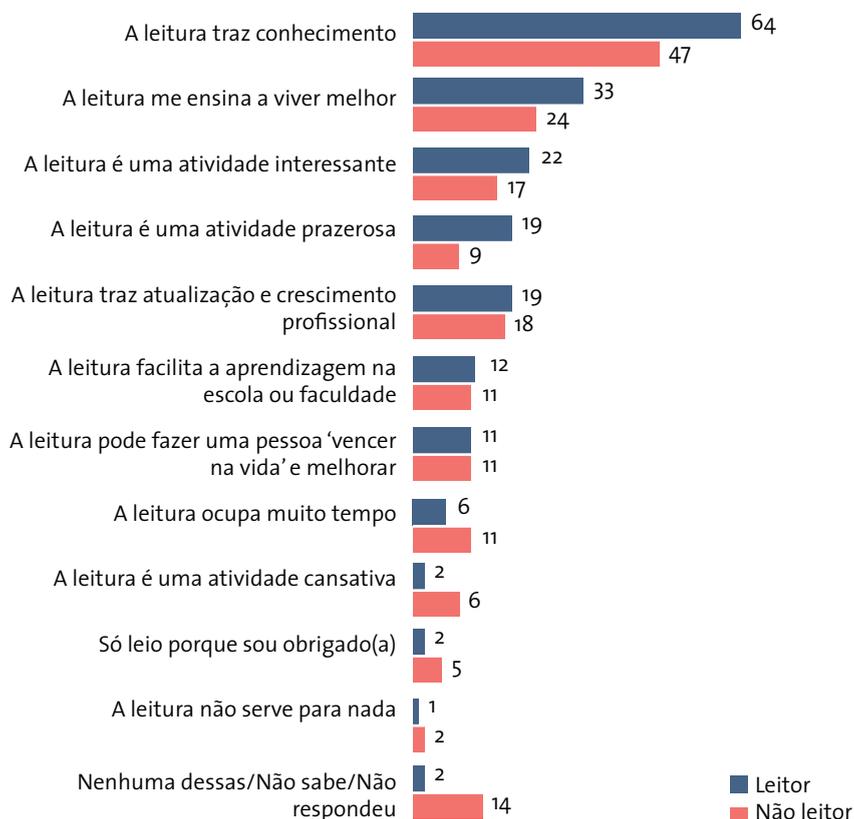
## > Representação

### – O que a leitura significa por perfil Leitor x Não leitor (%)

Base: Leitor (4.270) Não leitor (3.806)

P.46) Qual das seguintes frases mais se aproxima do que significa leitura para você? E em segundo lugar?

Leitor x Não leitor - 2019 (1ª + 2ª opção)





>7

## Principais influenciadores



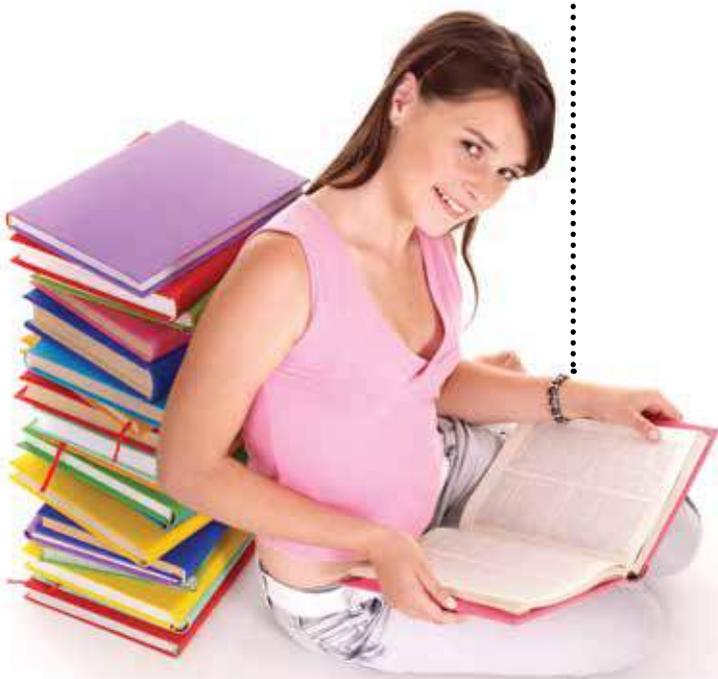
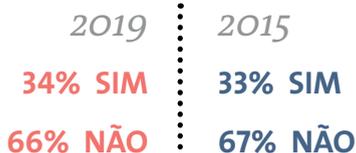
## >Pessoas que influenciaram o gosto pela leitura

Base: Amostra 2011 (5.012) / 2015 (5.012) / 2019 (8.076)

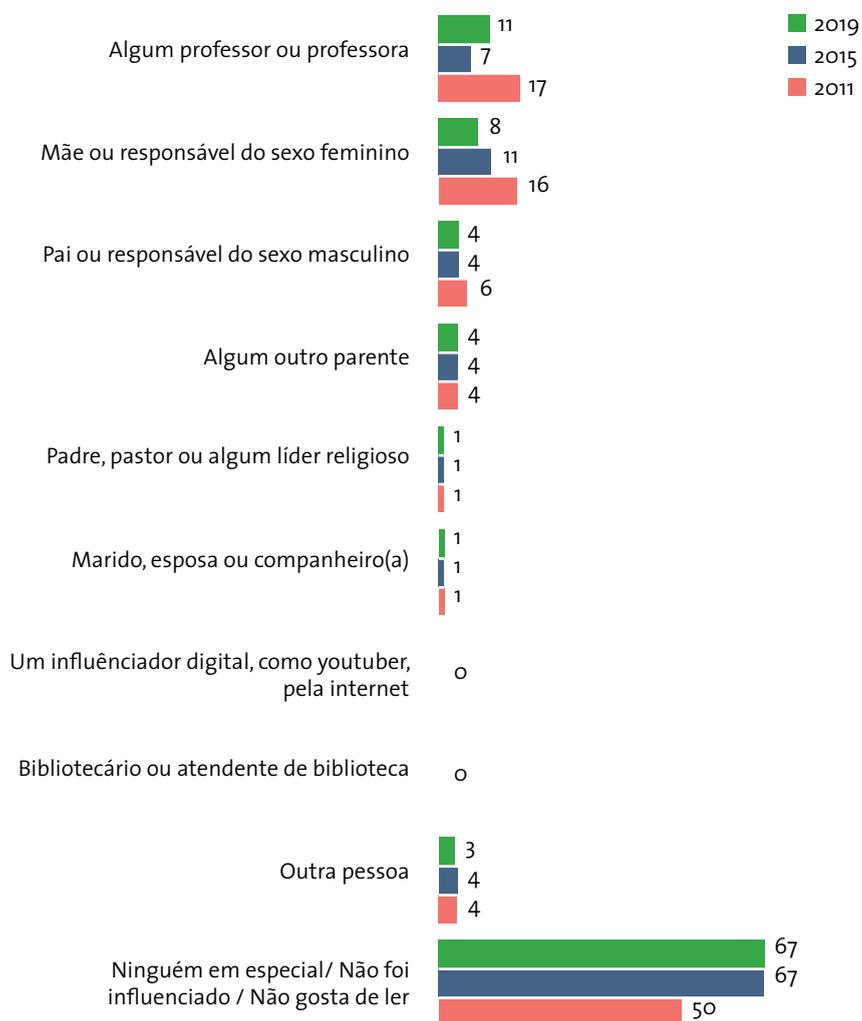
P.28A) Alguém influenciou ou incentivou o(a) sr.(a.) a gostar de ler livros?

P.28B) (SE SIM) Qual foi a pessoa que mais influenciou ou incentivou o(a) sr.(a.) a gostar de ler? (ENUNCIADO ALTERADO)

*Houve influência de alguém para gostar de ler?*



### Quem, principalmente? (%)



## > Quem mais influenciou o gosto pela leitura por perfil Leitor x Não leitor (%)

Base: Amostra (8.076)

P.28B) (SE SIM) Qual foi a pessoa que mais influenciou ou incentivou o(a) sr.(a.) a gostar de ler? (ENUNCIADO ALTERADO)

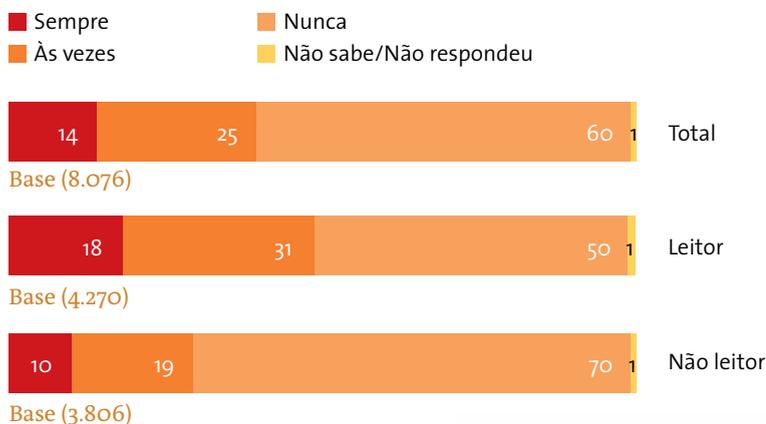
2019

■ Leitor  
■ Não leitor



## >Leitura dos pais ou responsáveis para os indivíduos (%)

P.23C) O seu pai, a sua mãe ou outro parente costumavam ler para você?  
(LER OPÇÕES - RU)



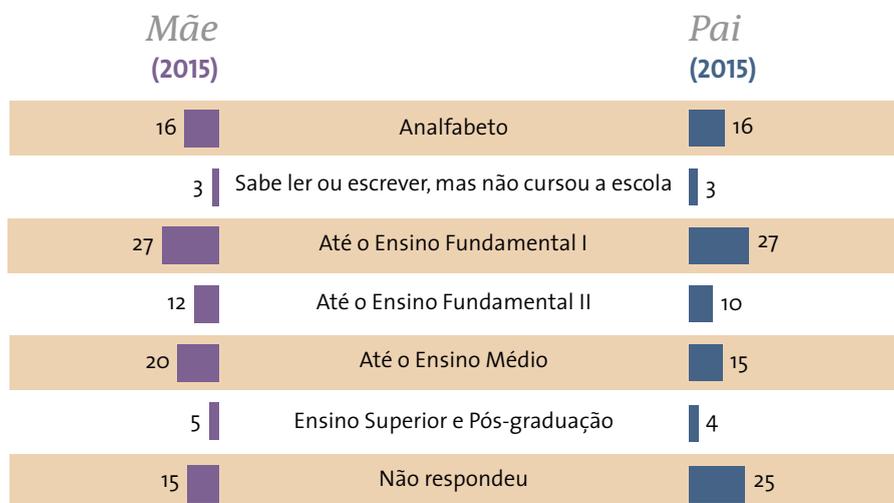
## >Escolaridade dos pais (%)

Base: Amostra 2015 (5.012) / 2019 (8.076)

Base: Leitores (4.270) / Não Leitores (3.806)

P.06) Até qual ano da escola o seu pai ou responsável do sexo masculino estudou?

P.07) E até qual ano da escola a sua mãe ou responsável do sexo feminino estudou?



■ Leitor  
 ■ Não leitor



## > Percepção sobre ser presenteado com livros

# hábito e frequência (%)

P.24A) Seus pais ou alguém da família já lhe deram livros de presente?

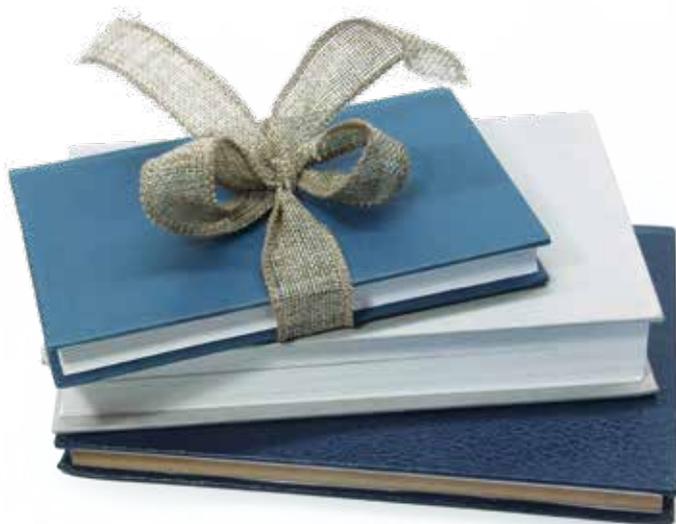
P.24B) Eles lhe davam livros sempre ou algumas vezes?

### Hábito de ganhar livros de presente

■ Sim  
■ Não

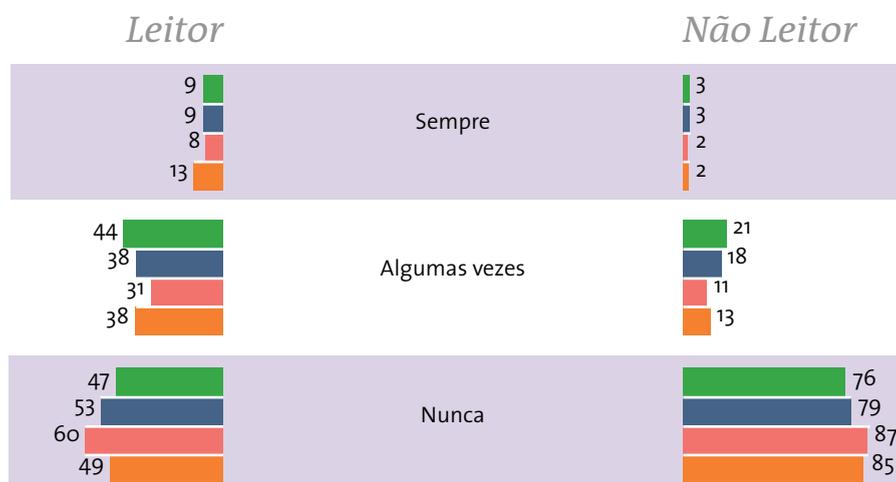


Base: Amostra 2015 (5.012) / 2019 (8.076)



## Frequência com que ganhava livros

■ 2019    ■ 2011  
■ 2015    ■ 2007



Base: Leitores: 2007 (2.757) / 2011 (2.506) / 2015 (2.798) / 2019 (4.270)

Base: Não leitores: 2007 (2.256) / 2011 (2.506) / 2015 (2.214) / 2019 (3.806)

> 8

**Leitura atual**

**– O que está lendo?**



## >Está lendo algum livro atualmente (%)

Base: Leitores: 2011 (2.506) / 2015 (2.798) / 2019 (4.270)

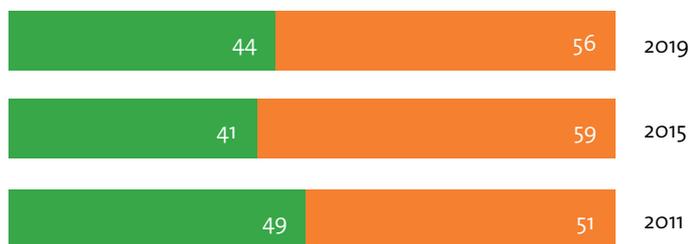
Base: Está lendo atualmente: 2015 (1.147) / 2019 (1.998)

P.15) Atualmente, o(a) sr.(a.) está lendo algum livro?

P.16) (SE SIM) Quantos livros o(a) sr.(a.) está lendo atualmente?

■ Sim

■ Não

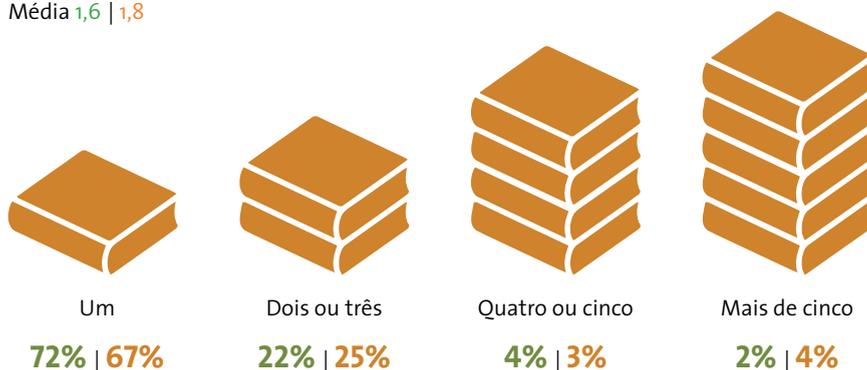


### Quantidade de livros que está lendo atualmente

■ 2015

■ 2019

Média 1,6 | 1,8



## >Frequência de leitura e motivação para ler o livro atual (%)

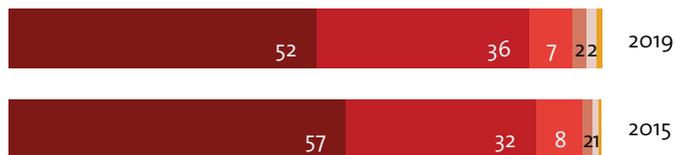
Base: Está lendo algum livro atualmente: 2011 (1.227) / 2015 (1.147) / 2019 (1.998)

P.17) Quando foi a última vez que o(a) sr.(a.) leu esse livro?

P.18) Por que o(a) sr.(a.) está lendo esse livro? Escolha somente uma opção.

### Última vez que leu o livro atual

- Hoje ou ontem
- Na última semana
- No último mês
- Nos últimos 2 a 6 meses
- Há mais de 6 meses
- Não sabe/Não respondeu



## Motivo para ler o livro atual



## >Último livro lido ou que está lendo

Base: Amostra 2007 (5.012) / 2011 (5.012) / 2015 (5.012) / 2019 (8.076)

P.19) E qual é o último livro que o(a) sr.(a.) leu ou está lendo?

	2007	2011	2015	2019
Os 37 mais citados	Classificação			Números absolutos
Bíblia	1º	1º	1º	362
Diário de um Banana	-	-	2º	14
Turma da Mônica	-	-	-	14
Harry Potter	4º	10º	28º	12
A Cabana	-	3º	20º	10
O Pequeno Príncipe	26º	7º	-	10
A Sutil Arte de Ligar o Foda-Se	-	-	-	9
Casamento Blindado	-	-	3º	8
As Crônicas do Gelo e Fogo	-	-	-	8
Cinquenta Tons de Cinza	-	-	5º	8
Dom Casmurro	12º	9º	-	7
O Evangelho Segundo o Espiritismo	-	-	-	7
Ninguém É de Ninguém	-	-	9º	6
Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?	-	-	-	5
O Poder da Ação	-	-	-	5
Branca de Neve e os Sete Anões	8º	-	-	4
A Culpa é das Estrelas	-	-	4º	4
A Arte da Guerra	-	-	-	4
Sapiens – uma Breve História da Humanidade	-	-	-	4
Diário de uma Garota Nada Popular	-	-	-	4
Pai Rico, Pai Pobre	-	-	32º	4
Os Miseráveis	-	-	-	4

Bases Baixas

	2007	2011	2015	2019
Os 37 mais citados	Classificação			Números absolutos
Mulheres que Correm com os Lobos	-	-	-	4
O Monge e o Executivo	13 <sup>o</sup>	-	8 <sup>o</sup>	4
After	-	-	-	4
Pinóquio	-	-	-	4
O Milagre da Manhã	-	-	-	4
Extraordinário	-	-	-	3
Nada é por Acaso	-	-	-	3
Batalha Espiritual	-	-	-	3
O Poder Oculto	-	-	-	3
Depois de Você	-	-	-	3
Sherlock Holmes	-	-	-	3
A Menina que Roubava Livros	-	19 <sup>o</sup>	15 <sup>o</sup>	3
Ansiedade	-	-	-	3
Cem Anos de Solidão	-	-	-	3
As Brumas de Avalon	-	-	-	3

Bases Baixas

 Não lembra  2  
 2

 Não sabe/Não respondeu  2  
 2

 Não está lendo/Não leu nenhum livro  77  
 77

 2019  
 2015

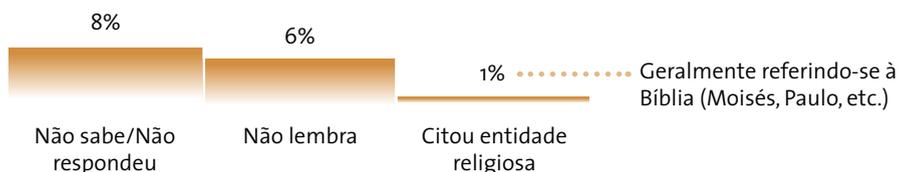
## > Autor do último livro lido ou que está lendo

Base: Amostra (8.076)

P.20) E quem é o autor desse último livro que o(a) sr.(a.) leu ou está lendo?

	2019
Os 18 mais citados	Números absolutos
João Ferreira de Almeida	31
Augusto Cury	31
Zibia Gasparetto	24
Edir Macedo	13
J. K. Rowling	12
Allan Kardec	12
Maurício de Souza	12
Padre Reginaldo Manzotti	10
Chico Xavier	9
Machado de Assis	9
George R. R. Martin	7
Agatha Christie	6
Monteiro Lobato	5
Yuval Noah Harari	5
J. R. R. Tolkien	5
Ellen G. White	5
Joseph Smith	5
Paulo Coelho	5
Bispo Renato Cardoso e Cristiane Cardoso	5

Bases Baixas



## > Presença do livro lido em casa (%)

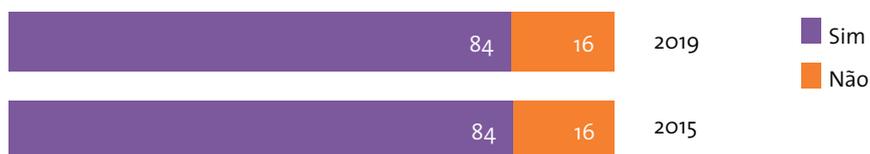
Base: Está lendo atualmente: 2015 (1.147) / 2019 (1.998)

Base: Está lendo atualmente, mas não está com o livro em casa:  
2015 (180) / 2019 (315)

P.21) Esse último livro que o(a) sr.(a.) leu ou está lendo está aqui na sua casa?

P.22) (SE NÃO) Por que o livro não está aqui?

*O livro que está lendo está na sua casa?*



*Por que o livro que está lendo não está na sua casa? (%)*



## >Indicação do último livro lido (%)

Base: Leitores 2019 (4.270)

P28B\_C) Quem indicou esse último livro que o(a) sr.(a.) leu ou o que está lendo? (LER OPÇÕES - RU)

*Quem indicou o último livro que leu ou o que está lendo*





## >Indicação do último livro por faixa etária (%)

*P28B\_C) Quem indicou esse último livro que o(a) sr.(a.) leu ou o que está lendo? (LER OPÇÕES - RU)*

2019	Total
Base: Leitores	4.270
Algum professor ou professora	22
Amigo(a)	22
Mãe ou responsável do sexo feminino	6
Filho(a), enteado(a) ou tutelado(a)	3
Marido, esposa ou companheiro(a)	3
Viu matérias ou textos na televisão, jornais ou revistas	3
Viu no YouTube, Instagram ou Facebook	3
Pai ou responsável do sexo masculino	2
Outra indicação	8
Não recebeu indicação/ Ninguém em especial	25
Não sabe/ Não respondeu	1

**FAIXA ETÁRIA**

5 a 10	11 a 13	14 a 17	18 a 24	25 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 69	70 e mais
437	255	388	587	398	760	581	739	125
53	48	38	26	14	14	10	5	3
8	12	26	24	29	24	26	23	19
13	11	6	6	5	6	3	2	0
0	0	0	0	1	5	5	9	9
0	0	0	2	3	6	7	5	1
0	0	3	4	2	5	4	4	0
0	2	2	6	7	4	3	2	0
4	5	5	3	0	0	3	1	3
6	2	7	6	10	6	12	11	10
13	17	12	22	28	28	27	37	53
3	3	0	1	1	1	2	2	1

## > Modo de aquisição e formato do último livro (%)

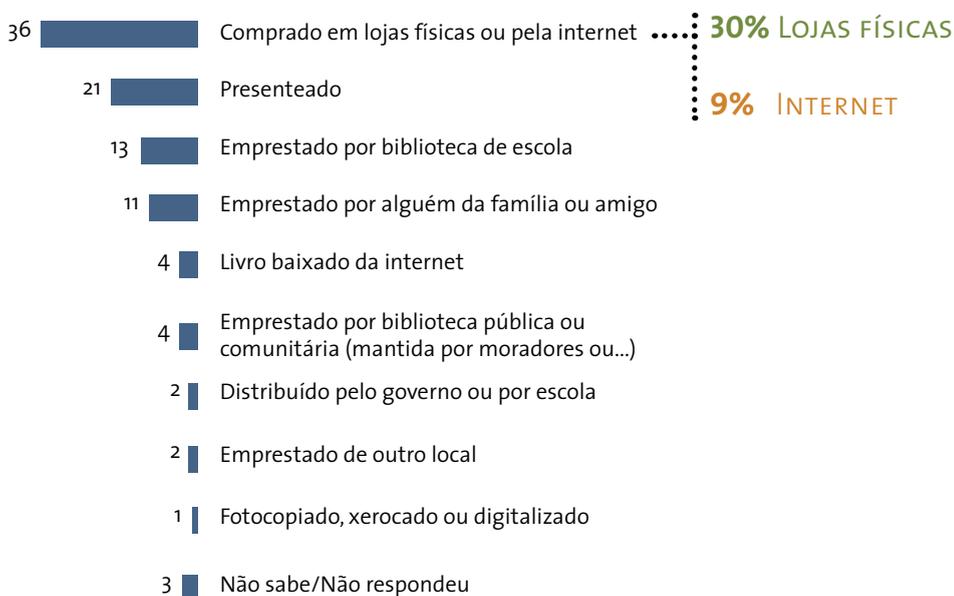
Base: Leitores 2019 (4.270)

P38B) O último livro que o(a) sr.(a.) leu ou o que está lendo foi \_\_\_\_\_? (RU)

C2) O último livro que o(a) sr.(a.) leu ou o que está lendo é digital ou em papel? (ESPONTÂNEA – RU)

### Último livro que leu ou está lendo foi..

2019



*Formato do último livro que leu  
ou está lendo*

**92% EM PAPEL**



**8% DIGITAL**  
**18-24 ANOS: 16%**  
**NÍVEL SUPERIOR: 14%**



**0% NÃO SABE/  
NÃO RESPONDEU**





> 9

**Livros e autores que  
conhece e prefere**



## > Livro mais marcante os 28 mais citados

Base: Quem estudou/ sabe ler / escrever 2007 (4.210) /  
2011 (4.560) / 2015 (4.579) / 2019 (7.645)

P.42) Qual é o livro que mais marcou o(a) sr.(a.) ou que  
o(a) sr.(a.) mais gostou de ler?

	2007	2011	2015	2019
Os 28 mais citados	Classificação			Números absolutos
Bíblia	1º	1º	1º	765
A Cabana	-	2º	3º	95
O Pequeno Príncipe	5º	5º	4º	89
Turma da Mônica	-	-	7º	79
A Culpa é das Estrelas	-	-	2º	72
Harry Potter	4º	8º	14º	62
Diário de um Banana	-	-	6º	57
Violetas na Janela	9º	9º	8º	45
Crepúsculo	-	7º	10º	38
Cinquenta Tons de Cinza	-	-	5º	37
Dom Casmurro	7º	6º	12º	33
Sítio do Pica-Pau Amarelo	2º	4º	9º	28
Como eu Era Antes de Você	-	-	-	25
A Moreninha	23º	10º	-	25

Bases Baixas



	2007	2011	2015	2019
Os 28 mais citados	Classificação			Números absolutos
Casamento Blindado	-	-	16 <sup>º</sup>	21
Iracema	13 <sup>º</sup>	15 <sup>º</sup>	-	20
O Diário de Anne Frank	-	-	-	19
O Senhor dos Anéis	-	-	-	19
Memórias Póstumas de Brás Cubas	-	-	-	19
Ninguém é de Ninguém	15 <sup>º</sup>	-	24 <sup>º</sup>	18
Branca de Neve e os Sete Anões	8 <sup>º</sup>	18 <sup>º</sup>	26 <sup>º</sup>	17
Romeu e Julieta	18 <sup>º</sup>	14 <sup>º</sup>	28 <sup>º</sup>	15
Cem Anos de Solidão	-	-	-	15
Chapeuzinho Vermelho	3 <sup>º</sup>	23 <sup>º</sup>	19 <sup>º</sup>	14
Capitães da Areia	14 <sup>º</sup>	11 <sup>º</sup>	18 <sup>º</sup>	13
Meu Pé de Laranja Lima	30 <sup>º</sup>	-	15 <sup>º</sup>	13
Vidas Secas	26 <sup>º</sup>	22 <sup>º</sup>	17 <sup>º</sup>	13
Os Três Porquinhos	6 <sup>º</sup>	13 <sup>º</sup>	25 <sup>º</sup>	12

Bases Baixas



## >Autores que mais gostam

Base: Amostra (8.076)

P.41) Quais são os autores que o(a) sr.(a.) mais gosta ou gostou de ler?  
(Enunciado alterado)

Os 15 mais citados	Números absolutos
Machado de Assis	297
Monteiro Lobato	187
Augusto Cury	172
Mauricio de Souza	157
Jorge Amado	156
Paulo Coelho	153
Zibia Gasparetto	149
Carlos Drummond de Andrade	81
Clarice Lispector	67
J. K. Rowling	66
Chico Xavier	62
Cecília Meireles	61
Agatha Christie	57
Vinicius de Moraes	54
José de Alencar	52

Bases Baixas

36%  Nenhum

34%  Não sabe/Não respondeu

## >Autores mais conhecidos

Base: Amostra (8.076)

P.40) Quais são os autores que o(a) sr.(a.) conhece? (Enunciado alterado)

Os 15 mais citados	Números absolutos
Machado de Assis	521
Monteiro Lobato	314
Paulo Coelho	245
Jorge Amado	240
Augusto Cury	208
Mauricio de Souza	177
Carlos Drummond de Andrade	159
Zíbia Gasparetto	159
Clarice Lispector	111
Cecília Meireles	104
José de Alencar	94
Vinicius de Moraes	76
J. K. Rowling	70
Chico Xavier	70
Agatha Christie	62

Bases Baixas



> 10

## Leituras digitais e em outros suportes



## >Atividades que mais realiza na internet (respostas estimuladas) (%)

Base: Usou a internet nos últimos 3 meses 2019 (6.368)

P.69B) Qual das seguintes atividades o(a) sr.(a.) passa mais tempo fazendo na internet? (Enunciado alterado)



## > Atividades em geral realizadas na internet por faixa etária

*P.69B) Qual das seguintes atividades o(a) sr.(a.) passa mais tempo fazendo na internet? (Enunciado alterado)*

2019	Total
Base: Usou a internet nos últimos 3 meses	6.368
Trocar mensagens no WhatsApp ou no chat do Facebook	60
Assistir a vídeos, filmes, séries ou programas de TV	42
Escutar música	39
Jogar	25
Ler notícias, jornais e revistas	23
Enviar e receber e-mails	20
Trabalhar ou buscar informações sobre o trabalho ou profissão	20
Acessar ou participar de redes sociais, blogs ou fóruns	16
Ler textos ou estudos em uma área de interesse	12
Fazer compras	9
Ler livros	7

**FAIXA ETÁRIA**

5 a 10	11 a 13	14 a 17	18 a 24	25 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 69	70 e mais
534	275	520	920	645	1269	973	1130	102
31	47	62	71	69	59	63	64	68
75	60	51	45	41	37	30	28	33
42	52	51	47	37	39	33	28	27
62	71	44	27	17	14	13	9	12
11	12	11	16	23	28	29	32	16
6	9	13	20	22	24	27	21	20
7	10	10	18	21	30	28	19	22
6	5	16	21	23	16	17	14	7
11	8	13	16	14	12	12	10	17
2	2	6	7	10	12	11	11	10
11	13	13	6	6	6	3	4	6

## > Atividades relacionadas à leitura que realiza na internet (%) (respostas estimuladas)

Base: Usou a internet nos últimos 3 meses 2019 (6.368)

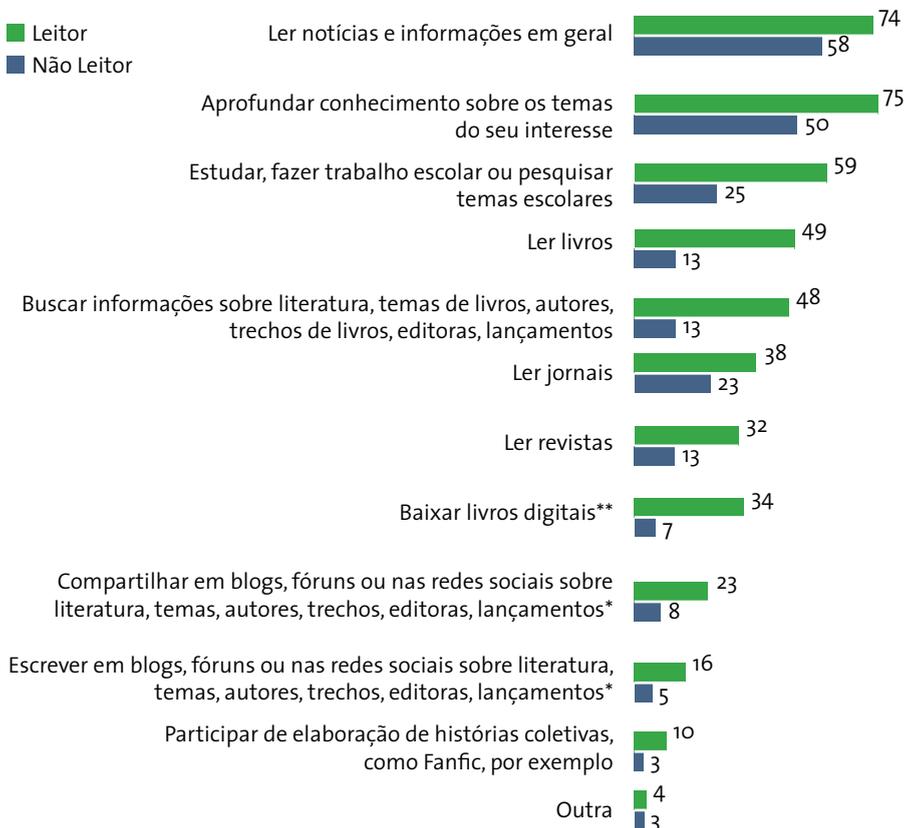
P.69A) O(A) sr.(a.) usa a internet para \_\_\_\_\_ : (\*Itens alterados\*\* Itens novos)



## >Atividades relacionadas à leitura que realiza na internet (%) (respostas estimuladas)

Base: Usou a internet nos últimos 3 meses 2019 (6.368)

P.69A) O(A) sr.(a.) usa a internet para \_\_\_\_\_ :



## > Livros digitais

Base: Alfabetizados (8.076), Leitores (4.270), Leitores de literatura (2.335),  
Leitores apenas em outros meios (2.559)

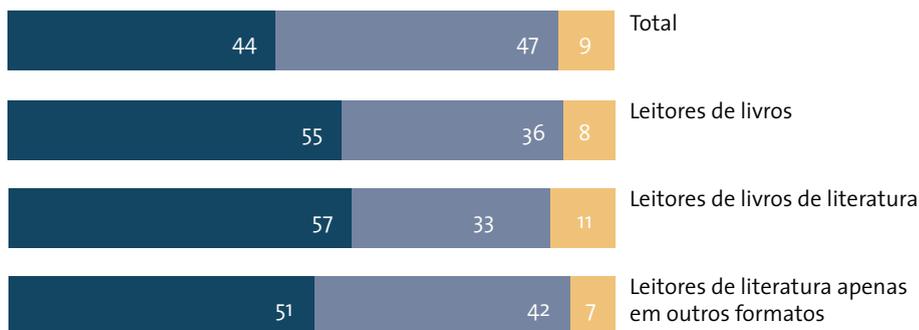
Base: Já ouviu falar em livros digitais - Total (3.809), Leitores (2.533),  
Leitores de literatura (1.446), Leitores apenas em outros meios (1.345)

P:70) O(a) sr.(a.) já ouviu falar de livros digitais, os chamados e-books?

P:71) E o(a) sr.(a.) já leu algum livro digital?

### Já ouviu falar? (%)

- Já ouviu falar
- Nunca ouviu falar
- Nunca ouviu falar, mas gostaria de conhecer



*Já leu?*

**37% TOTAL**

**48% LEITORES DE LIVROS**

**53% LEITORES DE LIVRO  
DE LITERATURA**

**40% LEITORES DE  
LITERATURA APENAS EM  
OUTROS FORMATOS**

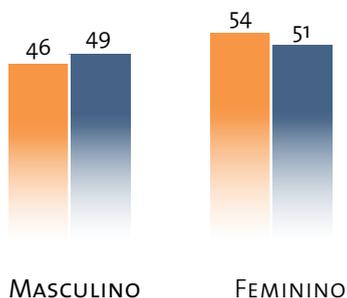


## > Perfil dos Leitores livros x livros digitais (%)

Base: Leitores (4.270) Já leu livro digital (1.452)

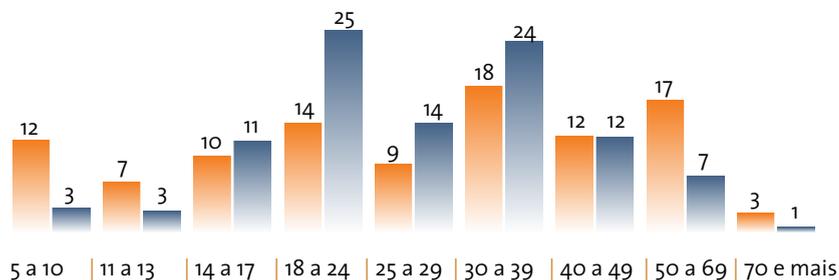
### Gênero

- Leitor de livros
- Leitor de livros digitais



### Idade

- Leitor de livros
- Leitor de livros digitais





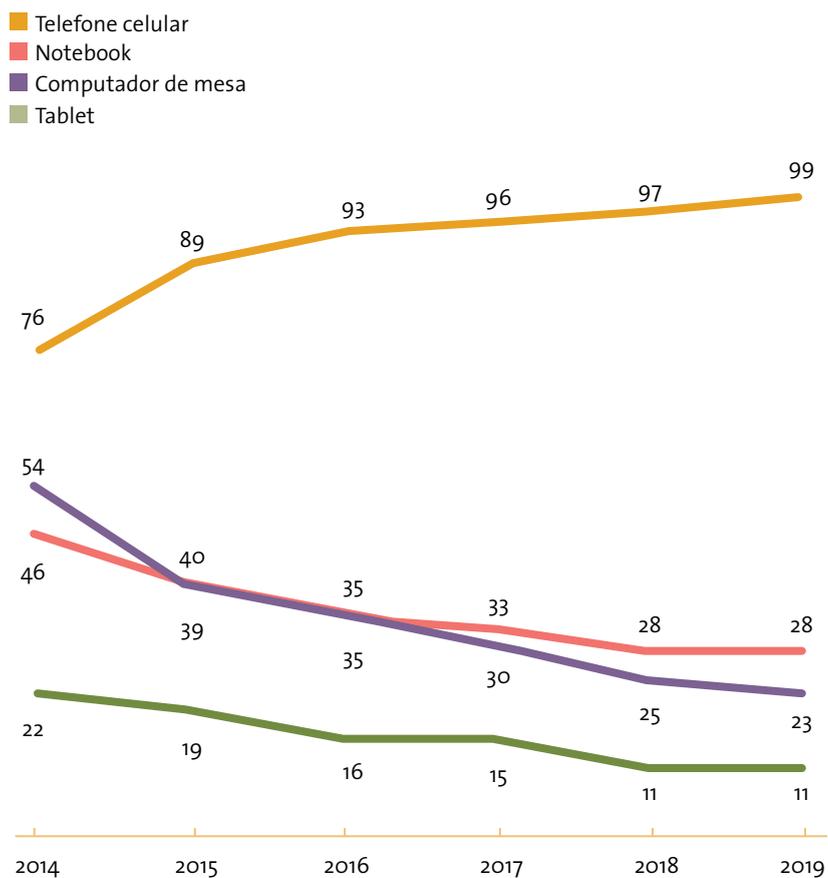
## >Dispositivos de leitura digital para quem já leu livro digital

Base: Já leu livro digital: 2015 (539), 2019 (1.452)

P.72) E o(a) sr.(a.) leu o livro digital:

2015		2019
56	..... LEU NO CELULAR ..... OU SMARTPHONE	73
49	.....LEU NO COMPUTADOR ..... OU TABLET	31
18	..... LEU NO TABLET ..... OU IPAD	9
4	.....LEU EM LEITORES ..... DIGITAIS, COMO KINDLE, KOBO E LEV	5





*O aumento no uso do celular e a redução dos demais dispositivos para leitura acompanha a tendência do uso desses dispositivos para acessar a internet entre os internautas brasileiros com 10 anos ou mais.  
(Fonte: TIC Domicílios 2019)*

## >Formato que prefere ler

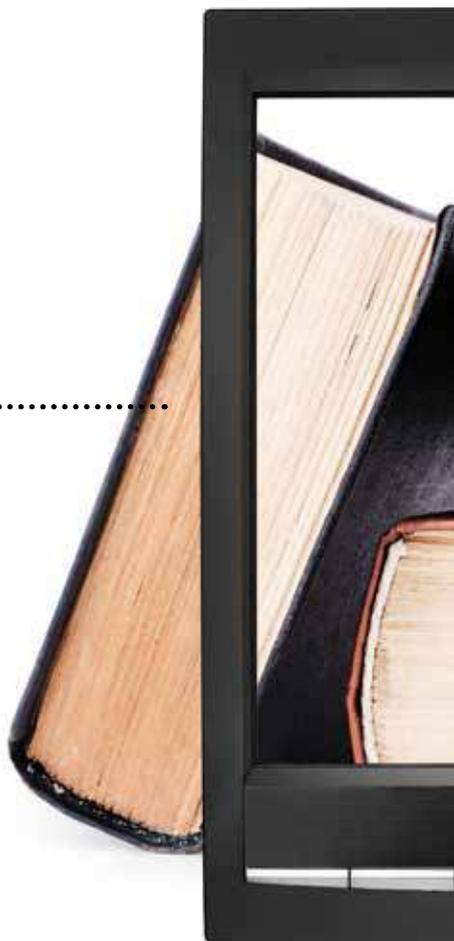
Base: Já leu livro digital e leu algum livro inteiro ou em parte nos últimos 3 meses (1.242)

Base: Já leu livro digital e leu livro de literatura por vontade própria (772)

P79) O(a) sr.(a.) prefere ler \_\_\_\_\_ (LER OPÇÕES – RU)

**67% LIVROS EM PAPEL** .....

Entre os leitores de literatura  
**70% PREFEREM LER LIVROS  
DE LITERATURA EM PAPEL**





..... 17% LIVROS DIGITAIS

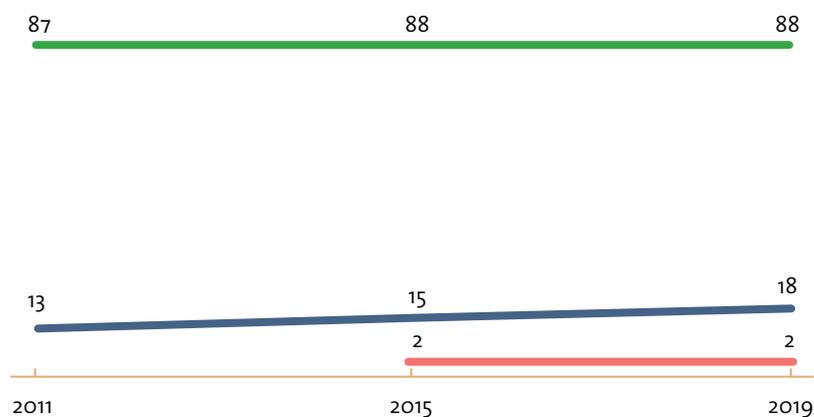
16% AMBOS/ TANTO FAZ

## >Formas de acesso a livros digitais (%)

Base: Já leu livro digital 2011 (270) / 2015 (539) / 2019 (1.452)

P:73) E o(a) sr.(a.) teve acesso a esses livros de que forma?

- Baixou gratuitamente da internet
- Pagou pelo download
- Não sabe/Não respondeu



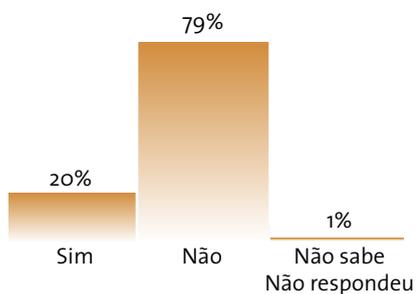
**AINDA QUE O PAGAMENTO PELO DOWNLOAD AUMENTE ENTRE OS LEITORES DE CLASSES DE RENDA MAIS ALTA, AINDA ASSIM A GRANDE MAIORIA LÊ LIVROS DIGITAIS BAIXADOS GRATUITAMENTE DA INTERNET.**



# Ouviu audiolivros (%)

Base: Amostra 2019 (8.076)

P71A) E o(a) sr.(a.) já ouviu algum audiolivro ou audiobook?



**40% ENSINO SUPERIOR**

**35% COMPRADORES DE LIVROS**

**33% LEITORES DE LITERATURA**

**31% CLASSE B**



> **11**

**Leitores de literatura  
– Em livros e outras  
plataformas**

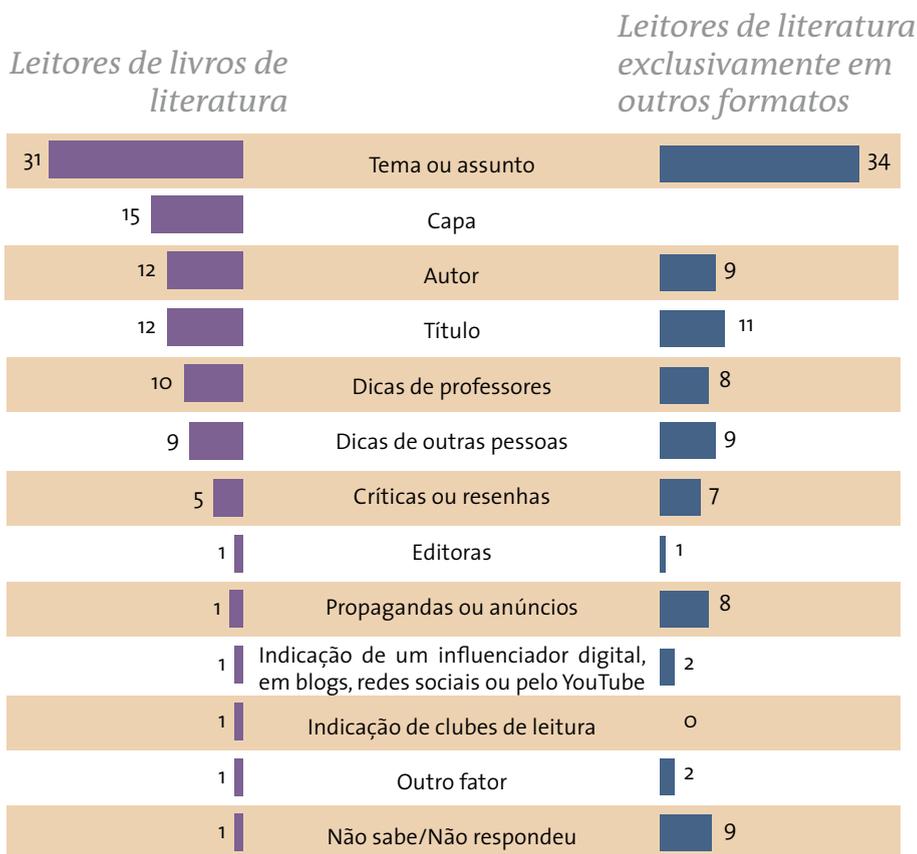


## >Fatores que influenciam leitores na escolha de um livro de literatura (%)

Base: Leitores de livros de literatura 2019 (2.335)

Base: Leitores de literatura em outros meios 2019 (2.559)

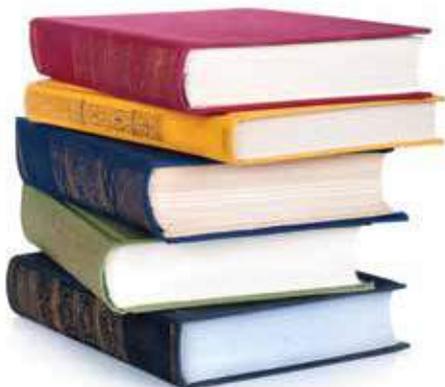
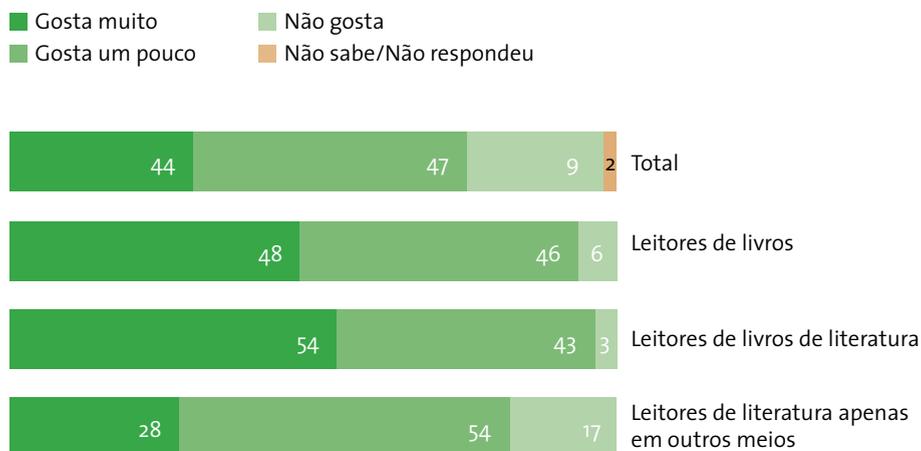
LT5) Qual destes fatores mais influencia o(a) sr.(a.) na hora de escolher um livro ou autor de literatura para ler? (RU) / LT2) Qual destes fatores mais influencia o(a) sr.(a.) na hora de escolher o que ler de literatura? Escolha somente uma opção. (RU)



## >Gosto pela leitura por tipo de leitor (%)

Base: Amostra 2019 (8.076), leitores 2019 (4.270), Leitores de literatura 2019 (2.335), leitores apenas em outros meios 2019 (2.559)

P.27) De maneira geral, o(a) sr.(a.) gosta muito, gosta um pouco ou não gosta de ler?

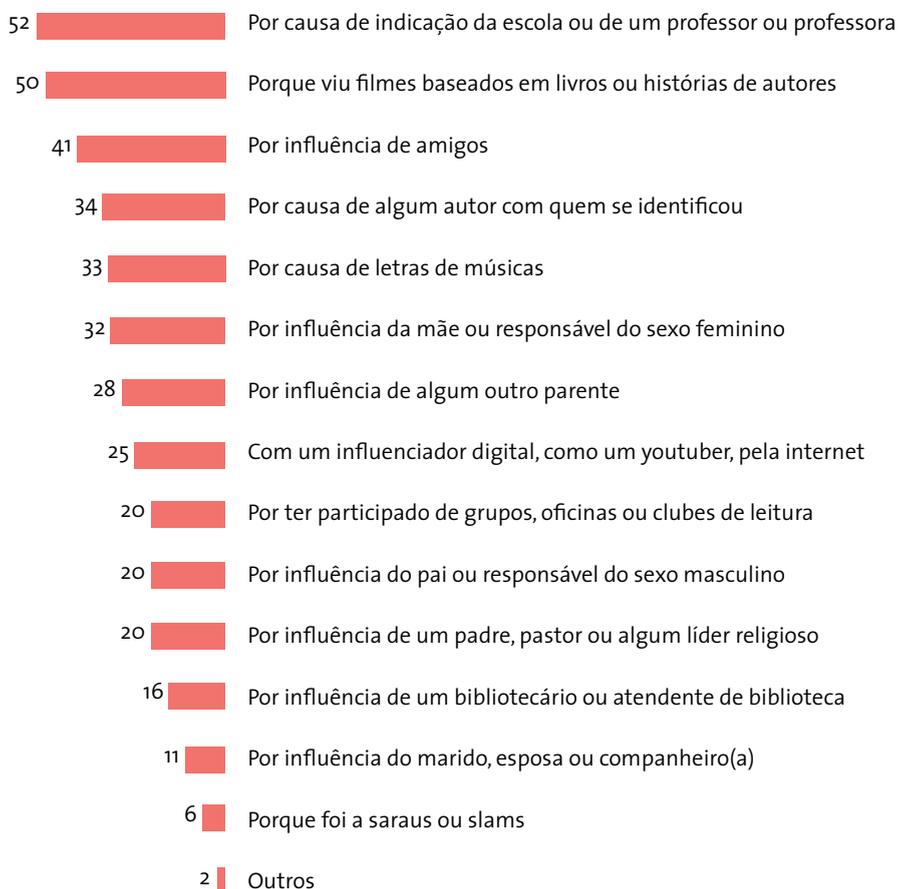


## > Interesse por literatura

# Como começou a se interessar por literatura... (%)

Base: Leitores de literatura independentemente do meio 2019 (4.894)

LT1) Como o(a) sr.(a.) começou a se interessar por literatura, como contos, crônicas, romance ou poesia? (RU)



## > Interesse por literatura por faixa etária

*LT1) Como o(a) sr.(a.) começou a se interessar por literatura, como contos, crônicas, romance ou poesia? (RU)*

2019	Total
Base: Leitores de literatura independentemente do meio	4.894
Por causa de indicação da escola ou de um professor ou professora	52
Porque viu filmes baseados em livros ou histórias de autores	50
Por influência de amigos	41
Por causa de algum autor com quem se identificou	34
Por causa de letras de músicas	33
Por influência da mãe ou responsável do sexo feminino	32
Por influência de algum outro parente	28
Com um influenciador digital, como um youtuber, pela internet	25
Por ter participado de grupos, oficinas ou clubes de leitura	20
Por influência do pai ou responsável do sexo masculino	20
Por influência de um padre, pastor ou algum líder religioso	20
Por influência de um bibliotecário ou atendente de biblioteca	16
Por influência do marido, esposa ou companheiro(a)	11
Porque foi a saraus ou slams	6
Outros	2

**FAIXA ETÁRIA**

5 a 10	11 a 13	14 a 17	18 a 24	25 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 69	70 e mais
390	266	464	732	487	897	699	838	121
77	76	68	56	49	45	42	35	43
39	51	61	58	57	51	48	37	35
32	46	49	47	46	41	39	34	34
19	23	33	34	41	39	44	31	37
31	32	42	36	37	33	30	24	24
70	54	41	29	24	23	25	21	30
43	40	31	28	26	24	27	23	26
26	32	37	24	30	26	22	16	10
17	30	22	19	15	23	22	17	21
40	33	27	17	19	15	14	15	31
10	14	13	18	15	23	25	24	37
25	35	19	18	11	12	12	10	7
2	2	5	11	12	13	14	16	21
5	4	7	6	6	7	7	5	4
0	0	1	1	2	3	3	5	5

## >Motivação para ter lido literatura (%)

Base: Leitores de livros de literatura (2.335), Está lendo algum livro atualmente (1.998), Leitores de literatura apenas em outros formatos (2.559)

P18) Por que o(a) sr.(a.) está lendo este livro?

P18A) Por que o(a) sr.(a.) leu esse último livro de literatura?

Escolha somente uma opção. (RU)

P18B) Por que o(a) sr.(a.) leu esse conto, crônica, romance ou poesia?

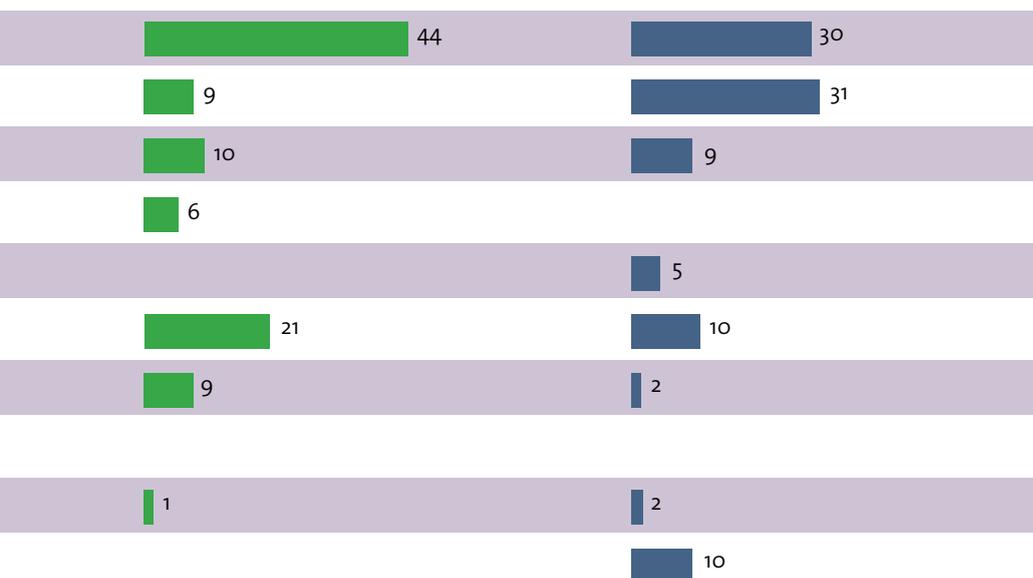
Escolha somente uma opção. (RU)

### Último livro de literatura



*Livro sendo lido atualmente  
(independentemente do tipo)*

*Último texto de literatura*



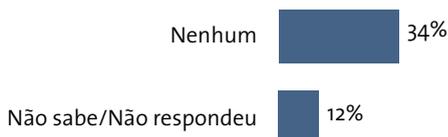
## >Último livro de literatura lido

Base: Leitores de livros de literatura (2.335)

P19) E qual é o último livro que o(a) sr.(a.) leu ou está lendo?

P19B) E qual é o último livro de literatura, como contos, crônicas, romance ou poesia, que o(a) sr.(a.) leu? (RU)

Os 14 mais citados	Números absolutos	Ranking total de leitores
Bíblia	35	1º
O Pequeno Príncipe	27	5º
Diário de um Banana	27	3º
Harry Potter	27	4º
A Cabana	26	6º
A Culpa é das Estrelas	23	21º
Dom Casmurro	20	11º
Cinquenta Tons de Cinza	17	8º
Branca de Neve e os Sete Anões	13	22º
Turma da Mônica	12	2º
Como eu Era Antes de Você	11	69º
O Diário de Anne Frank	11	233º
As Crônicas de Gelo e Fogo	11	10º
A Bela e a Fera	10	91º



## >Último autor de literatura lido

Base: Leitores de livros de literatura (2.335) /

Leitores de literatura apenas em outros formatos (2.559)

P2OB) E quem é o autor desse último livro de literatura, como contos, crônicas, romance ou poesia, que o(a) sr.(a.) leu? (RU)

P2OC) E quem é o autor do último conto, crônica, romance ou poesia que o(a) sr.(a.) leu? (RU)

Os 15 mais citados	Números absolutos	
	Leitores de livros de literatura	Leitores de literatura apenas em outros meios
Machado de Assis	45	44
Zibia Gasparetto	36	19
J. K. Rowling	22	1
Augusto Cury	21	14
Paulo Coelho	20	13
Jorge Amado	17	18
Mauricio de Souza	15	5
Monteiro Lobato	14	12
John Green	11	5
George R. R. Martin	10	0
Dan Brown	10	2
Agatha Christie	9	4
Nicholas Sparks	9	5



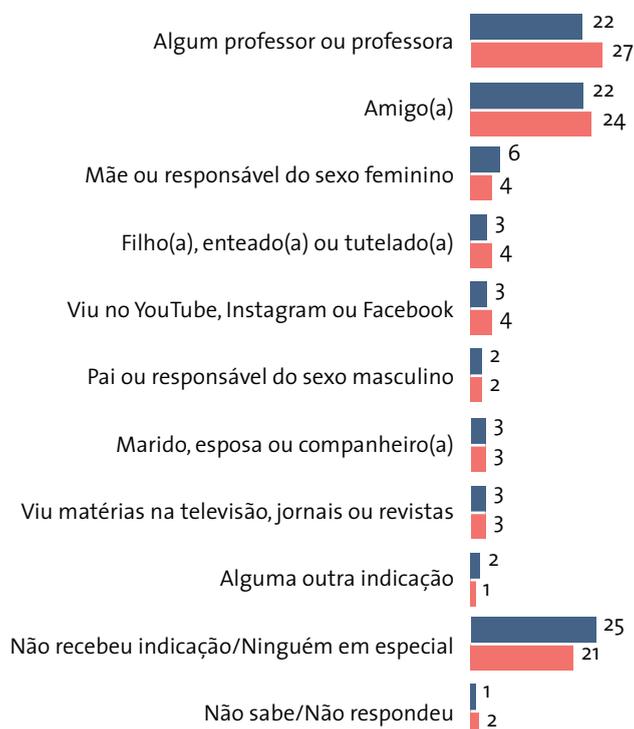
## >Indicação do último livro (%)

Base: Leitores (4.270) / Leitores de literatura (2.335)

P28B\_C) Quem indicou esse último livro que o(a) sr.(a.) leu ou o que está lendo? (LER OPÇÕES - RU)

P28B\_D) Quem indicou esse último livro de literatura que o(a) sr.(a.) leu? (LER OPÇÕES - RU)

■ Leitores de livros  
■ Leitores de livros de literatura



## >Formato que prefere ler

Base: Já leu livro digital e leu algum livro inteiro ou em parte nos últimos 3 meses (1.242)

Base: Já leu livro digital e leu livro de literatura por vontade própria (772)

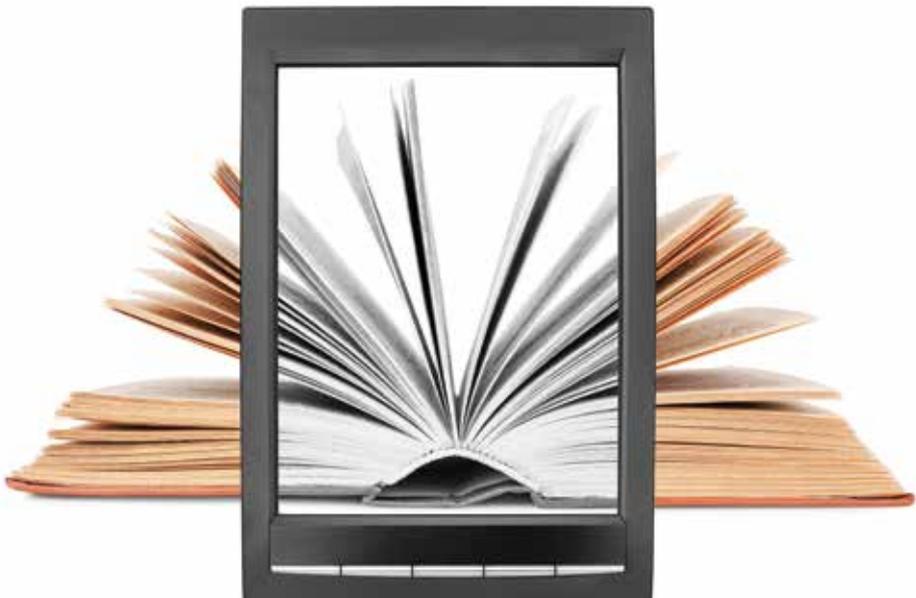
P79) O(a) sr.(a.) prefere ler \_\_\_\_ (LER OPÇÕES – RU)

P80) O(a) sr.(a.) prefere ler livros de literatura, como contos, crônicas, romance ou poesia, em \_\_\_\_ (LER OPÇÕES – RU)

*Formato  
preferido*

*Formato preferido  
para ler LITERATURA*

<b>67%</b>	<b>LIVROS EM PAPEL</b>	<b>70%</b>
<b>17%</b>	<b>LIVROS DIGITAIS</b>	<b>16%</b>
<b>16%</b>	<b>AMBOS/TANTO FAZ</b>	<b>14%</b>

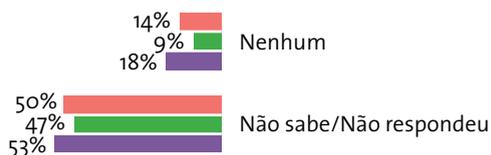


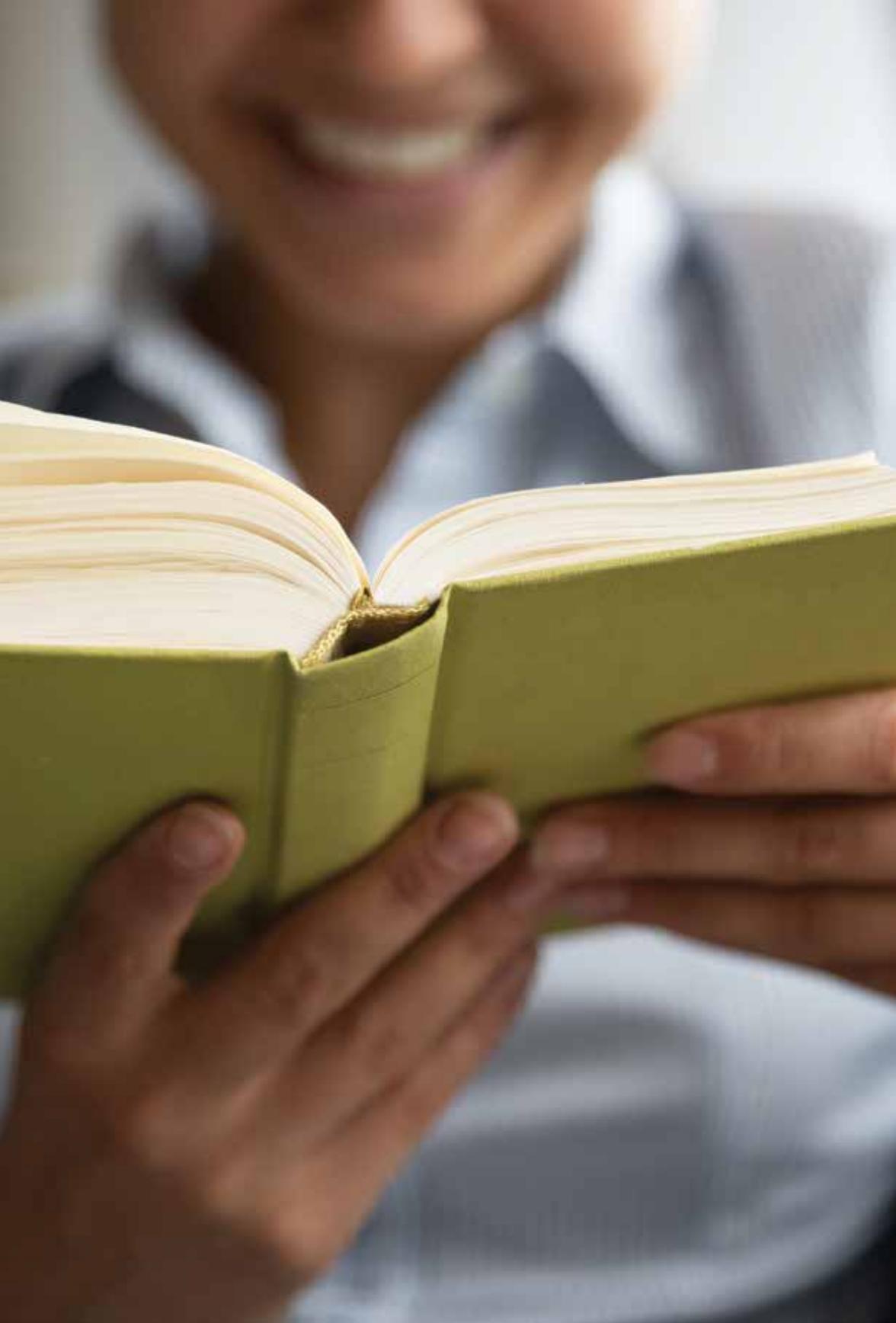
## >Autores de literatura que mais gostam

Base: Leitores de literatura independentemente do meio (4.894), Leitores de literatura (2.335), Leitores de literatura apenas em outros meios (2.559)

LT3) Quais são os autores de literatura, ou seja, de contos, crônicas, romance ou poesia, que o(a) sr.(a.) mais gosta ou gostou de ler? (RM)

Os 14 mais citados	Números absolutos		
	Leitores de literatura independente do meio	Leitores de livros de literatura	Leitores de literatura apenas em outros meios
Machado de Assis	327	189	138
Monteiro Lobato	132	79	53
Jorge Amado	127	69	58
Carlos Drummond de Andrade	97	59	38
Paulo Coelho	97	55	42
Zibia Gasparetto	92	56	36
Mauricio de Souza	86	62	24
Augusto Cury	83	50	33
Clarice Lispector	76	49	27
Alejandro Bullón	72	44	28
José de Alencar	63	35	28
Cecília Meireles	61	34	27
William Shakespeare	43	23	20
Vinicius de Moraes	41	28	13





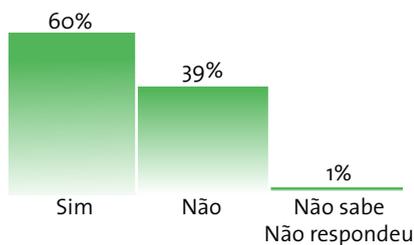
# Leitores de livros de literatura

Base: Leitores de livros de literatura (2.335)

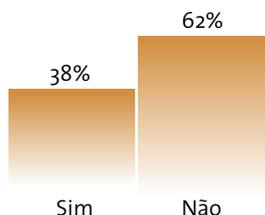
LT6) O(a) sr.(a.) costuma ler mais de um livro de literatura de um mesmo autor? (RU)

LT7) O(a) sr.(a.) já leu todos os livros de uma saga ou série de livros, ou seja, livros do mesmo autor que contam a sequência de uma mesma história? (RU)

*Lê mais de um livro do mesmo autor*



*Já leu todos os livros de uma série ou saga do mesmo autor*

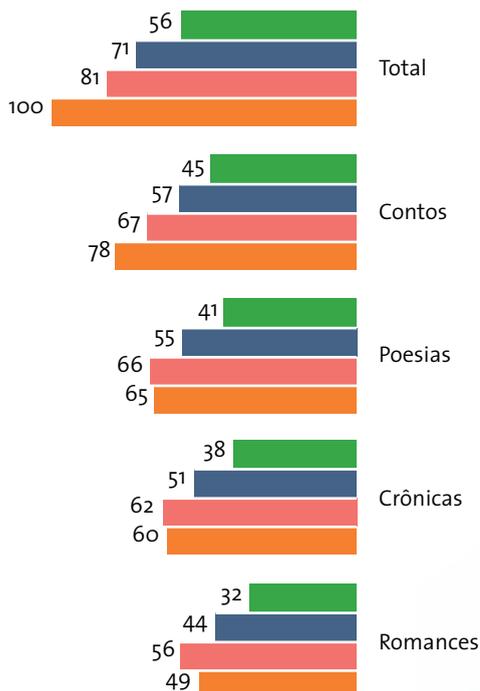


## >Leitores de literatura nos últimos 3 meses em outras plataformas total e gêneros lidos (%)

Base: Alfabetizados (7.645), Leitores (4.270), Leitores de literatura (2.335), Leitores de literatura apenas em outros meios (2.559)

C1.1) Agora pensando em literatura, nos últimos três meses o(a) sr.(a.) leu contos (RM)? / C1.2) E nos últimos três meses o(a) sr.(a.) leu crônicas? (RM) / C1.3) Ainda pensando em literatura, nos últimos três meses o(a) sr.(a.) leu romances (RM) / C1.4) E nos últimos três meses o(a) sr.(a.) leu poesias? (RM)

■ Total                      ■ Leitores de livros de literatura  
■ Leitores de livros        ■ Leitores de literatura apenas em outros meios

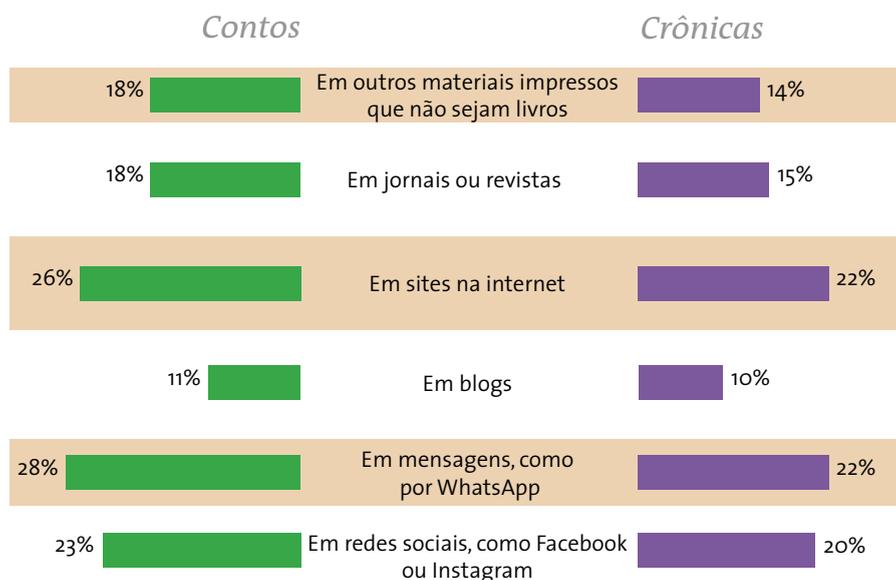


## > Gênero Literário

# lido nos últimos 3 meses por plataformas

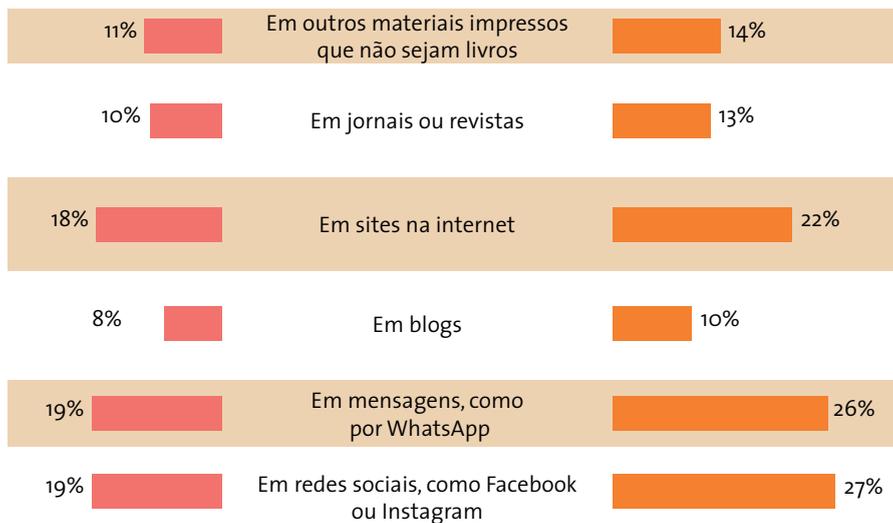
Base: Alfabetizados (7.645)

C1.1) Agora pensando em literatura, nos últimos três meses o(a) sr.(a.) leu contos? (RM) / C1.2) E nos últimos três meses o(a) sr.(a.) leu crônicas? (RM) / C1.3) Ainda pensando em literatura, nos últimos três meses o(a) sr.(a.) leu romances? (RM) / C1.4) E nos últimos três meses o(a) sr.(a.) leu poesias? (RM)



*Romances*

*Poesias*



## >Literatura

# compartilhada nos 12 meses (%)

Base: Leitores de livros de literatura (2.335)

Base: Leitores de literatura em outros formatos, porém não em livro (2.559)

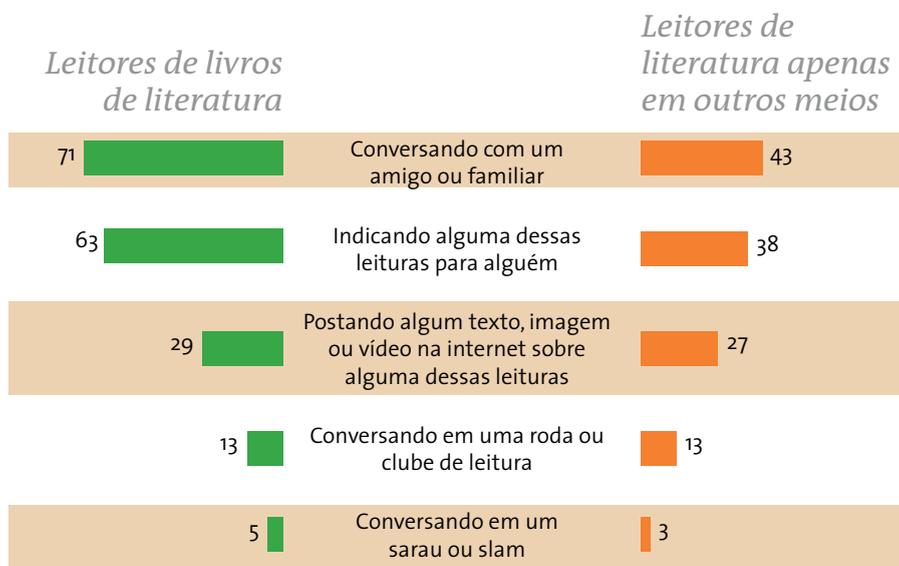
LT4) Pensando nos livros de literatura que o(a) sr.(a.) leu, como contos,

crônicas, romance ou poesia, nos últimos 12 meses, o(a) sr.(a.) \_\_\_\_ (RU) /

LT4A) Pensando no que você leu de literatura como contos, crônicas, romance

ou poesia, nos últimos 12 meses, o(a) sr.(a.) compartilhou essas experiências de

leitura \_\_\_\_\_ (RU)

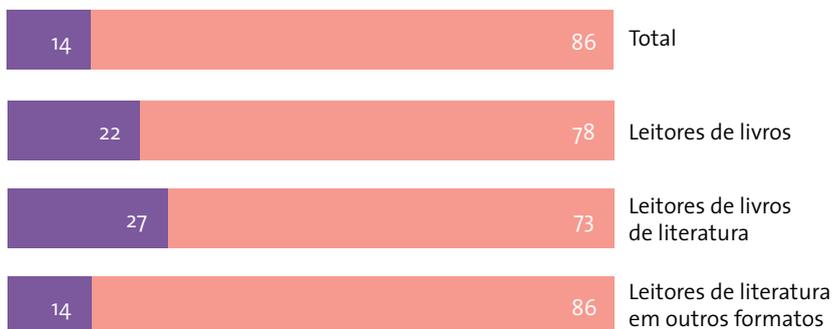


## >Participação em evento literário (%)

Base: Amostra (8.076)

F1) Nos últimos 12 meses o(a) sr.(a.) foi a algum evento literário, como bienais ou feiras do livro ou festivais de literatura, por vontade própria? (ESPONTÂNEA – RU)

■ Sim  
■ Não



> 12

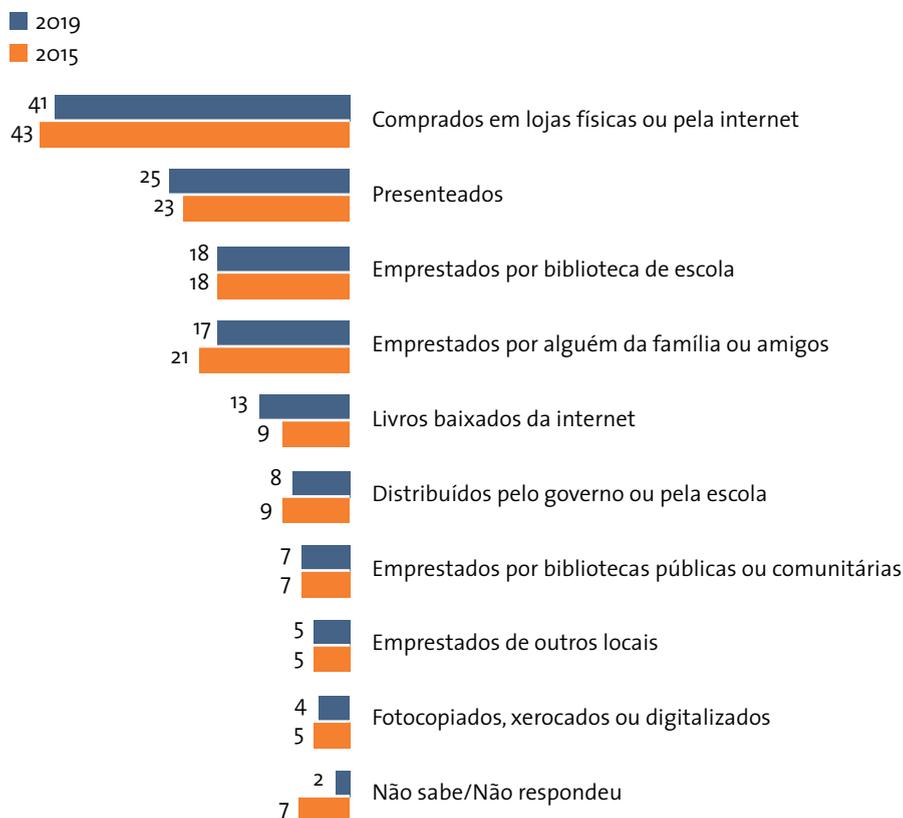
## Acesso aos livros – Consumo/Compra



## > Principais formas de acesso aos livros (%)

Base: Leitores 2015 (2.798) / 2019 (4.270)

P.38) Os livros que o(a) sr.(a.) costuma ler são \_\_\_\_\_?



## > Modo de aquisição do último livro por tipo de leitor (%)

Base: Leitores (4.270) e Leitores de literatura (2.335)

P38B) O último livro que o(a) sr.(a.) leu ou o que está lendo foi \_\_\_\_\_? (RU)

P38B\_D) O último livro de literatura que o(a) sr.(a.) leu ou está lendo foi \_\_\_\_\_? (LEIA AS OPÇÕES - RU)

■ Leitores de livros

■ Leitores de livros de literatura

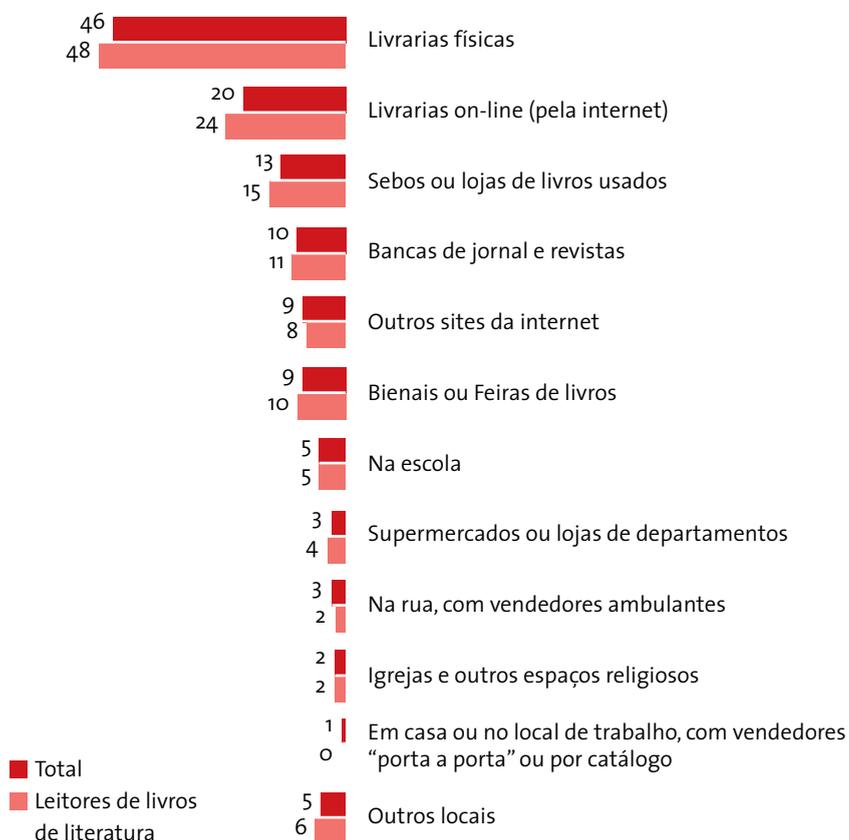


Comprados em lojas físicas	Comprados pela internet
30%	9%
25%	9%

## > Compra de livros de literatura por tipo de leitor (%)

Base: Comprou livros de literatura nos últimos 3 meses por vontade própria (1.032), Comprou livros de literatura nos últimos 3 meses por vontade própria - leitor de literatura (709)

P.49B) E o(a) sr.(a.) compra livros de literatura, como contos, crônicas, romances ou poesias, em qual destes lugares? (RM)



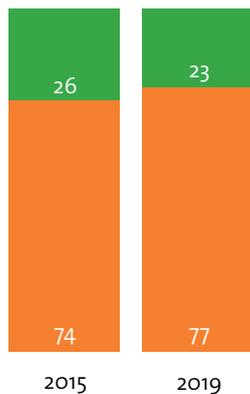
## > Compra de livros nos últimos 3 meses excluindo os que compraram somente cópias ou apostilas

Base: Amostra 2015 (5.012) / 2019 (8.076)

P.47A) Nos últimos três meses o(a) sr.(a.) comprou \_\_\_\_ em papel, em formato digital ou não comprou?

*Comprou algum livro nos últimos 3 meses? (%)*

■ Sim  
■ Não

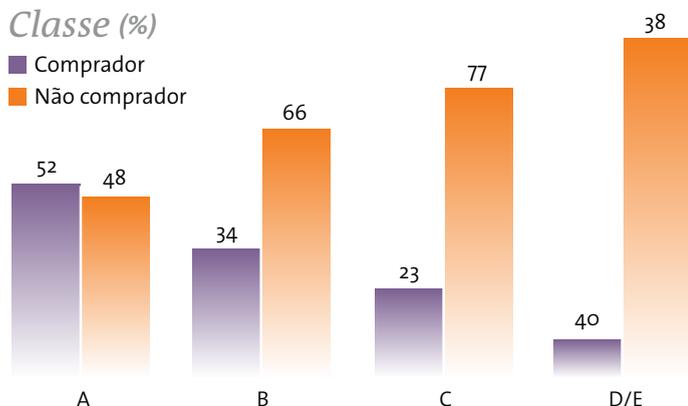


## > Perfil dos compradores de livros (comprou algum livro nos últimos 3 meses) excluindo os que compraram somente xerox ou apostila

Base: Amostra (8.076)

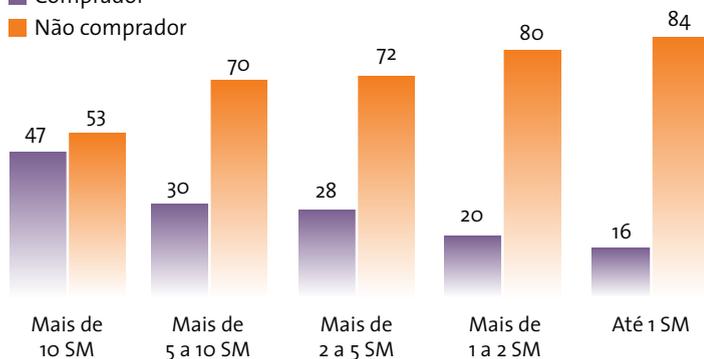
### Classe (%)

■ Comprador  
■ Não comprador



### Renda Familiar (SM) (%)

■ Comprador  
■ Não comprador



## > Há quanto tempo comprou o último livro (%)

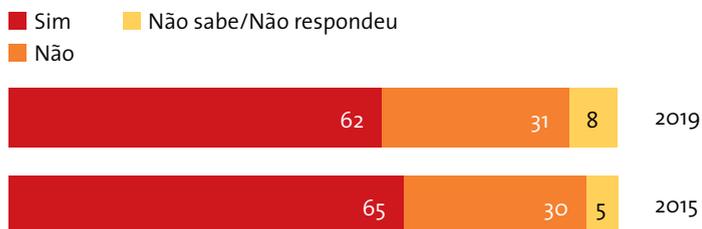
Base: Amostra 2015 (5.012) / 2019 (8.076)

\* Para o restante do bloco, serão considerados como base os respondentes que já compraram algum livro, independentemente do período.

P.48) Quando o(a) sr.(a.) comprou o seu último livro?



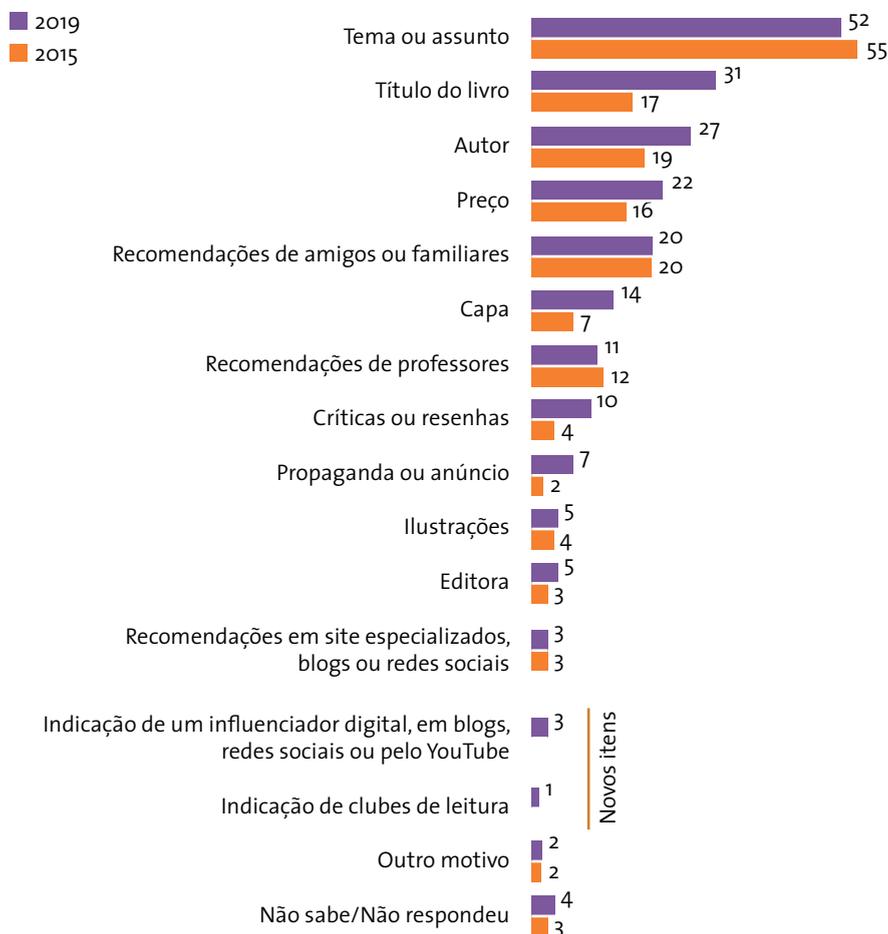
Já comprou livros, independentemente do período? (%)



## > Principais fatores que influenciam a escolha de um livro para compra (%)

Base: Já comprou livros: 2011 (2.205) / 2015 (3.237) / 2019 (5.548)

P.51) Qual destes fatores mais influencia o(a) sr.(a.) na hora de escolher um livro para comprar?



# > 13

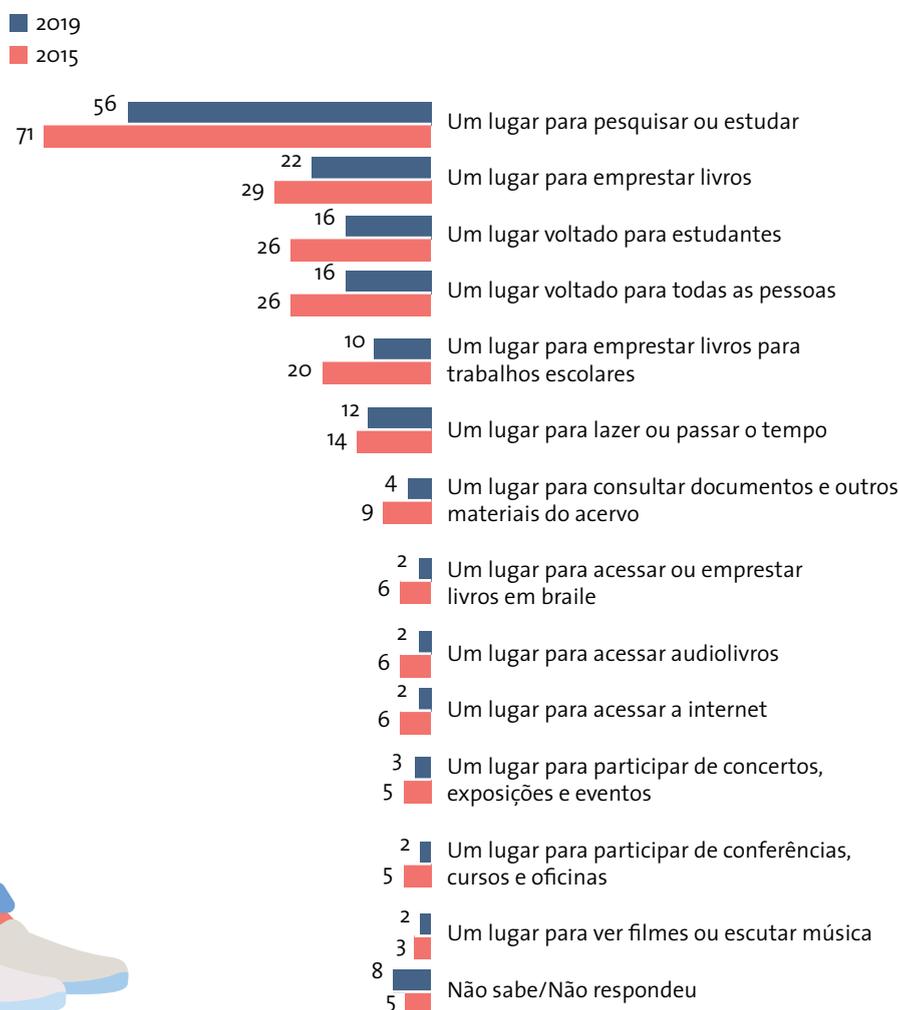
## Bibliotecas – percepção e uso



## > O que a Biblioteca representa (%)

Base: Amostra 2011 (5.012) / 2015 (5.012) / 2019 (8.076)

P.66) Dentre estas opções, o que representa para o(a) sr.(a.) a biblioteca?



## Existência de biblioteca

Base: Amostra 2007 (5.012) / 2011 (5.012) / 2015 (5.012) / 2019 (8.076)

P.58) Pelo que o(a) sr.(a.) sabe ou ouviu falar, existe na sua cidade ou bairro \_\_\_\_\_ onde o(a) sr.(a.) poderia pegar livros emprestados?

*Existe na sua cidade ou bairro uma biblioteca pública?*

- Sim
- Não
- Não sabe/Não respondeu



*Existe na sua cidade ou bairro uma biblioteca comunitária, mantida por moradores ou estabelecimentos?(Pergunta nova)*

- Sim
- Não
- Não sabe/Não respondeu



## >Frequência em bibliotecas e tipo de biblioteca que frequenta

Base: Amostra 2015 (5.012) / 2019 (8.076)

Base: Quem frequenta biblioteca sempre ou às vezes: 2011 (1.203) /  
2015 (1.001) / 2019 (1.441)

P.52) O(a) sr.(a.) diria que costuma ir a bibliotecas \_\_\_\_\_?

*Frequência com que costuma ir a bibliotecas (%)*

■ Sempre                      ■ Raramente  
■ Às vezes                    ■ Não frequenta bibliotecas



ENTRE ESTUDANTES, 37% NÃO  
FREQUENTAM BIBLIOTECA.  
ENTRE LEITORES, ESSE  
PERCENTUAL É DE 52%.

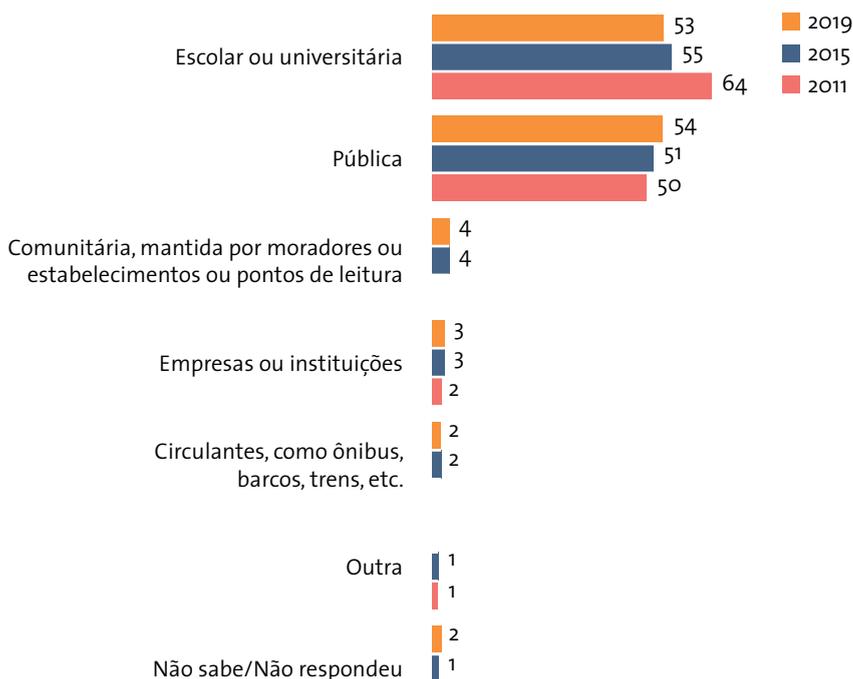
## >Frequência (continuação página 307) em bibliotecas e tipo de biblioteca que frequenta

Base: Amostra 2015 (5.012) / 2019 (8.076)

Base: Quem frequenta biblioteca sempre ou às vezes: 2011 (1.203) /  
2015 (1.001) / 2019 (1.441)

P.52A) Quais destes tipos de biblioteca o(a) sr.(a.) frequenta?

Que tipo de biblioteca você frequenta? (%)



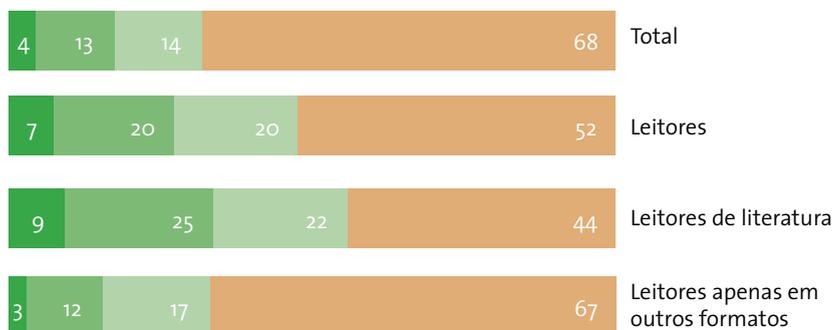
## >Frequência com que costuma ir a bibliotecas, por tipo de leitor (%)

Base: Amostra (8.076)

P.52) O(a) sr.(a.) diria que costuma ir a bibliotecas \_\_\_\_\_?

P.52A) Quais destes tipos de biblioteca o(a) sr.(a.) frequenta?

■ Sempre                      ■ Raramente  
■ Às vezes                    ■ Não frequenta bibliotecas                    ■ Não sabe/Não respondeu



## > Perfil do frequentador de bibliotecas

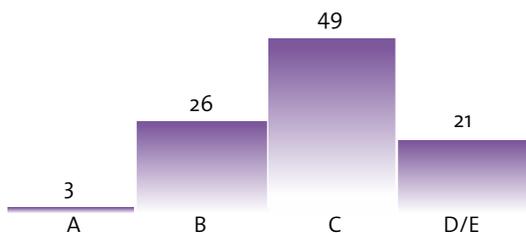
Base: Quem frequenta biblioteca sempre ou às vezes (1.441)

ESTIMATIVA POPULACIONAL: CERCA DE 34 MILHÕES DE PESSOAS FREQUENTAM BIBLIOTECAS

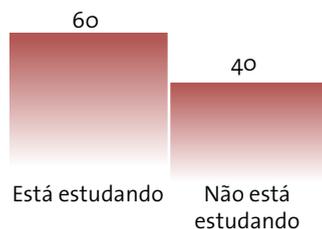
### Gênero (%)



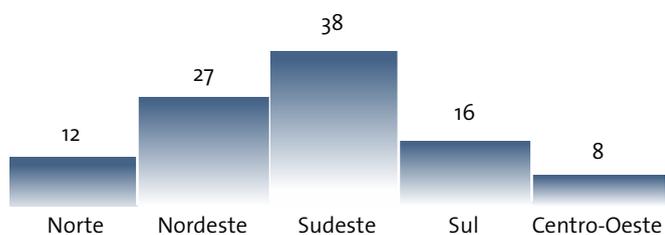
### Classe (%)



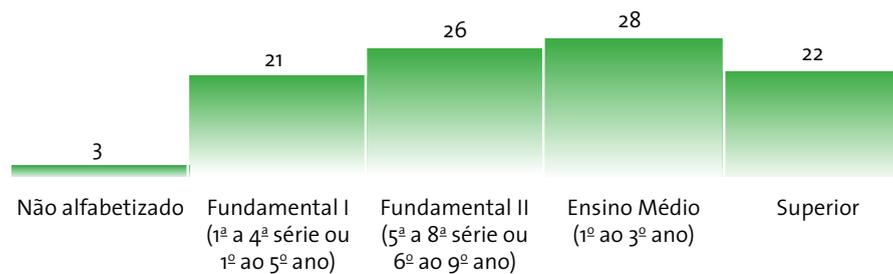
### Estudante (%)



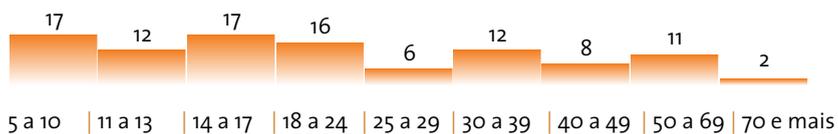
### Região (%)



### Escolaridade do respondente (%)



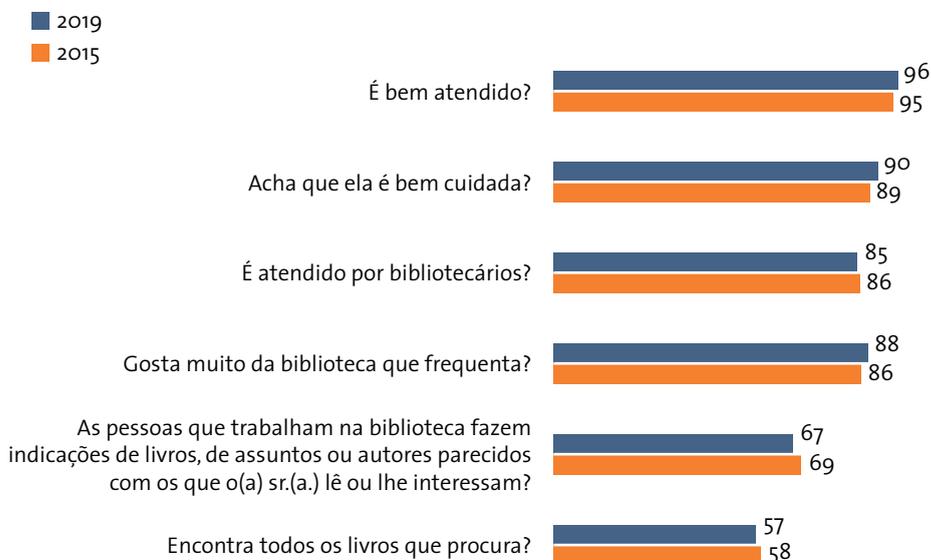
### Idade (%)



## > Avaliação da biblioteca que frequenta (%)

Base: Quem frequenta biblioteca sempre ou às vezes, 2015 (1.001) / 2019 (1.441)

P.54) Na biblioteca que o(a) sr.(a.) frequenta, o(a) sr.(a.) diria que \_\_\_\_\_:



## >Motivos para ir a bibliotecas (%)

Base: Quem frequenta biblioteca sempre ou às vezes: 2015 (1.001) / 2019 (1.441)

P.55) Por qual destes motivos o(a) sr.(a.) vai à biblioteca?

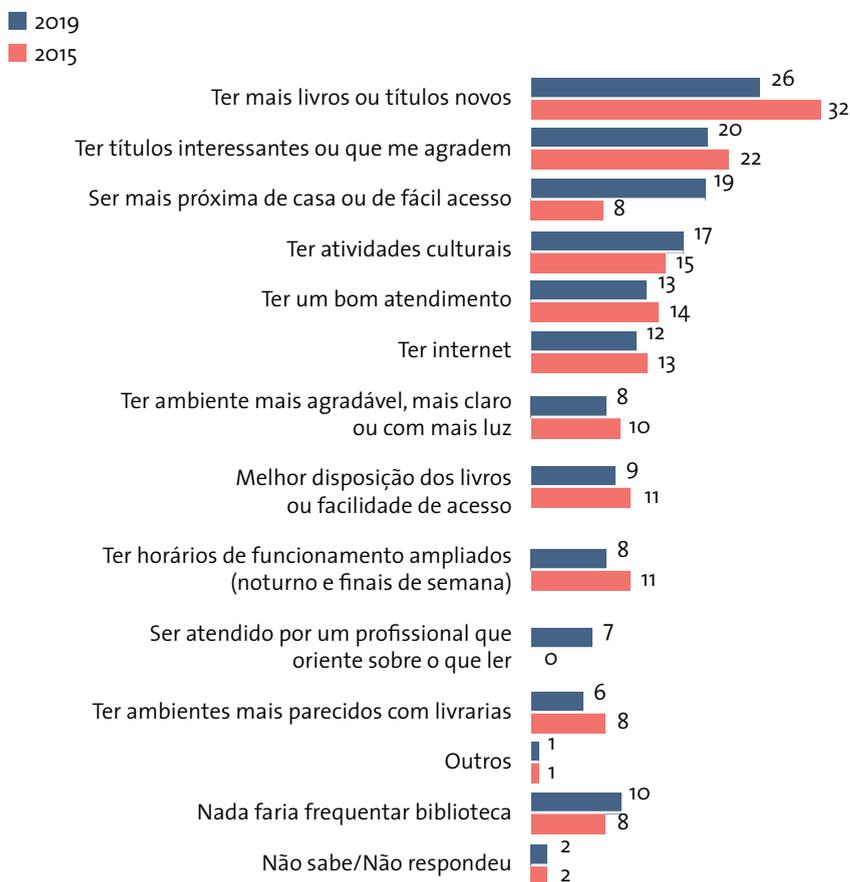
Mais algum? Algum outro?



## >O que faria frequentar mais a biblioteca (%)

Base: Quem costuma ir a bibliotecas às vezes ou raramente: 2015 (1.455) / 2019 (2.368)

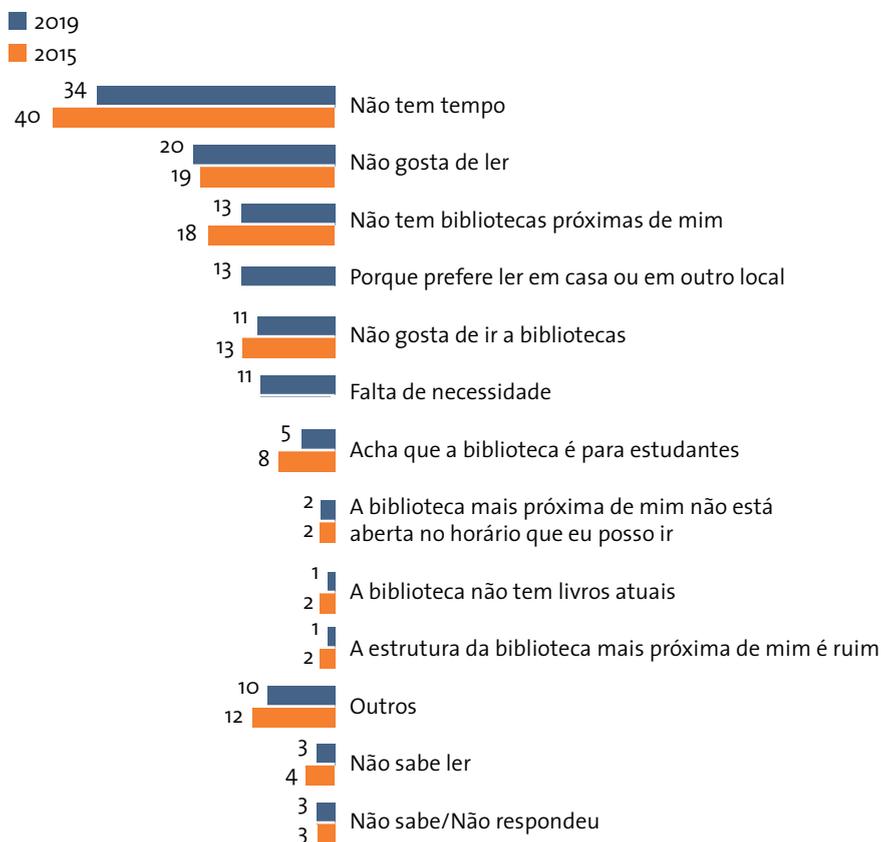
P.57) Alguma destas coisas faria o(a) sr.(a.) frequentar bibliotecas ou frequentá-las mais vezes? Mais alguma?



## >Motivos para não ir a bibliotecas (%)

Base: Quem não frequenta bibliotecas: 2007 (3.658) / 2011 (3.759) / 2015 (3.297) / 2019 (5.326)

P.56) Qual a principal razão para o(a) sr.(a.) não frequentar bibliotecas? Mais alguma?



## >O que faria frequentar mais a biblioteca entre não frequentadores (%)

Base: Quem não costuma ir a bibliotecas ou frequenta às vezes ou raramente (7.694)

P.57) Alguma destas coisas faria o(a) sr.(a.) frequentar bibliotecas ou frequentá-las mais vezes? Mais alguma?





> 14

## Bibliotecas escolares e universitárias – percepção e uso



## >Avaliação de bibliotecas escolares e universitárias

Base: Quem está estudando atualmente: 2015 (1.337) / 2019 (2.101)

Base: Quem está estudando atualmente e tem biblioteca na escola:  
2015 (1.178) / 2019 (1.778)

P.59) Na sua escola ou faculdade existe uma biblioteca ou sala de leitura com livros?

P.60) Essa biblioteca ou sala de leitura pode ser frequentada por todos os alunos nos dias em que há aulas?

### Há biblioteca na sua escola ou faculdade? (%)

■ Sim  
■ Não  
■ Não sabe/Não respondeu



### Os alunos podem frequentar quando querem? (%)

■ Sim  
■ Não  
■ Não sabe/Não respondeu



## >Avaliação de bibliotecas escolares e universitárias

Base: Quem estuda atualmente e tem na escola onde estuda uma biblioteca ou sala de leitura com livros: 2015 (1.178) / 2019 (1.778)

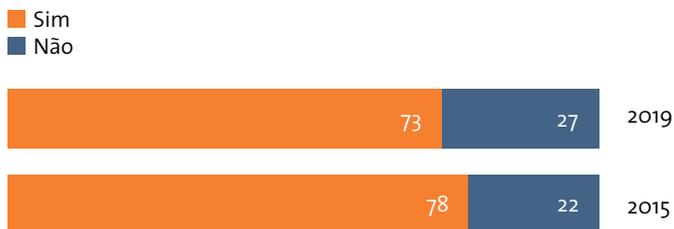
P.61) Nessa biblioteca ou sala de leitura há um funcionário para atender os alunos?

P.62) O(a) sr.(a.) procura livros nessa biblioteca ou sala de leitura?

*Há funcionário para atender na biblioteca da escola ou faculdade? (%)*



*Procura livros nessa biblioteca? (%)*



## > Avaliação de bibliotecas escolares e universitárias

Base: Quem estuda atualmente e tem na escola onde estuda uma biblioteca ou sala de leitura com livros: 2015 (1.178) / 2019 (1.778)

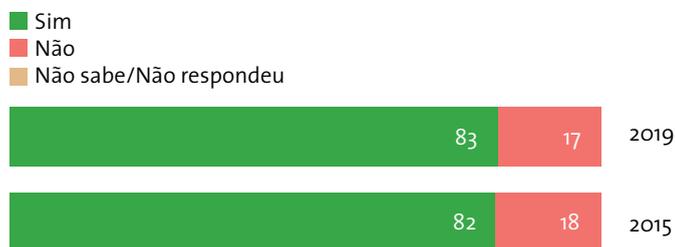
P.63) E lá o(a) sr.(a.) encontra os livros que gostaria de ler?

P.64) Os professores da sua escola ou faculdade indicam livros para leitura?

### Encontra os livros que gostaria de ler? (%)



### Os professores indicam livros? (%)



## > Avaliação de bibliotecas escolares e universitárias por Escolaridade (%)

P.65) E nessa biblioteca ou sala de leitura o(a) sr.(a.) \_\_\_\_\_

2019	Total	Escolaridade			
		Fundamental I (1ª a 4ª série ou 1º ao 5º ano)	Fundamental II (5ª a 8ª série ou 6º ao 9º ano)	Ensino Médio (1º ao 3º ano)	Superior
Base: Estuda atualmente e tem na escola onde estuda uma biblioteca ou sala de leitura com livros	1.778	461	527	370	420
Encontra todos os livros indicados pelos professores	30	41	26	20	32
Encontra parte dos livros indicados pelos professores	30	23	25	37	44
Não encontra os livros indicados pelos professores	12	8	15	15	5
Não procura esses livros indicados pelos professores na biblioteca ou sala de estudo da escola ou faculdade	10	7	12	13	7
Professor não indica livros	17	18	22	13	9
Não sabe/ Não respondeu	1	3	0	1	2



## > Avaliação de bibliotecas escolares e universitárias por faixa etária

\*Bases baixas – DADOS APRESENTADOS EM NÚMEROS ABSOLUTOS

P.65) E nessa biblioteca ou sala de leitura o(a) sr.(a.) \_\_\_\_\_

2019	Total
Base: Estuda atualmente e tem na escola onde estuda uma biblioteca ou sala de leitura com livros	1.778
Encontra todos os livros indicados pelos professores	30
Encontra parte dos livros indicados pelos professores	30
Não encontra os livros indicados pelos professores	12
Não procura esses livros indicados pelos professores na biblioteca ou sala de estudo da escola ou faculdade	10
Professor não indica livros	17
Não sabe/ Não respondeu	1



## FAIXA ETÁRIA

5 a 10	11 a 13	14 a 17	18 a 24	25 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 69	70 e mais
428	261	442	315	105	134	60*	31*	2*
42	31	23	24	30	24	16	12	1
20	32	28	41	38	40	27	15	0
9	11	18	9	6	8	5	0	0
6	8	12	11	16	15	3	2	0
20	18	18	14	10	10	9	1	1
3	0	1	0	0	4	0	1	0

## 5ª Edição da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil 2019-2020

### FICHA TÉCNICA

#### Corealização

Instituto Pró-Livro – IPL

José Ângelo Xavier de Oliveira *Presidente*

#### Itaú Cultural - IC

Eduardo Saron *Diretor*

#### Aplicação da pesquisa

##### IBOPE Inteligência

Rosi Rosendo *Diretora de contas*

Guilherme Militão *Analista de atendimento e planejamento*

Taís Magalhães *Analista de atendimento e planejamento*

Alexandre Carvalho *Analista de atendimento e planejamento*

#### Coordenação da pesquisa

##### Instituto Pró-Livro – IPL

Zoara Failla *Coordenadora das pesquisas Retratos da Leitura*

#### Comissão técnica

##### Instituto Pró-Livro

*Gerencia de Projetos e Pesquisas*

Zoara Failla *Coordenação da Comissão*

#### Itaú Cultural

*Núcleo de Audiovisual e Literatura*

Claudiney Ferreira *Gerencia*

Kety Fernandes Nassar *Coordenação*

Roberta Roque *Produção*

#### Consultores

Fabio Malini

Idmea Semeghini-Siqueira

João Luís Ceccantini

José Castilho Marques Neto

Maria das Graças Monteiro Castro

Mariana Bueno

Marisa Lajolo

#### Instituto Pró-livro

*Biênio: maio/2019 a maio/2021*

#### Diretoria

José Ângelo Xavier de Oliveira *Presidente*

Marcos da Veiga Pereira *Vice-Presidente Administrativo*

Vitor Tavares *Vice-Presidente Técnico*

Maria Cristina Rodrigues Swiatovski *Primeiro Secretário*

Alfredo Weiszflog *Segundo Secretário*

Jorge Yunes *Primeiro Tesoureiro*

Renato Soares Fleischner *Segundo Tesoureiro*

#### Conselho Fiscal

*Titulares*

Karine Pansa

Diego Drumond

Dante José Alexandre Cid

*Suplentes*

Maria Lúcia Kerr Cavalcante de Queiroz

Paulo Vicente Ruiz Moregola

Mauro Ribeiro Palermo

Esta obra foi editada  
na cidade do Rio de Janeiro  
e impressa nas oficinas  
da Lis Gráfica Editora,  
em papel Couché matte  
de 115 g/m<sup>2</sup>,  
no outono de 2021.  
Foram usados tipos  
*The Antiqua* e *The Sans*,  
criados por Lucas de Groot  
em 1995



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

R345

Retratos da leitura no Brasil 5 / organização Zoara Failla. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Sextante, 2021.  
328 p. : il. ; 23 cm.

Inclui gráficos e tabelas  
ISBN 978-65-5564-177-6

1. Livros e leitura - Brasil. 2. Livros e leitura - Aspectos sociais - Brasil. 3. Leitura - Brasil - Estatísticas. I. Failla, Zoara.

21-70669

CDD: 028.90981  
CDU: 028.01(81)

---

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439